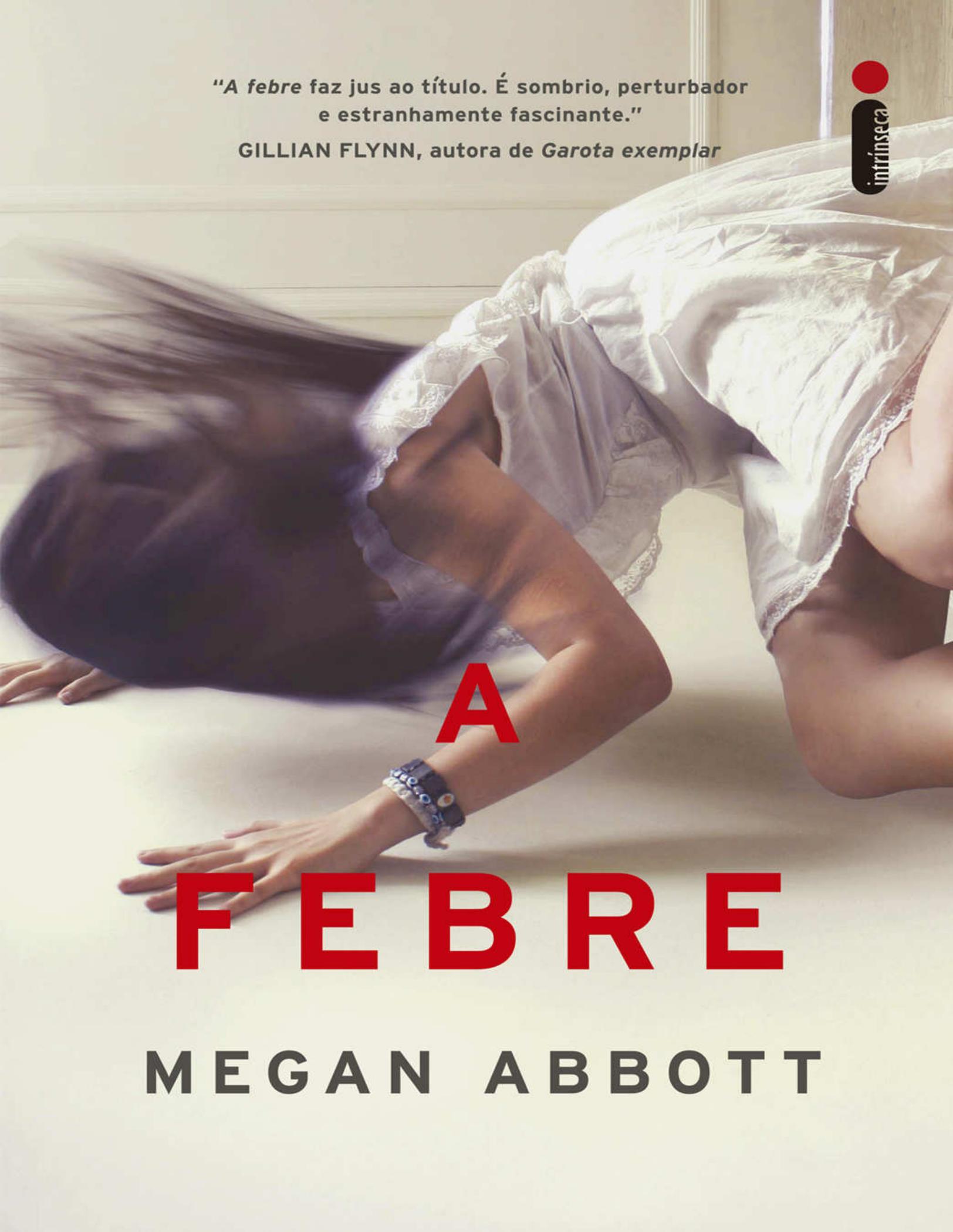


"A febre faz jus ao título. É sombrio, perturbador
e estranhamente fascinante."

GILLIAN FLYNN, autora de *Garota exemplar*



A
FEBRE

MEGAN ABBOTT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A
FEBRE

MEGAN ABBOTT

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2014 by Megan Abbott

TÍTULO ORIGINAL

The Fever

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Milena Vargas

Giu Alonso

CAPA ORIGINAL

© Hachette Book Group, Inc.

ARTE DE CAPA

Julianna Lee

IMAGEM DE CAPA

Kylie Woon

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Simone Villas-Boas

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-800-3

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA
Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Antes

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para meu irmão, Josh Abbott

Em toda desordem [há] uma ordem secreta.

— Carl Jung

Antes

— *Na primeira vez*, a dor é inacreditável.

As pernas de Deenie estão trêmulas, mas ela tenta esconder juntando os joelhos, as mãos quentes apoiadas nas coxas.

Outras seis meninas esperam. Algumas já fizeram isso antes, mas a maioria é como Deenie.

— Ouvi dizer que dá até vontade de vomitar — comenta uma. — Conheço uma menina que desmaiou. Precisaram parar no meio.

— Só queima um pouco — opina outra. — O corpo fica dolorido por uns dias. Dizem que depois da terceira vez nem dá mais para sentir.

Eu sou a próxima, pensa Deenie, *mais alguns minutos e será minha vez.*

Se ao menos tivesse feito isso um ano antes! Mas ouvira falar em como doía. Além disso, ninguém mais tinha feito. Pelo menos, ninguém que ela conhecesse.

Agora, Deenie é uma das últimas.

Quando Lise sai, com o rosto tenso e segurando a barriga, não diz uma palavra, apenas se senta e cobre a boca com a mão.

— Não há nada a temer — diz Gabby, olhando para Deenie. — Eu não estou com medo.

Ela segura a mão da amiga bem forte, cravando os dedos na palma. As duas mãos, juntas, pressionam as pernas de Deenie, para que parem de tremer, na tentativa de fazê-la se sentir melhor.

— Estamos nessa juntas — acrescenta Gabby, fazendo a amiga voltar-se para encarar seus olhos negros e impassíveis.

— Certo — responde Deenie, assentindo. — Não pode ser tão ruim assim, não é mesmo?

A porta se abre.

— Deenie Nash — chama uma voz.

Ela sai da sala quatro minutos depois, ainda sentindo a dor da picada no músculo da coxa. Acabou.

Enquanto anda de volta para a sala de espera, os sapatos se prendem no tapete e as pernas parecem pesadas como ferro. Deenie sente-se zonzá, meio bêbada.

Todas as meninas olham para ela. O rosto de Gabby está sério e cheio de expectativa.

— Não é nada demais — comenta Deenie, sorrindo. — Nada... demais.

1

TERÇA-FEIRA

À primeira vista, a cadeira da mesa de Lise parecia estar balançando. Deenie mantinha os olhos fixos no objeto, observando o movimento. O balanço a deixou um pouco enjoada. Lembrava-a de alguma coisa.

Ficou imaginando se a amiga estava nervosa por causa do teste.

Na noite anterior, Deenie havia passado um longo tempo se preparando, até levar o computador para debaixo das cobertas e ficara horas deitada, encarando as equações.

Não sabia ao certo se aquilo era mesmo estudar, mas assim se sentia melhor. Os olhos ficaram secos com o brilho da tela e os dedos batucavam o lábio inferior. Um cheiro desconfortável vinha de algum lugar em suas roupas, algo almiscarado e esquisito. Queria tomar um banho, mas o pai poderia ouvi-la e estranhar.

Duas horas antes, estava no trabalho, colocando bolinhas de massa dentro de uma máquina e jogando-as em panelas cheias de óleo. Lise e Gabby passaram por lá e pediram palitos grossos de pizza, apesar de Deenie ter avisado que seria melhor não pedirem. Mostrou às amigas o tubo plástico de manteiga derretida que ficava o dia inteiro ao lado dos fornos quentes. Mostrou como o pessoal da cozinha passava aquela manteiga nos palitos e como a mistura parecia sabão ou queijo velho.

Quando as duas saíram carregando saquinhos de papel manchados de gordura, Deenie desejou estar indo também, não importava aonde as meninas fossem. Ficou feliz por vê-las juntas. Gabby e Lise eram suas melhores amigas, mas nunca pareciam realmente à vontade uma com a outra.

Perto dos fornos, Sean Lurie bateu o ponto atrasado. Segurando as espátulas compridas como espadas, o rapaz começou a provocá-la. Falou do sofisticado arco feminino que sua mão formava quando ela pegava uma bolinha de massa, como se estivesse segurando um gatinho. Comentou sobre a forma como, segundo ele, a língua de Deenie saía um pouquinho da boca quando ela esticava a massa.

— Parece a minha irmãzinha brincando com massinha — provocou Sean.

Ele estava no último ano da escola Estrela do Mar, tinha cabelo preto revoltado e era muito alto. Nunca usava o chapéu do uniforme do restaurante, muito menos a rede no cabelo, e tinha um jeito de sorrir com o canto da boca que fazia Deenie apertar mais as tiras do próprio avental e ajeitar o chapéu.

O calor dos fornos fazia a pele dele brilhar.

Ela nem ligava para todo aquele suor. Fazia parte.

Como o irmão de Deenie depois de uma partida de hóquei, Sean ficava com o cabelo escuro molhado e o rosto brilhoso. Ela implicava com ele por causa disso, mas era bom ter alguém por perto que parecia tão vivo.

Mas ela não sabia dizer como tinha ido parar no carro de Sean Lurie, duas horas depois, e como, em mais meia hora, os dois estavam estacionados em Montrose, no meio do bosque Binnorie.

Sempre ouvira dizer que alguma coisa mudava, depois.

Mas só da primeira vez, comentara Gabby, que já fizera duas vezes. *Para que a gente consiga lembrar, acho.* Deenie se perguntava como alguém poderia esquecer.

Você se olha no espelho depois, insistira Gabby, *e nem parece que é você no reflexo.*

Só que Deenie nunca acreditou nisso pra valer. Parecia o tipo de coisa que dizem para fazer os adolescentes esperarem para sempre por algo que todo mundo já está fazendo. Só não querem que mais gente faça parte do clube.

Mesmo assim, ao se olhar no espelho do banheiro depois de chegar em casa, percebeu que Gabby tinha razão.

Era em parte por causa dos olhos — havia algo mais estreito ali, algo menos brilhante —, mas principalmente da boca, que parecia macia, ferida e para sempre aberta.

Apoiou as mãos na borda da pia, mantendo o olhar fixo no frasco verde-escuro de loção pós-barba do pai, da marca que ele usava desde que Deenie se entendia por gente. Então se deu conta de que o pai também tivera um encontro.

Foi aí que lembrou: para ser sincera, ela não tivera o que se pode chamar de encontro.

*

Na aula, com todos aqueles pensamentos martelando na cabeça, era difícil se concentrar. Mais difícil ainda com a cadeira de Lise balançando e a mesa toda sacudindo.

— Lise — chamou a sra. Chalmers. — Você está atrapalhando a aula.

— É agora, é agora — resmungou a menina, baixinho, com a boca rosada e delicada apertada em um grunhido. — Ah-ah-ah.

Ela ergue as mãos muito depressa e aperta o pescoço. Então cai para o lado.

E, de uma vez só — como se jogadores de futebol americano tivessem puxado uma das pernas com força —, a carteira vira e se espatifa no chão.

Lise cai junto. A menina está sacudindo a cabeça, que bate no piso duro, com o rosto vermelho e uma baba espumosa escorrendo da boca.

— Lise — suspira a sra. Chalmers, longe demais para ver o que está acontecendo. — Qual é o problema?

* * *

Parado diante do armário, atrasado para a aula, Eli Nash olha por um longo tempo a mensagem de texto que chegou com uma foto anexada. A barriga nua de uma menina.

Eli, para você! Bjs!

Ele não reconheceu o número.

Não era a primeira vez que recebia uma mensagem dessas, mas sempre ficava surpreso. Tentou imaginar o que a menina sem rosto estava pensando. Unhas roxas tocando a parte de cima da calcinha, também roxa, pontilhada de bolinhas brancas.

Não fazia ideia de quem era.

Será que a menina queria que ele respondesse a mensagem, que a convidasse para ir à sua casa? Para entrar escondida no quarto dele e abrir as pernas dóceis até Eli estar satisfeito?

Algumas vezes, ele fizera exatamente isso. Disse para irem até sua casa e as levou disfarçadamente para o quarto. A última, uma aluna que todo mundo chamava de “a gostosona do segundo ano”, chorou depois.

A menina admitiu ter bebido quatro cervejas antes de ir, por conta do nervosismo. E ainda perguntou se tinha colocado as pernas onde deveria. Se deveria ter feito mais barulho.

Secretamente, ele desejara que ela tivesse feito menos barulho.

Desde então, só conseguia pensar na irmã, a apenas uma parede de distância. E torcer para que Deenie nunca fizesse coisas desse tipo. Com caras como ele.

Por isso, agora, quando recebia essas mensagens, não respondia.

Só que, às vezes, se sentia meio solitário.

Na noite anterior, ficara em casa enquanto os amigos iam a uma festa. Achara que poderia ter uma noite em família assistindo a

programas de tevê ruins e brincando com os jogos de tabuleiro mofados guardados no porão. Mas Deenie não estava em casa, e o pai já tinha planos.

— Quem é ela? — perguntara, vendo o pai vestindo o suéter de homem sério que usava para encontros, o cinza-escuro com gola V.

— Uma mulher legal, muito inteligente. Espero estar à altura.

— Vai ficar tudo bem — retrucou Eli.

O pai era o professor mais inteligente da escola e o cara mais inteligente que Eli conhecia.

Eli havia sido pego em uma das vezes que contrabandeara uma garota para o quarto. O pai quase esbarrou na garota, que arrumava a alça da regata no ombro, parada no corredor do segundo andar. O homem olhou para Eli e depois para a garota, que retribuiu o olhar e sorriu como a rainha do baile que era.

— Oi, sr. Nash — cumprimentou ela, com uma voz melodiosa. — Adivinhe só! Tirei oitenta e cinco em Química II.

— Que ótimo, Britt — respondeu o homem, mal olhando para ela.

— Eu sempre soube que você poderia se sair melhor. Que bom que está me dando motivos para ficar orgulhoso.

Depois disso, Eli fechou a porta, ligou a música no volume mais alto que pôde e ficou torcendo para o pai não ir falar com ele.

Ele não foi.

* * *

Dryden era a cidade mais nebulosa do estado. Lá, o céu ficava branco durante a maior parte do ano e, no restante do tempo, assumia um tom de cinza fundido partido por raios brilhantes de um sol misterioso.

Tom Nash vivia na cidade havia vinte anos. Mudara-se para lá com Georgia quando os dois receberam os diplomas de professores e ela conseguiu emprego no novo escritório de educação especial do distrito.

Morando há tantos anos na cidade, Tom tinha o orgulho descomplicado de um nativo autoproclamado, mas mantinha o espanto renovador que um nativo nunca consegue exprimir.

No vazio branco e profundo de fevereiro, quando os alunos ficavam com uma aparência soturna e os rostos ligeiramente esverdeados, como o musgo que cobria os porões da cidade, Tom dizia a eles que Dryden era especial. Contava que crescera em Yuma, no Arizona, a cidade mais ensolarada dos Estados Unidos, e que nunca parara para olhar para cima até ir para o acampamento de verão e se dar conta de que o céu estava lá, afinal. E estava carregado de mistérios.

Obviamente não havia mistério para os garotos de Dryden. Eles não percebiam o quanto aquele céu os moldara, como permitira que tivessem a chance de experimentar forças além de suas compreensões muito depois de passarem da idade dos contos de fada. A forma como o clima fustigava a cidade, atingindo-a com granizo, relâmpagos e explosões súbitas de nuvens ou de sol, era diferente de todos os lugares onde Tom estivera. Em certos dias, o vento forte do inverno passava por cima das águas mornas do lago e os raios de sol iluminavam todos os cantos sem motivo aparente. Então os alunos chegavam na escola com os rostos afetados pelo clima ambivalente, parecendo estupefatos e radiantes, como se dissessem: *tenho dezesseis anos, estou entediado e indiferente em relação à vida, mas, por alguns segundos, meus olhos de repente se abriram para isso.*

No primeiro ano em que ele e Georgia moravam ali, Dryden foi um enigma para ambos. Ao voltarem para casa à noite, com a bruma nas luzes das ruas, os dois sacudiam a umidade das roupas e olhavam ao redor, maravilhados, para as peles que costumavam ser acobreadas e agora brilhavam de brancura.

Grávida de Eli e com o corpo já mudando, o que lhe dava uma beleza etérea, Georgia decidiu que Dryden não era um lugar de verdade, e sim alguma ideia nebulosa de cidade. Um subúrbio de contos de fadas, como ela chamava.

Depois de um tempo — mesmo que para ele a coisa tenha parecido acontecer muito de repente —, algo mudou.

Uma tarde, dois anos antes, Tom voltou para casa e encontrou Georgia à mesa da sala de jantar, bebendo uísque em um pote de geleia.

Viver aqui, disse ela, é como viver no fundo do poço.

Então olhou para o marido como se esperasse que ele dissesse algo para dissipar aquele sentimento.

Mas Tom não conseguiu pensar em algo para dizer.

Não demorou muito para ele descobrir sobre o romance, que na época já se estendia por um ano, e que Georgia estava grávida. Ela teve um aborto espontâneo três dias depois, e ele a levou ao hospital. Com o sangue escorrendo pelas pernas, a mulher apertava forte as mãos dele.

Agora ele a via umas quatro vezes por ano. A ex-esposa se mudara para Merrivale, onde Eli e Deenie passavam um fim de semana por mês e dez dias corridos em cada verão, para depois voltarem bronzeados, felizes e serem consumidos pela culpa no instante em que o viam.

Durante os pensamentos obsessivos no meio da noite, Tom tinha certeza de que nunca de fato compreendera a esposa, ou nem mesmo qualquer outra mulher.

Sempre que achava que compreendia Deenie, ela parecia mudar.

Pai, eu não escuto esse tipo de música.

Pai, eu não vou mais ao shopping.

Nos últimos tempos, até o rosto dela estava diferente. A boquinha de boneca desaparecera. Deenie não mais era a garotinha que costumava escalar a perna do papai e passava horas sentada na poltrona de couro com a cabeça enfiada em livros infantis sobre mitologia grega, os reis Tudor e qualquer outro assunto.

— Vou pegar o ônibus — dissera a filha, naquela mesma manhã, já a meio caminho da porta, as pernas esguias despontando dos tênis.

— Eu posso levar você de carro — sugerira Tom. — Você está bem adiantada.

Deenie não acordava antes dele desde os dez anos, quando tentava parecer crescida e preparava waffles torrados cobertos com tanta calda que ele passava o resto do dia tirando a cobertura doce do céu da boca.

Eli saía para os treinos de hóquei às seis da manhã, e Tom gostava desses trajetos de carro a sós com a filha, o único momento em que podia ter um vislumbre da melancolia de menina adolescente que tomava seus pensamentos. E arrancar alguns sorrisos ao fazer piadas sem graça sobre as músicas de que ela gostava.

Algumas vezes, depois de encontros como o que tivera na noite anterior — com uma professora substituta divorciada fazia três meses que passou a maior parte do tempo falando sobre o gato moribundo —, ir de carro para a escola com a filha era a única coisa que o fazia se levantar da cama de manhã.

Mas não naquela manhã.

— Preciso estudar para uma prova — explicou Deenie, sem sequer virar a cabeça ao passar pela porta.

Às vezes, durante as mesmas horas sombrias do meio da noite, Tom sentia medos secretos que nunca confessava em voz alta. Demônios tinham aparecido no escuro, junto com a famosa névoa de Dryden, que cobria toda a cidade, e possuído sua esposa gentil, encantadora e inteligente. Logo, viriam atrás da filha.

2

Deenie não conseguia tirar a expressão de Lise da cabeça.

Os olhos dela se abriram de repente, segundos depois de seu corpo ter caído no chão.

— Por que estou aqui? — sussurrou Lise, piscando sem parar, com as costas arqueadas no chão, as pernas tortas de um jeito esquisito e a saia levantada até a cintura.

A sra. Chalmers gritava no corredor, pedindo ajuda.

Foi preciso dois meninos e o sr. Banasiak, que dava aula do outro lado do corredor, para ajudá-la a se levantar.

Deenie os viu levando sua amiga pelo corredor. Lise estava com a cabeça encostada no ombro de Billy Gaughan, jogador de futebol americano, e o cabelo, coberto de poeira do chão.

— Deenie, não — disse a sra. Chalmers, segurando seus ombros com firmeza. — Você fica aqui.

Mas ela não queria ficar. Não queria se unir ao bando de garotas sussurrando por trás dos armários, os garotos olhando Lise dobrar o corredor com a saia levantada, as pernas descobertas apesar do frio, o brilho néon de sua calcinha em evidência.

*

Mais tarde, agachada no banheiro feminino, Deenie verificou que ainda estava sangrando um pouco da noite anterior. Sentia-se

esquisita quando andava, como se partes de suas entranhas tivessem mudado de lugar. Não poderia ter ido para a escola de carro com o pai. E se ele reparasse? Tinha a sensação de que todos reparavam. Que todos sabiam o que ela fizera.

No meio do processo sentiu muita dor, e Sean Lurie pareceu bastante surpreso quando percebeu. Quando ela não conseguiu mais esconder o que era, e o que não era. O que claramente nunca fizera antes. Pensar nisso a fez cobrir o rosto. A mão estava fria, o mindinho, tremendo.

Você devia ter me contado, dissera Sean Lurie.

Contado o quê?

Ela saiu do banheiro e começou a caminhar apressada pelo corredor apinhado.

— Deenie, ouvi um boato. — Era Gabby, que apareceu atrás dela de repente, com os tênis brilhantes que nunca faziam barulho. — É sobre você.

O rosto de Gabby parecia cheio de novidades para compartilhar, mas não tinha como ela saber. Sean Lurie era aluno da Estrela do Mar. As pessoas não tinham como saber.

— Você ficou sabendo do que acabou de acontecer com a Lise? — retrucou Deenie, dando meia-volta para encarar a amiga. — Eu estava lá, eu vi.

Gabby ergueu as sobrancelhas e apertou os livros contra o peito.

— Como assim? Como assim? Me conta tudo.

*

A princípio não a deixaram entrar na enfermaria.

— Deenie, a mãe dela ainda nem chegou — disparou a sra. Harris, a responsável por uma coisa chamada operações das instalações.

— Meu pai me pediu para ver como ela está — mentiu Deenie.

Gabby, ao seu lado, assentiu.

O truque funcionou, mas não para Gabby, que, sem ter os privilégios de ser filha de professor, foi despachada para o segundo tempo.

— Descubra tudo o que aconteceu — sussurrou Gabby, enquanto a sra. Harris a mandava sair.

A porta da enfermaria estava entreaberta, e Deenie ouviu Lise chamando seu nome. Todo mundo ouviu, inclusive os professores parados diante dos escaninhos.

— Deenie! — gritou Lise. — O que foi que eu fiz? Eu fiz alguma coisa? Alguém viu?

Espiando pela porta aberta, Deenie viu a amiga virada de lado na mesa de exame, com os lábios sujos de saliva seca e um sapato caindo do pé. Lise estava sem meia-calça, com as pernas mais brancas do que uma folha de papel e com os pelos arrepiados.

— Ela... ela me mordeu — disse a enfermeira Tammy.

A mulher segurava o antebraço, que parecia molhado. Fazia pouco tempo que ela trabalhava ali, e os boatos eram de que um atleta do último ano com joelho lesionado conseguira que ela lhe desse dois comprimidos de Tylenol com codeína em seu primeiro dia de trabalho.

— Deenie! — Virando a cabeça de repente, Lise agarrou as beiradas da mesa por baixo das coxas, e a enfermeira Tammy avançou depressa, tentando ajudá-la. — Deenie — repetiu a menina. — O que aconteceu comigo? Todo mundo está comentando? As pessoas viram o que eu fiz?

Do lado de fora da enfermaria, a sra. Harris e mais uma pessoa discutiam sobre alguma coisa, e a voz grave e ríspida do diretor assistente logo se juntou à conversa.

— Ninguém viu — respondeu Deenie. — Sério. Você está bem?

Mas Lise não parecia conseguir prestar atenção. A menina apertava as mãos de um jeito esquisito à frente do corpo, como se estivesse regendo um concerto invisível.

— Eu... eu... — gaguejou a menina, com pânico nos olhos. — Estão rindo de mim?

Deenie queria dizer algo tranquilizador. A mãe de Lise, que nas melhores circunstâncias se comportava de forma ligeiramente histérica, chegaria a qualquer instante, e Deenie queria poder ajudar enquanto podia.

— Ninguém está rindo. Mas todo mundo viu sua calcinha da Hello Kitty. — Ela sorriu durante a tentativa de piada. — Agora é só esperar pelos meninos.

*

Ao sair, Deenie foi dominada por uma agonia. A sensação de que havia alguma coisa errada com a amiga, algo intenso e indefinido. Ela já vira Lise de ressaca e com mononucleose. Já vira amigas vomitando atrás da plataforma de carga depois de jogos de futebol, e desmaiando em aulas de educação física, com os corpos entupidos de nicotina e remédio para emagrecer. Já vira Gabby perder os sentidos no banheiro feminino depois de doar sangue. Mas em nenhuma dessas vezes teve a mesma sensação de quando deixou Lise na enfermaria.

Deitada no chão da sala de aula, com a boca aberta e a língua para fora, Lise não parecia nem um pouco com uma garota.

Deve ter sido uma ilusão de ótica, dizia a si mesma.

Mas, olhando para a amiga, com os lábios esgarçados, por um instante Deenie pensou que tivesse visto algo pendurado para fora da boca de Lise, algo preto, como um morcego batendo as asas.

* * *

— Sr. Nash, posso ir para a enfermaria? — indagou Brooke Campos.

— Não estou me sentindo bem.

— O que você tem, Brooke? — perguntou Tom.

Os alunos estavam bem agitados. Acontecera alguma coisa, e dava para ver que todos estavam tentando tirar vantagem do

ocorrido.

— Foi o que aconteceu com a Lise. Eu vi tudo, e foi muito duro.

Dois rapazes do grupo de atletas no fundo da sala seguraram o riso. Eles pareciam ir à aula apenas na esperança de escutar expressões de duplo sentido que acidentalmente (será que era mesmo?) saíam da boca de meninas como Brooke, sempre bronzeadas e cujas blusas coladas faziam saltar aos olhos seus muitos atributos, blusas tão justas que passavam o dia subindo pela barriga.

— O que houve com a Lise? — perguntou Tom, soltando o giz.

Conhecia Lise Daniels desde que a menina tinha dez anos e começara a frequentar sua casa, pairando ao redor de Deenie, seguindo-a de um lado a outro. Às vezes, Tom jurava que era capaz de ouvi-la arfando como um cachorrinho. Isso quando Lise era uma menininha gorducha, antes de a barriguinha saltada desaparecer e, aparentemente do dia para a noite, ela se tornar espantosamente bela, com grandes olhos castanho-claros e a boca sempre entreaberta.

Não sabia muito a respeito da garota, apenas que tocava flauta, estava sempre com os joelhos ralados por causa do futebol e parecia deslocada ao lado de sua própria menininha brilhante e complicada e de sua amiga ainda mais complicada, Gabby.

Quatro anos antes, quando estava totalmente mergulhado na cocaína, o pai de Gabby começara a dar marteladas na lataria do carro da esposa. Quando a mulher tentou impedi-lo, foi acertada pela orelha do martelo, abrindo um buraco em seu rosto que ia até a garganta.

A mãe de Gabby se recuperou, mas todos os alunos da faculdade local em que ela dava aulas passaram a chamá-la de Scarface pelas costas.

O pai cumpriu uma pena de sete meses e começou a trabalhar como corretor de imóveis no condado vizinho, aproveitando para fazer aparições ocasionais e inconvenientes.

Quando a via nos corredores da escola, Tom sempre reparava que Gabby carregava o glamour da experiência, como uma rainha das trevas arrastando um trem sangrento atrás de si.

Era difícil imaginar que garotas como ela percorressem os mesmos corredores que garotas como Brooke Campos, com os polegares cheios de calos de tanto enviar mensagens de texto, ou até mesmo como Lise, bobinha e delicada.

— Foi muito traumático, sr. Nash — insistiu Brooke, passando a ponta da caneta de um lado a outro nos lábios, como se doesse pensar no assunto.

Ele tentou mais uma vez:

— O que aconteceu com a Lise?

— Ela teve um pirupaque na aula de álgebra — anunciou Brooke, com os olhos arregalados.

Os atletas soltaram mais uma gargalhada.

— Um piru...? Um pirupaque? — perguntou o sr. Nash, apertando os olhos. — Uma convulsão, algo assim?

Na frente da sala, Jaymie Hurwich, a puxa-saco, se contorcia na cadeira, com a mão levantada.

— É verdade, sr. Nash — contou Jaymie. — Eu não vi, mas fiquei sabendo que ela estava babando que nem um cachorro. Eu tive um cachorro que teve isso uma vez. — A menina fez uma pausa. — Ele morreu.

Sentindo um aperto involuntário no peito, Tom olhou para Brooke e para todos os alunos.

Estava tentando pensar em algo a dizer.

— Então... — insistiu Brooke, levantando-se da cadeira com certa hesitação — ... posso ir para a enfermaria?

*

Depois do segundo tempo, Tom encontrou Deenie enfiada quase até a cintura no armário, à procura de alguma coisa.

— Querida, o que aconteceu com a Lise? — perguntou, pondo a mão nas costas da filha.

Ela se virou devagar, mantendo um braço no armário.

— Não sei, pai.

Por um instante, Deenie não olhou para ele, desviando o olhar para os alunos que passavam.

— Mas você viu o que aconteceu?

— Pai — começou a menina, lançando a ele aquele olhar que já causava dores no peito de Tom desde que a menina tinha quatro anos. — Eu não quero falar agora.

Agora queria dizer: Não na escola, pa-ai.

Queria dizer que ele precisava deixá-la ir, vendo o rabinho de cavalo escuro sair balançando pelo corredor, a cabeça baixa em uma postura furtiva, o capuz do casaco vermelho amontoado em volta do pescoço, ajudando-a a se esconder.

3

Eli Nash deveria estar na aula. O treino terminara fazia muito tempo, mas ele ainda estava dando voltas no ringue atrás da escola. Não ouvia qualquer som além do zumbido baixo das serpentinas de refrigeração.

Olhando para cima, podia ver Gabby Bishop na biblioteca. A menina estava de costas para ele, apoiada na vidraça como uma daquelas borboletas presas entre dois vidros.

Deenie, Gabby e Lise. O Trio Ternura. Sempre juntas e sussurrando, aquelas meninas compartilhavam uma espécie de proximidade que muito lhe interessava. Ele se perguntava como aquilo deveria ser. Nunca quisera passar o tempo todo com os amigos, embora achasse que, de certa maneira, acabasse fazendo isso sempre, jogando hóquei.

Às vezes, era irritante. As três não se desgrudavam quando estavam em casa. Dava para ouvi-las de seu quarto, à noite, dando risada.

Nos últimos tempos, Lise e Gabby pareciam não ir tanto à casa deles, ou talvez ele só tivesse parado de prestar atenção. Mas sempre era estranho ouvir um grupo de meninas dando risada sem saber a causa. Às vezes, era como se elas soubessem de algo que ele não tinha a menor ideia do que era.

Outras vezes, achava que nem elas tinham a menor ideia do que estavam falando.

Elas não entendiam nada de garotos, ao que parecia. Pelo menos, não o tipo de coisa que ele gostaria que a irmã soubesse. Às vezes a flagrava olhando para Ryan Denning ou para aquele cara que vencera a Batalha de Bandas. Deenie ficava com uma expressão sonhadora, deixando à mostra tudo o que estava sentindo. Devia estar sonhando com muito amor e romance. Mas ela não se dava conta do que os caras viam, olhando para ela: uma garota com lábios ligeiramente entreabertos e uma expressão ávida e curiosa no rosto. O que eles viam era: *Estou pronta, vamos lá.*

— Nash — chamou uma voz.

Eli ergueu os olhos e viu A.J., o capitão do time, com a aba do boné para baixo, escondendo o cigarro.

— Cara — continuou o garoto —, você perdeu! Consegui ver um pedaço da bundinha branca linda da Lise Daniels hoje de manhã. — Ele inclinou a cabeça, indicando a escola. — Vamos lá. Quem sabe o que vai acontecer?

Eli sentiu o ar frio nos pulmões, uma sensação dolorosa. Era bom ficar ali, e só de olhar para A.J. se sentia cansado. Todo aquele esforço para parecer maneiro, a jaqueta aberta. O sorriso.

— Não — respondeu. — Agora não.

A.J. sorriu.

— Estou ligado — disse.

Eli assentiu, dando impulso nos patins e deslizando de costas.

— Dá um oi pra sua irmã por mim — gritou A.J.

Ao virar a cabeça para encarar o garoto, Eli sentiu um galho entrar entre as rodas de um dos patins.

* * *

A biblioteca estava silenciosa, parecia uma estufa com paredes de vidro dando vista para um arroio estreito e lamacento.

Deenie encontrou Gabby atrás da bancada cinzenta cheia de computadores, que ficava ao longo da parede dos fundos. A amiga

estava sentada no chão, com os joelhos dobrados, os tênis encostados nos grandes livros de referência da prateleira mais baixa.

Como sempre, ela estava na companhia de duas garotas, uma de cada lado.

À direita estava Kim Court, agachada e com a pose habitual, sussurrando no ouvido de Gabby.

E à esquerda, Skye Osbourne, com o cabelo louro espalhado em cima dos atlas mundiais bolorentos atrás de si. Nos últimos tempos, Skye estava sempre perto de Gabby, com aquele cabelo enredado e os braços compridos.

As três olharam para cima quando notaram Deenie.

— Alguma novidade? — perguntou Gabby, batendo de leve com os dedos nos lábios.

— Nada — respondeu a garota, deslizando para o chão ao lado de Kim.

Desejou que estivessem apenas ela e Gabby. Que não houvesse mais ninguém ali para escutá-las e que as duas pudessem conversar sobre Lise a sós.

Aquele era o lugar preferido delas na escola. Sempre parecera escondido, esquecido. As enciclopédias com letras douradas dos anos 1980. O cheiro de cola velha e papel esfarelado, o carpete industrial que queimava as palmas das mãos.

O lugar fazia Gabby se lembrar do que todos fazem quando pequenos, inventando esconderijos e tocas. Como os garotos quando construía fortes. Eli e o amigo dele empilhavam almofadas do sofá, fingindo serem atiradores de elite. As meninas não chamavam os esconderijos de fortes, mas era a mesma coisa.

Foi ali que Deenie e Gabby se falaram pela primeira vez, no primeiro ano da escola, ambas se escondendo, com as cabeças enfiadas em livros idênticos (alguma coisa sobre anjos — na época, era só o que liam). Elas lançaram olhares uma à outra e sorriram.

— Você a viu antes da aula? — perguntou Deenie a Gabby.

— Não, eu cheguei atrasada — respondeu a menina. — Skye não conseguia encontrar a bolsa.

— Ela está grávida? — sussurrou Kim, falando esquisito por causa do aparelho.

— Lise? — indagou Deenie. — Não, claro que não.

— Grávidas vivem desmaiando — comentou Kim, puxando a meia calça, chegando o mais perto de Gabby que podia sem se sentar no colo da menina.

— Lise não está grávida — retrucou Deenie. Então, virou-se para Gabby: — A mãe dela a levou para casa.

Gabby assentiu, olhando para as mãos cerradas sobre o caderno. Deenie sabia que a amiga também queria que as duas estivessem sozinhas. Desde a primeira semana de aula do ano anterior estava difícil encontrar Gabby sozinha — pelo menos na escola, onde as garotas se penduravam nela como babados da roupa.

— Como vamos voltar para a aula nessa situação? — indagou Kim. — A gente deveria ir para a casa dela.

— Você já foi na casa da Lise? — perguntou Deenie.

Kim e Lise ocupavam polos diametralmente opostos do grupo de amigos. Um ano mais jovem, cheia da ambição típica dos alunos mais novos, Kim queria ser popular e vivia oferecendo carona, usando a sombra cara roubada da mãe e distribuindo vales-presentes de seu trabalho no shopping. Era o tipo de menina de quem as pessoas acabavam ficando amigas só porque estavam por perto. O oposto de Lise, que Deenie conhecia desde o terceiro ano do ensino fundamental, com quem compartilhava roupas — até mesmo calcinhas. Inclusive, três dias antes a ajudara a tirar um absorvente interno preso. Lise não parava de rir e rebolava para ajudar.

Era por isso que sabia que Lise não estava grávida. Por isso e por outros motivos, como o fato de a amiga ainda ser praticamente virgem.

— Bem, o problema é que não vão simplesmente deixar a gente sair da escola e pronto — explicou Deenie.

— Talvez tenha sido uma reação alérgica — sugeriu Skye, pensativa, esfregando uma mecha de cabelo na bochecha. — Você

não tem essas coisas?

Todas olharam para Kim, que era alérgica a tudo e tinha uma página no manual de segurança da escola dedicada a ela. Nozes, ovos, trigo, fermento, frutos do mar, até mesmo alguns tipos de papel.

— Não acho que tenha sido isso — retrucou Kim, sem querer dividir seu status especial. Então acrescentou, chegando mais perto de Gabby e arregalando os olhos: — Meu Deus, talvez tenha alguma coisa a ver com aquele cara.

Deenie parou.

— Que cara?

— Ah, você sabe — respondeu Kim, abaixando o queixo e diminuindo o tom de voz. — Não sabe? — Ela exibia um sorriso presunçoso, como quando pegava o carro da irmã e ficava mostrando a chave para todos, como se aquilo mudasse tudo. — Ela não contou a você?

— Não tem nenhum cara — retrucou Deenie. — Pode parar de inventar.

Louca por garotos. Era assim que a sra. Enright, a professora de inglês, chamara Lise. Mas quem poderia culpá-la? Nenhum cara olhava para ela, até que um dia todos começaram a olhar. No verão anterior, a amiga usou um biquíni branco com anéis de bambu no grande churrasco do feriado de 4 de julho, e o irmão mais velho de alguém, que já estava na faculdade, começou a chamá-la De-Lise-a e até mandou por e-mail uma canção que escreveu sobre ela e seu biquíni de-Lise-oso.

A mãe de Lise nunca teria permitido que saísse com o rapaz, mas isso despertou alguma coisa nos outros garotos e deixou Lise meio deslumbrada. De repente, ela parecia achar que todos os garotos eram incríveis, *todos*.

Depois disso, Lise jurou que nunca mais engordaria e começou a passar as manhãs mascando salsinha ou bebendo shakes verde-musgo que levava na caneca térmica. Achava que só assim se manteria magra, já que a mãe a obrigava a comer um copo de

coalhada toda noite, e, não importava o que ela dissesse, a menina tinha certeza de que aquilo estava cheio de gordura. *Talvez ela queira que eu seja gorda*, dizia Lise, *porque sempre faz pãezinhos com canela. É uma coisa que ela sabe que eu não consigo parar de comer.*

— Ah, vocês devem ter ouvido falar — disse Kim, olhando para Gabby e depois para Skye, que sequer parecia estar escutando enquanto passava os dedos, distraída, pela borda rendada da saia de babados, vintage e barroca.

Gabby balançou a cabeça.

— Lise não tem namorado — afirmou, olhando para Deenie.

— Tudo bem — respondeu Kim, dando um sorriso enigmático. — Mas eu não disse que o garoto era *namorado* dela.

— De qualquer forma, o que um cara teria a ver com ela desmaiar? — perguntou Deenie. — Ela não está grávida.

— Pode ser um monte de coisas além de gravidez — sugeriu Skye, ainda admirando o próprio cabelo, enredado entre os dedos cheios de anéis.

— Tipo o quê? — perguntou Kim, ajoelhando-se para ficar mais alta.

— Conheci uma menina que pegou um negócio de um cara, uma vez. Era um cara mais velho, promotor de um clube — respondeu Skye. — Ele tinha uma casa enorme no lago e dava um monte de maconha tailandesa da boa para ela. O cara viajou para as Filipinas, e a menina descobriu que tinha pegado tricomoniose dele. É um parasita sexual. Ele se aloja dentro da gente. — Ela se abaixou e pegou a bolsa, cheia de franjas. — É isso.

Todas ficaram sem falar por um instante. Skye era meio que uma fonte confiável nesses assuntos. Saber coisas assim era parte de sua aura, assim como o cabelo louro quase branco, a jaqueta de brechó, as pulseiras com anel e as botas de caubói de vinil verde. Sunny, a tia artista com quem ela morava (que Deenie nunca vira) e que deixava o ex-namorado de Skye dormir com ela, mesmo que ele supostamente tivesse vinte e seis anos — e que também nunca

tivesse sido visto. Diziam que o rapaz tinha sido um dos alunos da tia e que eles até chegaram a namorar. Depois que Skye e ele terminaram o namoro, a garota começou a usar um sobretudo de couro preto estilo *Shaft* para ir à escola todos os dias. Só parou quando uma chuva forte de inverno acabou com o tecido.

— Bom, talvez não tenha nada a ver com garotos — sugeriu Kim, encarando as amigas mais uma vez, apertando os lábios. — Talvez ela só esteja doente.

Deenie pegou o celular e começou a digitar.

revirando os olhos, foi a mensagem que mandou para Gabby, cujo telefone vibrou na mesma hora.

Gabby olhou para a tela de seu celular e sorriu. Kim lançou às duas um olhar questionador.

Nenhuma delas se pronunciou. Os olhos de Kim iam de Deenie para Gabby.

— Bem — disse Kim, levantando-se e puxando de novo a meia-calça, que era igualzinha à favorita de Gabby, com listras prateadas. — Tenho que ir.

— A gente se vê — respondeu Deenie, e as três ficaram olhando a garota ir embora.

Aninhando-se ao lado de Gabby, Deenie deixou a amiga apoiar a cabeça em seu ombro.

Skye se levantou, pegando a bolsa, e Deenie estufou o peito em expectativa. Finalmente teria Gabby apenas para si.

Mas então Gabby também se levantou, segurando-se no braço de Skye para se equilibrar.

— Tchau, Deenie — disse Skye, já se virando de costas.

— Até mais, Deenie — falou Gabby, e seu sorriso era um pedido de desculpas. — No próximo semestre, espero que a gente tenha o mesmo horário de almoço.

— É — concordou Deenie, olhando as duas se afastarem.

O cabelo escuro de Gabby e os fios claríssimos de Skye balançando em sincronia, as meias-calças metálicas combinando. As duas estavam indo embora juntas mais uma vez. Isso acontecia com

muita frequência, ultimamente. Indo embora juntas e deixando Deenie sozinha.

* * *

— Nash, já para a aula.

O rosto do treinador Haller estava sempre vermelho, parecia um tomate com um corte de cabelo militar. O pai de Eli dizia que Haller era igual a todos os treinadores que ele já tinha conhecido.

— Sim, senhor — respondeu Eli, levantando-se do banco do vestiário.

Estava com aquela sensação esquisita de frio e calor típica dos treinos no ringue improvisado do lado de fora, da ducha quente que vinha depois e da escola sempre escaldante, com o sistema de calefação gemendo por entre as paredes do prédio.

Fazia um bom tempo que estava olhando fixamente para a foto em seu telefone, a da garota com calcinha roxa. Tinha alguma coisa estranha naquela foto.

E a situação só piorava. Naquela manhã, entreouvira um boato sobre a irmã. Alguém a vira entrando em um carro com um cara na noite anterior. E também tinha A.J., com aquele sorriso debochado.

Tudo isso e mais a calcinha roxa no telefone, a pele da garota brilhando como toda pele de garota parecia brilhar. Ele começou a se sentir um pouco enjoado.

Às vezes, desejava não ter irmã, embora amasse Deenie e ainda se lembrasse de como se sentiu, no quinto ano, quando pegou aquele garoto, Ethan, puxando-a do balanço, no pátio da escola. E como o tempo pareceu acelerar até ele empurrar o garoto na cerca e arrancar o casaco dele. O olhar de admiração da irmã depois da briga, a forma como os pais fingiram ter ficado bravos, embora ele soubesse que não tinham ficado.

Hoje em dia, tudo era muito diferente. Em alguns momentos ele era forçado a pensar nela não apenas como Deenie, mas como a

garota cujas calcinhas minúsculas sempre ficavam penduradas na cortina do banheiro. Pareciam fitas coloridas, como as tiras dos pompons que as animadoras de torcida usam durante os jogos.

Às vezes, desejava não ter irmã.

* * *

— Conta de novo o que a Lise disse quando você foi à enfermaria — pediu Gabby quando se encontraram entre uma aula e outra.

— Lise queria saber o que tinha acontecido com ela — respondeu Deenie. — Estava muito assustada.

Não conseguia se lembrar de mais do que isso, já que tudo acontecera tão depressa. E agora as insinuações maliciosas de Kim e a frieza de Skye tinham se misturado aos seus próprios maus pressentimentos. Deenie não conseguia pensar. Só ficava se lembrando do rosto de Lise, de como as pernas entortaram quando ela caiu.

— A gente devia ir visitá-la — sugeriu Gabby, coçando a palma da mão. — Ver como ela está.

— Sair da escola?

— Sim.

— A gente vai ser pega — disse Deenie. — Você vai ser pega.

Gabby recebera duas detenções no mês anterior, uma por fumar cigarro de cravo na sala da fornalha, outra por sair do terreno da escola, quando foi escondida para a casa de Skye, a poucas quadras de distância.

— É melhor você ir, então. Não vai arranjar problema — retrucou Gabby. — Seu pai vai entender.

— Não sei, não — respondeu Deenie, mas já sabia que iria para a casa da amiga. Gabby tinha razão. Alguém precisava ver Lise.

*

O trajeto de ônibus foi rápido, e ninguém a viu.

Lise morava com a mãe em um duplex na Easter Way. Apesar de todos os anos de amizade, Deenie passara pouco tempo lá.

Minha mãe não gosta que eu faça muito barulho, era o que Lise sempre dizia, embora elas nunca tivessem sido barulhentas. Quando estavam na casa de Deenie, ficavam a maior parte do tempo deitadas vendo filmes, ouvindo música e falando sobre como algum dia viajariam pela África, alimentariam arraias em Bora Bora ou montariam cavalos árabes em um deserto, em algum lugar.

Mas a mãe de Lise preferia que a filha ficasse em casa com ela, principalmente agora que a garota estava cada vez mais parecida com a imagem dela nos velhos álbuns de modelo, posando no catálogo Spiegel e se exibindo em feiras, com cabelo dourado brilhante e seios que pareciam globos.

— Sim, ela é uma mulher encantadora — dissera o pai de Deenie, na vez em que Lise sugeriu que ele saísse com sua mãe. — Encantadora.

Tom dissera isso de maneira muito educada, como da vez em que Deenie mostrou a ele o biquíni que a mãe comprara para ela no verão anterior. Depois disso, Deenie o escondeu no fundo da gaveta e nunca mais o vestiu.

— Sr. Nash, acho que ela ia ficar muito feliz se encontrasse um namorado — acrescentou Lise, observando o pai de Deenie, concentrado nas fatias de pão que quase queimavam na torradeira ao lado.

Mais tarde, Deenie perguntou para a amiga:

— Lise, você não suporta sua mãe. Por que meu pai suportaria?

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu de dizê-las.

Mas Lise apenas soltou um suspiro sedutor e franziu um pouco o rosto bonito, antes de dizer:

— Eu só queria que ela tivesse alguma coisa para fazer. Além de ficar vigiando minha página no Facebook.

*

Enquanto percorria os três quarteirões depois de descer do ônibus, Deenie sabia que estava fazendo a coisa certa.

Mas, quando chegou à porta da casa, tudo começou a parecer um grande erro. Só que ela prometera a Gabby e, de qualquer modo, parecia não haver ninguém em casa.

Um longo minuto se passou depois que ela tocou a campainha.

Deenie sentiu uma forte pressão na testa, como se soubesse de algo muito importante, mas não compreendesse o verdadeiro significado. Lembrou-se do dia em que a mãe decidira sair de casa. A quietude da manhã, as chaves da casa jogadas no meio da mesa da cozinha.

O pai passara horas limpando a neve da entrada da garagem e da calçada. Deenie chegou a pensar que ele nunca mais entraria em casa.

De repente, a porta da frente se abriu. Era uma mulher mais velha, com o cabelo branco curto, um casaco meio aberto e segurando no braço uma bolsa com a alça meio caída.

Deenie tinha quase certeza de que era a avó de Lise, mas avós de amigas são todas parecidas.

— Ah! — exclamou a mulher, meio assustada. — Querida, o que você está fazendo aqui?

— Eu vim ver como a Lise está — respondeu Deenie. — Eu estava lá quando ela...

— Lise não está aqui — retrucou a mulher, bem depressa, com as mãos tremendo muito e as chaves do carro apertadas nos dedos vermelhos. — Ela foi levada para o hospital. Estou indo para lá agora.

Atrás dela, a mesa de centro estava de cabeça para baixo e havia um tapete embolado. Um forte cheiro de vômito pairava no ar.

— O que aconteceu? — indagou Deenie, aumentando o tom de voz. — Onde está a Lise?

As chaves do carro pareceram saltar das mãos da mulher e caíram no piso de cimento da varanda. As duas se abaixaram para pegá-las. Deenie ouviu a respiração curta e tensa da avó de Lise, que arrancou as chaves de sua mão e inspirou profundamente.

— Querida — disse ela, botando as mãos nos ombros de Deenie, como se ela tivesse sete anos —, volte para a escola, está bem?

Antes que Deenie pudesse dizer o que queria — *Posso ir junto? Eu preciso ir* —, a mulher desceu correndo a escada e entrou no carro, deixando a porta aberta.

Deenie olhou mais uma vez para a sala de estar. Uma mancha de vômito, uma luva de látex rasgada. Imaginou Lise deitada ali, com a cabeça batendo no chão.

Lise no chão da sala de aula, com os olhos pretos.

Deenie sentiu os joelhos trêmulos, como se não tivesse comido nada. Teve mais uma vez a sensação de que aquele dia carregava uma grandeza que era maior do que ela jamais poderia desejar.

Lise.

Passamos muito tempo esperando a vida começar — os dois últimos anos tinham sido cheios dessas primeiras vezes, tudo novo, assustador e relevante —, e então, quando ela começa, percebemos que não é o que esperávamos ou desejávamos.

4

Parado na frente dos alunos, com os queimadores à base de butano acesos, Tom não conseguia atrair a atenção de ninguém. Nem mesmo de Nat Dubow, que adorava demonstrar o quanto sabia e gravava vídeos de si mesmo fazendo experiências químicas em um laboratório na garagem dos pais, para depois postá-los na internet sob o nome de Nat Du-Bom.

Apesar dos constantes apelos do rapaz — Nat um dia chegou a colocar o laptop aberto em cima da mesa do professor, implorando —, Tom sempre dizia que era uma pena, mas estava ocupado demais para assistir. Porém, certa noite, em casa, assistiu a um episódio e ficou surpreso ao ver quatrocentos comentários e mais de mil e duzentas curtidas. Aquilo fez com que ele se sentisse velho demais.

Mas até mesmo Nat estava distraído, falando sobre epilepsia, correntes elétricas e auras.

— Sr. Nash, e se foi uma convulsão? — disparou, quase gritando. — Elas podem prejudicar o cérebro para sempre.

— Nat — retrucou Tom. — Vamos nos concentrar, está bem?

Mas Tom também estava tendo problemas para manter a concentração. Até percorrera as fileiras de carteiras fazendo suas melhores piadas e provocou Bailey Lu sobre os rabiscos que ela fazia nas mãos, o que normalmente a deixava corada e risonha.

Nada funcionou, e Bailey só ficou olhando para as próprias mãos, perturbada, com as palmas suadas e manchadas de tinta.

Já estava claro, e até mesmo ele sentia isso, que aquele não seria um daqueles dias em que suas incríveis demonstrações de bala-de-goma-e-cloreto-de-potássio ou mentos-e-coca-diet se tornariam o principal assunto da escola.

Assim, ele se rendeu, passou um teste-surpresa e ficou olhando pela janela enquanto os alunos resmungavam e reclamavam, a histeria dando lugar a lamentações sobre injustiça e a crueldade dos professores.

Enquanto isso, ele pensava em Lise, e em como a mãe dela devia estar preocupada. Já era habitual Sheila Daniels ficar preocupada, fosse com viagens da escola para as cachoeiras, vacinas ou o som das perfuradoras hidráulicas ao lado dos poços d'água.

Tom se obrigou a pensar que não devia ser muito grave. Meninas desmaiavam, adolescentes desmaiavam. Algumas doenças podiam provocar essas coisas, e o estresse também. Algumas daquelas meninas pareciam nunca comer, iam flutuando pelos corredores como espectros e ficavam escondidas embaixo das arquibancadas durante as aulas de educação física. Ele já tinha visto muitas coisas nesses vinte anos como professor de ensino médio.

*

Depois do quarto tempo, Tom foi até o canto ao lado do ringue de treino, onde ventava muito.

A nova professora de francês, que tinha uma tatuagem na nuca, estava encostada em um cano de calefação, fumando.

Quando a conheceu, Tom tentou imaginar como seria se, no ensino médio, tivesse tido uma professora de francês gata, de trinta anos, que usasse botas de couro e tivesse uma pena de pavão tatuada ao redor da nuca.

Ele não conseguia entender por que o filho não fazia francês.

— Péssimo hábito — comentou ela, sorrindo, e Tom ficou um pouco assustado.

A mulher indicou o cigarro. Ele sorriu.

— Existem piores — respondeu.

— Tipo o quê? — perguntou a professora, ainda sorrindo.

— Crack? — arriscou ele. — Xarope de milho com alta dose de frutose?

— Bem, pegue um — falou a professora, oferecendo o maço dourado com a mão com aliança. — Não me deixe ser a má influência da escola.

Neste instante, o celular de Tom ganhou vida.

Na tela estava escrito Deenie, logo abaixo da foto da filha com o chapéu de macaco que ela costumava usar.

— Oi, Deen.

— Pai — disse a menina, com a voz parecendo muito distante.

— O que houve, querida? Onde você está?

— Pai, pode vir me buscar? Pode me levar ao hospital?

*

Ele a encontrou parada na frente do duplex da família Daniels, com os fones nos ouvidos e saltitando um pouco no frio.

Vestindo uma parca e com aquelas pernas finas, ela parecia ter onze anos novamente.

Ao notar os tornozelos azulados, conseguiu imaginar o que Georgia diria. Ele só torcia para que ela tivesse ido de ônibus até a casa de Lise, não pegado carona com algum aluno mais velho, algum garoto. Às vezes, Tom achava difícil acreditar que estava no comando.

Queria perguntar o que a fez pensar que não haveria problema em sair da escola daquele jeito, mas não perguntou. A verdade era que sempre ficava feliz quando a filha lhe pedia um favor, porque ela quase nunca o fazia.

— Oi — cumprimentou —, entre.

Assim como o irmão, Deenie não entrava no carro, mas se atirava nele, como se o veículo fosse desaparecer se ela não entrasse ou saísse depressa.

Ela continuou de fones nos ouvidos, sem olhar para o rosto do pai.

— E então? — indagou Tom, virando o volante enquanto dava a ré. — Para o St. Ann?

Deenie assentiu, a cabeça encostada no vidro.

Tom estava acostumado com o mau humor adolescente, embora o de Deenie fosse ocasional, e nunca sombrio. Mas, daquela vez, parecia outra coisa.

Ele ficou pensando em como deveria ter sido ruim para Deenie ver Lise daquele jeito. O que será que a filha vira?

— Você vai me contar o que está acontecendo? — perguntou.

— Disseram alguma coisa na escola? — perguntou Deenie. Tom conseguia ouvir um chiado vindo dos fones de ouvido. — Sobre a Lise?

— Não esperei para saber — respondeu ele. — Só fui embora. Carl me substituiu no quinto tempo.

Tirando os fones dos ouvidos, Deenie olhou para Tom.

O rosto da menina pareceu murchar como uma flor diante dos olhos dele.

— Pai — sussurrou ela. — Acho que alguma coisa muito ruim está acontecendo.

Tom a encarou, assentiu e pisou mais forte no acelerador.

— Tudo bem — disse, com a mão no antebraço da filha. — Uma coisa de cada vez.

*

— Minha filha é a melhor amiga dela. Estava lá quando Lise desmaiou. Vocês não podem dar nenhuma informação?

A enfermeira da recepção, com os óculos sujos e o cabelo já saindo do prendedor, suspirou e balançou a cabeça.

— O senhor não é da família.

Tom olhou para a enfermeira e reparou em como ela estava cansada, na sensação de fluorescência e confusão ao redor, no homem carrancudo e de bigode sentado em uma cadeira de espera, gritando coisas sobre o presidente e a saúde pública.

— Sim, eu sei — respondeu Tom. — E sinto muito. — Então deu um sorrisinho, gesto seu que Georgia antes chamava de sorriso mágico, mas que depois passou a chamar de sorriso falso. Ele apoiou as mãos espalmadas no balcão. — Estou sendo um chato. É só que... a minha filhinha está lá...

Tom deixou os olhos da enfermeira encontrarem Deenie. Imaginou como a mulher veria sua filha, com as mangas da parca compridas demais e o velho chapéu de caçador do irmão sobre o cabelo castanho.

— ... Ela ficou bem assustada ao ver a amiga desmaiar — explicou. — Agora, está morrendo de medo. Eu prometi que descobriria alguma coisa.

A enfermeira não sorriu em resposta, mas encarou a tela do computador.

— Qual é mesmo o sobrenome da menina? Daniels?

Tom assentiu.

Ela digitou alguma coisa e ficou com o rosto tenso.

* * *

Parada ao lado da luminária alógena empoeirada no canto da sala de espera, Deenie estava assistindo ao pai conversar com a enfermeira quando as portas do corredor se abriram de repente.

Uma mulher de meia-idade passou correndo por eles, o cabelo louro desgrenhado, o casaco colorido balançando.

— Ah, meu Deus! — exclamou ela, ao notar Deenie. — Ah, querida.

Era a mãe de Lise.

Ela correu até Deenie e pareceu embrulhá-la nos quadrados fofos do casaco.

— Minha filhinha — disse, envolvendo Deenie com uma rajada de perfume e suor. — Você precisa ver o que fizeram com a minha filhinha.

*

No começo, era como na televisão.

Nos programas de tevê, é nesse momento que a pessoa descobre que a amiga está morta. Que aconteceu um acidente de trânsito causado por um motorista embriagado, e a cabeça dela bateu com força no para-brisa. Ou a amiga foi estrangulada por um namorado ciumento, ou trancada em uma gaiola por um homem que conhecera na internet.

Mesmo que não parecesse real, Deenie percebeu que queria fazer como na tevê, cair de joelhos, com a câmera de cima se afastando aos poucos, a música dando a deixa.

Mas então um médico veio falar com a sra. Daniels.

E, ao ouvi-lo, tudo ficou real.

— Deenie — falou o pai dela —, está tudo bem.

Ele a segurava pelos ombros, que estavam tremendo. Deenie sentiu o corpo todo trêmulo e se perguntou: *Foi assim que Lise se sentiu?*

— Foi muita sorte ela estar aqui quando aconteceu — disse o médico à sra. Daniels. — A senhora fez certo ao ligar para a emergência. Cada segundo vale. Um evento cardíaco dessa magnitude em casa...

— O coração dela parou — explicou a sra. Daniels, com o rosto úmido, a bochecha esquerda coberta de rímel escorrido. — Eu senti

quando a peguei.

*

Em seguida, a sra. Daniels e o médico desapareceram por trás das portas vaivém, e o pai continuou tentando explicar o que aconteceu à filha.

— Lise teve uma convulsão em casa — disse ele —, uma convulsão feia. E a mãe dela chamou uma ambulância. Quando chegaram aqui, alguma coisa aconteceu com o coração dela, mas conseguiram estabilizá-la. Estão cuidando bem da sua amiga.

Deenie ficou assentindo sem parar, mas só conseguia pensar que desejava que o pai não estivesse ali. Nem todos os sorrisos do mundo conseguiriam fazer as enfermeiras a deixarem passar por aquelas portas e ver Lise. Se o pai fosse embora, ela encontraria uma maneira de chegar lá. Ela e Gabby sempre encontravam maneiras de chegar aos lugares: atrás das cercas altas do depósito fechado da ferrovia; na sala do porão da escola onde guardavam os videocassetes antigos, para verem uma fita mofada de *Romeu + Julieta* na noite da volta às aulas.

— Podemos ficar aqui esperando, se você quiser — disse Tom.

— Está bem.

— Só preciso passar na escola rapidinho para acertar as aulas. E falar com o Eli.

Deenie assentiu.

— Você vai ficar bem aqui, sozinha?

— Vou sim, pai — respondeu ela, com a voz firme e equilibrada.

— Eu preciso ficar.

*

Sentada em uma das cadeiras de metal, mantendo-se o mais longe possível do homem raivoso com bigode caído, Deenie tentou enviar

uma mensagem de texto para Gabby, mas não conseguiu pensar no que dizer.

Então viu um casal, a mulher carregava uma criança pequena de macacão verde chorando, apoiada na cintura. Os dois estavam falando com um médico e uma enfermeira diante das mesmas portas duplas pelas quais a mãe de Lise saíra.

Atrás deles, em algum lugar no interior do St. Ann, estava Lise.

Deenie não conseguia acreditar que ninguém a vira entrar, mas muitas vezes se sentia invisível. Na escola, no shopping... Consequia sentir as pessoas a atravessarem. Às vezes, com garotos, percebia que eles conseguiam ver através de sua cabeça, admirando a loura Lise e a longilínea Gabby, ou qualquer garota que não ela.

* * *

Tom acelerou um pouco o carro. Estava pensando em Deenie, sozinha naquela sala de espera, ao lado do homem resmungão com o bigode molhado de café e de sabe-se lá quem mais houvesse chegado. Motoqueiros marginais viciados em metanfetamina, quarentões predadores em busca de meninas adolescentes.

Nos últimos tempos, sempre que lia o caderno policial do jornal, começava a ter a impressão de que a cidade que um dia fora tranquila, sua pequena Brigadoon, estava se enchendo de infinitas ameaças que colocavam seus filhos em risco.

Podia ouvir a voz de Georgia.

Você a deixou lá? Não podia simplesmente ligar para a escola? Ligar para o nosso filho?

Às vezes, parecia que ser pai se resumia a uma série de decisões questionáveis, uma após a outra.

Pelo menos sua versão de paternidade.

*

Faltava pouco para o almoço, e os corredores estavam repletos de alunos, dezenas de adolescentes usando agasalhos com capuz, os garotos empurrando uns aos outros nos armários enquanto as garotas desfilavam com blusas decotadas, saias e três camadas de meia-calça, dando sorrisos nervosos e enigmáticos. Tom passava metade de seus dias sentindo pena das meninas.

Seu celular vibrou, e ele achou que poderia ser Deenie, mas, no instante em que passou pela entrada, o aparelho ficou sem sinal, e a tela escureceu.

Quando saiu do colégio de novo, não conseguiu ligar o telefone.

Ficou esperando ao lado do armário de Eli. E esperou. Então o segundo sinal tocou, e todos se espalharam, as mochilas parecendo cascas de baratas.

Sentiu um ligeiro aperto no peito. *Onde está Eli?* Como se o filho fosse confiável como um elevador, e não desorganizado e permanentemente atrasado.

Ele vai chegar a qualquer instante, disse a si mesmo, mas do nada sentiu um medo surgir: *E se, e se?*

Seguiu adiante e virou uma esquina do corredor, então se deparou com a blusa azul berrante do filho.

Lá estava Eli, parado diante da sala de cálculo, enfiando papéis dobrados dentro de um livro.

Alto, despreocupado e mais bonito do que qualquer filho seu tinha o direito de ser. E sempre atrasado, para tudo. Era difícil explicar o alívio que sentiu.

— Pai — falou Eli, erguendo os olhos, surpreso. — Pai, por que você está sorrindo?

5

Enquanto atravessava a lanchonete, Eli Nash pensava em Lise, que conhecia desde que era dentuça e redonda como uma bola de tênis. Os dentes tinham recuado um pouco, o que a deixava com a aparência de mais velha, assim como o novo corpo e tudo o mais. Lise era uma daquelas menininhas gorduchas que riam alto demais, cobrindo a boca e dando gritinhos. Então, de repente, da noite para o dia, alguma coisa aconteceu — ou Deus fez acontecer —, porque ela ficou tão linda que às vezes doía só de olhar.

Agora, tinha a impressão de que, não importava o que acontecesse, Lise talvez nunca mais se recuperaria. Talvez ela ficasse como seu amigo, Rufus, que bateu a cabeça no ringue de treinos, no ano anterior, e até parecia ter ficado bem, mas nunca mais tinha rido da piada de ninguém, e às vezes não conseguia sentir o cheiro da comida.

— Eli — disse seu pai, quando o encontrou antes da aula de cálculo. Ele exibia o sorriso que costumava dar ao encontrar Eli depois de um jogo difícil, com um corte no supercílio, ou um ponto no rosto. — Pode fazer uma coisa por mim?

Ele respondera que claro que sim.

Não demorou a encontrar Gabby no canto mais escondido da lanchonete, onde ela sempre se sentava — em geral com sua irmã, as cabeças unidas como se estivessem planejando um crime.

Gabby era aquela de quem todas as outras meninas da escola corriam atrás, o tipo que as outras achavam “linda de morrer”, fama

que os garotos simplesmente não entendiam. Ou entendiam pouco, o que os deixava meio inibidos. O que deixava Eli meio inibido.

Todas as coisas que haviam acontecido com a família de Gabby pareciam ter dado a ela um ar solene, como as mesas antigas da biblioteca, que tinham um brilho meio dourado e nós escuros de madeira, mas que, quando tocadas, pareciam plástico — imateriais. Só deixavam as mãos cheias de farpas.

Eli não gostava muito de ficar na biblioteca.

Gabby girava uma lata de refrigerante entre as mãos, e, espreitando por trás dela, estava aquela garota, Skye. Skye, que usava um monte de pulseiras e vestia camisas de botão de mangas compridas; que havia sido suspensa por ter levado uma cópia do *Kama Sutra* para a aula de educação sexual — e ainda alegara, com muita naturalidade, que o livro era de sua tia Sunny, como se fosse algo que todo mundo tivesse em casa, tipo um dicionário.

— Gabby — chamou, tocando no ombro da menina.

Gabby virou a cabeça de repente e encarou o irmão de Deenie com os olhos arregalados.

— Ah! — exclamou. — Eli. Você me assustou.

Skye o encarava, estreitando os olhos, e Eli afastou os dedos do ombro de Gabby mais do que depressa.

— Desculpe — disse. — Podemos conversar rapidinho? — E olhou para Skye. — A sós?

— Tudo bem — respondeu Gabby, sem entender. — Claro.

Eles foram até uma das mesas mais distantes. Gabby era quase da altura dele e usava um grande coque no topo da cabeça, algo que Skye e tantas outras meninas pareciam estar copiando. Às vezes, elas arrumavam o cabelo em tranças pesadas, que enrolavam ao redor da cabeça. Ele não entendia muito por quê, mas imaginava que se tratasse de alguma moda que escapava à sua compreensão.

— Deenie está no hospital com a Lise — disse Eli, quando os dois se sentaram. — Aconteceu alguma coisa com a Lise. Achei que talvez você não soubesse.

— Eu não sabia — respondeu ela, balançando a cabeça.

A três mesas de distância, Eli ainda via Skye, os dedos grudados ao telefone, a cabeça abaixada, digitando alguma coisa.

— Quer dizer, eu não sabia que Deenie estava no hospital — completou Gabby. — Ou a Lise.

Ele não se lembrava de algum dia ter se sentado tão perto de Gabby, com a pele clara e a expressão séria de sempre. Eli tinha a sensação de que havia muitas coisas acontecendo por trás daquele rosto sereno.

— É — continuou Eli. — Acho que precisaram chamar uma ambulância. Ela está lá agora.

O telefone de Gabby vibrou de leve em cima da mesa. Os dois olharam para o aparelho.

— E então, o que aconteceu? É... — começou Gabby. — É mononucleose de novo?

Eli fez uma pausa, passando a língua nos lábios.

— Acho que não — respondeu.

* * *

Depois que passou pelas portas duplas, Deenie não fazia ideia de como encontrar Lise. O lugar se parecia com o porão da escola, onde algumas aulas foram ministradas, durante um tempo, quando o número de alunos aumentou muito. Tinha cheiro de fumaça e era cheio de zumbidos indefinidos. Virando em corredores diferentes, todos com piso inclinado, a sensação era de estar entrando em um lugar sobre o qual ninguém sabia, ou que todos haviam esquecido.

No fim do primeiro corredor comprido, Deenie viu um homem sentado em uma cadeira de rodas, o cabelo branco formando um topete parecido com o de um passarinho de desenho animado. Ele estava usando um roupão muito bonito, de patchwork, como em um filme antigo. Dennie ficou imaginando quem o comprara para o homem e onde essa pessoa deveria estar.

A cabeça do homem virava de um lado para outro, a boca aberta em uma espécie de pânico silencioso perpétuo. *Como isso aconteceu? Por que eu estou aqui?*

— Olá — cumprimentou ela, ao se aproximar, surpreendendo a si mesma.

O homem levantou os olhos, assustado, tentando focar a visão nela.

— Mais uma? — indagou, com a voz baixa e hesitante. — Você é mais uma?

Ele ergueu uma das mãos do colo e a estendeu à frente do corpo. Deenie deu um sorriso desconfortável, sem saber o que fazer.

— Bem, tudo certo — disse, e continuou andando.

Talvez seja assim quando ficamos velhos, pensou. Sempre mais gente jovem, centenas desfilando na nossa frente. *Ah, aqui está mais uma.*

— Espero que fique tudo bem — disse o homem, elevando o tom de voz quando Deenie passou. — Mesmo.

Já bem mais à frente, no corredor, sentindo a cabeça arder, ela se virou para encarar o homem.

— Eu... eu... — disse ele, a voz parecendo um rangido.

Deenie começou a abrir um sorriso, mas notou o rosto do homem — um borrão branco, daquela distância — e parou.

*

Levou cinco minutos, e ninguém a questionou ou sequer pareceu notá-la.

Andando depressa, como se tivesse um propósito, identificou o casaco turquesa da sra. Daniels por uma porta aberta, logo na entrada, e a avó de Lise parada ao lado.

Ao entrar, viu a cama de hospital em meio a uma teia de fios, com uma bolsa murcha pendurada em um canto, como um bicho preso em uma teia de aranha. Isso a fez se lembrar de Skye dizendo que

era bom colocar teias de aranha nos ferimentos, que elas paravam o sangramento.

— Deenie — gemeu a sra. Daniels. — Olhe só a nossa Lise.

Os casacos fofos de inverno das duas mulheres mais velhas, o monitor apitando, uma enfermeira aparecendo de repente atrás dela e a sra. Daniels soluçando até ficar sem fôlego... Deenie passou direto por tudo para tentar chegar mais perto de Lise. Como as pessoas faziam nos filmes, ela passaria por cima de qualquer coisa. Nada a impediria.

Mas, quando chegou ao pé da cama da amiga, ela parou.

O rosto de Lise era um borrão roxo, e, na testa delicada, havia algo que lembrava muito um amassado na lataria de um carro.

— O que aconteceu — disse Deenie, em um tom que parecia mais uma declaração do que uma pergunta. — O que tem de errado com ela.

— Ela bateu a cabeça na mesa de centro — explicou a avó.

Como se esse fosse o problema. Como se o buraco roxo na testa de Lise fosse o problema, o motivo de todas estarem ali.

Mas Deenie achou que aquele parecia ser o caso, porque o ferimento estava bem aparente. Um espelho quebrado em que as peças não se alinhavam. Partindo o rosto de Lise em dois. Modificando-o.

— Esta não é Lise — afirmou, as palavras escapando da boca.

Todos olharam para ela, a sra. Daniels com o queixo tremendo.

Mas era essa a sensação.

A enfermeira segurou o braço de Deenie com força.

— Os pacientes sempre ficam diferentes — explicou. — Ela está muito fraca. Você precisa ir embora.

A sra. Daniels soltou um gemido, puxando a frente do casaco da mãe.

— Mas tem certeza de que é ela? — insistiu Deenie, enquanto a enfermeira a levava até a porta. — Sra. Daniels, tem certeza de que é a Lise?

6

Ao parar no estacionamento do hospital, Tom encontrou a filha parada em frente à porta, saltitando pela calçada para se manter aquecida.

Ela entrou no carro.

— Pai, eu não quero mais ficar aqui, ok?

— Claro — respondeu ele. — Ninguém gosta de hospitais.

O queixo dela continuou batendo enquanto ela falava e saltitava, mas Deenie nem sequer olhou para ele.

— Não gosto daqui. Nem um pouco.

— Eu sei — respondeu Tom, observando-a conferir as mensagens de texto que não paravam de chegar, o celular vibrando nas mãos.

Ela não o encarou uma única vez.

— Filha — chamou Tom —, acho que é melhor eu levar você para casa.

— Acho... — começou Deenie, então soltou o celular no colo. — Quero voltar para a escola, pai.

Deenie emanava uma energia que o deixou preocupado, como sempre acontecia quando ela saía para sua ida mensal à casa da mãe. Às vezes, parecia que a filha passava horas botando e tirando coisas da mochila. Colocava o suéter azul, tirava o suéter azul, botava o *Homem invisível*, depois tirava, mordendo o lábio e olhando para cima. *O que é que eu preciso, o que está faltando.*

— Tem muita coisa acontecendo — tentou Tom, mais uma vez. — Podemos ir para casa. Ver um filme. Posso aquecer aquelas tortas de

maçã congeladas que você adora. Seu programa especial de sábado à noite.

— De quando eu tinha doze anos — retrucou Deenie, como se ele estivesse falando de algo que acontecera um milhão de anos antes.

Aquele havia sido um ritual semanal de pai e filha. Deenie gostava de ver filmes adolescentes dos anos 1980 e tirar sarro do cabelo dos personagens, mas, no fim, sempre chorava quando a menina com jeito de garoto que usava roupas feias dançava com o rei do baile sob balões cor-de-rosa e luzes piscantes. Acontece que o rapaz não percebera que a garota perfeita estava o tempo todo bem na frente dele.

— Eu só quero ir para a escola — sussurrou Deenie.

Tom achou que poderia haver alguma coisa tranquilizante no barulho e na rotina da escola. Só que a filha ainda não sabia que o lugar não estava bem dentro da rotina naquele momento.

— Tudo bem — disse ele, depois de uma pausa. — Se você quer mesmo.

A mente dele estava cheia de ideias, de maneiras de reconfortá-la, todas erradas.

— Mas, Deenie — insistiu.

— É, pai.

— Vai ficar tudo bem — disse ele. A eterna mentira paterna, um atropelo.

A filha parecia ouvir, mas sem realmente escutar.

— Eu nem acho que era ela — comentou a menina, com a voz trêmula.

— Era quem? Você a *viu*, Deenie? No hospital?

A filha assentiu, levando as mãos com luvas que não cobriam os dedos até o rosto.

— Por um instante. Mas acho que não era a Lise — repetiu, balançando a cabeça.

— Querida — começou Tom, diminuindo a velocidade do carro. Ficou imaginando o que a menina vira. Quão horrível devia estar a aparência de Lise. — Era ela.

— Quer dizer, não era a Lise em nenhum momento — continuou ela, mantendo os olhos no tráfego enquanto se aproximavam da escola. — Na aula esta manhã foi a mesma coisa. Eu fiquei olhando. Ela estava tão esquisita. Tão irritada.

Deenie começou a falar mais depressa, como a mãe fazia quando ficava empolgada. Quando tentava ajudá-lo a entender alguma coisa.

— Parecia que ela estava brava comigo — continuou. — Mas eu sabia que não estava. Só que era como se estivesse. Ela parecia tão irritada.

— Por que Lise estaria brava com você, Deenie? — perguntou Tom. O sinal abriu, mas ele não notou e ficou muito tempo parado, com alguém buzinando atrás. — Ela não estava. Você não tem nada a ver com isso.

A filha o encarou com olhos sombrios e sofridos, como se tivesse levado um tapa.

* * *

Simplesmente não era dia de ir à aula.

O sexto tempo estava quase começando e, até agora, Eli assistira apenas à aula de francês II, que ele nunca perdia. Passava todos os quarenta e dois minutos com os olhos fixos na curva suave do peito da srta. Loll. Sempre atento à forma como ela afastava o cabelo do pescoço quando ficava frustrada, às unhas escuras passando pela tatuagem serpeante.

Eli nunca perdia as aulas de francês.

Mas só de pensar em ir para a aula de história, de ficar lá, sentado, com todo mundo falando sobre Lise Daniels, a cena de cachorro com raiva e o fato de a irmã dele ter visto tudo — aquilo ia se embolando dentro dele.

Não gostava de imaginar o que Deenie devia estar sentindo para fugir da escola, algo que ela nunca fizera. A irmã era o tipo de

menina que cai no choro quando a professora do quarto ano e diz que achou a pasta de ciências “desorganizada”.

Então Eli viu-se outra vez nos fundos da escola, onde o assistente do técnico guardava os cestos enferrujados de bolas de borracha, tacos de hóquei e capacetes.

O ar pesado fedendo a amônia e suor seco que emanava da máquina de limpeza dos uniformes lembrava o cheiro de quando ele colocava os patins em cima do radiador depois de um jogo, para secá-los na marra. Por mais frio que estivesse, ainda dava para sentir o cheiro, e isso o deixou mais tranquilo.

Estava sentado no gradil da rampa de carga quando ouviu alguém se mexendo e o balançar de uma saia de tecido grosso.

— Quer um? — perguntou uma voz frágil.

Eli se virou e viu aquela menina, Skye, mais uma vez. Ela estava encostada no muro de tijolos e tinha uma boina enfiada por cima do espesso cabelo louro.

A menina estava segurando um cigarro marrom e emanava um aroma doce e suave misturado com cheiros femininos, como spray de cabelo e pó facial.

— O quê? — indagou, tentando ganhar tempo, vendo-a chegar mais perto, as botas de vinil brilhantes e úmidas.

Skye indicou o cigarro.

Eli não sabia ao certo do que se tratava, mas não tinha cheiro de maconha. Não teria aceitado, se fosse. Afetava seu desempenho no jogo. Mas já fumara algumas vezes, à noite, em festas, depois pegara os patins e fora para o ringue público. Ganhara uma cópia da chave do treinador, então podia ir quando o lugar estava fechado, com o gelo marcado pela patinação livre da noite, os cortes pesados de um jogo. E podia patinar tão devagar quanto quisesse.

Dava voltas pela pista girando o corpo, o deslizar no gelo relaxando-o, a sensação diferente no peito e o céu escuro despontando nas janelas altas.

Às vezes, tinha a impressão de que era o único momento em que respirava de verdade. Aquilo o fazia se lembrar de quando tinha seis

anos e fora levado à pista de gelo pela primeira vez. A mãe ficou segurando seu corpo pelos quadris com as luvas roxas, cheias de neve.

— É totalmente natural — comentou Skye, devolvendo o cigarro à boca. Tinha lábios cor de lavanda. — Eu sou contra ingerir coisas artificiais. É raiz de almíscar. Ajuda a atingir o equilíbrio.

— Meu equilíbrio está ótimo — retrucou Eli. O cheiro do cigarro foi mais uma vez em sua direção. Picante e enjoativo. Ele meio que gostou do cheiro, mesmo não querendo gostar. — Mas obrigado.

— Fiquei sabendo que Deenie foi ao hospital — falou ela. — E que a mãe da Lise está pirando e a Lise quase morreu.

Todo mundo ficava sabendo de tudo tão depressa, os celulares pulsando no ritmo constante de seus corações.

— Eu não sei bem da história — respondeu Eli. — É melhor perguntar para ela.

Skye assentiu, então pareceu estremecer um pouco, encolhendo os ombros como um passarinho.

— É curioso como a gente nunca pensa no coração — comentou.

— O quê?

— Sobre o coração, o órgão — explicou a menina. — Ninguém pensa nele enquanto é jovem. Ouvi dizer que o coração dela parou de bater por um minuto inteiro. Eu nunca pensei muito no meu coração. E você?

Eli não respondeu, mas desceu da rampa. Olhou para as mãos da menina e reparou que estavam tremendo. Por um instante, achou que ela pudesse estar passando mal.

— É engraçado — continuou Skye —, porque é quase como se eu tivesse *sentido* o que aconteceu antes de acontecer. Eu conheço a Lise há um tempo. Nós dormimos no mesmo beliche, no acampamento. Ela tem uma energia muito forte, você não acha?

— Não sei — respondeu Eli, indo na direção da porta, sentindo o calor de dentro da sala.

— Esta manhã, fiquei esperando a Lise na frente do armário dela. Eu estava com a mão encostada na porta do armário, e foi muito

esquisito. Senti uma energia subindo pelo corpo.

Ela levantou a mão livre e, com um movimento gracioso, mexeu os dedos, com a mão subindo da cintura até o pescoço.

Eli ficou observando.

— Parecia um choque. Bem no cerne do meu corpo.

Ela abaixou a mão, azul de frio, deslizando-a até a barriga, e deixou-a lá, apoiada junto às franjas vermelhas do cachecol.

— Mas eu sou assim — completou. — Minha tia diz que nasci com círculos escuros nos pés, que nem um casco de tartaruga. O que significa que sinto as coisas em um nível muito mais profundo.

* * *

Só havia mais um tempo de aula, e de repente Deenie não conseguia mais lembrar onde deveria estar.

Ela pensara que na escola tudo seria mais fácil, mais movimentado. Estava tentando de todas as formas tirar a imagem de Lise da cabeça. A expressão furiosa no rosto da amiga. Lise nunca ficava irritada. Mesmo quando deveria ficar.

Só que agora Deenie queria estar em casa, afundada no sofá em L, vendo filmes com o pai e lambuzando os dedos na gordura da massa folhada da torta de maçã.

Então caminhou sem rumo, ouvindo o barulho que as solas dos tênis faziam no chão da escola. Sentia-se um pouco triste, o que combinava com a tristeza do dia.

Foi só quando a sra. Zwada, com o cabelo cheio de laquê formando uma auréola ao redor da cabeça, a chamou, do laboratório de biologia, que Deenie se deu conta de onde deveria estar.

Por um instante, a menina só ficou parada à porta, encarando a sala cheia de rostos boquiabertos. O olhar penetrante de Brooke Campos, sua parceira de laboratório inútil, que nunca fazia as anotações e se recusava a tocar no feto de porco.

— Querida, acho que é melhor você se sentar — sugeriu a sra. Zwada, e seu rosto maquiado demais tinha uma suavidade que Deenie não se lembrava de já ter visto. — Pode só ficar sentada e ouvir.

— Não — respondeu Deenie, recuando um pouco.

Todos na sala pareciam olhar para ela, e seus rostos tinham a mesma expressão.

— Eu sinto muito — completou. — Preciso encontrar a Gabby.

Deenie começou a se encaminhar para o corredor principal, mas a sra. Zwada logo fechou a cara e retomou a rigidez de sempre.

— Teremos um pouco de ordem hoje — determinou a professora, segurando Deenie pelo ombro e fazendo-a entrar na sala.

Deenie sentou-se e ficou ouvindo toda a explicação sobre mitose, assistindo às células se contorcendo no PowerPoint. Estavam falando do processo de divisão do DNA, ou coisa parecida.

Alguns minutos antes do fim da aula, Deenie sentiu Brooke Campos, sentada logo atrás, cutucar sua nuca.

Inclinando-se para a frente, com o hálito açucarado de pipoca doce, a menina sussurrou no ouvido de Deenie.

— Fiquei sabendo de uma coisa sobre você. E um cara.

O sinal tocou, a turma ganhou vida, e Brooke se levantou.

Olhando para Deenie, ela abriu um sorriso:

— Mas eu não acredito.

— No quê? — perguntou Deenie, encarando-a com o rosto corado. — No quê?

*

Com o cabelo comprido, quase até a cintura, enfiado no chapéu de inverno, Gabby estava parada diante do armário onde guardava os livros. Mais uma vez, com Skye.

Até o outono anterior, Deenie nem falava com aquela menina, embora as duas fossem colegas de aula desde o sétimo ano. Skye

não participava do coral da escola, do anuário, do clube de francês, das peças. Ela nunca tinha ajudado a fazer a decoração da festa de volta às aulas.

Mas acabou acontecendo o que sempre acontece, e ela se tornou amiga de Gabby. A menina com as botas legais sempre encontra a garota com a ocasional mecha cor-de-rosa no cabelo. As duas pareciam um par de pássaros exóticos mergulhando nas águas das fontes da escola, e já dava para imaginar que uma notaria a outra. E então, no ano anterior, as duas se encontraram.

No começo, Gabby disse a Deenie que gostava de passar tempo na casa de Skye porque a tia dela nunca estava e dava para ficar ouvindo música, roubando latas de cerveja da geladeira ou bebendo a sidra que o tio de Skye fabricava no porão e chamava de “vinho de frutas”.

Mas Deenie sabia que era mais do que isso. Notava os olhares que as duas trocavam, reparava em como Gabby ia para a escola usando o anel da loja Catbird de Skye. Tinha medo de que a amiga contasse coisas a Skye, que falasse de assuntos pessoais, como sobre seu pai. Coisas que antes só contava para Deenie.

É como você com a Lise, explicou Gabby, um dia. *Vocês têm essa coisa*. O que Deenie achava que era verdade, porque conhecia Lise desde sempre, mas só falava com Gabby desde o ensino fundamental. Lise era parte de sua vida desde pequena, e Gabby era parte de tudo que era mais novo, mais emocionante. E de tudo o que viria.

— Deenie — chamou Gabby. — O que aconteceu?

— Foi bem ruim — comentou Deenie. Então parou.

Não dava para falar sobre aquilo da mesma forma que se fala sobre um teste surpresa ou uma perna machucada na aula de educação física. As palavras precisavam dar a entender o quanto a situação era grave.

— O que ela tem? — perguntou Gabby.

— Você falou com ela? — indagou Skye.

— Falar com ela? Não. Você não está entendendo. Ela está...

Skye a encarou. As duas a encaravam, ambas altas, com aquele cabelo cheio e muito próximas. Esperando.

Deenie não sabia como falar sobre aquilo, sobre o que vira. *O rosto que eu vi não era dela. Não era ela. Eram duas partes que não combinavam, e nenhuma delas era Lise.*

— Aconteceu uma coisa — disse, por fim. — Com o coração dela.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Gabby, com o queixo tremendo. — Vai, Deenie?

Deenie não sabia o que dizer. Abriu a boca, mas nada saiu.

* * *

— Não conseguimos descobrir muita coisa — disse o diretor Crowder, falando com Tom. — O hospital não vai liberar informações sem a permissão da mãe, mas a sra. Daniels não retornou nossas ligações. O que é compreensível, é claro.

— Certo — respondeu Tom, lembrando-se da aparência de Sheila Daniels na sala de espera. Tentara ligar duas vezes para ela, achando que era o melhor a fazer. — Se eu puder ajudar...

Professor havia quase duas décadas, Tom ainda se sentia ligeiramente desconfortável na sala do diretor, mesmo que o homem — Ben Crowder, ex-membro da secretaria de educação do estado — fosse apenas poucos anos mais velho do que ele. Certa vez, Ben gesticulara a Tom para que parasse em um posto de gasolina local, pois estava com dificuldades para abrir a tampa congelada do tanque de combustível de seu Volkswagen.

Pode me dar uma ajuda?, pedira o homem, com um brilho desesperado no olhar.

— Conversei com todos os professores da srta. Daniels — continuou Crowder, batendo na mesa com a caneta-tinteiro —, mas também queria falar com você. Soube que deixou o campus para vê-la.

— Sim — respondeu Tom, percebendo que o celular exibia aquela indicação vermelha em zigue-zague de chamada perdida, algo que sempre lhe dava nos nervos. — Minha filha é a melhor amiga dela. Mas acho que sei tanto quanto você. A situação estava muito caótica.

— Seguimos todos os procedimentos necessários aqui na escola — comentou Crowder. — Mas parece que as coisas mudaram bastante quando ela chegou em casa. Algum tipo de arritmia provocada por uma convulsão. Claro que já estão correndo boatos.

— Boatos?

— Queria saber se você já escutou algum.

— Não — respondeu Tom. — Tipo o quê?

Mas Crowder apenas se recostou na cadeira e suspirou.

— Que coisa. Eu só encontrei a mãe uma vez, outono passado, em uma reunião do conselho escolar. Ela me pareceu uma mulher... bem cautelosa. Do tipo ansioso. Imagino que essa situação seja especialmente desafiadora para ela.

— Bem — respondeu Tom, com os dedos já na tela do celular. — Acho que só nos resta esperar. Tenho certeza de que logo teremos mais informações.

— Certo — disse Crowder, batendo com a caneta no bloco de notas à sua frente. — Muito bem.

*

Da parte coberta da entrada de carros, Tom observou as hordas de crianças de chapéus de lã e adolescentes não tão agasalhados e com o pescoço cor-de-rosa abrindo caminho em direção ao estacionamento, onde a placa da parada de ônibus meio enferrujada tremia com o vento forte.

Ele mandou uma mensagem de texto para Eli, torcendo para que o filho a recebesse.

Vc pode levar D p/ casa e voltar com o carro antes de ir para o treino?

Queria levar a filha para casa, mas precisava ficar com os alunos em detenção.

E havia ainda a ligação perdida: Lara Bishop.
A mãe de Gabby.

*

— Lara, como vai? — perguntou quando a mulher atendeu.

Pareceu uma pergunta idiota, mas ele não sabia o que a mulher tinha ouvido sobre o estado de Lise. E nunca se sentia muito à vontade com ela. Havia alguma coisa nela, um ar de cansaço, de vigilância. Algumas pessoas classificavam os bichos como *ariscos*, e, quando via Lara Bishop, Tom achava que *arisca* era a palavra ideal para descrevê-la. Talvez fosse só porque sabia pelo que ela havia passado.

Ou talvez, na verdade, fosse a forma como olhava para ela.

— Tom — respondeu a mulher, naquela voz baixa de sempre, pouco mais que um suspiro —, que coisa horrível. Recebi uma mensagem da Sheila. Nem a conheço tão bem. Liguei de volta, mas caiu na caixa postal.

— Talvez tenha sido uma reação alérgica — sugeriu Tom. — Ou epilepsia? — especulou em voz alta pela primeira vez no dia. Foi um alívio.

— Ela pareceu meio... estranha — comentou Lara. — Mas de que outro jeito ela poderia estar, não é mesmo? Não parava de dizer que a filha era a menina mais saudável do mundo, que não havia feito nada para merecer isso.

— As pessoas dizem todo tipo de coisa — retrucou Tom, mas sentiu um leve tremor no olho esquerdo. Estava se lembrando de Sheila naquela reunião do conselho de classe. A mulher falava sem parar sobre vacinas e autismo. Tinha uma espécie de petição.

— A Deenie está bem? — perguntou Lara. — Ela chegou a falar com a mãe?

Tom hesitou, percebendo que não fazia ideia da resposta.

— Tudo está acontecendo rápido demais — explicou, sentindo uma irritação que não conseguiu identificar.

— É verdade — concordou Lara, mais do que depressa. — Nem consegui falar com a Gabby. Estou indo buscá-la agora, aí na escola.

— Tenho certeza de que tudo vai ficar bem — disse Tom, pelo que pareceu a centésima vez naquele dia. E, sempre que dizia, sentia que deixava a situação ainda pior.

— É.

Lara suspirou, e Tom teve a impressão de ter ouvido o estalo na garganta dela, um vestígio da traqueostomia que teve que fazer depois do acidente. (O *acidente* — é assim que chamamos quando alguém é acertado no rosto com um martelo?) A mulher sempre usava uma gargantilha fina de pérolas para tentar cobrir a cicatriz, duas linhas curvas em forma de olho. Em todas as vezes que a vira, Tom notara que Lara havia levado os dedos à garganta ao menos uma vez. Às vezes, via Gabby fazendo o mesmo. A cicatriz no pescoço era minúscula comparada à do rosto, que ela também tentava manter coberta, sempre com uma mecha do cabelo vermelho-escuro na frente.

— É — repetiu ele, dando uma risada fraca, o riso nervoso que os pais compartilham quando se dão conta, juntos, de que não há nada que possam fazer. *Não podemos impedi-los, podemos apenas nos manter abertos para o diálogo.* — Se eu souber de alguma coisa, ligo para você.

— Obrigada, Tom — respondeu Lara, a rouquidão sempre presente. — Esse tipo de coisa acontece... A gente só precisa *vê-los*, sabe?

* * *

Ao sair do estacionamento dos professores, torcendo para que a oferta sem precedentes do irmão pudesse esperar um pouco, Deenie

foi atrás de Gabby.

Encontrou a amiga em meio ao amontoado de alunos mais novos, ao lado do círculo central, falando ao celular com os olhos cobertos por enormes óculos escuros verdes.

— Oi, amiga — chamou Deenie. — Quer uma carona?

— Oi, amiga — respondeu Gabby, enfiando o celular no bolso. — A minha mãe está vindo. Ela ficou sabendo de tudo.

— Que pena. O Eli me ofereceu carona. Devem ter batido com um taco na cabeça dele hoje.

— Que peninha — respondeu Gabby, dando um sorrisinho.

As duas ficaram em silêncio por um instante.

— Ainda não consigo acreditar — comentou Gabby. — No que aconteceu com a Lise.

Elas avistaram o carro da sra. Bishop, o único preto, parecia uma formiga carpinteira.

— É — começou Deenie. — Que tal... que tal a gente ir ao hospital mais tarde, se...

— Eu não posso voltar lá — cortou Gabby, falando rápido.

A princípio, Deenie não entendeu bem o que a amiga quis dizer. Mas ao ver a mãe de Gabby parar o carro, tudo fez sentido. Quatro anos antes, o pai dela tinha feito aquilo, e isso, na verdade, não fazia muito tempo. Quatro anos desde que Gabby e a mãe foram levadas para o setor de emergência do St. Ann. Foi a última vez que algo dessa magnitude acontecera em Dryden. Um pensamento cruzou a mente de Deenie: *quais são as chances de que os dois maiores acontecimentos da cidade tenham afetado minhas duas melhores amigas?*

— Eu sinto muito — completou Gabby. — Sou uma péssima amiga?

— Não — respondeu Deenie, forçando um sorriso no rosto congelado. — Eu entendo.

Gabby também tentou sorrir, mas havia algo por trás, um peso, uma tristeza. Dava para sentir sob a pele. De muitas maneiras, conhecer Gabby era ter um vislumbre de algo significativo, grandioso

e angustiante. Antes de se tornar amiga dela, a única vez em que Deenie sentira isso tinha sido aos dez anos, quando fora com a família até a Caverna dos Ventos, sobre a qual lera em um livro. Circundada por uma muralha de rochas e as cataratas, Deenie segurou na mão da mãe e sentiu a água, os ventos e a mistura das cataratas. “Uma experiência misteriosa e indelével”, dizia o livro, e foi exatamente a sensação que ela teve. Algo que deixa marcas. Como a história de Gabby tinha deixado marcas nela e na mãe.

— Gabby, ela vai ficar bem — afirmou Deenie. — A Lise vai ficar bem.

Ao abrir a porta do carro e ser recebida por uma onda de calor, Gabby se virou e encarou a amiga.

— Vai, sim — concordou. — É a nossa Lise, afinal.

Deenie ficou olhando enquanto Gabby entrava no carro, com os tênis de cano curto brilhantes, a meia-calça de balé vistosa e alegre. Um dia que começou de um jeito diferente.

— Tchau, sra. Bishop — disse Deenie.

— Cuide-se, Deenie — respondeu a mãe de Gabby, acenando com a mão enluvada, os óculos de sol ainda maiores do que os da filha, cobrindo quase todo o rosto.

* * *

DETENÇÃO CANCELADA, Tom escreveu no aviso que colou na porta da sala de aula. Parecia tratar-se de um dia para decisões.

Não sabia o que estava pensando ao decidir deixar Deenie sozinha em casa depois de tudo o que acontecera. E se ela resolvesse ir ao hospital de novo?

Ao chegar no estacionamento, notou que Eli já devolvera o carro, que agora estava estacionado bem torto, quase encostando na Vespa vistosa e vermelho-tomate da professora de francês.

Tom sentou-se no banco do motorista e ligou para a ex-esposa antes que pudesse parar para planejar o que dizer. Não queria criar

o hábito de se preparar para falar com ela. Dois anos depois, já deveria ser mais fácil.

— Oi, Georgia.

Ele lhe contou tudo o mais rápido que conseguiu, e ouviu o suspiro surpreso da mulher, sua voz acelerada.

— Ah, Tom — começou ela, e foi como se o tempo não tivesse passado.

Georgia, Eli caiu da bicicleta, prendeu o dedo na educação física, cortou a testa no gelo. A mão dela na dele. Ah, Tom.

— Achei que você deveria saber — explicou.

Houve uma pausa. Podia ouvi-la respirando.

— Não consigo acreditar. Coitada da Lise.

E lá estava: a tristeza imediata na voz, quase uma resignação. *A vida é uma dureza.* Perto do fim, Georgia usava muito esse tom.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem — respondeu ele. — E a Deenie está bem.

— Só consigo lembrar das meninas no quintal — comentou ela. — A Lise de biquíni, correndo por entre os sprinklers com aquela pancinha.

Tom sentiu o rosto esquentar. Lise de biquíni no verão anterior. Do outro lado da piscina comunitária, de costas; ele achara que ela fosse uma das professoras de natação de Deenie. Carla, a universitária que fazia curso de cinesiologia, que sempre o provocava dizendo que ele precisava cortar o cabelo.

— Achei que você já devia saber — explicou, com a voz subitamente mais alta do que gostaria. — Que Deenie tivesse ligado para você.

— Não. — A mudança do tom de voz deu a ele um instante de prazer indecoroso.

Era uma coisa horrível para ele dizer. Deenie quase nunca ligava para a mãe.

— A recepção do celular na escola é horrível — falou, mais do que depressa. — Você se lembra. No hospital também.

— Certo. Meu Deus, essa cidade — comentou ela, como se nunca tivesse morado ali.

*

Aumentando o som do rádio, ouvindo a música louca que Eli deixara sintonizada para ele, Tom dirigiu para casa ao longo do Lago Dryden. Havia outros caminhos, mais rápidos, mas ele gostava desse.

Lembrava-se de nadar no lago quando se mudaram para lá, antes de todas as histórias começarem. Adorava a forma como a água brilhava de um jeito meio sombrio. Parecia alienígena, uma lagoa de outro mundo.

Mesmo naquela época, já falavam em chamá-lo de lago morto, a pior coisa que ele ouvira na vida. Depois de um tempo, todos começaram a se referir a ele dessa maneira. Era um lugar invadido por plantas e outros micro-organismos e absolutamente sem peixes, e o departamento de saúde aparecia o tempo todo para pegar amostras de água.

Já fazia quase dez anos que o menininho morrera ali, com o corpo rígido e os pulmões se enchendo de água suja. Foi o ataque de asma que o matou, e o menino não deveria ter ido nadar sozinho, mas não importava. Depois daquilo, a prefeitura ergueu uma cerca alta e pôs placas com caveiras ao redor do lago. Eli tinha pesadelos com o garoto. Todas as crianças tinham. *Poderia acontecer comigo, papai. E se fosse comigo?*

Mas, por muitos anos, Georgia continuava gostando de nadar lá à noite, quando estava quente demais. Ele às vezes ia também, se as crianças estivessem dormindo. Os dois se sentiam péssimos pais, saindo escondidos, dirigindo os dois quilômetros de distância, rindo, culpados, dentro do carro.

Bons tempos.

As algas azul-esverdeadas bioluminescentes brilhavam à noite. Georgia as amava, dizia que pareciam almofadas de veludo sob os pés. Tom lembrava-se de agarrar o tornozelo macio da ex-esposa embaixo d'água, a pele de um tom de branco radioativo.

Depois de um tempo, ele parou de ir junto. Ou ela parou de convidá-lo. Tom não sabia bem o que aconteceu primeiro.

Certa noite, ela chegou em casa com os lábios pálidos como a morte e a boca preta por dentro. Explicou que as algas estavam com um brilho que ela nunca vira antes, formando uma viçosa cobertura verde, e ela não conseguira parar de nadar, mesmo quando os olhos começaram a doer e a garganta pareceu inchar.

Ela vomitou a noite inteira, com o corpo gelado e trêmulo. Às cinco da manhã, Tom finalmente parou de dar atenção às recusas da esposa, pegou-a nos braços e a levou para o pronto-socorro. Ela foi mantida lá por algumas horas e tomou um preparado de carvão que deixou a boca ainda mais preta. Ficaria boa em um dia.

— Eu não consigo respirar — não parava de dizer. — Não consigo respirar.

* * *

Vc tá bem? Só pra saber.

Era o que dizia a mensagem de texto, mas Deenie não reconheceu o número.

Herdara o telefone antigo de Eli e era comum receber mensagens de texto enviadas para ele. Certa noite, uma menina do último ano que só falava de balé e usava collants e jeans para ir à escola mandou vinte e quatro mensagens de texto. Uma delas dizia — algo que Deenie nunca esqueceu — “molhadinha pensando em vc”. Devia ter sido a pior coisa que leu na vida. E releu a mensagem várias vezes, antes de apagar.

Só que não parecia que essa era uma daquelas mensagens.

Quem é vc?

Deenie digitou em resposta, mas parou antes de apertar em ENVIAR.

Então se recostou na cama. A casa estava em silêncio, calma.

No andar de baixo, seu pai e Eli viam tevê. Algum programa barulhento e estranhamente tranquilizador no canal ESPN Classic. O zumbido constante da casa havia dez anos.

Eram nove e meia, e ela queria ficar longe do computador. Janelas vermelhas piscavam no canto inferior da tela.

O pior de tudo era a foto de Lise, que todos estavam compartilhando e alguém devia ter tirado com o celular logo que aconteceu. Uma imagem borrada das pernas nuas de Lise, com mechas do cabelo caindo sobre o rosto. A foto quase fazia Deenie chorar.

Parecia não haver como parar o fluxo de mensagens, o celular não parava de vibrar.

Todas de pessoas que ela mal conhecia, mas que sabiam que era amiga de Lise.

Kim C tah dizendo q Lise tomava pilula,vdd?

Por que é que tudo tinha a ver com sexo? Não fazia muito mais sentido que fosse outra coisa? Como no sexto ano, quando Kim Court comeu sorvete de nozes e a sra. Rosen precisou injetar epinefrina nela na frente de todo mundo. Depois disso, todo mundo começou a chamá-la de Epimenina ou, pior, Menina Noz, e desde então ninguém podia comer noz em lugar nenhum.

Vc sabia q OB pode matar? Pesquisa choque toxico

Depois disso ela começou a pensar umas coisas doidas. Como por exemplo: e se, ao tentar ajudar Lise a tirar aquele absorvente torto, alguns dias antes, tivesse feito alguma coisa errada? E se fosse culpa dela?

Deenie não parava de pensar na pergunta de Gabby: *Eu sou uma péssima amiga?*

Naquela manhã, Deenie sequer tinha ido se encontrar com Lise na frente do armário dela. Não queria ver a amiga. Ainda estava com a cabeça fervilhando com os pensamentos da noite anterior, com Sean Lurie, e não estava pronta para contar. E Lise a veria e *saberia na hora.*

*

Tirou a meia-calça e o jeans e tomou um longo banho, esfregando entre as coxas até ficar vermelho.

Ainda estava se sentindo esquisita lá embaixo, como se alguma coisa estivesse errada.

Quando pensamos em nossos corpos, no quanto sequer conseguimos ver, não é de se admirar que tudo possa dar errado. Todos aqueles nervos delicados, as pulsações súbitas. Quem poderia saber?

Naquele momento, ela sequer conseguia visualizar o rosto de Sean Lurie.

Mas se lembrava da sujeira do fogão nas unhas dele, do grunhido que ele deu, do estremecer bruto, empurrando-a para a frente e para trás embaixo de si, fazendo-a pensar que algo tinha dado errado. E então o suspiro suave, como se tudo estivesse bem, afinal.

Aquilo fazia sua cabeça doer, e Deenie escondeu tudo em um canto da mente, para não precisar prestar atenção naquilo por um tempo.

*

Depois do banho, espalhou-se na cama, abriu o livro de história e leu sobre o antigo Egito.

O sr. Mendel dissera que Cleópatra talvez fosse virgem quando se escondeu em um saco de cânhamo para encontrar Júlio César. Entregar-se a ele foi essencial para sua ascensão ao poder.

O livro explicava como Cleópatra seduziu Marco Antônio ao deixar um de seus brincos de pérola cair em uma taça de vinho. Ela bebia a pérola que se dissolvia aos poucos, enquanto ele a observava.

Deenie leu a passagem três vezes, tentando imaginar a cena. Não sabia ao certo por que era sexy, mas era. Podia imaginar a camada perolada nos lábios da rainha.

Na aula, Skye tinha dito que lera alguma coisa na internet sobre como Cleópatra usava diafragmas feitos de lã e mel, além de uma pasta de sal, cocô de rato, mel e resina como pílula do dia seguinte, duas coisas que pareciam piores do que engravidar.

Deenie ficou imaginando como tudo aquilo aconteceu, pensando na virgem que virou sedutora e depois feiticeira do próprio corpo.

Por um instante, ficou pensando no estalo da camisinha que Sean Lurie usara e cobriu o rosto com o livro, apertando bem os olhos até forçar a lembrança a sair de sua mente.

Às dez horas, já lera todas as quarenta páginas determinadas pelo professor e dez a mais.

A certa altura, ouviu o irmão no quarto dele, os barulhos de seu celular e do computador. Ouviu Eli pigarreando.

Uma vez, algumas semanas antes, ouvira a voz de uma menina lá dentro e ficou se perguntando se era pornô ou o computador, até perceber que não era nem uma coisa, nem outra. Ouviu a voz dizer o nome de Eli. *E-liiii*.

Então aumentou a música o máximo que pode, levou as mãos aos ouvidos e até cantou para si mesma, com os olhos bem fechados. Ficou torcendo para que o irmão tivesse escutado quando ela tirou o tênis, chutando-o para longe com tanta força que bateu na parede. Ficou torcendo para que ele lembrasse que ela estava ali.

Naquela noite, porém, a casa estava em silêncio. Estava tão feliz com isso que nem se sentiu mal por não ter retornado a ligação da mãe. E, quando o pai bateu à porta para desejar boa noite e dizer que a amava, ela se certificou de que ele ouviria sua resposta.

— Eu também. Obrigada, pai.

À meia-noite, sentiu o telefone vibrar sob a mão.

Na tela, uma foto de Gabby de quando ela ainda tinha a mecha rosa no cabelo.

— Oi, amiga.

— Oi, amiga — respondeu Gabby, com a voz arrastada. — Eu cáí no sono. Sonhei que era amanhã e que ela estava de volta. Lise. E estava rindo da gente.

— Rindo da gente? — perguntou Deenie. Ficou imaginando se Gabby ainda estava dormindo. A voz dela parecia estranha, como se a língua estivesse presa no céu da boca. — Por quê?

— Não sei. Foi um sonho — explicou Gabby. — Quando acordei, achei que talvez alguma coisa tivesse acontecido. Talvez ela tivesse ligado para você.

Deenie fez uma pausa, imaginando como Gabby poderia ter pensado aquilo. Mas Gabby não tinha ido ao hospital. Não tinha visto Lise, nem a mãe dela. Não havia escutado toda aquela conversa sobre o coração, o coração de Lise. Deenie ficou imaginando o coração da amiga como uma ameixa amassada nas mãos da mãe.

— Não — disse Deenie, receosa. — Acho que a recuperação não vai ser tão rápida.

— Eu sei — respondeu Gabby, com a voz arrastada e esquisita. — Olha, Deenie, a gente se vê amanhã.

— Tudo bem — disse Deenie. Queria dizer mais alguma coisa, mas não conseguiu pensar no quê. Então se lembrou. — Gabby, qual era o boato?

Houve uma pausa e, por um instante, achou que a amiga tivesse caído no sono.

— O quê? — perguntou Gabby, depois de um tempo.

— Hoje de manhã, antes de tudo acontecer, você me disse que ouviu um boato a meu respeito.

— Eu disse isso? — perguntou a menina, com a voz distante. — Nossa, não lembro.

7

QUARTA-FEIRA

Quando acordou, Eli pensou por um segundo que estivesse na pista de patinação. Sentiu os pés nos patins, as pernas impulsionando-o para a frente, empurrando as lâminas com força. O peito inflado de ar frio, gelado. Isso às vezes acontecia.

Ainda estava escuro quando saiu para o treino. Sempre estava, e ele nunca se importava.

Pedalou pela cidade, passando pelos faróis de trânsito, contando o número de vezes que os sinais vermelhos piscavam sem ninguém lá para parar.

Levou um bom tempo para se lembrar de tudo o que acontecera no dia anterior.

O treino matinal pareceu fazer parte do sonho. Ele só acordou depois, na ducha do vestiário, quando a flexibilidade das pernas começou a voltar, envolto pela água quente, o corpo finalmente parando, a mente despertando aos poucos. Lembrando todas as coisas que ele esquecera.

* * *

— O diretor Crowder está em um dia ruim — sussurrou a sra. Harris, quando Tom chegou ao escritório administrativo. — Ele não

consegue nenhuma informação sobre Lise Daniels, e os outros pais não param de ligar.

— Bem — respondeu Tom, pegando sua correspondência —, tenho certeza de que o estado de espírito de Crowder não é uma preocupação para a mãe de Lise.

— Claro que não — concordou a sra. Harris. — Mas seria de grande ajuda ter alguma notícia. Para conseguirmos tranquilizar os alunos. Quando algo assim acontece na frente das crianças...

Tom assentiu. Estava lendo um memorando interno: *Primavera primaveril: um concerto matinal. A presença de todos os professores é requerida.*

— Isto aqui ainda vai acontecer hoje? — perguntou.

Veio à sua mente uma imagem de Lise, os lábios rosados pousados na flauta prateada durante o último recital — e em todos os recitais desde o quinto ano. Ela tinha o costume de praticar o sopro com uma garrafa de plástico. *Tem que fingir que está cuspidando uma semente de melancia*, ouviu-a dizer a Deenie, certo dia, e as duas deram risada. Toda aquela conversa sobre posicionar a língua e mexer os dedos, e as meninas rindo sem nem mesmo saber por quê. Mas ultimamente elas não riam mais de nada disso — e só de pensar Tom ficava meio nervoso.

— É claro — respondeu a sra. Harris. Tudo com ela era *É claro* ou *Claro que não*. — Eles estão ensaiando há semanas.

Tom olhou para o panfleto do concerto, com o desenho de uma nota musical trêmula emergindo de um mar de pétalas.

Ao levar Deenie para a escola, naquela manhã, sentira a exaustão na filha, a vigilância. A espera — que poderia acabar em um segundo ou não acabar nunca, como sempre acontece quando esperamos por qualquer coisa fora de nosso controle — parecia pesada demais para ela, seu corpo tão pequenininho ao lado dele, os ombros afundados.

Talvez ela precisasse de uma distração, talvez fosse disso que todos precisassem.

* * *

— E vocês vão ter que tocar mesmo assim? — perguntou Deenie. — Sem a Lise?

Elas estavam no banheiro feminino gelado, com a janela alta sempre escancarada. Era como se a escola achasse que as meninas emanavam tanto calor e cheiros tão fortes que o aposento precisava de ventilação constante.

— Acho que sim — respondeu Gabby, por trás da porta de uma cabine. Estava trocando os jeans pela saia longa da apresentação. — Acho que eles querem levar o recital adiante.

— E deviam mesmo — interveio Kim Court, saindo de uma cabine no canto. Lá estava Kim outra vez, sempre inconveniente. — Por Lise. Para mandar pensamentos positivos para ela.

Deenie passou os dedos pelo cabelo e não respondeu.

— Deenie — chamou Gabby, a voz ecoando de trás da porta —, você já teve a sensação de que uma coisa ruim está prestes a acontecer, mas não sabe o quê?

— Como assim? — indagou Deenie.

Coisas ruins, para ela, eram sempre uma surpresa pavorosa.

— Aposto que Lise não fazia ideia do que aconteceria com ela — intrometeu-se Kim, sacudindo a cabeça. — O que quer que tenha acontecido com ela.

— Talvez fizesse — retrucou Deenie, sempre disposta a discordar de Kim. — Pode ter sido como quando estamos prestes a ficar menstruadas, ou como quando Lise pegou mononucleose, daquela vez. Ela passou a semana anterior toda dizendo que o pescoço estava meio dolorido.

— É — concordou Gabby. Estava com a voz esquisita, como no telefone, na noite anterior. Lenta e pastosa. — Eu me senti um pouco assim hoje de manhã. E ontem à noite. Minha cabeça estava muito pesada.

Deenie se virou para a cabine de Gabby, mas não conseguiu pensar no que dizer.

— Eu sei o que você está querendo dizer — respondeu Kim, assentindo vigorosamente, como se Gabby pudesse vê-la. — Eu também estou me sentindo estranha. — Ela se inclinou para perto do espelho, examinando o rosto. — Inclusive meus dentes estão doendo.

Deenie ficou observando a menina. Os dentes enormes preenchiam sua boca. Os meninos a chamava de Cavalo. O aparelho era um emaranhado de fios e metais, parecia a parte interna de um celular quebrado. Deenie queria conseguir sentir pena dela, mas Kim tornava isso impossível.

— Vamos receber boas notícias hoje — disse ela. — Nossa garota é forte.

— Está tudo tão errado — comentou Kim, parando na frente da cabine para garantir que a menina a escutasse. — Lise deveria estar naquele palco com você hoje, Gabby.

Gabby abriu a porta da cabine tão depressa que quase bateu no rosto de Kim.

A camisa de apresentação brilhava de tão branca, a barra da saia escura serpenteava a seus pés. Ela estava segurando o celular, que não parava de vibrar na palma de sua mão, o olhar fixo na tela acesa.

Ninguém falou por um instante. Kim estava inquieta.

Então o telefone de Deenie apitou e, menos de um segundo depois, foi a vez do de Kim.

Parecia que as mensagens de texto vinham de três ou quatro pessoas diferentes.

A mãe da Lise não permitiu visitas e o hospital contatou o dep. de saúde pública!!

a enfermeira falou um negócio sobre a Lise — QQ TAH ROLANDO?

Dep. de saúde pública tah aqui! COMO ASSIM?

— Departamento de saúde? — leu Kim. — Por quê...

Gabby apertou o telefone na mão e olhou para Deenie.

Kim estava dizendo mais alguma coisa, mas Deenie não estava ouvindo.

* * *

Quando Tom entrou na sala, no primeiro tempo daquela manhã, os alunos espalhados em grupinhos estavam envolvidos em especulação. No fundo da sala, no parapeito da janela, perto das pias de resina do laboratório. Todos curvados sobre os celulares, os diversos tipos de capa formando um cata-vento roxo, rosa, metal, com estampa de leopardo.

— Telefones desligados e guardados — mandou. — Vamos lá.

Levou um longo tempo para conduzir a turma pelos corredores, fizeram muitas paradas de última hora nos armários, e um caderno escorregou de mãos suadas e caiu escada abaixo, fazendo todos saltarem de susto.

Mas, quando chegaram, tudo mudou.

A solenidade do auditório sempre provocava alguma coisa nos alunos. Com a iluminação mais fraca, não dava para ver o teto manchado de umidade ou notar os degraus que rangiam. O lugar ficou escuro, as gargalhadas e risadinhas ficaram mais baixas, sussurradas, e às vezes saíam em um tom um pouco estridente. O palco estava iluminado com uma tonalidade lilás suave. Os alunos de música sempre se sentavam de um jeito formal, com os olhos fixos nas partituras ou no sr. Timmins, o professor de música, sempre transpirando e com a camisa para fora das calças.

Havia a sensação de que algo importante estava prestes a acontecer, ainda mais importante devido às circunstâncias do dia anterior. Lembrava um pouco uma igreja.

Em vez de promover uma caloura hesitante para o segundo posto de Lise, o sr. Timmins decidira, em uma espécie de gesto significativo, deixar o lugar vago, mantendo a cadeira dobrável de

Lise ostensivamente vazia. A base preta de metal parecia captar toda a luz do palco. Não tinha como desviar os olhos.

A música começou, a melodia lúgubre de “Scarborough Fair”, que era tudo menos primaveril. Tom só torcia para que a música já estivesse programada, que não fosse uma substituição apressada em homenagem a Lise. *Pelo amor de Deus, ela está no hospital, pensou, não morta.*

Deu uma olhada no auditório e viu Eli sozinho, de pé, lá no fundo, olhando para o celular. Na frente dele, uma dupla de garotas mais novas, ambas com pescoços longos, não parava de se remexer, tentando chamar sua atenção. *O filho não conseguiria ter mais sucesso com as garotas nem se ele tentasse,* pensou Tom. Quanto menos interessado ele estava, mais as meninas se esforçavam, os rostos vermelhos e desejosos.

Viu Deenie na parte da frente da plateia, com seu rabinho de cavalo meio frouxo e sentada ao lado de Skye Osbourne, com o volumoso cabelo platinado. Sabia que Skye nunca comparecia a qualquer evento da escola, obrigatório ou não. O drama do dia parecia ter atingido a todos.

Ficou imaginando que os olhos da filha deviam estar mais focados na cadeira vazia, mas talvez também estivessem concentrados em Gabby, com o violoncelo entre as pernas, a saia dramática de renda violeta e um holofote aos pés.

Talvez fosse a iluminação, mas as maçãs do rosto da menina também pareciam tocadas pela luz violeta. O rosto sério e o cabelo escuro de Gabby, o som da música, a ansiedade somada de todos os alunos — adolescentes estavam sempre dispostos a viver esses momentos de ansiedade, e agora a situação estava mais do que propícia. Isso tudo tornava o momento ainda mais intenso.

Sentiu um aperto no peito e, olhando para Deenie, que esticava o pescoço de leve, quis pôr as mãos nos ombros da filha e prometer-lhe alguma coisa.

* * *

Deenie gostava de ficar no auditório. Era como estar no fundo de um grande bolso de casaco, no vazio quentinho embaixo da colcha, no sofá da sala de tevê.

Teve pouco tempo para pensar nas mensagens de texto, na ideia do departamento de saúde — o que era um departamento de saúde, afinal? Para que servia, exatamente? — no local, investigando alguma coisa. Ficou se perguntando se iam querer falar com ela. Era uma testemunha, afinal.

Lembrou-se da enfermeira Tammy, o rosto tomado de pavor, o antebraço molhado com a saliva de Lise. A amiga estava com o rosto vermelho vivo, como se tivesse sido pintada. Deenie era testemunha, mas não sabia ao certo do quê.

— Posso me sentar aqui?

Deenie olhou para cima e, apertando os olhos, viu uma mancha branca na frente da luz dos holofotes. Era Skye.

— Tudo bem — disse, tirando a bolsa do assento. — Você nunca vem para essas coisas.

Esgueirando-se até a poltrona, Skye deu de ombros.

— O sr. Banasiak me fez vir. E eu estava preocupada com a Gabby. Ela não está se sentindo bem.

Deenie olhou para a menina, prestes a perguntar o que ela queria dizer. Então as luzes foram diminuindo outra vez, a música ficou mais alta, e ela tirou a pergunta da mente, virando-se para o palco.

No começo, só conseguia olhar para a cadeira vazia de Lise.

Mas então “The Sound of Silence” irrompeu no auditório, e ela olhou para Gabby, que encarava um dos lados do palco, esperando a hora de tocar.

Quando sua deixa chegou, a menina ergueu a mão branca, que pareceu pairar como um beija-flor acima do violoncelo, o arco mergulhando e virando, a outra mão batendo nas cordas e agarrando o cabo do instrumento.

Seus olhos estavam focados bem à frente, concentrados no fundo do auditório, em nada.

* * *

Eli ergueu os olhos do celular de repente, sentindo um arrepio entre as omoplatas.

A música era muito deprimente, e ele estava tentando não escutar, mas, quando viu Gabby no palco, achou que ela parecia tão focada, tão atenta.

Sentia-se dessa forma na maioria das vezes em que patinava, como se não houvesse mais ninguém no gelo.

O único som era do disco tinindo nas traves, batendo nas laterais da pista.

Ficava com os olhos fixos como os dela estavam. Olhava na direção da rede com tamanha intensidade que nada era capaz de impedi-lo de conseguir o que queria.

* * *

Tom não sabia dizer com certeza o momento em que o pescoço dela começou a se inclinar para trás, porque a princípio isso pareceu ser parte da apresentação. A testa franzida, a mão vibrando no braço delgado do instrumento, tudo.

Primeiro foi o queixo, depois o maxilar inteiro.

Ele viu quando o rosto da menina começou a tremer e, com aquela iluminação, era como se toda a face estivesse retorcida.

A cadeira deslizou com um barulho alto, o pescoço dobrado para trás com tanta força que, na escuridão, parecia que a cabeça tinha desaparecido. Ficou assim por um instante apavorante, sem cabeça.

Com o violoncelo ainda preso entre as pernas fechadas, ela recompôs a postura, o rosto muito vermelho.

O sr. Timmins largara a batuta e avançava na direção de Gabby, e Tom viu Deenie se levantar de um salto na primeira fila.

* * *

É a mesma coisa, pensou Deenie, ao se levantar. Está acontecendo de novo. É a mesma coisa, a mesma hora, o mesmo tudo.

Sentiu as pernas subirem os degraus e as luzes do palco quentes sobre o corpo.

Seu pai pareceu se aproximar em um segundo, colocando as mãos em seus ombros.

O sr. Timmins estava inclinado sobre Gabby, ainda sentada e com as pernas enroscadas na cadeira, cujos pés de borracha davam batidinhas no piso do palco.

A menina estava agarrada ao violoncelo, sorrindo de um jeito estranho.

— Me desculpem — disse Gabby, com o rosto em chamas. — Me desculpem.

* * *

Tom manteve uma das mãos no ombro da filha enquanto os outros integrantes da banda, ainda com os instrumentos nas mãos, aproximavam-se de Gabby.

Ouviu exclamações de surpresa, peças de metal caindo no chão, uma garota tropeçando nos próprios pés e quase caindo do palco.

— Para trás, todo mundo — mandou Tom, com os braços estendidos. — Para trás.

Sem pensar, também empurrou Deenie para trás.

Em algum lugar, uma câmera com flash disparou, então outra. Meninas com os celulares enfiados nas longas saias de veludo.

— Parem com isso! — gritou o sr. Timmins. — Nada de celulares!

— Gabby, querida — chamou Tom, abaixando-se na frente dela.
— Você está bem?

Seus olhos pareciam cobertos por uma película brilhante, como se ela estivesse prestes a chorar.

Então o pescoço de Gabby pareceu ser lançado para trás com tanta força que Tom achou que fosse ouvir um estalo, o corpo dela se rendendo ao movimento tonitruante, todos os membros estremecendo, o tronco pendendo para a direita.

Ele e o sr. Timmins a seguraram, prendendo-a entre os braços. O professor de música tentava tirar o violoncelo das mãos dela.

— Eu estou bem — disse Gabby, finalmente soltando o instrumento, cobrindo a boca com uma das mãos.

— Pai. — Tom ouviu uma voz atrás dele. — Pai.

8

Ainda de pé no fundo do auditório, foi Eli quem ligou para a emergência.

Quatro minutos depois, as portas de trás do auditório se abriram, e ele mostrou o caminho aos paramédicos.

— Ah, cara! — exclamou o mais alto, esfregando o rosto corado por causa do frio. — Mais uma?

Em cima do palco, o sr. Timmins continuava ajoelhado ao lado de Gabby. A menina o encarava com as mãos em volta do próprio pescoço, como se estivesse tentando mantê-lo reto.

Todos cobriam a boca, assistindo à cena.

— Que inferno, Jeremy.

Eli viu o pai arrancar um celular da mão de um dos garotos.

— Me desculpem — dizia Gabby, a voz inexplicavelmente alta, dominando o ambiente. — Aquilo aconteceu mesmo? Estou confusa. Estamos na escola?

O violoncelo continuava indo de um lado para outro, balançando e vibrando como se tivesse vida própria.

— Está conseguindo respirar, moça? — perguntou o paramédico.

— O quê? — indagou Gabby, a voz alta e cheia de dúvida. — Sim.

— Vamos tirar todo mundo daqui — disse o mais alto, fazendo um sinal para o sr. Timmins ajudar. — Esvaziem a área. Deem espaço para ela.

Ninguém conseguia tirar o arco da mão de Gabby.

Deenie, na ponta dos pés, tentava ver por cima dos paramédicos grandalhões, que, por sua vez, tentavam colocar uma máscara de oxigênio no rosto de Gabby.

— Eu não preciso ir a lugar algum — dizia a menina, os dedos presos à máscara, empurrando-a para longe. Seus olhos encontraram Deenie. — Deenie, eu *não preciso*.

— Eu sei — respondeu a garota, assentindo, balançando o pescoço quase com tanta força quanto Gabby havia feito. Doeu só de olhar.

— Eu só fiquei meio tonta.

— É só para garantir — explicou Deenie. — Ok, G?

* * *

Tom fez Deenie se sentar no carro com as janelas fechadas. Pediu que ela respirasse devagar. Estava tentando explicar algo que não tinha explicação.

— ... e vamos falar com a mãe da Gabby assim que der. Vão fazer alguns exames. É melhor você ficar aqui. Comigo.

— Por que a gente não pôde ir para o hospital? — perguntou Deenie. — Gabby queria que eu fosse.

Tom não tinha tanta certeza disso. Quando Lara Bishop chegou, logo depois dos paramédicos, o constrangimento de Gabby parecia evidente no olhar pesado e torturado. A menina não conseguia sequer encarar a mãe.

— Ela não desmaiou — continuou a menina. — Mas o corpo dela... O que estava acontecendo com o corpo dela?

Deenie estava com o olhar pensativo, como quando, ainda criança, encontrou um gato afogado na vala perto da caixa de correspondência. Tom não sabia por quanto tempo a filha ficara olhando o corpo, com o irmão ao lado, tocando gentilmente o bichano com um pauzinho, esperando que ele voltasse à vida. Deenie teve pesadelos naquela noite, sonhou que estava com a boca

cheia de lama. Tom tentara explicar a ela que acidentes acontecem, mas que, na realidade, estavam seguros. Só que ele já tinha a impressão de que nada do que falava dizia respeito ao que de fato a incomodava, a percepção de que não se pode impedir que coisas ruins aconteçam com outras pessoas, outras coisas. E que isso sempre seria difícil. Ele próprio nunca se acostumara bem com a ideia.

— E o que isso tudo tem a ver com o departamento de saúde? — perguntou ela.

— Eles só estão tentando se certificar de que tudo está bem — explicou Tom.

Claro que ele não fazia ideia. Quando havia ficado sabendo da visita, pouco antes do primeiro tempo, não gostara nem um pouco.

— Foi a enfermeira — dissera Bill Banasiak. — Ela os chamou.

A nova enfermeira, a loura magricela cujo nome Tom nunca lembrava, ligara para sua supervisora no hospital para falar da mordida que Lise dera em seu braço. Constrangida, a mulher a princípio não tinha comentado com ninguém. Só que agora estava preocupada. E se houvesse alguma espécie de vírus na escola? Um desses novos?

— Não é o tipo de fofoca que a gente quer ouvir em uma escola — comentara Banasiak, balançando a cabeça.

Ainda mais vindo da enfermeira, pensou Tom. Mas não disse nada daquilo a Deenie.

— Estou certo de que saberemos mais em breve — assegurou à filha, e percebeu que dissera dez vezes a mesma coisa a respeito de Lise. — Ok?

— Pai — começou a menina, olhando para o celular dele no painel do carro —, podemos ligar para a mãe da Lise de novo?

— Claro — respondeu ele, após um tempo. — Vou ligar para ela daqui a pouco.

— Que tal agora? — perguntou a filha.

— Daqui a pouco, ok?

Deenie assentiu, desanimada. Por um instante, ela lhe pareceu muito velha, com o tremor ritmado do queixo típico da avó de Tom.

Mas, quando a menina se virou para encará-lo, o queixo estava firme outra vez. Afastando a gola do casaco do pescoço, ela insistiu:

— Mas você vai ligar?

— Vou — respondeu. E completou: — Está melhor para voltar à aula?

Parte da ideia lhe pareceu ridícula, fazer a filha ficar sentada ouvindo alguém falar sobre o Canal do Panamá, mas não conseguiu pensar no que mais fazer.

Por um instante, apenas um instante, desejou que Georgia estivesse lá. Pelo menos a Georgia de antes teria cancelado seus compromissos, deixado o trabalho de lado e raptado Deenie para uma tranquilizante programação de mulherzinha. Ou a versão das duas de uma programação de mulherzinha: comprar pilhas de revistas e frappuccinos e se esparramar no sofá da sala de tevê. Ou algo assim. Ela parecia saber como fazer essas coisas. Até não saber mais.

Eu não consigo sair daqui, foi o que ela começou a dizer, um ano antes de ir embora. *Sinto muito, Tom. Não consigo sair*. Era como ela se referia à casa, como se ir para casa fosse “sair”.

Isso foi quando ela começou a passar uma hora por dia no hotel Seven Swallows, na Beam Road, com o colega de trabalho e amante. (Do que mais chamá-lo? O homem era casado, tinha três filhos, gato, cachorro e hamster.) Georgia confessou isso e outras coisas, muito mais do que ele gostaria de saber, incluindo o quanto se sentia envergonhada por manter calcinhas extras na gaveta da mesa de trabalho. E o quanto tinha “muita-quase-certeza” de que aquele amante colega de trabalho não era responsável pela gravidez e, portanto, não era culpado pelo aborto horrível que ela sofrera, nove dias de sangramento e tristeza. Tom achava que era mais uma coisa pela qual a ex-esposa tinha a lhe agradecer.

Mais tarde, depois que ela foi embora, Tom dirigiu até o Seven Swallows e ficou sentado no estacionamento durante horas,

repassando os extratos bancários, o acordo de separação, os papéis do divórcio, preenchendo quadrados com uma caneta esferográfica, o olhar voltando sempre para a placa da frente: OFERECEMOS CONFORTO E UM AMBIENTE HIGIÊNICO. Queria manter toda a situação na cabeça.

— Eu posso ir à aula — dizia Deenie, com a mão no braço dele. — Pai, eu posso ir.

Tom olhou para a filha, viu seus olhos fixos nos dele, uma expressão questionadora. Como se ela tivesse visto algo em seu rosto. Algo que a deixou preocupada.

— Está tudo bem, pai — disse Deenie, com firmeza. — Eu vou ficar bem.

*

— Sheila — começou ele. — É Tom Nash. Só estou deixando mais um recado para ver se há algo que eu possa fazer. Ligue para mim, ok? Se precisar de ajuda com qualquer coisa. Deenie manda um abraço para você e Lise. Todos mandamos.

Imaginou a filha dentro da escola, pensativa, preocupada.

Um pensamento desconfortável lhe veio à mente: e se ela não conseguisse descobrir o que aconteceu e resolvesse ir outra vez ao hospital?

Então, teve outra ideia.

— Faturamento, pois não?

— Oi, é a Diane? Aqui é o Tom. Tom Nash.

A voz tensa do outro lado da linha ficou suave, sussurrante.

— Tom. Minha nossa. Eu estava esperando você ligar, meio que já tinha desistido.

Ele pigarreou.

— Eu estava querendo ligar. Me diverti muito. Tive umas semanas muito corridas.

— Oito semanas. — A mulher deu risada.

Ele a conhecera na fila da agência de correio, a fila mais comprida que os dois viram na vida. Diane contou que o filho estava tentando entrar para a equipe júnior de hóquei e que Eli era o ídolo dele. Ela não queria que o garoto jogasse porque trabalhava no hospital e via os jogadores que chegavam com os rostos marcados por causa dos discos desenfreados, sem alguns dentes, as maçãs do rosto quebradas e, uma vez, uma lâmina de patins no pescoço. Mas o que fazer, se o menino adorava o esporte?

Tom disse que compreendia.

Diane lhe deu seu número, e os dois jantaram em algum lugar que Tom não conseguia lembrar direito. Talvez tenha sido um restaurante italiano. Queria ligar de novo. Mas um segundo encontro sempre parecia uma espécie de declaração na idade deles. E ele nunca se sentira preparado para uma declaração.

— Oito semanas, sério? Sinto muito. Mas eu queria ligar, e agora tenho um motivo, uma boa desculpa.

— Você não precisava de uma desculpa.

— Eu sei, mas ela existe.

Tudo o que ele precisou fazer foi dizer o nome de Lise.

— Ah, aquela menina.

Houve uma pausa depois disso, e Tom não soube ao certo o que fazer. Não era um hospital grande, mas, ainda assim, ficou surpreso por a mulher saber de quem ele estava falando.

— Pois é — respondeu Tom. — Estivemos aí ontem, mas ninguém sabia de muita coisa ainda.

Ouviu cliques rápidos.

— Vamos ver o que eu consigo descobrir — disse a mulher.

Foi um alívio ver a falta de hesitação de Diane em desobedecer à regulamentação de confidencialidade e diversas outras leis. Sentiu uma ponta de interesse renovado por ela, seguida por uma vontade de punir a si mesmo.

— A menina ainda está inconsciente — disse a mulher. — Mas já foi estabilizada. Estão investigando as causas para dar um diagnóstico. Não sei dizer exatamente qual.

— Ah — respondeu Tom.

Parecia tempo demais para ficar inconsciente. A menos que *inconsciente* fosse um código para “coma”.

— Mas é a mãe que está dando problema — comentou Diane, a voz um pouco mais baixa. — Todo mundo está falando nisso. Primeiro, culpou os paramédicos. Alegou que deixaram a menina cair. Eles não fazem isso, Tom. Depois, culpou o médico do pronto-socorro. Agora, parece ter teorias mais sombrias.

— Mais sombrias?

— Sei lá. Umas coisas malucas que deve ter tirado da internet.

— Ah.

— Estamos torcendo para que ela não fique sabendo da outra menina.

— Gabby Bishop — murmurou Tom.

— Você também a conhece?

— Conheço. — Parte dele esperava que ela dissesse que Gabby também estava inconsciente. Que talvez algo também tivesse acontecido com o coração dela.

— Meu Deus, Tom, eu sinto muito — disse a mulher. — Mas são casos diferentes. Não é a mesma coisa. Não é um problema cardíaco.

Ele percebeu que Diane era o tipo de mulher que dizia aos homens o que queriam ouvir. Isso não lhe parecia ruim, embora soubesse que deveria parecer.

— Eu vi acontecer — explicou. — Pareceu uma convulsão.

— Bem, eles nem a internaram ainda. Estão fazendo exames.

— Diagnósticos?

— Sim — respondeu ela, com a voz gentil.

— Muito obrigado. Por tudo.

Então um tom alegre voltou à voz dela.

— Sabe, você deixou a embalagem do restaurante na minha geladeira. Esperei dois dias para você ligar, daí comi o bolo de pêssego todo.

* * *

Parada no canto de uma das cabines do banheiro, Deenie tentava diminuir o ritmo da própria respiração.

Pare, disse a si mesma. Você não é uma dessas meninas histéricas. Não é Jaymie Hurwich, que começou a soluçar na aula de educação física e precisou ser levada até a enfermaria por estar hiperventilando. Jaymie ia para a enfermaria por causa disso pelo menos uma vez por mês, quando estava chateada com a nota de alguma prova, tinha brigado com o namorado ou estava de castigo.

Kim Court dissera que tinha visto Skye encolhida sozinha na plataforma de carga.

— Eu não percebi que Skye tinha ficado chateada — dissera a menina. — Você percebeu?

E o visor do celular de Deenie não parava de acender com mensagens de texto, uma depois da outra.

QQ TAH ACONTECENDO?

Gabby tb pegou!

Vc viu o rosto dela?

E fotos de Gabby. Até mesmo vídeos filmados com um celular. Tinha um horroroso da cabeça de Gabby indo para trás, o pescoço grosso e roxo sob as luzes do palco.

E Deenie só conseguia pensar em Gabby e Lise em camas de hospitais, lado a lado, os braços presos a uma complexa rede de fios e tubos.

As cabeças das duas meio roxas e amassadas, as bocas abertas.

Se aconteceu com suas duas melhores amigas, a próxima deve ser você. Se aconteceu com suas duas melhores amigas, deve ser você.

Mas não era a mesma coisa. Gabby não tinha desmaiado, não tinha caído, batido a cabeça ou mordido alguém. Em nenhum momento ficou com aquele olhar de Lise, de animal encurralado.

Gabby apenas parecera confusa, perdida, aflita. Como todo mundo às vezes ficava em algum momento, todos os dias.

A porta do banheiro feminino se abriu.

— Estou dizendo, foi igualzinho ao meu gato — comentava Brooke Campos, em voz alta. — Sabem se ela estava dormindo em um quarto com um morcego? Ou perto de um morcego doente? É assim que acontece. Encontramos um na nossa garagem, pendurado bem em cima da cama do gato. Precisamos mandar acabar com o Luvinhas.

Deenie abriu a porta da cabine e viu Brooke com um grupo de meninas do último ano, todas balançando os aplicadores de gloss labial, passando umas para as outras — toque de melancia, florescer escarlate.

— Então você está dizendo que as duas simplesmente foram mordidas por morcegos? — perguntou uma das meninas.

— Deve ter sido o mesmo morcego — respondeu Brooke, um pouco na defensiva.

A cabine ao lado de Deenie se abriu, e Skye saiu. Deenie nem sabia que a menina estava lá, com todas aquelas camadas longas de saias de crochê ocultando seus movimentos.

— Oi — disse ela, cumprimentando Deenie com um aceno de cabeça.

Então começou a abrir todas as pulseiras exóticas para lavar as mãos, os dedos se movendo com muita graça sobre os fechos. Era estranhamente hipnótico.

— Oi — respondeu Deenie, pensando no que Kim dissera sobre ter visto Skye encolhida na plataforma de carga. Olhou para o rosto de Skye em busca de um sinal: olhos vermelhos, rosto inchado. Mas nunca dava para ver muita coisa, com todo aquele cabelo.

— Tipo, pensem bem. E se elas dormiram no mesmo lugar? — sugeriu Brooke, tirando o excesso de gloss com uma toalha de papel. — Gabby e Lise.

— Um lugar cheio de morcegos? — perguntou a mesma menina de antes, com a mão na cintura.

— Pode dizer o que quiser — retrucou Brooke, batendo os calcanhares no chão. — Eu sei o que parece. A boca dela estava

espumando, e a língua fazia assim.

Inclinando-se para perto do espelho, ela levou a língua violentamente para um canto da boca.

— Não foi isso que aconteceu — comentou Deenie, olhando para a garota. — Você não sabe do que está falando.

— Ouvi dizer que a enfermeira Tammy foi mordida — acrescentou Brooke, ignorando Deenie. — Foi *a Lise* quem mordeu. E ela tem dentes grandes.

— Temos uma vampira entre nós — comentou uma das meninas, fazendo ganchos com os dedos embaixo da boca, como caninos.

— Então, Brooke, você está dizendo que a Lise também mordeu a Gabby? — perguntou Deenie, olhando para Skye, buscando ajuda. — Ou só a lambeu?

Brooke balançou a cabeça, pesarosa.

— Eu sei que ela é sua amiga. As duas são. Mas...

— Tem morcegos perto do lago — murmurou Skye, olhando no espelho, tirando o cabelo da testa.

Deenie olhou para Skye, que sacudia as mãos para secá-las.

— Se fosse raiva, eles saberiam na mesma hora — retrucou a menina do grupo de Brooke que parecia mais sensata. — Não é difícil de descobrir.

Arrancando três toalhas de papel do suporte, Deenie secou as mãos com força, até ficarem vermelhas.

— Seria uma sorte se fosse raiva — comentou Skye, pondo as pulseiras de novo nos pulsos molhados. — Existe vacina para isso.

— Então o que você acha que é? — perguntou uma aluna do último ano, olhando para Skye, tentando encará-la de cima a baixo.

Mas Skye não era do tipo que se constrangia com isso.

Dando de ombros, a menina tirou um cigarro de algum lugar do meio das saias.

— Não sei — respondeu. — Só estou pensando no lago.

Deenie olhou para Skye.

A menina mais velha balançou a cabeça com desdém.

— Ninguém vai ao lago.

— Não. — Skye concordou com a cabeça. Seus olhos passaram pelo rosto de Deenie e seguiram em frente. — Ninguém vai.

* * *

Como depois de toda grande comoção em uma escola, houve uma janela de tempo em que os alunos puderam fazer qualquer coisa. Eli tirou vantagem disso, permanecendo em um canto no fundo do auditório enquanto os professores escoltavam os alunos remanescentes para fora.

Mas não demorou muito para Hawk, o diretor-assistente (o título já devia fazer parte do nome dele), segurar firme o ombro de Eli e o conduzir até a aula de ciências.

Ninguém estava prestando atenção ao pobre sr. Yates, que falava sobre extração de gás natural. Todos tinham visto o que acontecera com Gabby.

Uma menina, apavorada, anunciou que a mãe de Gabby chegara e que “a cicatriz da cara dela estava maior do que nunca!”

— Vamos tentar manter o foco no que estamos estudando — disse o sr. Yates, um pouco irritado.

— Sr. Yates, talvez seja culpa da perfuração! — exclamou Bailey Lu, batendo com a mão espalmada na mesa. — Minha mãe disse que isso está envenenando todos nós!

Colocando os fones de ouvido, Eli olhou pela janela, admirando o ringue de patinação, com o gelo fresco e brilhante.

Ficou imaginando se poderia ser uma daquelas supergripes. Ficou feliz por, no mês anterior, ele e Deenie terem tomado todas aquelas vacinas que deixam os braços inchados e doloridos. Ou talvez fosse uma coisa de meninas, um daqueles mistérios, tipo a forma como eram afetadas pela lua, ou algo parecido com aqueles vídeos que ele assistira na internet, mas que gostaria muito de não ter assistido.

Mas não importava o que era. A situação era ruim para a irmã, que amava Gabby ainda mais do que amava Lise. Deenie falava

muito, sempre aos sussurros, sobre a “coisa que aconteceu” com Gabby e sobre o pai viciado em cocaína, que gostava de aparecer na escola de vez em quando, implorando para ver a filha. *Talvez ele devesse ter pensado nisso antes de pegar naquele martelo*, pensava Eli.

A verdade era que não conhecia Gabby muito bem. Para ele, era apenas uma menina alta e pálida que todas as outras copiavam, imitando as roupas, as mechas coloridas que ela fazia e depois tingia de novo, a caixa do violoncelo que ela pintou de prata com tinta spray.

Lembrava-se de, no outono anterior, ter ficado surpreso quando ela começara a andar com Tyler Nagy, um jogador de hóquei da Estrela do Mar. Eli nunca gostara muito dele, que falava de um jeito estranho sobre as garotas histéricas que iam a todos os jogos e sempre mencionava a menina de quatorze anos que, segundo Tyler, havia pedido que ele lhe mostrasse uns truques com o taco.

A única vez que Eli passara tempo de verdade com Gabby foi quando Deenie entrou no ensino médio e levou a amiga para passar algumas semanas em casa. A mãe de Gabby estava passando por um “período difícil”, que tinha algo a ver com as muitas garrafas vazias de vinho na lixeira e com não conseguir sair da cama, mas ninguém lhe contou os detalhes. Foi logo depois de a mãe deles ir embora, e parecia que ter a amiga em casa também era bom para Deenie, que começara a passar horas sozinha no quarto, lendo.

Pelo que ele tinha visto, Gabby nunca dormia. Em mais de uma ocasião, vira a menina encolhida no sofá, vendo tevê no meio da noite. Horas e mais horas do mesmo programa, em que davam roupas novas e modernas para mulheres de meia-idade e tingiam o cabelo de todas com o mesmo tom de ruivo.

O pai dele comentou que não parava de encontrar papéis de chiclete, às dezenas, presos nas dobras da colcha do sofá.

Uma noite, não muito antes de Gabby ir embora, Eli a encontrou no porão, deitada na mesa de pingue-pongue, chorando.

Meninas — pelo menos as que ele conhecia, mas não sua irmã — pareciam estar sempre chorando.

Mas o choro de Gabby era diferente, parecia devastador e arrasado, e ele sentiu uma dor no peito ao ouvi-lo.

Enquanto batucava com os dedos na mesa de pingue-pongue até ela começar a vibrar, Eli tentou conversar com ela, fazê-la se sentir melhor. Mas o que funcionava com Deenie — contar sobre ferimentos graves de hóquei, estalar a omoplata, tentar cantar rap — não pareceu adequado para a ocasião.

Por fim, teve uma ideia. Decidiu arriscar. Tirou uma das raquetes de pingue-pongue de baixo da coxa esquerda de Gabby e pegou uma bolinha do chão.

— Vamos lá, pirralha — disse, apontando para a outra raquete. — Mostre o que sabe fazer.

O sorriso que se abriu no rosto dela — com uma velocidade meio torturante de tão lenta — o deixou meio espantado, mas também animado.

Os dois jogaram por quarenta e cinco minutos, batendo e rebatendo a bolinha oca até acordarem todos na casa.

* * *

Eu só estou pensando no lago.

Deenie não conseguia acreditar que Skye tinha dito aquilo. E na frente de todas aquelas garotas. Na frente de Brooke Campos, que só parava de falar quando estava escrevendo mensagens no celular, e muitas vezes nem por isso.

Quando tocou o último sinal, Deenie foi falar com Skye, perto do armário dela.

— Skye, por que você falou do lago naquela hora no banheiro?

— Como assim?

— O lago não tem nada a ver com o que aconteceu — sussurrou Deenie. — Então por que você falou aquilo?

Skye encarou Deenie e deu de ombros. Ela sempre fazia isso.

— Bem — começou ela, fechando a porta do armário —, acho que a gente não sabe dizer com certeza o que tem a ver com o que aconteceu.

* * *

Elas não podiam ir ao lago. Ninguém podia. Nos passeios da escola, com o grupo de escoteiras ou com o clube de ciências, só era permitido observá-lo por trás das cercas laranja.

O lago ficava verde-ácido durante toda a primavera e no fim do verão. Era um fenômeno chamado “floração”, e, no quinto ano, o professor apontou para a água iridescente e os alertou de que aquilo significava que o lago estava cheio de bactérias e outras espécies ocultas. Com um pedaço de pau, encostou em uma das algas enormes que vinham parar na margem. Certa vez, durante um projeto de conservação para o grupo de escotismo, as meninas encontraram um cachorro morto em uma das margens. O pelo néon, a boca aberta e a língua brilhante como um marca-texto.

Quando era pequena, Deenie acreditava nas histórias que ouvia nas festas de pijama sobre dois adolescentes que decidiram nadar nus e morreram afogados, ambos com as bocas cheias de lama. Os corpos na margem brilhavam e podiam ser vistos a quilômetros de distância. Também acreditava que nadar no lago provocava abortos ou prejudicava os ovários, deixando as meninas estéreis para o resto da vida. E a pior história de todas era que um menino morrera no lago e seus gritos ainda podiam ser ouvidos nas noites de verão.

Alguns anos antes, muito depois de o lago ter sido fechado, Eli disse ter visto uma menina nadando e saindo da água de biquíni, rindo para o namorado assustado, com algas enroscadas no corpo. O irmão dissera que ela parecia uma sereia. Deenie sempre imaginara a cena como em um daqueles livros de mitologia que

adorava quando era mais nova, uma menina emergindo da espuma toda coberta de pérolas e mariscos, iluminada pelo brilho do mar.

— É lindo — comentara sua mãe, uma vez, quando passavam pelo lago à noite, as águas leitosas e brilhantes. — É lindo. Mas deixa as pessoas doentes.

Para Deenie, aquelas águas eram uma das muitas coisas interessantes que os adultos diziam serem mortais: lírios-do-vale, águas-vivas, cobras corais multicoloridas. Não encoste, não ponha na boca, não chegue muito perto.

Mas então, na semana anterior.

Ir até o lago e entrar na água tinha sido ideia de Lise. Ela tinha ficado dentro d'água, acenando para as duas amigas, sem meia-calça, as pernas brancas como a lua.

* * *

Eram nove horas, e Tom não sabia como o dia tinha passado tão depressa, só se lembrava de correr de um lado para o outro mais uma vez.

Deenie estava debruçada no balcão da cozinha, jantando uma tigela de cereal.

Fora da casa, Eli usava o taco de treinamento para lançar e rebater uma bola de tênis na porta da garagem. Às vezes, era difícil se lembrar do filho sem o taco na mão. Mesmo quando via tevê, Eli mantinha o taco apoiado no joelho. A mania parecia ter começado em algum momento do início do ensino médio, quando as outras partes de Eli — o menino que gostava de acampar, de livros sobre naufrágios e expedições e de procurar por pontas de flecha no bosque Binnorie depois de uma chuva pesada — haviam desaparecido ou sido engolidas.

Seu celular tocou: Lara Bishop.

— Tom, obrigada pela mensagem.

— Imagina — respondeu ele. — Como está a Gabby?

— Estamos em casa. Queriam mantê-la internada durante a noite, mas ela parecia bem. E odeia muito aquele lugar. Então, estamos aqui.

— Que boa notícia. Muito boa.

Tom sentia Deenie, que apertava o próprio celular com força, olhando fixo para suas costas.

— Bem — continuou Lara, então fez uma pausa. — Acho que eu só queria que você soubesse. E, sabe, perguntar como estão as coisas. Ver o que você... sei lá.

— Entendo — respondeu Tom, mas não sabia ao certo o que ela estava sugerindo.

— Quer dizer, não sabemos o que é — continuou a mulher.

— Não — concordou ele, olhando para Deenie. — Mas eu não sei de nada. Você está falando da Lise?

Não ia dizer o que a contadora do hospital, Diane, lhe confidenciara.

— Ou se, talvez... O pai de Gabby não ligou para você, ligou?

— O Charlie? Não. Não.

— Eu estava com medo de ele ter ficado sabendo. Que a escola tivesse avisado, talvez. Não quero que Gabby tenha que lidar com ele neste momento.

— Claro que não.

Mas estava se perguntando se a escola não era obrigada a avisá-lo. Charlie ainda era o pai da menina.

— Obrigada. É só que... — A voz dela foi sumindo.

— E, se ele tivesse ligado — acrescentou Tom, embora sem saber bem por quê —, eu não teria dito nada.

— Obrigada, Tom. — Deu para ouvir o alívio na voz de Lara.

Tudo aquilo parecia estranhamente íntimo, de um jeito pais-partilhando-uma-crise. Um raio atingindo o campo onde o time infantil de beisebol treinava. O segurança do shopping concordando em não chamar a polícia. Aqueles momentos de alívio que os pais compartilham.

Depois que desligou, Tom ficou imaginando como se sentiria se fosse Charlie Bishop. Nunca, em hipótese alguma, faria o que Charlie fizera, mesmo que por acidente. Antes daquilo tudo, os dois tinham jogado no mesmo time em um jogo de beisebol e vibrado juntos. Depois foram jogar dardos e beberam tequila e cerveja.

Fora apenas algumas semanas antes do acidente, e Tom ficava enjoado só de pensar. No quanto gostara de Charlie. Em como Charlie lhe dera um tapinha nas costas e dissera que sabia muito bem como o casamento podia ser difícil.

* * *

No instante em que o celular tocou, Deenie disparou para o quarto.

— Gabby...

— Oi, amiga — cumprimentou Gabby.

— Você está bem? O que...

— Oi, amiga — repetiu ela.

— Oi, amiga — respondeu Deenie, diminuindo a velocidade com que falava, quase sorrindo. — O que disseram, lá no hospital?

Ela se recostou na cama, sentindo o apoio macio do travesseiro.

— Fizeram um monte de exames — contou Gabby. — E me pediram para contar até dez e dizer quem foram os dois últimos presidentes. Me deram um copo enorme de uma bebida que parecia uma mistura daqueles marshmallows de festa e banana. Foi como se tivessem jogado um saquinho daquilo no liquidificador com cascalho e leite velho.

— Que delícia.

Gabby deu uma risadinha.

— Então puseram uma máscara no meu rosto e me enfiaram dentro de uma coisa que parecia a pior cama de bronzamento artificial do mundo. Tudo fedia. Daí fizeram outra coisa, meio que colaram uns negocinhos na minha cabeça toda e me fizeram ficar

deitada por vinte minutos enquanto faziam eletricidade passar por todo meu corpo. — Ela riu. — Foi irado.

— Parece irado — concordou Deenie, forçando uma risada. — Então...

— Então...

— O que você tem? O que aconteceu com você?

— Eles não sabem — respondeu ela. — E inclusive me fizeram conversar com uma psiquiatra. Ela perguntou se eu estava passando por algum estresse. E disse à minha mãe que isso às vezes acontece. Tipo, que talvez eu estivesse tensa e meu corpo tenha simplesmente entrado em pane.

— Ah.

— Eu perguntei se “estresse” era algo tipo o seu pai abrir um buraco na cara da sua mãe.

Deenie sentiu um aperto no peito, mas Gabby estava rindo, cansada.

— Então eles não acham que seja igual ao caso da Lise?

— Eu só preciso relaxar — explicou Gabby, sem responder de verdade, com um tom estranho na voz. — Acho que eu devia acender umas velas de gerânio e tomar um banho de espuma, como os médicos costumavam orientar a minha mãe a fazer, quando ela não conseguia respirar no mercado ou no shopping.

Era interessante pensar nisso, nos fios tênues entre a preocupação na cabeça, o aperto no peito e o resto do corpo — o corpo todo e tudo nele.

No verão anterior, Lise perdera quinze quilos em menos de duas semanas depois de alguma coisa acontecer na piscina comunitária com um menino de que ela gostava. Lise achava que o menino gostava dela, e talvez gostasse mesmo, mas, de repente, não gostava mais.

Deenie, Lise e Gabby tinham passado horas intermináveis imaginando-o como namorado de Lise, e depois ainda mais horas odiando ele e a menina de biquíni minúsculo com quem o viram na lanchonete. Deenie tinha certeza de que ele seria um assunto

central do trio para sempre. Mas, naquele momento, não conseguia sequer se lembrar do nome do garoto.

Desde então, tinham especulado sobre muitos meninos. Meninos que gostavam delas e que não gostavam. Ou então de um menino de quem não gostavam até que ele passasse a gostar de outra.

Mas Lise dizia que o menino da piscina valia a pena. Passava os dedos pela própria barriga e chamava de dieta Mike Meister.

Mike Meister, esse era o nome dele. Sempre havia um menino novo. Ainda na semana anterior, no lago, Lise estava sussurrando sobre um menino no ouvido de Deenie. Como acreditar que alguma daquelas coisas era real?

Lise, sua cabeça, seu corpo e seu coração frívolo e intermitente eram como uma coisa única, sempre mudando.

Mas era diferente com Gabby. Deenie conhecia todos os ritmos e batidas do coração da amiga, acompanhara tudo o que acontecera entre o pai e a mãe dela, o fim conturbado do relacionamento. E não era assim que o estresse agia sobre o corpo dela. Tudo ficava dentro, o corpo de Gabby se dobrando sobre si mesmo.

— Bem — comentou Deenie —, você está em casa agora. E isso é bom.

— Acho que todo mundo deve estar falando sobre o que aconteceu — disse Gabby. — A escola inteira viu.

Deenie não respondeu. Estava pensando em Gabby naquele palco, na forma como o corpo dela se sacudiu, como uma marionete. De um jeito que um corpo nunca se mexe, não um corpo de verdade, de alguém que conhecemos.

— Deenie — chamou Gabby. — Diz alguma coisa.

— Qual foi a sensação? — indagou Deenie, sentindo o rosto mais quente no travesseiro.

Gabby hesitou. Então sua voz ficou bem baixa, como se estivesse bem ao lado da amiga.

— Tinha uma sombra. Dava para ver pelo canto do olho, mas não era para eu olhar para ela.

Deenie sentiu a mão ir até o próprio pescoço.

— Se eu virasse a cabeça para olhar — continuou Gabby —, alguma coisa muito assustadora aconteceria. Então, eu não podia olhar. Eu não ousei olhar.

Deenie se lembrou da cena. Aquele sorriso no rosto da amiga, depois de tudo, quando todos a cercaram em cima do palco. Como algo pintado em seu rosto. Uma curva de lua vermelha.

— Eu não olhei, Deenie — sussurrou Gabby. — Mas aconteceu mesmo assim.

Eu estou bem, dissera ela. Estou mesmo. Estou bem.

Aquele sorriso não era verdadeiro, estava lá para prometer alguma coisa, para contar uma mentira inofensiva.

* * *

Tom esperou até não conseguir mais ouvir o zumbido da voz da filha. Então bateu na porta.

— Oi, querida — disse, enfiando a cabeça para dentro do quarto.

— Oi — respondeu ela, sentada com as pernas cruzadas em cima da cama.

Como sempre, a cama parecia um ninho em construção, sempre com dois ou três livros enfiados no meio das cobertas. Deenie nunca caía no sono sem um livro ou o telefone nas mãos. Provavelmente os dois. Quando Georgia a obrigava a arrumar o quarto, Deenie sacudia a roupa de cama bem alto, despejando todos os livros, folhetos e panfletos no carpete.

— Disseram para ela que devia ser estresse — comentou Deenie. — Como você sugeriu.

Tom foi na direção da filha e prendeu o pé na blusa da Pizza House, enroscada na colcha perto do chão.

— Bem — disse ele, recolhendo a blusa sempre úmida e respingada de farinha —, quando coisas assim acontecem, podem derrubar de vez o corpo da gente.

— Acho que sim — respondeu Deenie, observando-o atentamente.

Tom ficou se perguntando se era errado recolher as coisas dela. Colocou a blusa em cima da cama com delicadeza.

— E você? — perguntou. — O que acha?

— Eu não sei — respondeu a menina. — Isso não parece muito coisa da Gabby.

— Eu sei, Deenie. Mas precisamos esperar para ver.

Tom se sentou ao pé da cama. A filha parecia na expectativa, como se esperasse que ele fizesse alguma coisa, mas ele não fazia ideia do quê. Já vira aquela expressão centenas de vezes, nela e na mãe dela.

Então, assentindo, a menina procurou os fones de ouvido, e Tom pôde senti-la recuando, o rosto tornando-se nebuloso e inescrutável.

— Pai — começou, colocando os fones —, talvez eu não devesse ir trabalhar no sábado. Com tudo o que está acontecendo.

Tom olhou para ela.

— Acho que talvez eu só queira ficar em casa.

Ele não sabia o que responder, os olhos dela estavam maiores e mais desconcertantes do que nunca, então concordou.

* * *

No instante em que o pai saiu do quarto, Deenie quis saltar e atirar a blusa no cesto de roupa suja. Não sabia por que ainda não fizera isso.

Mas não queria tocar nela, não queria olhar para ela.

A blusa a fazia se lembrar do carro e de Sean Lurie, o tecido preso embaixo dela no assento.

E a fazia se lembrar de todas as outras coisas sobre as quais não queria pensar.

O rosto de Lise. O lago. Tudo.

Já tinha muita coisa acontecendo sem precisar pensar naquilo tudo.

9

QUINTA

Pouco depois das seis da manhã, Eli entrou na garagem escura e pendurou a mochila no guidom da bicicleta.

Enquanto esperava o portão eletrônico se abrir, ele notou alguma coisa se movendo do lado de fora, na entrada para carros.

Por um breve instante, achou que pudesse ser um cervo, como o que às vezes via na estrada, à noite, quando andava longe da cidade, para os lados do bosque Binnorie.

Então ouviu uma voz, aguda e trêmula, e soube que era uma garota.

Ele se abaixou para espiar pela fresta do portão que ainda se erguia.

Só conseguiu ver um casaco azul-claro com capuz de pele e uma franja loura, quase branca, sob a luz da varanda.

— Quem está aí? — perguntou Eli, estreitando os olhos para a entrada de carros enevoadada.

Com um puxão, a garota afastou o capuz da cabeça.

Só que não era uma garota. Era a mãe de Lise Daniels, iluminada pelo refletor do jardim do vizinho.

— Eli? — chamou a mulher, cobrindo os olhos com a mão. — É você, Eli?

— Sim, sou eu.

Já vira a mulher dezenas de vezes, quando ela ia buscar Lise em casa ou em eventos da escola, sempre apertando o rabo de cavalo da filha, sempre perguntando pela menina, pedindo para ela ligar, para se apressar, para ser pontual, para se cuidar, para prestar atenção. Mas Eli não se lembrava de a mulher ter se dirigido a ele uma única vez durante toda a sua vida. Ele sabia que nunca havia dirigido a palavra a ela.

— Eli — começou a mãe de Lise, elevando a voz —, diga ao seu pai que sinto muito por não ter retornado as ligações.

O cabelo dela formava uma auréola ao redor da cabeça, os lábios pareciam ondas rosadas. A parte mais estranha de olhar para mães era conseguir ver os rostos das filhas presos em seus traços. O corpo da sra. Daniels era maior, os ombros e as bochechas mais arredondados, mas, em algum lugar ali dentro, a beleza delicada de Lise transparecia um pouco.

— Pode deixar. Sra. Daniels, está tudo bem? — perguntou. A mulher se aproximou dele, saindo do fecho de luz intensa do refletor. — Aconteceu alguma coisa no hospital?

Por um instante, teve uma visão de Lise rodopiando com a meia-calça turquesa, a saia ondulando enquanto subia a escada da escola.

— Eu não deveria falar a respeito — contou a mulher. — Fui aconselhada a não falar com ninguém relacionado à escola, e o seu pai trabalha lá.

Eli ficou se perguntando havia quanto tempo a sra. Daniels estava parada ali fora. Ficou imaginando a mulher observando as janelas do segundo andar, esperando uma luz se acender. Certa vez, quando jogava na liga infantil, Eli vira uma menina fazendo exatamente isso, depois de um dos jogos. Era do primeiro ano e estava em cima de uma bicicleta, girando um dos pedais com o tênis, olhando fixo para a janela do quarto dele. Até então, não achava que meninas fizessem esse tipo de coisa. Quando acenou para ela, a menina se ajeitou na bicicleta e saiu pedalando.

— Ah, Eli — disse a sra. Daniels, balançando a cabeça com força, o capuz balançando junto. — Você vai ouvir várias coisas. Mas eu sei

a verdade.

— Talvez seja melhor entrar — sugeriu Eli, as rodas da bicicleta se afastando da mulher como se tivessem vida própria. — Posso acordar meu pai. Aposto que ele quer conversar com a senhora.

Mas a sra. Daniels balançou a cabeça com mais força, sacudindo a nuvem de cabelo claríssimo.

— Não há tempo para isso. Mas preciso que você dê um recado importante a ele. Você sabe que sempre considereei Deenie uma filha.

A mulher se aproximava mais e mais, como que para garantir que não fizessem barulho, embora falasse quase aos berros.

— O que isso tem a ver com a Deenie?

— Ah, Eli! — exclamou ela, quase arfando. — Tem a ver com todas elas. Todas. Você não vê? O problema só começou.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, antes que a mulher pudesse se aproximar mais, Eli ouviu a porta da garagem se abrir atrás dele.

— Eli, com quem você...

— Pai! — exclamou ele, aliviado, acenando para que Tom se aproximasse. — A mãe da Lise está aqui.

— Minha Lise... — disse a mulher, sem sequer reconhecer a presença de Tom, os olhos úmidos fixos em Eli. — Está tudo acabado para ela. Agora, só nos resta ter esperança. Mas não é tarde demais para as outras.

Esticando o braço de repente, a sra. Daniels o agarrou com a mão vermelha.

— E se não conseguirmos impedir?

— Sheila — chamou Tom, aproximando-se da mulher. — Aconteceu alguma coisa?

Tom estendeu a mão com delicadeza para tocá-la no ombro, mas o movimento a assustou. A sra. Daniels tropeçou, caindo em cima de Eli.

O rapaz tentou ajudá-la a se equilibrar, sentindo o rosto gelado apertado contra seu ombro e o cheiro almiscarado que ela exalava.

— Sheila — disse seu pai, com a voz mais firme.

— Ah, Tom! — exclamou a mulher, dando meia-volta. — Preciso falar com você sobre Deenie.

— O que tem a Deenie?

Eli pensou ter ouvido um pouco de hesitação na voz do pai.

— Eles querem nos fazer acreditar que estão ajudando nossas meninas. Eles estão matando nossas meninas. É uma espécie de assassinato. Um assassinato negligente.

— Sheila, por que você não entra? — sugeriu o pai de Eli, naquele tom de voz tranquilizador que costumava deixar sua mãe louca. — Vamos nos sentar e...

— Não posso fazer isso, Tom — retrucou a mulher, a voz se transformando em um gemido. — Nossas meninas! Lembro-me de quando levei Lise e Deenie para comprar os primeiros sutiãs. Lembro-me de ensinar a elas como ajustar as alças. Aquelas fitinhas cor-de-rosa.

— Sheila, eu...

— Quem poderia imaginar que em alguns anos nós as envenenaríamos?

Seu pai estava dizendo alguma coisa, mas Eli não deu ouvidos, não conseguia parar de olhar para a mulher, a boca parecendo um talho aberto no rosto.

Como se sentisse seu olhar, a sra. Daniels se virou para Eli outra vez.

— Ah, as coisas que fazemos com nossas meninas. E tudo por sua causa.

Eli sentiu as mãos que agarravam o guidom da bicicleta ficarem úmidas.

— Por minha causa?

Algo parecia se transformar no rosto da mulher, como se uma espécie de máscara de Halloween tivesse surgido.

— Os perigos que nossas meninas sofrem nas suas mãos — insistiu a sra. Daniels. — Nós sabemos deles, fazemos qualquer coisa para protegê-las. Para imunizá-las. *Qualquer coisa.*

— Sheila, você conseguiu dormir esta noite? — Tom passou o braço por cima do ombro do filho e o encarou. — Vamos tomar um café e...

A mulher balançou a cabeça, os olhos vermelhos, arregalados e focados em Eli.

— Ninguém fez *você* injetar veneno — comentou, aumentando o tom de voz.

Então apontou o dedo para Eli, para logo abaixo de sua cintura.

— Todos vocês — continuou, olhando agora para Tom. — Espalhando seu sêmen onde bem entendem. Este é o veneno. Seu sêmen é o veneno.

— Sheila, Sheila...

— Não venha dizer que eu não fiz tudo o que podia. — A mulher se virou e começou a se afastar. — Espero que não seja tarde demais.

* * *

Foi uma noite de sono confuso e agitado. Deenie acordou com a vaga lembrança de sonhar que estava na Pizza House, parada em frente à máquina de fazer massa, que rangia. Sean Lurie saiu lentamente de trás dos fornos, encarando-a com a cabeça inclinada, o sorriso torto.

O que foi?, perguntou. *O que foi?*

Você, respondeu ele, parado diante do forno quente.

E ela se afastou da máquina de repente, a massa aerada passando por suas mãos, macia como um peito de ave.

A massa caiu no chão branco, espalhando farinha ao redor.

As mãos escorregadias por causa do óleo, e Sean olhando para elas. Para as mãos dela.

Então ela olhou para as próprias mãos e viu que não estavam sujas de óleo, e sim de limo verde, um verde reluzente, as luzes piscando.

*

Deenie estava parada diante do balcão da cozinha, o celular na mão.

Minha mãe não quer q eu vá pra escola hj. Foi mal, D., dizia a mensagem de texto de Gabby.

Depois de tudo o que acontecera com Gabby, a menina ainda estava preocupada por Deenie ter que passar o dia sem ela. Porque era com esse tipo de coisa que as duas lidavam juntas — escola, divórcios, pais distantes querendo coisas. Garotos.

A porta lateral bateu, e seu pai entrou na cozinha, enfiando o jornal na bolsa em que levava livros.

Alguma coisa no ar matinal entrando pela porta a fez se lembrar.

— Pai — chamou —, você ouviu alguma coisa mais cedo? Um barulho?

Lembrava-se vagamente de ter olhado pela janela, achando que veria uma coruja piando.

O pai se virou para a cafeteira.

— A sra. Daniels passou por aqui hoje de manhã — explicou. — Ela não pôde ficar por muito tempo, mas a Lise está bem. Nenhuma mudança no estado dela, mas nada aconteceu.

— Por que você não me acordou?

— Não deu tempo — respondeu o pai, levando a xícara até a boca. — Ela não podia ficar. Precisava voltar.

— Mas podemos visitar a Lise no hospital, então?

— Não — respondeu ele, mais do que depressa.

Deenie olhou para o pai, analisando a forma como ele segurava a xícara à frente da boca, ao falar.

— Quer dizer — acrescentou —, vamos ver.

*

Lá fora estava muito frio. O céu estava branco.

Eli foi de carro com eles até a escola, o que nunca acontecia.

Irem juntos para a escola a fez se lembrar de uma época muito distante, quando os dois brigavam no banco de trás até o pai precisar parar o carro e fazer um deles se sentar no banco da frente.

Uma onda de nostalgia invadiu Deenie, fazendo-a sentir falta até mesmo das vezes em que Eli a chutara e abrira buracos em suas meias-calças com os patins.

— Eli Nash faltando ao treino. Aposto que isso partiu o coração do treinador Haller — comentou Deenie, olhando para o irmão no banco de trás, com as pernas abertas e o cabo do taco cheio de talco, como o de Wayne Gretzky. Mas o irmão não devolveu o olhar.

Ela tentou mais uma vez.

— Aposto que nem treinaram sem você. Aposto que tiraram os capacetes em sua homenagem. Aposto que penduraram fitinhas pretas no ringue e choraram.

— Eu perdi a hora — explicou Eli, olhando pela janela.

Não parecia incomodado. Sequer parecia ouvir o que ela dizia.

Deenie ficou um instante esperando alguma reação, então se virou para a frente outra vez. O céu tinha um aspecto muito solitário.

O carro fez uma curva, e lá estava o lago.

— Deenie — começou o pai, tão de repente que ela se assustou.
— A Lise e a Gabby não estiveram no lago recentemente, estiveram?

* * *

Tom se arrependeu no instante em que falou, e ficou mil vezes mais arrependido ao notar o corpo da filha ficar tenso.

Cansado por causa da péssima noite de sono, ele não sabia se estava pensando direito. Não conseguira ver sentido em todas as loucuras que Sheila falara, mas podia imaginar. Tinha algo a ver com vacinas, um advogado predador e a torrente de informações na internet. A mulher precisava desesperadamente de uma explicação, e Tom não podia culpá-la por isso.

Mas, enquanto dirigia, não conseguiu se livrar da sensação de que alguma coisa estava errada.

Então pousou os olhos no lago, as águas de uma fosforescência impossível, mesmo naquele frio, ainda meio congeladas, as algas abaixo parecendo uma promessa furtiva. Lembrou-se de Georgia naquela noite, a boca tingida de preto, anos atrás. Ela havia falado que sonhara ter enfiado os dedos na garganta e, bem no fundo, sentido algo parecido com o fundo macio do lago, coberto de musgo, molhado, maculado.

Na opinião de Tom, a ex-esposa nunca mais fora a mesma depois daquilo. Mas ele sabia que isso não era verdade. Georgia já não era a mesma antes do incidente. Ninguém nunca era o mesmo, exceto ele.

Então, ainda meio confuso, viu-se fazendo a Deenie aquela pergunta ridícula sobre o lago, não muito melhor do que as especulações de Sheila.

Notou que o corpo da filha se enrijeceu.

— Não temos permissão de ir ao lago — respondeu a menina, o que não era bem uma resposta. — Por que você está me perguntando isso?

— Por nada — retrucou Tom. — Acho que só estou me preparando para os boatos do dia.

— Às vezes o pessoal vai ao lago mesmo assim — comentou Eli, do banco de trás. — Eu já vi.

Deenie se virou para encarar o irmão.

— Tipo você, né? Você e eu.

— O quê?

— A gente costumava entrar no lago. Vivia nadando nele, lembra?

— É verdade — concordou Tom. — A gente sempre levava vocês dois.

Quando os filhos eram pequenos, muito antes do menino se afogar, Tom se lembrava de enfiar a ponta de uma toalha no ouvido de Eli, torcendo para que a secreção branca e leitosa escorrendo

pelo pescoço do filho não fosse mais uma infecção. Por que os deixara entrar no lago, mesmo naquela época?

Podia ouvir Eli virando o taco para a esquerda e a direita.

— Mas alguma coisa aconteceu com a água — disse ele. — Nem parece o mesmo lago. E cheira que nem o par de patins mais nojento do vestiário.

— Tipo o seu? — perguntou Deenie, como se os dois tivessem dez e doze anos de novo. Só que havia uma aspereza na voz dos dois de que Tom não estava gostando.

E o queixo de Deenie estava tremendo.

Tom conseguia vê-lo tremendo.

Percebeu que observava aquilo com atenção exagerada, até a filha notar e encará-lo de volta, paralisando a expressão.

— Pai! — exclamou. — Você passou da entrada. Era lá atrás.

Você é uma pessoa descuidada, dissera Georgia a ele, certo dia. Tom nem sequer lembrava por quê. Não se lembrava de nada. A mulher sempre saía da água para dizer coisas, com a boca preta.

* * *

Lah no hospital perguntaram do lago?

Deenie mandou a mensagem de texto para Gabby. Estava parada diante da janela do banheiro do segundo andar, o lugar com melhor sinal de celular na escola. Mas, mesmo assim, a mensagem não foi.

Já fazia uma semana. Deenie, Gabby, Lise e Skye estavam no Dodge da mãe de Lise, com o aquecedor barulhento e o cheiro permanente de creme para as mãos. Lise dizia que o volante estava sempre grudento por causa do creme.

Enquanto circulavam ao redor do lago, Skye contou que, na semana anterior, vira dois garotos na água. A primavera já começava a dar as caras, e a música saía dos alto-falantes das portas abertas de um carro. Um deles tinha uma tatuagem que começava no peito e desaparecia jeans adentro.

— Quem sabe eles não estão lá agora? — comentara Lise, inclinando-se para a frente, ansiosa, dando risada. Era louca por meninos.

Todas sabiam que eles não estariam, e não estavam mesmo. Apenas o lago estendia-se diante delas, a superfície coberta por um verde brilhante.

Logo, todas estavam dentro da água. Primeiro apenas até o tornozelo, depois um pouco mais, as meias-calças emboladas na margem.

Lise puxou a saia bem para cima e entrou ainda mais, as pernas compridas e tão magrinhas que as coxas não encostavam uma na outra, como as de uma modelo.

Não havia como desviar os olhos.

Ela tinha uma marca em forma de meia lua na parte interna da coxa, algo que Deenie nunca vira. Mais tarde, Lise contou que a marca aparecera quando ela perdeu peso. Uma estria que não queria ir embora.

Gabby e Skye saíram do lago, as canelas grudentas por causa da água, grossa como sopa de ervilha.

Sem Gabby, tudo ficava menos interessante, mas era mais fácil. Era como antes. Como nos tempos em que eram apenas Deenie e Lise. E Deenie se deixou levar pela doçura da voz de Lise e por sua tranquilidade, pela água muito agradável e pelas histórias da amiga.

Agora, ao se lembrar daquele dia, parada diante do espelho do banheiro, Deenie examinou o próprio rosto.

Será que a água provocara alguma coisa? *Será que teve algum efeito negativo em mim?*, ela se perguntou. *Será que pareço diferente?*

Então se lembrou de ter se perguntado a mesma coisa dois dias antes. Como saber, se as coisas não param de acontecer, provavelmente deixando marcas de formas que não conseguimos enxergar?

*

Foi até o armário e o abriu, depois ficou parada diante dele.

Achava que iria explodir se fosse obrigada a assistir ao primeiro tempo.

— K.C. — chamou, notando o conhecido brilho de aparelhos ortodônticos no espelho da porta do armário. — Está de carro?

Kim Court se aproximou, sorrindo e assentindo. E sacudiu as chaves.

*

Gabby morava a quinze quilômetros da escola, em um chalé com telhado triangular que ia até o chão em meio ao bosque Binnorie. O ônibus não passava por lá, e era sempre difícil encontrar a casa. O pai de Deenie a buscara lá inúmeras vezes, mas volta e meia ainda se perdia e precisava ligar para a mãe de Gabby, que ria baixinho e dava as mesmas orientações de sempre. *Não, é para virar à direita na caixa de correspondência amarela.*

A menina dizia que morar lá fazia a mãe dela se sentir mais segura e protegida, como em um ninho no topo de uma árvore. Mas, sempre que estava na casa, com a madeira rangendo e as janelas enormes, Deenie não conseguia imaginar onde poderia se sentir mais exposta.

— Eu sempre quis conhecer o lugar — sussurrou Kim, inclinándose por cima do volante, analisando o telhado, com as beiradas cobertas de hera. — Parece uma casa de boneca.

As duas ficaram paradas na varanda, saltitando para se manterem aquecidas. Kim usava tênis coloridos e brilhantes, como os que Gabby usara durante todo o ano anterior.

Pareceu levar muito tempo. O gato de Gabby, Larue, ficou olhando as duas da janela, desconfiado.

Finalmente, Deenie viu uma cortina se mexer, e a porta se abriu.

— Oi. — Era Skye, enrolada em um de seus casacos de pescador com um rasgão no cotovelo. — O que está rolando?

— Oi — cumprimentou Deenie, entrando na casa. Não queria demonstrar a decepção que sentiu por Skye estar ali de novo.

Em algum momento, teria que se acostumar com aquilo. Com aquela nova aliança.

Afinal, ninguém podia ser tudo para alguém.

Do outro lado da sala de estar, Gabby estava enroscada na poltrona. Larue saltou do parapeito da janela e se aconchegou no colo dela.

Os olhos de Kim analisavam todos os cantos — a espiral de livros empilhados em um canto, com *Fechando o círculo* — *AGORA!* no topo; o teto de madeira, escuro o bastante para abrigar morcegos.

Gabby e a mãe moravam ali havia dois anos, mas a casa ainda parecia temporária, com móveis adequados a uma casa diferente, mais modernos e elegantes, dispostos sob o pesado ventilador de teto de madeira, com vidros manchados e opacos.

— Cadê a sua mãe? — perguntou Deenie.

— Dormindo — respondeu Gabby, coçando a cabeça. — Olha só como minha cabeça está um nojo. Não consigo tirar a cola.

— Cola? — perguntou Kim, aproveitando a desculpa para se inclinar mais para perto de Gabby.

— Do eletroencefalograma — explicou a menina, quando Kim se inclinou sobre ela, espiando por entre os longos cachos.

— Isso fede — comentou a bisbilhoteira.

— É tóxico — observou Skye, olhando pela janela atrás do sofá. — É por isso que fede.

Kim se afastou da cabeça de Gabby, remexendo os dedos como se quase tivesse encostado em uma aranha.

— Gabby, mandei várias mensagens de texto para você — comentou Deenie.

A menina se virou para ela.

— Minha mãe me obrigou a desligar o celular — explicou. — E o computador. Por causa das fotos e tudo o mais.

— Entendi — respondeu Deenie. Torcia para que Gabby não tivesse visto o vídeo dela no palco. Ouvira dizer que tinha sido colocado no YouTube sob o título “Menina possuída toca violoncelo”.

— E a sra. Daniels não parava de me ligar.

— A sra. Daniels? — Deenie ficou se perguntando se ela também tinha passado no chalé. — Por quê?

— Não sei — respondeu Gabby. — Ela quer que a gente vá falar com o advogado dela e com um médico especial.

— Então ela acha que é a mesma coisa? Que o que aconteceu com a Lise é o mesmo que aconteceu com você?

— Acho que sim. — Gabby deu de ombros. — Minha mãe disse que é melhor a gente não se envolver.

— Sheila Daniels está com uma aura ruim — comentou Skye. — Dá para sentir de longe. Talvez ela não queira a verdade. Ela só quer uma resposta.

— O que você sabe dela? — inquiriu Deenie. — Você já viu a sra. Daniels alguma vez?

— Não, nunca — concordou Skye, indo até o sofá. — Mas talvez ela só não seja uma boa pessoa para ficar por perto agora. Está passando por um período de muita dor.

— Conte a elas sobre aquela garota — pediu Gabby. — Skye estava me contando uma história assustadora.

Deenie e Kim olharam para Skye.

— Ah, foi só uma coisa que eu li na internet — explicou a menina. — Sobre uma menina de onze anos que ficou megadoente há um tempão. Os olhos ficaram fundos, e ela ficou girando no chão. O corpo dela começou a fazer umas coisas meio doidas, como se jogar para trás sozinho. Então os pais dela chamaram um médico. Quando o médico chegou, a menina abriu a boca e começou a tirar lixo de dentro.

— Lixo? Que nojo! — comentou Kim.

— Não o lixo que a gente joga fora em casa — retrucou Skye. — Palha, cascalho, penas de galinha, cascas de ovo, folhas de pinheiro, ossos de animais pequenos.

Kim levou os dedos aos lábios, os olhos arregalados.

— Ela estava comendo animais?

— Não — respondeu Skye, balançando a cabeça. — E não estava vomitando, não podia ter saído do estômago, porque as coisas saíam secas. O médico conseguia soprar as penas que tinha pegado.

Kim soltou um guincho.

— Bem, a internet nunca mente — comentou Deenie.

Então Skye abriu o site em seu celular e mostrou a foto de uma menina com grandes olhos apavorados e a boca aberta. Na verdade, não dava para ver muita coisa, mas a boca da garota parecia gigantesca, como um buraco no meio do rosto.

Gabby pegou o aparelho da mão de Skye e examinou bem a foto. Larue deu voltinhas no colo dela, balançando o rabo.

— Quando o médico pôs uma pinça na garganta da menina — acrescentou Skye —, ela cuspiu uma brasa do tamanho de uma castanha. Estava tão quente que queimou a mão do cara.

Tirando o telefone da mão de Gabby, Skye mostrou a elas uma foto de um médico com ar sério, a mão estendida e uma cicatriz na forma de uma foice no meio da palma.

— O que é uma brasa? — perguntou Kim, mordendo o lábio inferior. — É tipo uma pedra?

— Esse tipo de informação ajuda muito — interveio Deenie. Não era possível que Gabby quisesse que Skye estivesse ali. A menina só estava piorando a situação. Ainda mais do que as fotos na internet.

— Obrigada, Skye.

— E daí, o que aconteceu? — perguntou Gabby, o rabo de Larue fazendo cócegas em seu pescoço.

Skye deu de ombros.

— Eu não li tudo. Talvez tenham queimado uma porção de gente na praça da cidade. É o que costumam fazer.

— Não — retrucou Gabby. — Estou falando da menina. O que aconteceu com ela?

— Ah. Não sei. Não diz.

Deenie sentou-se ao lado de Gabby, na poltrona.

— A sra. Daniels foi lá em casa hoje de manhã — comentou.

Gabby olhou para ela.

— Para quê?

— Não sei — respondeu Deenie, só agora percebendo que não sabia.

Todas fizeram silêncio por um instante. Skye estava ajoelhada no sofá, olhando pela janela. Larue saltou do colo de Gabby, se enfiou entre as canelas de Skye e começou a arranhar os saltos das botas.

— Gabby, você vai ao médico hoje? — perguntou Kim.

— Estamos esperando para ver — respondeu Gabby, levando a mão ao couro cabeludo outra vez. — Esperando mais resultados, ou coisa do tipo. Não consigo imaginar o que mais eles poderiam fazer. Ou perguntar. “Você visitou algum país estrangeiro recentemente? Foi acampar? Tem chances de estar grávida?”

Ouviram uma batida em algum lugar na casa.

— É minha mãe — disse Gabby, levantando-se de um salto. — Acho que ela não vai gostar de ver vocês aqui.

Como Skye não se mexeu, Deenie também não fez menção de sair. Não tivera chance de conversar com Gabby e precisava fazer isso antes de ser tarde demais.

— Gabby — disse, de repente —, eles perguntaram alguma coisa sobre o lago?

— O lago? — Kim olhou para Deenie, curiosa. — O que tem o lago?

Deenie ficou observando a parte de trás da cabeça de Skye, que não se mexeu.

— Estivemos lá na semana passada — comentou Skye. — Não é disso que você está falando, Deenie?

Então alguma coisa aconteceu.

O queixo de Gabby se deslocou depressa para a esquerda, depois de novo e de novo.

Agarrada ao braço da poltrona, a menina apertou o rosto na almofada atrás dela, tentando impedir o movimento.

Kim observou tudo, cobrindo a boca com a mão enquanto o maxilar de Gabby batia na almofada sem parar.

Todas ficaram olhando.

— Não conte para a minha mãe! — gritou Gabby, o queixo se mexendo loucamente. — Deenie, não conte!

* * *

Sentado no estacionamento, Tom abriu o jornal em cima do volante e leu a matéria. Preferira não ler na frente de Deenie e não queria ser visto lendo dentro da escola.

Doença misteriosa atinge melhores amigas no ensino médio

A manchete era acompanhada de uma foto cortada de Lise e Gabby. Na versão original — amassada e respingada de leite, presa à porta da geladeira de Tom no outono anterior —, Deenie estava do outro lado de Gabby. No jornal, apenas a mão de Deenie aparecia no ombro da amiga, como a mão de um fantasma. As meninas, felizes e bronzeadas durante um passeio ao parque aquático. Lise espremida em um top estampado com a bandeira norte-americana que, não importava como ela ajeitasse, sempre parecia acabar com uma das maiores estrelas no meio de um seio, como um alvo.

Ele havia levado as meninas ao parque, com Eli como companhia, ambos fingindo não ouvir o frenesi no banco de trás, onde as meninas tagarelaram durante todos os oitenta minutos do trajeto em uma linguagem própria e ininteligível. No caminho de volta, um torpor tomou conta das três, com os corpos cheios de cloro e dormentes de cansaço, e ele e Eli puderam admirar o crepúsculo invadir o horizonte através do para-brisa sem trocar uma palavra sequer.

... Lise Daniels, dezesseis anos, permanece inconsciente no Hospital St. Ann. Os médicos não confirmam que haja relação entre sua condição e a da melhor amiga e colega de orquestra Gabrielle Bishop, também de dezesseis anos. Bishop foi submetida a um eletroencefalograma, entre outros exames. Uma fonte não identificada revelou que os resultados estavam "dentro da normalidade", sugerindo que não houve convulsão.

Na metade da página havia outra foto. Um panfleto cor de lavanda que ele reconheceu:

HPV E SUA FILHA: VACINE HOJE, PROTEJA PARA SEMPRE

Ah, não, pensou. Ali estava. Era disso que Sheila estava falando naquela manhã. Junto com a foto, vinha o subtítulo:

A dor de uma mãe suscita sérias questões

... representantes da escola e do hospital não se pronunciaram. "Não é nosso papel fazer especulações", observou o superintendente do hospital, em um e-mail. "Nosso trabalho é chegar ao fundo da questão e garantir que as meninas recebam o melhor tratamento possível."

A posição parece não satisfazer Sheila Daniels, quarenta e três anos, mãe da primeira menina afetada. Ela ainda está à espera de respostas, especialmente sobre a nova vacinação controversa que tem provocado indignação de pais em todo o país.

Havia uma citação do pai de Mindy Parker, o advogado Drew Parker, que agora falava em nome de Sheila Daniels.

"A situação agora está além da tragédia pessoal de uma mãe, há uma potencial crise na saúde", declarou. "Não podemos contar com o departamento de saúde pública como única fonte de informação. Afinal, foi ele quem promoveu a vacinação."

Embora agentes do departamento de saúde não tenham retornado as ligações a tempo do fechamento da reportagem, uma fonte extraoficial declarou que a vacina em questão é "muito segura. Tão segura quando essas vacinas podem ser".

Tom olhou outra vez para o panfleto reproduzido no jornal. *Proteja para sempre*. Viera junto da carta enviada a todos os pais do

sistema escolar no verão anterior.

Pais de todas as meninas a partir do sexto ano precisam enviar comprovante de vacinação ou aviso de opção por não vacinar, mas todos são fortemente encorajados a vacinar suas filhas. Principal causa do câncer de colo do útero, o HPV é facilmente transmissível por contato de pele durante atividades sexuais. As vacinas contra o HPV são mais eficazes se administradas antes da estreia na vida sexual. Para sua conveniência, o departamento de saúde realizará vacinações dentro da escola nas seguintes datas...

Então ela fora vacinada, assim como todas as meninas do seu ano. Três doses ao longo de seis meses. O departamento de saúde enviava mensagens de texto, lembrando as datas. A dose final fora aplicada havia poucas semanas.

Tom ficara feliz com a vacina, embora tenha tentado não pensar muito a respeito. Sabia que a filha um dia teria vida sexual. Sabia que a qualquer momento ela teria um namorado, então seria inevitável. Essa não era a parte que o incomodava. O problema eram os perigos lá fora. Infecções, câncer, estragos ao gracioso corpinho de sua doce menininha. Um corpo com que ela tomava tanto cuidado, que era tão querido. Mesmo quando a abraçava, Tom sentia como ela era pequena e delicada.

Deenie gostava de mergulhar e jogava futebol e, nas aulas de educação física ou nas partidas de futebol americano com o irmão e o pai, era sempre ousada e destemida. Joelhos ralados, cotovelos arranhados, *eu posso jogar também*. Mas Tom às vezes ficava se perguntando se a filha não agia assim por necessidade. Uma menina morando com dois homens, uma menina que talvez preferisse ficar no quarto com Gabby, Lise, ou os livros, aquela interminável pilha de romances com garotas de corpos lânguidos nas capas. Garotas em banheiras, em bosques escuros. Garotas embaixo d'água.

E, quando a tocava, não conseguia deixar de pensar: o que vai acontecer quando algum dia alguém tocar nela e não compreender essas coisas? Que ela é ao mesmo tempo destemida e frágil, que

pode ser muito ferida, que pode se machucar de formas que ele não seria capaz de consertar.

E agora, com Lise e Gabby, estava mais feliz do que nunca por ter feito o que podia para cuidar da filha. Quaisquer que fossem as teorias loucas de Sheila Daniels, as vacinas não eram as culpadas.

Vacinas, como todas as descobertas científicas, não agem de acordo com nossa intuição. Precisamos injetar em nosso corpo justamente a coisa de que estamos tentando nos proteger. Para que ele se lembre de como o vírus é e saiba combatê-lo.

Precisamos fazer o possível para proteger os corpos de nossas meninas. E às vezes isso significa expô-los exatamente àquilo de que queremos protegê-las. Que é a coisa mais injusta do mundo.

* * *

— Ah, meu Deus, Deenie, você *viu*? — perguntou Kim, abrindo um saquinho de balas de gelatina que deixava guardado em um lugar mais quentinho embaixo do buraco de ventilação do carro. — Você viu o rosto dela? Aquele som?

Ansiedade, insistira Gabby, dando uma risada meio torta. *Estresse*.

E agora, voltando para a escola, Deenie desejou que não tivesse ido à casa da amiga, para começo de conversa. Ia chegar bem na hora do terceiro tempo e nem conseguira conversar com Gabby a sós. Desejava não ter mencionado o lago.

— E por que ela não quer que a mãe saiba? — perguntou Kim, os dentes fazendo barulho ao rasgar a bala verde grudada no aparelho.

— Não sei — respondeu Deenie. — Vire à esquerda.

— Pega aqui — disse Kim, entregando o celular a Deenie. — Coloca uma música aí. Não consigo pensar e dirigir.

Deenie foi passando as músicas da playlist com o polegar sem prestar atenção.

— Sabe — começou Kim, lendo a mente de Deenie —, aquela água do lago está em todos os lugares. Não só no lago. Percebe?

— Isso é uma metáfora?

— Você bebe água dos bebedouros da escola? — perguntou a menina. — É a mesma coisa. E lembra aquele dia na aula de educação física, quando jogamos futebol no campo e ficamos com aquela coisa laranja nas chuteiras?

Deenie analisou sua impressão digital na tela do celular de Kim e largou o aparelho no painel do carro.

— Não — respondeu. — Eu não estava lá.

Seu celular começou a vibrar entre as coxas. Era mais uma mensagem de texto de um número que não reconhecia.

se for o tel errado, pode dizer

Quem é vc, Deenie começou a digitar. Então parou.

Um pensamento invadiu sua mente: *Será que é o Sean Lurie?*

E então afastou a ideia. Quase balançou a cabeça para mandá-la para longe. Não tinha tempo para pensar naquilo.

— Então — começou Kim, encarando-a de canto de olho. — Vocês foram ao lago?

— A gente só ficou lá perto — explicou Deenie. — Não fizemos nada.

— Mas chegaram perto da água?

— Não — mentiu Deenie.

— Hum. Bem, tá tudo bem com *você*, né? — indagou Kim, encarando Deenie, talvez apertando um pouco demais os olhos.

— Eu não pareço bem? — retrucou a menina.

Kim a encarou por mais um instante, então voltou a atenção para a estrada, mordendo uma bala de gelatina, com parte pendurada para fora da boca.

O celular de Deenie vibrou outra vez. Uma mensagem de texto de Gabby, que devia ter recuperado o próprio celular.

N fique preocupada, a gnt n botou o rosto na água. n mergulhamos.

Mas Deenie enfiara o rosto na água. Embora Gabby não soubesse disso.

Foi depois que ela e Skye foram embora, desaparecendo além da margem.

Deitada de costas, Lise bateu as pernas, os seios balançando no sutiã de algodão.

Nada comigo, Deenie, pedira a amiga. Vamos lá, que tal?

E Deenie percebeu que queria nadar com a amiga. Por mais descoladas que Gabby e Skye fossem, com ex-namorados, anticoncepcionais e cabelos complicados, talvez ela e Lise também fossem descoladas. Talvez fossem delinquentes. Rebeldes.

Então as duas nadaram, inclusive mergulhando as cabeças na água.

Depois, deitadas na margem do lago, Lise contou a história a ela, sussurrando em seu ouvido. Sobre o que tinha feito com o garoto, o que ele tinha feito com ela, nas moitas ao lado da escola. E Lise simplesmente precisava contar aquilo para a amiga. Precisava explicar a sensação.

Deenie passou dias sem conseguir tirar a história da cabeça. Achava que ainda não tinha conseguido.

* * *

Durante a aula, toda vez que passava pela janela, Tom via a coisa de canto de olho. Em meio a toda a palha escura típica do fim do inverno, algo rosa néon brilhava logo nos limites do terreno da escola, ao lado das cercas vivas.

Percebeu que começara a dar aula daquele canto, tentando ver melhor o que era.

Era familiar, mas ele não conseguia descobrir por quê.

Depois do sinal, apenas de camisa, com o rosto vermelho por causa do frio, Tom foi contornando as janelas de sua sala por fora, como uma espécie de voyeur.

Bem ao lado das cercas-vivas, densas e cobertas de neve, havia uma pilha amarrotada que ele a princípio achou se tratar de um

cachecol todo embolado, mas, quando o pegou, sentiu que era uma meia-calça feminina. Da marca Fair Isles, como Georgia costumava usar nas manhãs de inverno, muito tempo antes. Era rosa bem forte, com grandes flocos de neve brancos.

Pensou em arrancar o tecido do arbusto e levar a meia-calça para a seção de Achados e Perdidos da escola, mas não o fez.

Só de olhar para a peça, notando o quanto era pequena, não soube o que fazer.

* * *

Tudo bem? Sua irmã não retorna minhas mensagens/ligações. MAMÃE.

tah td bem, daqui a pouco ela responde, Eli digitou.

Esperava que a irmã respondesse. Ainda se lembrava do rosto tenso e vermelho que Deenie mantivera durante o processo do divórcio, morrendo de raiva da mãe. Às vezes parecia que a testa dela ia se partir em duas. A raiva se transformara em algo mais tranquilo, menos intenso. Uma coisa pior, mais profunda, impossível de ser consertada. Tinha sido muito mais difícil para Deenie. E tudo porque a mãe deles não conseguia se controlar, dizia ela. O que é nojento.

Enfiando o celular no fundo da mochila, Eli abriu a porta da rampa de carga.

E, mais uma vez, lá estava Skye Osbourne, subindo a rampa, vindo do estacionamento.

Estava começando a se perguntar se a menina morava ali. Mas achou que Skye poderia pensar o mesmo dele.

Ela sorriu por trás de uma nuvem de fumaça. A fumaça tinha cheiro de mel.

— De vez em quando, as garotas precisam de um pouco de ar puro — comentou ela. — Para não pirar.

Eli largou a mochila no chão e subiu no gradil.

O céu estava carregado, trazendo um sussurro molhado no ar.

— Ei — chamou a menina, tirando um cachecol esfarrapado do pescoço. — Percebeu como está ficando quente?

Skye largou a bolsa e subiu no gradil ao lado dele.

— Fiquei sabendo que a mãe da Lise foi visitar vocês.

— Ficou sabendo por quem?

— Pela Deenie.

— É mesmo? — perguntou ele.

Tinha a impressão de que Deenie não era muito amiga de Skye. Era amiga de amigas. Às vezes, Eli achava que aquilo era tudo o que ele tinha. Amigos de amigos.

— O que a sra. Daniels queria?

— Não sei. Ela estava agindo de um jeito bem estranho.

— Hum. Ela disse alguma coisa?

Todas aquelas camadas de blusas e cachecóis, e, embaixo de tudo, as pernas, cobertas com botas que iam até metade das coxas. Quando a menina se virou, a saia se mexeu de leve e, por uma fração de segundo, Eli pôde ver a parte interna de uma das coxas. A pele muito branca aparecia por entre os fios da meia-calça arrastão.

Ele ficou olhando a coxa de Skye. A menina o encarou.

— Mais ou menos — respondeu Eli. Só conseguia pensar na sra. Daniels dizendo: *Espalhando seu sêmen onde bem entendem*. — Eu não lembro bem.

Skye o encarou, e Eli pensou ver um sorriso divertido no rosto dela. Tentou se imaginar fazendo sexo com Skye, visualizar o corpo dela por baixo de todos aqueles tecidos e costuras. Imaginou os olhos se revirando, a pele corada, o corpo cedendo a seu toque. Não conseguiu.

Isso o deixou aliviado.

Não achava que algum dia se interessaria por Skye, mas gostava do fato de que havia garotas como ela. Garotas que não precisavam dele para se sentirem bem, bonitas, perdoadas, seguras.

* * *

O armário de Lise estava com marcas estranhas, como se tivesse sido cortado por uma grande garra.

— Não sabiam a senha dela — contou Jaymie Hurwich, ofegante. Ela era oradora da sala e a aluna mais motivada, e sempre dizia tudo ofegando. — O zelador abriu com um alicate.

Deenie passou o dedo na cicatriz do metal.

— Eles olharam, mas não tocaram em nada lá dentro — contou Jaymie, segurando o imenso cadeado que estava pendurado no armário. — Você perdeu a aula de geografia, Deenie. Por quê?

Deenie não respondeu. Sabia muito bem o que havia dentro do armário de Lise: pacotes de marcadores de texto, álcool em gel com cheiro de amora e uma caneca térmica amassada com os restos lamacentos do smoothie saudável da manhã anterior. O que conseguiriam descobrir a partir disso?

Então Jaymie revelou a outra notícia: uma mulher de cabelo grisalho usando um terninho fora vista na enfermaria. Ninguém sabia se a enfermeira Tammy tinha pedido demissão ou se fora suspensa ou demitida, mas ela não estava mais lá. E havia a chance de a mulher de cabelo grisalho nem mesmo ser enfermeira, e sim alguém importante. O cordão do crachá em seu pescoço dizia *Dep. de Saúde do Condado de Dryden*.

— Acha que vão cancelar as provas do meio do semestre? — perguntou Jaymie.

Deenie não respondeu. Estava lendo a matéria do jornal que circulava pela escola. Àquela altura, o recorte já quase parecia de papel de seda.

A foto de Gabby e Lise, melhores amigas para sempre.

Foi só o que ela conseguiu ver, até Jaymie bater a mão, estendida como uma aranha, na foto do panfleto cor de lavanda.

— Poderia acontecer com qualquer uma de nós — comentou a menina, com a voz grave. — Todas tomamos a vacina.

As primeiras doses foram dadas seis meses antes.

As vacinas contra o HPV são mais eficazes se administradas antes da estreia na vida sexual.

Era o que dizia o cartaz do departamento de saúde, pregado na parede da enfermaria. Gabby o lera em voz alta, arregalando os olhos até Deenie dar risada.

Estreia. Faça uma reverência depois. Segurem os aplausos para o final, por favor.

As meninas do primeiro ano do ensino médio tinham que tomar a vacina antes de se matricularem.

Brooke Campos contou que a maior parte das meninas do quinto ano já tinha tomado.

— São umas vadias — comentara Brooke, irritada por ter sido ultrapassada pela irmã de onze anos. — Aquelas safadinhas.

E ali estavam elas, alunas do penúltimo ano do ensino médio, e parecia que camisinhas eram atiradas a seus pés sempre que se viravam. E ainda não tinham sido vacinadas.

— O vírus do papiloma humano pode nos infectar em qualquer lugar — explicou a professora de saúde, srta. Dyer, antes da primeira rodada de doses, em setembro. — Ele pode provocar desde verrugas benignas nas mãos e nos pés até câncer no colo do útero, ânus, boca e garganta.

Um papiloma, explicou ela, cresce como um dedo se projetando da pele e parece uma couve-flor.

Deenie não entendia como um dedo podia parecer uma couve-flor, mas, olhando a srta. Dyer com o mindinho levantado, soube que não queria nem uma coisa nem outra crescendo dentro de si.

Então a srta. Dyer explicou que o HPV sempre existiu, mesmo naqueles contos de fadas que lemos quando crianças, em que as bruxas e os duendes têm caroços nos rostos e mãos.

— Verrugas não podem ser apenas verrugas? — perguntou Brooke Campos, fazendo careta. — Não vamos pirar.

Brooke era a aluna da aula de inglês que sempre reclamava que a srta. Enright estava “lendo demais nas entrelinhas”.

— Isto não é brincadeira — retrucou a srta. Dyer.

Ninguém pensaria que qualquer coisa dita pela srta. Dyer se tratasse de uma brincadeira. Aos vinte e oito anos, com mestrado em alguma coisa relacionada à adolescência feminina, a mulher sempre fazia uma pausa antes de responder a qualquer pergunta, empurrando os imensos óculos de armação azul com ar pensativo. O pai de Deenie dizia que o senso de humor demora uns anos para atingir mulheres como ela.

— Estão vendo como esta área é ampla? — disse a mulher, segurando o desenho de um colo de útero acima da própria pélvis, fazendo as meninas da primeira fileira se encolherem. — Na idade de vocês, esta é a região mais vulnerável à invasão. Ela é muito exposta. Em alguns anos, vai se retrair. Aí vocês estarão mais seguras.

Lise sussurrou que aquilo a fazia sentir como se suas entranhas estivessem para fora e qualquer um pudesse tocá-las.

— Até lá — continuou a srta. Dyer, apontando para a pia do laboratório —, vocês estão tão vulneráveis quanto a boca daquela torneira.

Por um instante, Skye parou de contemplar os próprios dedos, repletos de anéis — flechas, cobras, um cavalo marinho prateado.

— Srta. Dyer, eu li uma coisa — comentou. — A maioria das pessoas com HPV se sentem presas, são muito autocríticas e têm problemas com as próprias energias sexuais.

— Onde você leu isso, Skye? — perguntou a mulher, com os dedos enroscados no registro da torneira. Os professores nunca sabiam o que fazer com Skye, quem dirá a srta. Dyer. Sempre que a menina falava, a mulher se balançava para a frente e para trás até deixar Deenie zonha.

— Na internet — respondeu Skye. — Tem a ver com repressão. Verrugas significam que estamos segurando algo que precisa ser liberado.

— Tipo o quê? Pus? — indagou Deenie.

Tudo era sempre tão simples para Skye, com seus namorados mais velhos, a tia comprando lingerie descoladas e retrôs em lojas vintage, a embalagem de pílulas anticoncepcionais que ela mostrou uma vez, como se fosse bala.

— Não — retrucou Skye. — Inibições sexuais. Esconder os poderes eróticos. Medo. Segredos. Precisamos liberar isso tudo.

— Mas como? — interveio Lise, atrás de Skye. — O que devemos fazer?

Todo mundo começou a rir, exceto Lise, com a expressão intrigada e o rosto cada vez mais vermelho.

— Não se preocupe, Lise — disse Skye, sem nem se virar para encará-la. — Você vai saber exatamente o que fazer.

*

Na primeira dose da vacina, Deenie ficou surpresa porque doeu pouco, e também um pouco decepcionada.

Todos os boatos eram de que a vacina doía mais do que qualquer outra.

Lembrou-se de Jaymie Hurwich. A menina tinha levado dez minutos para tomar a vacina, porque a enfermeira não conseguia acalmá-la.

Finalmente, ela me disse para olhar para a joaninha na janela, contou Jaymie, mais tarde. E, enquanto eu perguntava "Que janela?", ela injetou a vacina.

Na época, a perspectiva de ela, Gabby ou Lise fazerem sexo parecia muito remota. Nenhuma das três namorava, e ainda ouviram a história dramática e assustadora de uma menina com quem Deenie trabalhava, na Pizza House. A jovem lhe confidenciara que achara que estava grávida do subgerente da loja de piercings do shopping. No fim das contas, não estava grávida, mas tinha pegado gonorreia, o que as três acharam bem nojento sob vários aspectos. *Começando pelo nome, comentara Lise, estremeendo de leve.*

Mas a terceira dose da vacina veio depois de Gabby e Tyler Nagy. Eles fizeram sexo duas vezes, mas Gabby não sabia se a primeira tinha valido.

Depois da segunda vez, Tyler terminou o namoro enquanto ela ainda vestia a calça.

— Eu nunca devia ter feito aquilo. — Foi o comentário de Gabby.
— Agora acabou.

Mais ou menos nessa época, ela começou a passar muito tempo com Skye, que mandou uma mensagem de texto para Tyler dizendo que ele abusava das mulheres. Skye explicou que havia códigos secretos incorporados na mensagem, que na verdade era um feitiço. E ainda sacudiu o telefone ao enviar o texto, para aumentar o estrago. Agora, sempre que Deenie pensava nisso, reparava que a amizade de Gabby e Skye fora selada ali.

Depois, o breve reinado de Gabby e Tyler — sério que só durara um mês? — tornou-se um sinal para Deenie de que havia caminhos sombrios terríveis demais para serem levados em consideração. Decidiu que, para ela, não seria daquele jeito. E que nunca sairia com alguém como Tyler, ou com qualquer jogador de hóquei.

Mas não era apenas Gabby. Também havia Lise, o corpo explodindo de poder e beleza, a poucos segundos de uma empolgante profusão de possíveis namorados, relacionamentos que com certeza acabariam em sexo com amor e nada sobre o que sentir-se mal.

Estreia da vida sexual. Às vezes, Deenie tinha a impressão de que o ensino médio parecia uma adaptação adolescente de *O caso dos dez negrinhos*.

A cada segunda-feira acontecia a estreia de mais uma menina.

* * *

Gritos histéricos vinham do ginásio.

— Enfia o dedo na boca dela — gritava alguém, e A.J. e Scotty Tredwell atravessaram o corredor a toda, puxando Eli para acompanhá-los, saindo do vestiário, indo atrás do barulho.

As portas estavam escancaradas, mas Eli só conseguia ver um monte de pernas femininas em calças de ginástica como as de Gabby. Pareciam pinos coloridos em um jogo de tabuleiro, tão próximas umas das outras que era impossível ver o que estava atrás delas, entender para o que estavam olhando, no chão.

A sra. Darger, com o apito enfiado na boca, as empurrava para o lado como um jogador profissional de futebol americano. Quando a última garota com o rosto tenso se afastou, Eli viu um par de tênis com estampa de arco-íris se contorcendo no chão e ouviu o barulho rápido da cabeça de alguém batendo no piso de madeira: tá-tá-tá-tá-tá.

Era a garota ruiva, Kim alguma coisa, que andava atrás de Gabby sempre que a menina ia ver o imbecil do Nagy jogar. Com a boca sorridente e o aparelho à mostra, Kim uma vez levantara a blusa para ele, mas só expôs a barriga branca e cheia de sardas. Depois que Gabby parou de ir aos jogos, ela também parou.

De repente sentiu um cheiro forte, e o vômito explodiu da boca da menina. Era cor de cenoura e combinava com o cabelo.

— Sou eu — anunciava a voz dela. — Ah, não, sou eu.

*

Fazia um tempo que Eli tinha se acostumado com os gritos das meninas, os rostos vermelhos e em êxtase atrás da proteção de acrílico.

Nunca dava para distingui-los muito bem de todos os outros barulhos do ringue, o rugido similar ao de uma concha marinha sob o capacete, a batida dupla de um taco, os estrilos do apito, a própria respiração, rouca e focada.

Mas aquilo não era o mesmo. Não tinha nada a ver com o som que saiu da boca daquela menina — Kim Court — quando ela viu os paramédicos chegando.

Não foi um grito, na verdade.

Pareceu mais um uivo, um uivo gemido que o fez lembrar algo que não conseguia nomear. Um animal morrendo, ou coisa do tipo.

Quando os paramédicos a fizeram se sentar, havia respingos de sangue na parte de trás da blusa, saídos do ponto onde a cabeça batera no chão.

— Você está bem — anunciara a sra. Darger, o rosto em um tom estranho de verde. — Só ficou assustada.

Era algo que se poderia dizer caso a cabeça de Kim tivesse sido atingida por uma bola de vôlei.

— O que aconteceu? — sussurrou alguém, e Eli sentiu o cheiro do vômito no chão.

Um dos paramédicos pisou na poça, espalhando o líquido para todo lado enquanto levava Kim Court na maca.

— Um segundo ela estava ali, de pé, e logo em seguida tinha caído.

— Que nojo.

— Ela estava do meu lado — comentou alguém —, e perguntou: “Por que você está tão cinza?”

* * *

Havia uma longa mensagem de Gabby, dividida em sete, oito partes.

Parada do lado de fora, em um dos corredores externos, Deenie leu as mensagens preocupada com o sinal do celular, o polegar pressionando a tela, ansiosa. *Próxima mensagem, próxima mensagem, próxima mensagem.*

Eu tava c medo d q ele fizesse isso.

Era sobre o pai de Gabby. Só ele conseguia deixá-la desse jeito.

A amiga explicou que o pai tinha simplesmente aparecido na casa dela, depois de ouvir da sra. Daniels o que havia acontecido. O homem não conseguia acreditar que ficara sabendo por uma estranha, através de um recado na caixa postal. Gabby disse que na verdade aquilo era típico dele, ainda mais porque a sra. Daniels não era nenhuma estranha. A mulher até mesmo chamara a polícia um ano antes, quando o sr. Bishop foi buscar a filha e entrou com o carro no gramado da frente de sua casa, arrancando uma luminária da varanda e gritando para que Gabby entrasse logo no carro.

Ele foi ao hosp. atrás de mim, Gabby escreveu. Ele só quer aparecer. Não se importa. Ficou gritando, e minha mãe não saiu de trás da mesa de jantar.

Então:

Ele começou a chorar, impressionante. Minha mãe perguntou: O que você vai fazer? Chorar a vida toda?

Mas a última parte da mensagem de Gabby não era sobre o pai. Era uma mensagem curta, e as palavras pareceram refletir em Deenie, a tela reluzindo à luz do sol.

Tem mais: tô pensando no lago. E se vc estiver certa? E se foi o lago? E se agora está na gente?

Deenie ficou olhando aquelas palavras, que pareciam flutuar diante de seus olhos.

Mas eu estou bem, queria dizer, digitar. Em vez disso, ficou só encarando a tela.

Foi quando ouviu alguém respirando esquisito, correndo em sua direção. O piso do corredor fazia ecoar o novo barulho.

Keith Harbour disparava pelo corredor junto com outro aluno do último ano, os dois com fones de ouvido enormes pendurados no pescoço.

— Ficou sabendo? — rugiu ele, dando um empurrão no braço de Deenie. — Kim Court está sendo levada para fora da escola em uma maca.

— Kim? — indagou Deenie, deixando o celular cair. — O que aconteceu?

— Vocês todas vão pegar. — O outro menino deu risada, a batida da música vazando dos fones. — Uma por uma.

* * *

A escola inteira estava com uma energia desesperada, como se nada fosse voltar ao normal.

E então, alguns minutos antes do sexto tempo, Eli apareceu na porta da sala de Tom.

O homem sequer tivera a chance de conversar com ele sobre o que acontecera naquela manhã.

Os perigos que nossas meninas sofrem nas suas mãos, dissera Sheila Daniels ao pobre Eli. Seu filho, o menino mais doce do mundo. *Nós sabemos deles, fazemos qualquer coisa para protegê-las. Qualquer coisa.*

A mulher que descarregou aquele peso aos pés de seu filho, um rapaz que mal conseguia curtir as garotas — que mantinham os olhos ávidos sempre grudados nele —, parecia-lhe extraordinariamente cruel.

— Pai — chamou Eli, com o rosto pálido, uma das mãos segurando firme o batente. — Preciso falar com você.

Tom saiu da sala, e Eli contou o que tinha acabado de ver: a ruiva do segundo ano no chão do ginásio.

— Aquela de aparelho — explicou.

— Deve ser Kim Court — deduziu Tom. — Parece que é.

Kim fora sua aluna no semestre anterior. Era uma das meninas que sempre corriam atrás de Gabby e que pareciam muito mais novas que ela, a boca brilhante por causa do aparelho ortodôntico, correndo de um lado para outro nos tênis, rodopiando pelos corredores feito uma maluca.

— Ela não parecia nada bem — comentou Eli. O rapaz estava com os olhos vidrados e não encarava o pai.

— Que loucura — falou Tom. — Vou ver o que consigo descobrir.

Eli não respondeu.

O sinal tocou.

— Está bem — disse o filho, jogando a mochila nas costas.

Alguma coisa no rosto do rapaz, quando ele se virou, fez Tom hesitar. Uma expressão de que já quase se esquecera. De quando Eli tinha dez ou onze anos e parou de dormir. Georgia o ouvia gemendo, ia até o quarto do filho e o encontrava sentado no escuro, os braços apertados ao redor das canelas. Dizia ter a impressão de que seus ossos estavam estalando. O médico disse que eram dores do crescimento, e Tom nunca imaginara que aquilo pudesse ser algo literal.

— As crianças podem ficar muito sentimentais quando não dormem — comentara o médico. — É natural.

A única coisa que parecia ajudar era quando Georgia esfregava as pernas dele, o que ela fazia durante meia hora ou mais. Voltava para a cama com as mãos escorregadias por causa do óleo com vitaminas.

De manhã, quando o levava para a escola naquela época, Tom ficava observando o filho pelo retrovisor, os olhos rodeados por círculos cinzentos. Era algo difícil de se ver. Aquele era seu filhinho tranquilo, sem as emoções devastadoras da filha, cuja alegria e tristeza eram intensas. Não estava acostumado a ver aquilo em Eli.

— Papai — perguntara o menino, certa manhã —, e se você um dia acordasse e tivesse ido embora?

— Se você um dia acordasse e eu tivesse ido embora? Isso nunca vai acontecer, Eli.

— Não, e se eu acordasse e eu tivesse ido embora.

Tom olhou para o filho no banco de trás, os braços e pernas cada vez mais compridos, o rosto mudando tão depressa que quase dava para ver o processo. Teve uma enorme sensação de perda, mas não sabia por quê.

10

Eli ficou sentado, repassando a imagem mentalmente. A cabeça da menina batendo no chão, o brilho do aparelho nos dentes, como se a boca estivesse cheia de papel laminado.

Cavalo. Agora lembrava. Era o apelido dela.

A aula de francês deveria ter começado havia cinco minutos, mas a srta. Chase, que distribuía os fones de ouvido já descascando, não estava à vista. Abaixo do pôster desbotado da Torre Eiffel, A.J. e Stim, ambos com as jaquetas do time, estavam sentados em cima das mesas, especulando que as aulas seriam canceladas.

— Precisam fazer isso logo — comentou A.J. — Quarentena. Tranquem suas filhas em casa!

— Estou dizendo, é algum tipo de DST mutante — declarou Stim, mexendo na borda do enorme curativo de gaze no antebraço, liberando um cheiro pungente. — Não vou pegar as meninas daqui. Vou atrás das garotas do Estrela do Mar.

— Ah, cara, *todas* aquelas meninas têm DSTs. Elas acham que usar camisinha é uma besteira.

Eli olhou para a porta da sala, ansioso. Talvez pudesse simplesmente ir embora.

— Por que não pergunta ao Nash? — sugeriu Stim, girando os botões do antigo toca-fitas. — Foi ele quem passou uma noite com a Mo McLoughlin, depois do jogo do Brother Rice.

Maureen. A que tomou uma garrafa de sidra no caminho e vomitou no cesto de lixo de seu quarto. Era tão pequena, ginasta,

tinha unhas parecidas com as das velhas bonecas de Deenie, minúsculas como dentes de bebê.

— Duvido que a Cavallo brinque o suficiente para pegar uma DST mutante — comentou A.J., arreganhando os dentes como um jumento. — Ou mesmo uma DST normal.

— Falando nisso, Nash — chamou Stim, ainda mexendo no curativo —, vi sua irmã saindo com ela hoje de manhã.

— Como assim?

— Antes de tudo acontecer. Sua irmã e a K-Court estavam juntas no carro, dirigindo para o bosque.

A.J. sorriu.

— Sua irmãzinha está ficando bem rebelde.

Eli espalmou a mão em cima do livro de francês, cobrindo uma foto diferente da Torre Eiffel. *Francês em Ação! L'Avenir Est à Vous*, dizia a capa.

— É a evolução — explicou Stim. — Com Lise Daniels e Gabby Bishop fora de campo, alguém precisa entrar em jogo.

— Nem pense nisso — retrucou A.J., balançando a cabeça e dando risada. — É a irmã dele, cara.

Stim enfiou um lápis sob o curativo, coçando com cuidado.

— Você viu a Lise de biquíni no verão passado? A parte de cima eram só dois triângulos nos peitos, e quando ela andava... às vezes o tecido meio que dobrava. Cara, eu adorei aquele biquíni.

— Acho que vocês deviam calar a porra da boca — vociferou Eli, atirando a mochila no chão com um barulho que fez todos na sala olharem para ele. — Acho que está na hora de vocês ficarem quietos.

Stim o encarou com atenção.

Olhando de um para outro, A.J. parecia esperar alguma coisa, sorrindo um pouco.

Stim deu de ombros.

— Lise não é sua irmã, Nash — disse. — Elas não são todas suas irmãs.

* * *

A sala dos professores estava mais agitada do que Tom vira em toda a vida, pelo menos desde que o sr. Tomalla fora demitido por fotografar os pés das alunas com o celular por trás da mesa. Ele tinha postado as imagens na internet e conseguira vinte mil cliques, muito mais do que os vídeos de ciências de Nat Du-Bom no YouTube.

Todos estavam esperando pelo diretor Crowder.

Com laptops abertos, vários professores analisavam, espantados, as fotos de Lise e Gabby que tinham sido publicadas on-line. Uma imagem assustadora da coxa branca de Lise, a mão crispada sobre a carne. E uma de Gabby, no meio da convulsão e curiosamente glamorosa: o maxilar apontado para cima, as luzes do palco fazendo-a parecer uma cantora pop, uma estrela de cinema.

Tom não queria olhar e não queria entrar na conversa de condenação da cultura movida pelas redes sociais.

Ao conferir seu e-mail na estação de trabalho comunitária, viu três mensagens de Georgia.

Por que a Deenie não retorna minhas ligações? É verdade o que aconteceu com Gabby?

O que está acontecendo?

Peça para a D. me ligar assim que possível, ok?

Disse a si mesmo que ligaria para a ex-esposa assim que pudesse.

— E quanto a algumas das outras meninas... Quer dizer, mais alguém viu algo estranho? — perguntou June Fisk, uma das professoras de ciências sociais. Eram três mulheres, que gostavam de se sentar na sala dos professores e ficar bebendo água das garrafas de vidro e falando sobre o declínio da gramática, a ascensão do bullying e os perigos do fraturamento hidráulico.

— Jaymie Hurwich — respondeu Brad Crews, batucando os dedos no livro de matemática financeira. — Ela não parava de piscar

durante o sexto tempo.

— Por quê? Não era para ela piscar? — perguntou Tom.

— Não foi isso o que eu quis dizer — retrucou Brad, parecendo ligeiramente atordoado, embora sempre parecesse assim. Era pai de duas gêmeas de seis meses de idade, que aparentemente estavam arruinando sua vida. — Era constante. E muito intenso. Ela já é uma menina intensa, para começo de conversa.

Todo mundo sabia vagamente sobre a situação familiar de Jaymie. Tinha uma mãe ausente e com quem não mantinha contato devido a problemas psicológicos de causa desconhecida, o que significava que todos tentavam ser pacientes com a menina. Mesmo quando as coisas ficavam mais difíceis, como quando ela choramingava por causa das notas ou por ser criticada durante as aulas.

— Elas estão assustadas — comentou Erika Dyer, professora de educação sexual, fechando o laptop com um estrondo. Tom não conseguia olhar para a mulher sem pensar na apresentação que ela havia feito para os pais no ano anterior: *Sua filha e o HPV*. — Talvez seja porque sentem que todos as estão observando — acrescentou, empurrando os óculos mais para cima no nariz. — Talvez até os próprios professores.

— Eu não conseguia me concentrar — justificou-se Brad, passando as mãos no rosto e olhando para os próprios sapatos. — Era... desconcertante.

— Claro que era — opinou Liz alguma coisa, que sequer era professora, e sim aluna de pedagogia da faculdade local. — Temos a impressão de que, a qualquer instante, uma delas pode sair voando da cadeira.

Tom não conseguiu deixar de notar como ela estava piscando forte.

— A compaixão nesta sala é comovente — comentou Erika. — Sério.

— Eu não sinto nada além de compaixão por Lise Daniels — insistiu June Fisk. — E Gabby Bishop já tem problemas o suficiente.

Mas como podemos dar aulas desse jeito? Fingindo que nada está acontecendo?

Carl Brophy gemeu alto.

— Adolescentes agitadas, alunos do ensino médio tentando escapar das aulas. É obviamente um vírus mutante. Chamem o Centro de Controle de Doenças. Alertem a Organização Mundial de Saúde.

Naquele instante, Ben Crowder abriu a porta, o que foi um alívio. Apesar disso, a expressão em seu rosto, sombria e tensa, fez Tom se lembrar dos últimos anos de seu antecessor, que se aposentara aos setenta anos de idade, com a pele parecendo papel molhado.

— Primeiro, uma atualização sobre Kimberly Court — anunciou o diretor. — O médico dela disse que acha ter se tratado de um ataque de pânico. E os pais, neste caso, parecem compreender. Tiveram problemas na escola anterior, com alguns meninos que a provocavam. Um caso de bullying. Dizem que ela sempre foi uma menina ansiosa.

Parecia uma coisa estranha para os pais dizerem sobre a própria filha, considerando as circunstâncias. Mesmo que acreditassem nisso.

— Então ela foi liberada? — perguntou Erika.

— A menina deve estar a caminho de casa neste exato momento — respondeu o sr. Crowder, assentindo.

— Mas você não tem certeza? — indagou June Fisk.

— Eu estava ao telefone com o superintendente — prosseguiu Crowder, ignorando-a —, passei a última hora falando com o departamento de saúde. O importante é o seguinte: não façam especulações, muito menos na presença de pais ou alunos. Se os pais os abordarem com perguntas, por favor, peçam para que falem comigo ou com o superintendente. Além disso, preciso que nos alertem imediatamente caso tenham qualquer contato com Sheila Daniels.

Houve muitas trocas de olhares, mas Tom manteve a atenção em Crowder, tentando decifrá-lo. Ficou se perguntando se Sheila Daniels

planejava processar o distrito escolar junto com o departamento de saúde.

Por um momento, imaginou se havia alguma chance de ela saber algo que mais ninguém sabia. Não quis cultivar aquele pensamento.

— Mas essa história da vacina, que ela anda falando por aí, está em todos os lugares — contestou Brad. — Eu sou o coordenador da associação de pais, e tenho trinta e dois e-mails sobre isso na minha caixa postal. O que digo a eles?

Crowder respirou fundo, levantando os braços como se encorajasse todos a respirarem com ele.

— Conter o pânico — começou, as mangas da camisa molhadas de suor — precisa ser nossa principal meta como educadores.

*

Erika Dyer, ainda empurrando os óculos mais para o alto no nariz delicado, apressou-se para alcançá-lo quando ela e Tom entraram no corredor leste.

— A mãe de Lise Daniels me ligou — sussurrou, sem encará-lo.

Tom sentia como se, de alguma forma, tivesse sido eleito o tranquilizador universal.

— Ah, não se preocupe — disse. — A mulher está completamente fora de si, e...

— Ela disse que eu envenenei a filha dela, assim como a vacina.

— A sra. Daniels está atirando para todos os lados. Ela foi até a minha...

— É meu dever, sabe? — interrompeu a professora, a voz ligeiramente trêmula. — Proteger essas meninas. Meninas como Lise. Ela foi à minha sala na semana passada. Eu estava tentando ajudá-la a compreender o próprio corpo. Os sentimentos que tinha. As coisas que estavam acontecendo. E agora...

— Essas meninas confiam em você. Sheila Daniels deveria estar lhe agradecendo, não criticando. E, quando ela sossegar, vai

perceber que não é você quem decide a política de saúde pública para o sistema de ensino.

Erika olhou para ele, os dedos envolvendo a orelha de um jeito que o fez se lembrar de Deenie.

— Ela falou como se eu tivesse segurando uma seringa de veneno, como se eu tivesse feito mal à filha dela.

— Ela está histérica — começou Tom, então fez uma pausa. — Espere um pouco. A Lise procurou você na semana passada.

A mulher o encarou.

— Sim.

Tom esperou um instante.

— Claro que qualquer coisa que ela tenha me dito é particular — acrescentou a professora.

— Claro — concordou Tom, um pouco constrangido. De que importava o que elas conversaram?

Mas teve impressão de que poderia ser importante.

Erika o encarou, a pálpebra direita tremendo sob os óculos.

— Não deixe isso afetar você — disse Tom. — Nada do que está acontecendo é culpa sua.

* * *

Tlvez seja aquela lama estranha que fica no campo de futebol qd chove.

Tourette igualzinho meu tio Steve. Ngm gosta dele. Perdeu o emprego de TI

Deenie queria desligar o celular para as mensagens de texto pararem de chegar. O aparelho vibrava tanto que quase caiu do balcão da cozinha.

Mas poderia ser Gabby.

Qr se encontrar p conversar sbr Kim e o lago?, dizia a mensagem que mandara para a amiga, uma hora antes.

Então ficara imersa em pensamentos negativos.

Uma, duas, três meninas. Pelo jeito que a coisa estava evoluindo, igualzinho a como conjuntivite ou faringite se espalhavam pela

escola, uma boca vermelha engolindo-as uma a uma, não parecia ter sido causado pela vacina. Parecia um vírus, uma peste.

Clicou na notícia on-line mais recente e leu enquanto jantava os waffles que preparara na torradeira, ainda frios por dentro.

Segundo a matéria, das duzentas e sete meninas da escola, mais da metade fora vacinada.

Ela não parava de repassar os números em sua cabeça. Mais de cem garotas tinham sido vacinadas, mas quais eram as chances de ela ser amiga das três Meninas? *As Meninas. As Meninas Afetadas.*

Ela leu a reportagem:

“Representantes da polícia e da saúde pública estão trabalhando em conjunto para determinar pontos em comum entre as meninas: hobbies, medicamentos, históricos de saúde, histórias pessoais.”

— Eu.

Deenie percebeu que dissera aquilo em voz alta enquanto lavava o prato do jantar, raspando a calda com os dedos.

Lise, Gabby e Kim: o que as três tinham em comum?

Elas são meio que amigas.

Mas quanto tempo levaria até alguém dizer: *Todas são amigas da Deenie?*

Deenie é o que elas têm em comum.

É a Deenie.

Nessa idade, a gente acha que tudo diz respeito a nós mesmos uma vez entreouvira a mãe dizendo, que o mundo gira ao nosso redor.

Deenie não se lembrava do contexto. Só se lembrava de ter ouvido aquilo da própria mãe, a mulher que deixara a família para trás, como uma caixa de brinquedos velhos, para viver a própria vida.

Talvez aquela lembrança fosse sobre isso, sua herança materna. Alguma coisa acontecia, qualquer coisa, e era sempre *eu, eu, eu.*

Seu celular ganhou vida, vibrando em cima do balcão.

O número que apareceu: Kim C.

Deenie atendeu.

— Kim, tudo bem?

— Não posso falar muito — disse a menina, em um sussurro engasgado. — Eu não devia estar falando ao celular.

— Por que não? O que aconteceu?

— Ainda estou no hospital. Não querem me deixar ir embora.

— Por quê? Eles deixaram a Gabby ir embora, depois de um tempo. Você está...

— Não tenho tempo, Deenie. Eu só... olha, vou ter que contar a eles.

Deenie largou o garfo, as mãos grudentas.

— Contar o quê?

— Sobre o lago.

— Kim, você não estava no lago. Não sabe nada sobre isso. Não sabe do que está falando.

— Pode ser por isso — insistiu ela. — Pode ser por isso que aconteceu comigo.

— Por isso que *o quê* aconteceu com você? Vomitar no ginásio? Toda semana alguém vomita no ginásio.

Deenie sabia que era maldade dizer aquilo, mas o que acontecera com Kim não parecia assustador como o que acontecera com Gabby ou Lise. Pelo menos não da forma como Keith Barbour descrevera, com Kim girando e com ânsia de vômito. E o que pensou foi: é só Kim Court. A menina que imitava as roupas e sapatos de Gabby e absorvia tudo o que Gabby dizia.

Kim não respondeu, mas pigarreou com tanta força que Deenie sentiu dor só de ouvir.

— Você nem mesmo foi ao lago, Kim — acrescentou, deixando o prato cair dentro da pia, mergulhando a mão na água quente.

— Mas eu estive com a Gabby. Fui na casa dela. Encostei no cabelo dela. Você viu.

— O quê? — indagou Deenie, lembrando-se dos dedos gorduchos de Kim cutucando o couro cabeludo de Gabby, aquele emaranhado de fios escuros cheios de cola. Parecia a criatura de Frankenstein.

— E... — Ela fez uma pausa, e deu para ouvir sua respiração acelerar. — E estive com você.

— Você não encostou no meu cabelo — retrucou Deenie, sentindo a mão arder com a água quente da pia.

— Ficamos juntas. Você pegou carona no meu carro...
Coloca uma música aí. Eu não consigo pensar e dirigir.

— ... e depois aconteceu comigo.

Deenie visualizou seus dedos passando pela playlist no celular de Kim.

— Não é justo... — Kim arfou. — Eu não fiz nada errado.

— Ninguém fez — retrucou Deenie, com a voz fria.

— E por que... — a menina deixou a pergunta se perder por um instante — Quer dizer, por que todo mundo foi afetado, menos você?

Deenie olhou para as próprias mãos, vermelhas e sensíveis por causa da água quente.

— O que os médicos disseram? — perguntou.

— Eles não sabem — respondeu Kim, a voz ficando tão baixa que mal dava para ouvir. — Mas estou dizendo: tinha alguma coisa dentro de mim, presa na minha garganta.

— Era vômito, Kim — retrucou Deenie, os olhos ardendo por causa da água.

— Não, mas foi por causa disso que vomitei. Porque não conseguia tirar. Não consegui impedir.

— Impedir o quê?

— O que eu senti, as coisas que eu soube.

— As coisas que você... Do que você está falando?

— E *não* é a vacina, Deenie — acrescentou a menina, levantando a voz. — Era o que eu queria dizer. Não escute o que estão dizendo sobre a vacina!

— Kim, o quê...

Deu para ouvir o sistema de alto-falantes do hospital chamando alguém, do outro lado da linha. Sentiu um clique na garganta, mas evitou pigarrear.

— Preciso ir — disse Kim. — Não sei como explicar. Tem que viver isso para entender.

* * *

Deitado em sua cama, com três cervejas quentes pesando na barriga, Eli desejou ter simplesmente voltado para casa depois do treino.

Em vez disso, fora com A.J. até a casa de Brooke Campos. Todos estavam pirando por causa da história de Kim Court e tudo o mais, mas ninguém admitia.

Brooke os levou até o porão, onde havia uma geladeira quebrada disposta na horizontal, como um caixão branco, e cheia de cerveja velha abandonada após um jogo de pôquer do pai dela. Eles se sentaram, beberam e ficaram conversando sobre tudo.

Brooke contou que costumava acampar com uma menina ficou com o coração inchado e do tamanho de uma toranja depois de tomar as vacinas, então morreu. Disse que sempre se sentia mal pela forma como tratava a menina e por tê-la empurrado da prancha de mergulho uma vez, mas que era tarde demais.

Então a garota começou a chorar, atirando a cabeça para trás exatamente como Gabby, naquelas fotos. Encostando-se primeiro em A.J., depois em Eli, com uma espécie de ternura arfante. Brooke chorou, agarrando as camisetas deles com os dedos. Até A.J. pareceu chateado, ficou falando do irmão que morreu de choque séptico quando ele tinha cinco anos.

Não dá para saber como nossos sentimentos vão reagir aos acontecimentos. Ou o tipo de pessoa que pode sentir coisas.

Era nisso que estava pensando, deitado em sua cama, olhando para as teias de aranhas no teto.

Estendeu o braço e pegou a mochila, tentando arrancar o telefone lá de dentro. Fazia horas que não olhava para ele, com medo de que

tivesse mais uma mensagem da mãe perguntando sobre Deenie. Sentia um pouco de pena da mãe. E de si mesmo.

Talvez tivesse tomado quatro cervejas.

E o celular não saía da mochila.

Finalmente, erguendo o corpo meio zozzo com a ajuda dos travesseiros, virou a mochila do avesso, espalhando folhas soltas, panfletos e agendas de treinos por cima da cama e pelo chão.

*

— Deenie — chamou. — Posso entrar?

Conseguia ouvir o movimento da irmã por trás da porta. Achou que tinha escutado um suspiro alto, como se ela estivesse pensando se ia responder ou não.

— Tudo bem — disse a menina. — Pode.

— Você viu meu celular por aí? — perguntou Eli, abrindo a porta e examinando o quarto, o emaranhado de fios saindo da parede, a calça jeans amontoada ao pé da cama, uma meia cheia de poeira. E os livros de sempre, espalhados pelo chão e com as capas amassadas. Achava que meninas eram organizadas.

A irmã estava de pé no meio do quarto, o que o deixou surpreso. Os dedos muito vermelhos e grudados nos cordões do capuz.

Por um instante, Deenie ficou olhando o nó na ponta dos cordões em suas mãos.

Então o encarou.

— Não conte ao papai — disse, falando muito baixinho.

— Contar o quê?

* * *

Passava das sete, e Tom estava sentado na entrada de carros olhando para a casa, o celular na mão.

Acabara de ouvir mais uma mensagem de voz de Georgia: *Tom, talvez a Deenie devesse ficar comigo. Talvez ela fique mais segura longe de Dryden.*

Ainda sem se mexer, sem sequer ter tirado a chave da ignição, leu mais uma vez as três mensagens de texto da filha, perguntando se ele tinha ficado sabendo de alguma coisa.

Conto quando chegar em casa, respondera.

Qdo vc chega?, enviara a filha, mais de duas horas antes.

A reunião com Crowder durara até tarde, todos tinham muito a dizer. Depois, conversou com Erika e, finalmente, ajudou a professora de francês — o nome dela era Kit, precisava se lembrar disso — a fazer a lambreta pegar. A moto estava empacada por causa da umidade repentina do ar, já que a temperatura tinha subido muito desde o dia anterior, como sempre acontecia em Dryden.

— Não é incrível? — perguntara a mulher com a voz rouca, olhando ao redor, o rosto úmido e o batom meio borrado. — Parece um conto de fadas.

Ele respondeu que entendia exatamente o que ela queria dizer.

Kit mencionou a frequência *magnifique* de Eli. Tom fingiu que sabia do que ela estava falando, mas tinha certeza de que Eli fazia espanhol, não francês.

Finalmente, conversaram sobre a foto de Gabby que se espalhara por toda a web, a cortina de cabelo, o arco teatral do pescoço, as bochechas carmesim.

— Parece uma bailarina — comentou Kit. — Todas as meninas vão querer roubar aquela pose para as fotos do anuário.

Agora passava das sete, e ele ainda estava sentado no carro.

Já sabem o que está acontecendo? Era a mensagem de Deenie.

Respirando fundo, Tom pegou o telefone uma última vez.

— Faturamento, Diane falando.

— Diane — disse —, aqui é o Tom. Eu não sabia se você ainda estaria aí.

— Tom — respondeu a mulher. — Hoje fico aqui do meio-dia às oito.

— Desculpe ficar ligando — falou, sentindo a tensão na voz dela. — Eu só queria saber se você tinha alguma novidade.

Houve uma pausa, e então um suspiro.

— Olha, eu entendo — comentou Diane. — Se eu tivesse uma filha nessa escola, também ia querer saber tudo. E tem muita coisa acontecendo.

— Uma menina chamada Kim Court esteve aí no hospital hoje, não esteve?

— Sim, ela ainda está aqui.

— Ainda? Achei que a tivessem mandado embora. Que tinha sido só um ataque de pânico.

— Precisamos mantê-la aqui até ela parecer estável. Depois de uma convulsão...

— Então foi uma convulsão?

— Não — respondeu a mulher, e baixou a voz. — Eu não quis dizer isso. Mas os médicos precisam descartar algumas teorias.

— Tipo o quê?

— Quando adolescentes chegam ao hospital com alucinações...

— Alucinações? Eu não sabia que ela estava...

— ... temos que descartar o uso de drogas. Ecstasy, por exemplo. Tem muito disso nessa escola.

— É mesmo?

— Ou pode ser um princípio de esquizofrenia.

— Meu Deus.

— Posso ligar para você em alguns minutos? — perguntou Diane, de repente.

— Claro.

Um pouco depois, o celular dele tocou.

— Estou ligando do meu celular — sussurrou a mulher, com um riso nervoso na voz —, do banheiro feminino.

Como que em um passe de mágica, o tom de voz suave e profissional — de contadora profissional, namoradeira/divorciada

profissional — desaparecera. De repente, ela parecia mais jovem, mais feminina.

— Nem pudemos sair para jantar, por causa dos repórteres aqui na frente — explicou. — Não podemos falar sobre o assunto. Fomos obrigados a assinar uns papéis.

— E eu aqui, fazendo essas perguntas — disse Tom, em tom de desculpas.

— Eu tenho uma amiga no pronto-socorro — continuou Diane, falando depressa e embolando as palavras. — Ela disse que a jovem Court não parava de enfiar a mão na boca. Ela enfiava o punho inteiro lá dentro. E, quando a contiveram, ela começou a berrar que alguma coisa estava tocando nela por dentro.

— Tocando nela?

— Bom, as pessoas dizem todo tipo de coisa, nesse estado. Mas não encontraram vestígios de drogas. Pelo menos eu acho que não.

Tom respirou fundo.

— E como está Lise Daniels?

Uma pausa.

— Não posso mais falar sobre ela.

— Como assim?

— Olha, eu... — Ele ouviu a voz de outra mulher do outro lado da linha, com muito eco, então água correndo. — Preciso ir.

— Certo — disse Tom. — Eu compreendo. É só que... quando se tem uma filha...

A voz dela falhou um pouco.

— Ah, Tom, eu sei. Eu queria...

— Não, eu não quero prejudicar você.

— É só que... posso dizer uma coisa? — sussurrou a mulher.

— Claro — respondeu ele, sentindo um aperto no estômago.

Houve uma longa pausa, então o som de uma porta batendo.

— Tom, está uma loucura por aqui.

Ela parecia sem fôlego.

— A mãe, ela fica andando pelos corredores à noite. Foi o que Patty, uma das enfermeiras, me contou. Noite passada, a mãe

passou tantas vezes pela estação de enfermagem que Patty quase ficou doida. Não para de dizer que a filha foi abatida. Foi a palavra que ela usou. *Abatida*. Como se faz com um animal.

* * *

A situação não parecia tão ruim para ele. Nem de perto tão ruim como Deenie parecia pensar que fosse.

Sentado na beira da cama da irmã, Eli ficou assistindo ela passar o apoio de um pé a outro, exatamente como fizera durante inúmeras confidências passadas, compartilhando histórias de desobediências, doces roubados, uma cerveja escondida ou revelando que passara com a bicicleta por cima das violetas da mãe. Só que aquilo tudo acontecera muito tempo antes. Aquela cena não se repetia havia muito.

Quando Deenie começou a falar, Eli sentiu medo. Nos últimos tempos, andava com uma sensação estranha. Parecia que a irmã estava diferente, mudada.

Mais ou menos um mês antes, Eli tinha ido com os amigos à Pizza House depois de um jogo e vira Deenie na cozinha. O chapéu empurrado para trás, carregando nos braços bandejas frias de círculos de massa brilhante, o rosto meio rosado, fechando a porta do freezer com o quadril.

Eu não cuspi na massa, prometera Deenie, piscando para ele por trás das luzes vermelhas.

Eli ficara lá, parado. Com a caixa de pizza quente nas mãos.

A irmã parecia diferente de como era na escola, ainda mais do que como era em casa. Estava agindo de um jeito diferente, se movendo de um jeito diferente.

Não conseguia parar de olhar para Deenie. Os amigos ao seu redor falavam alto, as vozes triunfantes, os rostos cobertos de suor.

Ao lado da irmã, perto dos fornos, estava aquele cara chamado Sean, que costumava jogar no ataque no time do Estrela do Mar. Um

dia, Sean havia ido falar com ele sobre Lise, querendo saber se ele a conhecia. *Ela tem uns peitos maravilhosos*, dissera. *Uma deliçinha*.

E agora Deenie, no quarto, diante dele, com o corpo tenso e o zíper do agasalho de capuz pinicando o pescoço delicado, dizia:

— Não conte ao papai. Ok?

Mas o que a menina contou não tinha nada a ver com o que Eli percebera de diferente nela na Pizza House, o que quer que fosse. Ou com a outra coisa — a que ele quase esquecera. Alguém na escola dizendo que viu a irmã dele entrar em um carro com um cara.

Em vez disso, era só uma história maluca sobre o lago.

— Mas, Eli, a gente encostou os pés na água. Na semana passada. E se isso fez alguma coisa?

O menino sacudiu a cabeça.

— Se tivesse feito alguma coisa, você também estaria doente. Assim como a Skye Osbourne. Skye estava com vocês, não estava? Ela também estaria doente.

— Talvez a gente não tenha sido afetada do mesmo jeito.

Deenie encarou o irmão. Era aquele olhar que ele conhecia desde que os dois eram pequenos, quando, nos acampamentos, a menina se escondia dentro da barraca, pálida, sempre que ele a deixava assustada dizendo que havia ursos lá fora, entre as árvores do bosque Binnorie.

— Deenie, não é o lago.

— Como é que você sabe?

Eli olhou para a irmã. Era um daqueles truques que o pai sempre usava. Já o vira usar com a mãe inúmeras vezes. *Eu juro, juro*, um sorriso, um carinho no ombro, girando-a como em uma dança, *que vai ficar tudo bem*. A mãe costumava chamar aquilo de dança falsa, para combinar com o sorriso falso.

— Os médicos saberiam, Deenie — respondeu ele, a ideia vindo à mente bem na hora certa. — Eles estão fazendo exames, não estão? Atrás de toxinas e coisas do tipo. E teriam percebido isso.

— Ah — disse Deenie. — É verdade.

Deu para ver que ela relaxou um pouco. Ficou surpreso com como havia sido fácil. Exatamente como quando eram pequenos. Ele pegava a mão da irmã e a arrastava para fora da barraca, jurando que não haveria ursos. Que estavam seguros.

— Está se sentindo melhor?

Deenie assentiu.

— Então tudo bem — disse, recostando-se, sentindo o corpo se soltar, o barato da cerveja voltando.

Só que tinha alguma coisa enroscada embaixo dele, a blusa da Pizza House que Deenie usava, o tecido duro e cheio de farinha velha ou do que quer que fossem feitas aquelas pizzas.

— Meu Deus, Deenie, você nunca lava o uniforme? — provocou ele, pegando a blusa e fingindo que ia jogar em cima dela.

A menina não respondeu, e mais uma vez segurou as pontas dos cordões do capuz e começou a puxá-las para a frente e para trás. Foi como se aquele breve espasmo de alívio tivesse durado apenas um segundo.

Garotas nunca deixam de ser misteriosas, pensou Eli, atirando a blusa no chão.

Afundando de novo no travesseiro da irmã, ficou deitado ali por um instante, olhando para o teto, pensando no celular desaparecido, ou algo do tipo.

11

Sentado à mesa da cozinha, Tom se esforçava ao máximo para não pensar em absolutamente nada além da cerveja à sua frente quando sentiu alguém tocar seu ombro.

Ele levou um susto, mas era apenas Deenie, com suas unhas curtas e prateadas, como todas as meninas.

— Pai — disse ela —, a Gabby ligou. Posso pegar o carro emprestado?

Ela quase nunca pedia para usar o carro. Como só tinha uma carteira de motorista provisória, não devia dirigir sem um adulto.

Mas era a primeira palavra que a filha lhe dirigia desde que Tom voltara para casa e contara o que o diretor Crowder havia dito (ou insistido) na reunião. Que todos estavam trabalhando muito para descobrir o que estava acontecendo e que era importante não se deixar levar pelos boatos. O olhar de Deenie deixou claro o que Tom já sabia ser verdade: ele não tinha informação alguma.

Então, quando ela lhe pediu para usar o carro, alguma coisa o tocou e, sem dizer nada, ele se viu deslizando a chave pela mesa e entregando-a na mão aberta da filha, que se fechou imediatamente.

— Obrigada, pai — disse ela, segurando a chave com tanta força que doía só de olhar.

— Mas, Deenie — disse Tom, embora ela já estivesse a caminho da porta —, ligue para a sua mãe esta noite sem falta, está bem?

Ela disse que ligaria.

* * *

Estava muito quente na rua; era uma daquelas noites peculiares em que a temperatura sobe e tudo fica estranho e cintilante.

A mãe de Gabby havia ficado com pena da filha e permitiu que ela saísse um pouco de casa.

E, inexplicavelmente, o pai de Deenie havia emprestado o carro para ela.

— O ar... — disse Gabby, com a respiração ofegante e entrecortada. — Até o ar machuca.

— Sério? — Para Deenie, estava maravilhoso. Quando ela respirava, o calor parecia se revirar em sua boca. — Pelo menos sua mãe deixou você sair.

Assim que elas se afastaram alguns quilômetros da casa, Gabby, com o rosto pálido e inchado, disse que não queria ficar dentro do carro.

Então as duas decidiram caminhar pela cidade, as mãos enfiadas nos bolsos sob o céu de um tom violeta lúgubre.

Durante alguns minutos, Deenie se esqueceu de tudo.

Não havia ninguém na rua, e a sensação era de estarem em uma cidade fantasma, como se só elas soubessem que o inverno havia terminado, pelo menos durante a noite, e as ruas tinham uma espécie de beleza nebulosa, o ar salgado por causa dos quatro meses de neve derretida com sal-gema, a calçada escorregadia sob os pés de Deenie.

Do outro lado da rua emanava o brilho alaranjado da Pizza House. Ela se perguntou se Sean Lurie estava na cozinha, sorrindo com a espátula em uma das mãos.

— Não acredito que a Kim ligou para você do hospital — disse Gabby. — Não acredito que ela ainda está lá.

— É — respondeu Deenie, despertando de seus pensamentos. — Disseram ao meu pai, e a todos os professores, que ela está bem. Que era estresse.

— Você acredita? — perguntou Gabby, andando em direção ao borrão enevoado que era o prédio do ensino fundamental, com os tijolos salpicados de sal.

— Não sei — respondeu Deenie, lentamente. — Eu não vi. O Eli disse que ela só vomitou.

— Não, quero dizer, no que a Kim disse para você. Sobre ser alguma coisa no lago. Você acha que é verdade?

— A Kim nunca foi ao lago — disse Deenie, repetindo seu novo mantra.

As duas chegaram à praça em frente à escola, parando perto da antiga bomba de água da cidade, cinzenta e caindo aos pedaços. No quarto ano, a professora dissera que naquele lugar as pessoas eram chicoteadas séculos antes. Nos meses seguintes, toda vez que paravam ali para esperar o ônibus, Deenie e Lise falavam sobre isso e inventavam histórias.

Lise, com o rosto vermelho e os braços gorduchos ao redor da antiga bomba, olhava para cima e gritava: *quarenta chibatadas, quarenta chibatadas, não, gentil senhor!*

— Ela não estava no lago — disse Gabby, o rosto escondido atrás do cabelo, o chapéu afundado na cabeça. — Talvez seja por isso que ela não esteja tão doente como a Lise, que as coisas não estejam tão ruins para ela.

— Mas por que a Kim estaria doente?

— Porque talvez isso esteja dentro de nós agora, e ela tenha pegado. De nós.

Gabby disse o que nenhuma das duas tinha ousado dizer, pelo menos não em voz alta.

Deenie sentiu uma espécie de pressão na têmpora. Por um instante, sentiu-se como quando viu Skye na casa de Gabby. Como se tudo estivesse se desfazendo e ela tivesse acabado de se dar conta disso, embora as coisas estivessem lentamente decaindo há algum tempo.

— Mas não aconteceu nada comigo — disse Deenie. — Eu estou ótima.

— Bem — disse Gabby, olhando para baixo enquanto as duas arrastavam os pés pela grama brilhante da praça —, algumas pessoas são apenas portadoras. Talvez você seja isso.

Deenie olhou para ela.

— Como os meninos com HPV — continuou Gabby, ainda sem encarar a amiga. — Eles nunca ficam doentes. Só deixam todo mundo doente.

Deenie não conseguiu dizer nada, e as duas continuaram caminhando, Gabby com a cabeça baixa, até chegarem ao centro da praça, envoltas pela noite escura, passando sob uma velha árvore.

Aquela Gabby não se parecia em nada com a amiga de Deenie, e a garota se perguntou de onde estava vindo tudo aquilo. *Portadores*. De certo modo, não parecia muito diferente do que Skye havia dito, toda aquela conversa sobre energia ruim.

— Então talvez você seja isso — acrescentou Gabby.

E as duas continuaram andando. Os pulmões de Deenie começaram a ficar apertados. Segurando o tronco gelado da árvore, ela precisou parar.

O ar realmente machucava, Gabby tinha razão.

— Sinto muito — disse Gabby, parando ao lado de Deenie, iluminada pelo poste de luz, seus olhos como duas bolas de fogo. Olhando para Deenie. — Eu sinto muito.

* * *

Quando o telefone tocou, Tom temeu que fosse Georgia outra vez, perguntando por que Deenie não havia ligado. Mas era Dave Hurwich, o pai de Jaymie, cujo tom furioso o fez lembrar por que parara de treinar o time de futebol da escola.

— Que tipo de escola aprova experimentos médicos em seus alunos? — perguntou Dave. — Você é um homem da ciência. Estou neste instante no site do Centro de Controle de Doenças, Tom. Estou

lendo o registro de reações adversas dessa vacina. Por acaso você sabe com o que estamos lidando, Tom?

Tom suspirou. Não fazia sentido falar sobre epidemiologia com Dave Hurwich, que sempre sabia mais sobre leis do que advogados, mais sobre carros do que mecânicos. E não fazia sentido tentar explicar as diferenças entre as recomendações do conselho escolar e as campanhas de vacinação infantil obrigatórias do governo.

Pai solteiro, Dave se orgulhava de sua dedicação à paternidade e dos sucessos acadêmicos da filha Jaymie, que se deviam, pelo menos na metade das vezes, à sua habilidade de exaurir todos os professores (*mas eu fiz créditos extras e escrevi duas vezes mais do que todo mundo e nunca faltei a uma aula e sempre participo...*) de maneira tão implacável como seu pai. Sempre que Tom começava a perder a paciência com um dos dois, tentava se lembrar da “situação familiar”, da mãe ausente — algo a ver com o pós-parto? Os detalhes eram vagos e nunca parecia adequado perguntar.

— Foi um dia estressante para todos nós, Dave. Como está a Jaymie?

— Vou dizer como ela está — disse ele, fazendo um estalo com a boca como se sua língua estivesse seca por fazer telefonemas a noite toda. — Ela não parou de piscar desde que chegou em casa. Parece que estou olhando para uma árvore de Natal.

Então por que você está me ligando?, Tom queria perguntar. Mas ele tinha a sensação de que o sr. Hurwich estava ligando para todo mundo, para qualquer um.

— Eu andei lendo tudo sobre essa vacina. Você é professor de química, deveria saber. Ela é cheia de alumínio e borato de sódio. Sabe o que é isso? É o que usam para matar baratas. Minha filha foi tratada como uma barata. E a sua também.

— Dave, tenho certeza de que o seu médico...

— Aquele maldito médico não sabe de nada. Ele receitou vitaminas. Nenhum deles sabe de nada.

Houve uma pausa e um rangido.

— Jaymie disse que é como se tivesse uma luz piscando no canto do olho dela o tempo todo. Ela é a minha menininha — disse ele, e toda aquela dureza se desmanchou em um instante. — Ela não parece mais a mesma.

Tom engoliu em seco.

— Como assim?

— Não sei — disse o homem, com a voz falhando. — O jeito como ela olha para mim. Tem alguma coisa. Não parece a minha filha.

* * *

— Vamos só dirigir um pouco, está bem? — sugeriu Gabby. — Podemos dirigir?

E as duas sabiam aonde estavam indo.

Indo e voltando nos arredores do lago, três, quatro vezes.

No começo, mantiveram as janelas bem fechadas.

Finalmente, na quinta volta, Gabby abriu a janela, o cabelo esvoaçando.

O cheiro da água era uma presença. Algo preso dentro da garganta.

Lembrou Deenie de alguma coisa, alguma história que Brooke Campos contou para ela, Lise e Kim no meio da noite durante um passeio da escola: quando tinha treze anos, o namorado da irmã mais velha dela havia lhe oferecido dez dólares para “experimentar uma coisa que ela nunca havia experimentado”.

Com a mão na garganta enquanto contava, Brooke quase chorou e não conseguiu terminar a história. Foi o único assunto na escola durante semanas. Kim ficou perguntando para todo mundo: *Mas ela experimentou? Experimentou?* E ninguém sabia. Nunca chegaram a ouvir o final.

— É melhor eu ir para casa — disse Gabby, olhando para o telefone em seu colo. — Minha mãe já ligou duas vezes.

— Ela sabe que você está comigo? — perguntou Deenie.
Portadora. Talvez você seja isso. — Ela deixaria você estar *comigo*?

— É claro — disse Gabby. — O que...

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, seu telefone se iluminou: Skye.

Mas Gabby não atendeu, só ficou olhando para a tela.

E então chegou uma mensagem de texto.

— O que foi? — perguntou Deenie, tentando parecer indiferente.

— Ela disse que viu no noticiário que tem alguma coisa acontecendo no hospital.

— Com a Lise? Ela está bem?

— Não sei — disse Gabby, olhando fixamente para o telefone. — Mas é melhor eu ir para casa.

— Gabby — disse Deenie, virando o volante com força —, a gente precisa ir para lá agora.

— Não, Deenie — disse Gabby, a voz se sobrepondo à música no rádio, ao vento entrando pela janela.

Mas Deenie, irrequieta, decidiu que não se importava — era ela quem estava dirigindo e o hospital ficava a apenas alguns quilômetros de onde estavam.

Lise. Lise.

— Você não precisa entrar, Gabby — disse Deenie, com a voz surpreendentemente dura. — Mas eu vou.

Deenie estava dirigindo muito rápido, os sinais vermelhos nos semáforos cintilando acima delas, o pé pisando fundo no acelerador.

— Ela está lá sozinha — disse Deenie. — E nós não sabemos o que aconteceu.

Gabby olhou para ela com o queixo tenso, como se tivesse fios o puxando e prendendo atrás das orelhas. Como o boneco de ventríloquo que costumava se apresentar no shopping, Deenie pensou, logo se sentindo mal por isso.

— Tudo bem — disse Gabby, como se tivesse escolha. — Eu vou.

*

A torre branca do relógio do hospital brilhava, e Deenie estava guiando Gabby, guiando-a em um caminho que lhe parecia desconhecido e poderoso.

Mas não seria como antes, não seria tão fácil.

Assim que elas entraram, uma senhora vestindo um paletó com botões dourados na recepção reconheceu Gabby.

— Ah, não — disse ela, ficando de pé. — De novo não. Vou ligar para o pronto-socorro.

O susto no rosto dela parou as duas meninas.

— Nós estamos bem — disse Gabby. — Viemos ver a Lise.

— Ah, não — repetiu ela, balançando a cabeça. — Isso não vai ser possível.

* * *

Então as duas ficaram sentadas no estacionamento, três vagas atrás do Dodge detonado da sra. Daniels.

As duas achavam que, se falassem com a mãe de Lise, talvez ela deixasse as amigas verem a filha.

— Talvez ela durma aí — comentou Gabby. — Talvez ela não saia nunca.

— Ela precisa sair — disse Deenie, mexendo no rádio para ver se ouvia alguma notícia sobre o caso. — Tem alguma coisa acontecendo lá dentro.

Ela se perguntou se Gabby estava pensando na noite em que a mãe dela foi levada para o hospital em uma maca. Pelo que Deenie ouviu dizer, as pontas do martelo quase atingiram uma artéria, e Gabby precisou segurar a ferramenta no lugar até os paramédicos chegarem para a mãe não morrer.

Deenie não sabia se aquilo era verdade, mas sempre se lembrava do que Gabby havia lhe contado, de que o som que saía de sua mãe

parecia com o dos apitos que elas ganhavam de presente quando eram crianças.

Coisas ruins acontecem e acabam, mas onde vão parar? Foi o que Deenie se perguntou enquanto observava Gabby. Elas ficam com a gente para sempre, como parasitas sob a pele?

Ela nem sequer viu a mulher se aproximando do carro e, quando ouviu o barulho no vidro, seu corpo deu um salto.

* * *

Ainda pensando na ligação de Dave Hurwich, Tom estava terminando sua cerveja e prestes a convidar o filho a se juntar a ele quando o telefone tocou de novo: Lara Bishop.

— Tom, desculpe ligar tão tarde. A Gabby está aí? — perguntou ela, com a voz rouca e ansiosa.

— Não está, Lara — disse Tom, o telefone escorregando ligeiramente da mão. — A Deenie também não está em casa. Faz tanto tempo assim?

Ele olhou para o relógio acima do fogão e ficou surpreso ao ver que eram quase onze horas.

Ele não sabia aonde as horas haviam ido parar, com uma pilha de provas da semana anterior no colo, vendo com Eli um documentário sobre pessoas morrendo no Monte Everest, olhando vidrado para a tela, as pernas compridas e pesadas apoiadas na mesa de centro. Havia algo de carinhoso em Eli, em sua tão peculiar e soturna nostalgia (“Ei, papai, se lembra daquela vez em que você nos levou para a caverna indígena e nós encontramos aqueles ossos congelados com cabelo?”).

— Estou ligando para a Gabby, mas ela não atende — disse Lara. — Pode ligar para a Deenie?

— É claro. — Ele sentiu uma onda de vergonha invadir o peito. Meninas caindo feito moscas na escola, os braços e pernas parecendo de papel, os corpos desmoronando, e ele dá a chave do

carro para a filha e a deixa adentrar a escuridão de Dryden com a menina que havia desabado diante de toda a escola no dia anterior.

O que o fez acreditar que ele poderia se esquecer de tudo durante uma hora enquanto sua filha estava lá fora em algum lugar?

— Pai — disse Deenie, antes mesmo de Tom ouvir a ligação ser completada. — Estou voltando para casa. Pode deixar.

— Você está bem? O que aconteceu?

— Nós fomos ao hospital — respondeu ela, engolindo em seco, agitada. Ele teve a impressão de que alguém estava chorando ao fundo, do outro lado da linha. — Acho que aconteceu alguma coisa.

* * *

No começo, Deenie pensou que era uma alucinação, aquele enorme rosto na janela do carro, com a cabeça abaixada e o cabelo macio como manteiga. Ela reconheceu a mulher, que usava algo parecido com uma lanterna para bater no vidro.

— Deenie — disse Gabby ao lado dela. — Deenie, não.

Havia uma insígnia no objeto, o número sete com um raio atrás, e ela se deu conta de que não era uma lanterna. Era um microfone.

— Não abra a janela, Deenie! — gritou Gabby. — Não fale com ela!

Mas Deenie já havia apertado o botão, e os lábios da mulher se transformaram em um sorriso.

Foi quando ela se deu conta de quem era aquela pessoa parada à sua frente. A moça da tevê, a que havia sido mestre de cerimônias da festa de arrecadação de fundos que não chegou a pagar totalmente pelo novo campo de futebol, que nunca foi construído.

— Oi, sou Katie — disse ela, de forma articulada e clara. — Você é amiga de Lise Daniels?

Deenie ficou calada.

— Pode sair e conversar por um instante? — perguntou a mulher. Então, abaixando-se, olhou para Gabby, que se virou de costas

rapidamente. — Você é a segunda — disse, apontando para Gabby com o microfone. — Você é a Menina Dois.

*

Alguns minutos depois, elas estavam de pé ao lado do carro.

— Gabby — sussurrou Deenie —, é a única forma de descobrirmos.

Um homem com uma câmera grande em cima do ombro apareceu do nada, mas a mulher lhe entregou o microfone e fez um sinal com a mão para que ele se afastasse.

Foi quando Deenie notou que um caminhão e duas caminhonetes com satélites parecendo pires gigantescos haviam estacionado atrás delas.

Ela olhou para a mulher da tevê, o cabelo impecável, mas a maquiagem dos olhos borrada com a umidade.

— Recebemos uma pista do advogado das Daniels — disse ela, secando o rosto com as costas da mão. — Ele é muito gentil. Vai nos deixar fazer algumas imagens. Ele tem uma declaração a fazer.

Deenie sentiu um aperto no peito.

— Aconteceu alguma coisa com a Lise?

— Não. Ainda não — disse ela, balançando a cabeça, os olhos brancos como pérolas sob as luzes do estacionamento. — A mãe está tentando transferi-la para o centro médico Mercy-Starr Clark. Parece que ela vai entrar com um processo. Vai processar todo mundo.

— Processo? — perguntou Deenie. — Por causa da vacina?

— É provável. Ficamos sabendo que o pessoal do departamento de saúde esteve aqui hoje, além de alguém da promotoria, policiais, sabe-se lá quem mais.

Portas bateram em algum lugar, e o cinegrafista, com o rosto escondido atrás da grande caixa preta, de repente surgiu de novo.

— Agora? — perguntou a mulher da tevê a ele.

Ele assentiu.

— Espera — disse Deenie. — Vocês sabem alguma coisa sobre a Lise, sabem como ela está?

A luz da câmera acendeu, e o rosto cansado da mulher magicamente ganhou vida.

— Bem, vocês duas provavelmente têm mais informações do que qualquer outra pessoa — disse ela, a voz suave, tão macia quanto seu cabelo. — Que tal conversarmos por um tempo? Você já apareceu na tevê?

— Não — disse Deenie. — Eu...

— Não você — interrompeu a repórter. — Ela.

Deenie se virou para Gabby, que estava de frente para o carro.

— Não — disse Deenie, observando o corpo de Gabby, absolutamente tenso, os cotovelos presos ao lado do corpo. Ela parecia tentar se controlar, evitando perder o controle.

As portas da frente do hospital se abriram com um estrondo, e luzes pareceram acender por todo lado.

* * *

Com a voz rouca de Rick Jeanneret na ESPN Classic ao fundo, Eli estava pensando no que Deenie havia dito sobre ter ido ao lago. De certa forma, o que ela havia contado a ele *tinha* a ver com o que ele percebera na irmã na Pizza House naquela noite, ou em outras noites, outras coisas. Porque a Deenie que ele conhecia não era do tipo que desobedecia a regras, corria riscos.

O lago era o último lugar aonde ele gostaria de ir. O cheiro, mesmo de dentro do carro, parecia errado. Lembrava o porão da casa deles.

Quando era mais nova, Deenie sempre levava as amigas para dormir em casa. Todos aqueles gritinhos e barulhos do outro lado da parede de Eli o confundiam, o irritavam, mexiam com ele. Então, ele descia até o porão e folheava uma *Playboy* embolorada de 1985 que

encontrara embaixo da calha da lavanderia. As fotos eram impressionantes e lindas, mas ele sempre se sentia mal depois, parado diante do tanque em que a mãe lavava seu uniforme.

E, pela calha, ele ainda ouvia as meninas, dois andares acima. O teto poroso do cômodo parecia respirar. Depois de muita chuva, cheirava exatamente como o lago.

Uma vez, uma garota do Estrela do Mar insistira para ele pular a cerca de segurança, mas Eli se recusou. Tirando o vestido, ela balbuciou: *Tudo bem. A gente pode nadar sem roupa no seu carro. Quem precisa de água?*

— Você é o cara mais sortudo que já conheci — disse A.J quando Eli contou essa história para ele. — Merda de rostinho bonito.

Deitado, Eli tentou pegar seu celular antes de lembrar que não estava lá.

* * *

— Pai — disse Deenie ao telefone. — Estou voltando para casa. Pode deixar.

— É melhor estar mesmo — respondeu ele, em um tom de voz que raramente usava.

Sob a chuva fraca na estrada, Deenie e Gabby não disseram nada durante dois ou três quilômetros.

Finalmente, Gabby se pronunciou:

— Eles vão querer me levar pra lá de novo, não vão? Vão querer falar comigo de novo.

Deenie olhou para ela, o rosto iluminado pelos faróis que vinham no sentido contrário, e viu algo pulsando entre a têmpora e o maxilar.

— Não sei.

Era doloroso observar a amiga, perceber quão tensa ela estava, com os braços rígidos ao lado do corpo, como se fosse feita de madeira.

— Talvez não.

Quando entraram no bosque Binnorie, o coração de Deenie começou a bater um pouco mais devagar. Sem iluminação pública e com os faróis desligados, era como estar embaixo das cobertas, no saco de dormir em um acampamento. Ela sempre gostou dessa sensação, do cheiro de cedro entrando pela ventilação.

— Talvez isso signifique que a Lise está melhor — disse Deenie. — Se estão pensando em transferi-la, ela deve estar melhor.

Gabby assentiu de leve, a cabeça um pouco inclinada para um dos lados.

— Sabe o que eu pensei quando a repórter se aproximou? — perguntou Gabby. — Sabe o que eu pensei que ela ia dizer?

— O quê?

— Que Lise estava morta.

— Está tudo bem, Lara. A Deenie está levando Gabby para casa neste instante.

— Graças a Deus, Tom. Você viu as fotos, os vídeos?

— Vi algumas fotos — disse Tom, lembrando-se daquela imagem impressionante de Gabby. — Espere aí, vídeos?

— Há um vídeo da Kim Court. Algum garoto deve ter gravado enquanto estava acontecendo. Está em todos os lugares. Está na tevê agora.

Tom pegou o controle remoto da mão de Eli.

No Canal 7 estava passando um vídeo granulado do YouTube mostrando Kim Court se contorcendo no chão do ginásio.

O letreiro da tela dizia: "Surto misterioso: culpa da pressa dos pais em vacinar?"

E então, as mãos segurando o próprio pescoço, uma mancha de vômito e a cabeça tão inclinada para trás que só dava para ver o

brilho do aparelho ortodôntico. E a música do filme *O exorcista* ao fundo.

— Lara — disse Tom. — Desligue a tevê.

* * *

Elas estavam no meio do bosque, e Deenie não conseguia lembrar o caminho. Gabby precisou ficar dizendo, baixinho, *direita, direita, esquerda aqui. Esquerda.*

— Deenie, você se lembra do que a Kim disse na biblioteca? — perguntou Gabby, apoiando a cabeça na janela do carro. — Sobre a Lise ter um namorado?

Deenie olhou para ela, a memória falhando por um instante.

— Na biblioteca. Kim nos falou alguma coisa sobre a Lise e um cara.

— Por que Kim Court saberia alguma coisa sobre a Lise? Gabby, por que estamos falando sobre isso agora...?

— Acho que pode ser verdade.

Gabby se virou para a janela e Deenie ouviu umas batidas fraquinhas: a cabeça de Gabby no vidro.

— Não — disse Deenie. — Não é verdade.

Tecnicamente, não era. Havia aquilo que Lise lhe contara no lago, o que ela havia feito com o garoto. Mas o garoto não era namorado de Lise, não mesmo.

— Deenie, outras pessoas também me falaram. Achei que ela pudesse ter contado para você. Às vezes, ela conta coisas para você que não conta para mim.

— Não — insistiu Deenie.

— Porque ultimamente, nós, a Skye e eu, vínhamos percebendo que a Lise andava meio cheia de segredos. Como se talvez estivesse escondendo alguma coisa. Quando fui com ela até a Pizza House naquela noite, tentei conversar com ela, mas...

— Skye? — disparou Deenie, tão alto que surpreendeu a si mesma. — Skye não sabe nada da Lise. Por que você liga para o que ela diz? A Lise não estava escondendo nada. — Respirando fundo, Deenie tentou se acalmar. Então acrescentou: — Ninguém está escondendo nada, Gabby.

Gabby assentiu, o pior e mais impensado aceno de cabeça que Deenie poderia imaginar.

Então se virou para Deenie.

— Acabei de lembrar o que ouvi sobre você — disse Gabby. — No outro dia.

Deenie olhou para a amiga, o carro desviando um pouco do caminho.

— O quê?

— Que você estava no carro de um cara. Você não me contou isso.

Deenie olhou para a estrada de novo.

— Porque não é verdade. Provavelmente era o Eli.

— Para! — gritou Gabby, a voz subitamente alta, fazendo Deenie quase pular no assento, palavras enchendo sua mente, inundando sua boca, sem, no entanto, transbordarem. — Chegamos — disse Gabby, pousando a mão no braço de Deenie e apontando a entrada da garagem com a outra.

Deenie entrou com o carro.

A casa estava feericamente iluminada, e a sra. Bishop saiu correndo, as pernas e os pés nus, a cicatriz muito vermelha sob a luz dos faróis.

Qualquer raiva que pudesse haver em seu rosto pareceu desaparecer no instante em que a filha desceu do carro.

Dando ré, Deenie viu Gabby se atirando cansada nos braços da mãe, uma veterana voltando da guerra. A sra. Bishop a abraçou de um jeito muito maternal. De um jeito que fez Deenie ficar com os olhos marejados.

* * *

Com a expressão tensa e o cabelo desganhado apenas em parte preso por um elástico, sua filha parecia ao mesmo tempo ter a metade e o dobro da idade real.

Perto da meia-noite, um de cada lado do balcão da cozinha, Deenie contou a ele sobre o que aconteceu no hospital.

— E então a repórter disse que a sra. Daniels está tentando levar a Lise para o Mercy-Starr Clark.

— Isso provavelmente significa que ela está estável — disse ele.
— O que é alguma coisa.

Ela apertou os lábios, desconfiada, um pouco como Georgia fazia, como um eco, e a forma como sua blusa subiu quando ela, cansada, levantou os braços, encerrando o assunto.

— Vou para a cama — disse ela.

— Ligou para a sua mãe? — perguntou ele, estendendo a mão para pegar a chave do carro. Um gesto roubado, tinha certeza, do próprio pai, no século passado.

— Não — disse ela. — Não tive tempo.

— Deenie — chamou ele. — Você ficou horas fora de casa.

— A repórter queria gravar uma entrevista com a gente — respondeu ela. — Não queria nos deixar em paz. Mas nós não falamos nada.

Tom suspirou.

— E como a Gabby estava?

Ele a observou tentando tirar o elástico do cabelo, os olhos baixos, e teve vontade de estender a mão e ajudá-la, mas seu corpo parecia completamente fechado, como um alicate dentário.

— Não sei, pai.

Viu a própria mão indo na direção dela de qualquer maneira, e o modo como sua filha se encolheu quando ele fez isso foi inesperado e horrível.

* * *

Enquanto se forçava de todas as formas a dormir, Deenie sentiu câibras muito dolorosas nos dedos dos pés, e precisou esfregá-los embaixo dos lençóis emaranhados para aliviar a dor, respirando fundo até passar.

Então seu telefone vibrou: *Skye*.

Ela podia jurar que havia desligado o celular.

Ainda tá bem, certo?

Sim, Deenie digitou. Nunca recebia mensagens de texto de *Skye* e quase acreditou que havia caído no sono e estava sonhando.

Viu a Gabby hoje?

Sim. Pq?

Precisamos nos proteger, respondeu *Skye*. Estamos cercadas de energia ruim.

Olhando fixamente para aquelas palavras, piscando fortes na sua frente, quase convulsionando, sentiu uma sensação muito ruim no estômago e desligou o telefone.

O que fez *Skye* pensar que podia ficar mandando mensagens para ela? O fato de elas serem as únicas que haviam sobrado? As palavras de *Skye* sempre pareciam enigmáticas. *Deixe isso para lá*, disse a si mesma. *Não deixe que ela afete você*.

Então pegou o vidro de antialérgico que sobrou de uma gripe que tivera e tomou três copinhos.

*

Em algum ponto da onda provocada pelo xarope, veio à sua mente a visão de estar no lago com Lise na semana anterior, enfiando os pés na água espessa cor de esmeralda.

Na areia, dava para ver os garotos de *Skye* com as tatuagens que desapareciam. Eles assoviaram para Lise, com os dedos em gancho na boca.

Vamos lá, Lise sussurrou no ouvido dela, a língua aparecendo entre os dentes. *Vamos entrar.*

Quando acordou, na escuridão das quatro da manhã, ainda podia escutar a voz de Lise em seu ouvido, alta como a de uma menininha.

Fomos para trás daqueles arbustos altos. Ele tirou a minha meia-calça primeiro. Estava muito frio, mas as mãos dele...

Quem foi?, perguntou Deenie várias vezes.

Então, finalmente, Lise sussurrou o nome do garoto, e Deenie ficou surpresa.

Sério? Ele?

E o sorriso de Lise se abriu, uma risada escapando da garganta.

Como algo se abrindo por dentro, contou ela quando as duas deitaram na margem do lago, os pés enrolados nas algas marinhas que subiam pelas pernas, fazendo cócegas, *e depois abrindo outra coisa.*

Não conta para ninguém, ela fizera Deenie prometer. *Vão achar que sou uma vadia.*

Não, não vão, disse Deenie. Embora nunca desse para ter certeza.

Eu disse para ele não fazer aquilo. Que era nojento. Não sei por que pensei isso, mas pensei. Nós botamos a boca lá embaixo nos garotos, mas... mas então ele estava lá embaixo, e tudo aconteceu.

Lise contou que as mãos dele estavam frias, como as de um médico. E que isso fez a situação parecer nada demais. Logo ela estava muito quente, queimando lá embaixo, e a boca dele também estava fria, e o jeito como ele fez aquilo, como — e ela ficou encabulada ao dizer isso, ficava encabulada até ao pensar nisso — uma flauta, a língua tremulando. O movimento que se leva tanto tempo para aprender.

Não sei, disse ela, os dedos cobrindo a boca, como se estivesse comendo um doce. *Não sei.* E então ela disse aquilo, sobre como parecia uma abertura, uma abertura, uma abertura eterna.

Ela nunca nem sequer soube antes o que significava ver estrelas.

Foi tudo o que ela pôde dizer. Deenie queria que ela dissesse mais.

Como era um garoto que ela conhecia, queria imaginar.

É nojento?, perguntou Lise, mas estava sorrindo ao dizer aquilo, com o rosto vermelho. *Mandei mal?*

Deenie não disse nada. As pernas das duas escorregadias por causa da água.

Deenie, eu sou má?, perguntou ela.

Não, respondeu Deenie. *Não é, Lise.*

Você nunca é má.

12

SEXTA

Deviam ser cinco da manhã. O céu parecia o de cinco da manhã, mas, sem o celular, Eli não fazia ideia.

Havia certa liberdade nisso.

A temperatura era a mais quente em meses, como se tivesse ficado calor durante a noite, e o trajeto de bicicleta pela cidade foi delirante e maravilhoso.

Ele não parava de levar a mão ao bolso, sentindo uma vibração fantasma.

Mas não havia nada lá.

Estava considerando nunca mais ter celular.

Já tinha quase chegado à escola quando se lembrou de tudo o que acontecera na noite anterior, de toda a cerveja, das ruminções e do sono embriagado no chão da sala de tevê, o rosto arranhado pelo carpete.

Quando entrou no vestiário, tudo estava estranhamente silencioso. Não havia barulhos de tacos ou fitas adesivas sendo arrancadas, nem o ruído baixo dos jogadores acordando para a vida.

Mas Eli ouviu alguma coisa, o som metálico dos alto-falantes de algum computador, uma voz baixa e arfante.

— ... e minha língua não para de pinicar. Se vocês pudessem ver...

Sabia que isso resultaria em mais um sermão do treinador sobre como era importante não degradar os corpos das mulheres com pornografia: e se fossem as mães ou as irmãs de vocês?

— ... uma coisa na minha garganta. E está cada vez maior...

Quando chegou ao último conjunto de armários, viu sete ou oito jogadores amontoados ao redor do laptop de Mark Pulaski, atônitos. A.J. sorria e balançava a cabeça, mas ele estava sempre sorrindo e balançando a cabeça.

— Olha aqui, Nash. Olha só essa parada.

*

Houve uma interrupção e um assovio, e o vídeo começou de novo.

Era a última menina, a tal da Kim, em uma gravação feita com o próprio celular.

Arfando ruidosamente, como se a língua fosse grande demais para a boca, ela parecia não conseguir respirar direito. O rosto estava úmido, com olheiras vampirescas, a boca vermelha.

Estava escuro ao redor dela, mas dava para ver uma luz esverdeada vindo de algum lugar, provavelmente do corredor do hospital.

E a menina falava direto para a câmera do celular.

As palavras saíam de sua boca lentamente, etéreas.

— Ei, pessoal, sei que todos devem estar preocupados comigo, e quero que saibam como estou me sentindo desde que aquilo aconteceu.

Ela fez uma pausa para respirar.

— Eu ainda estou no hospital. Não estão me deixando sair.

Kim levou os dedos à boca brilhante.

— Minha língua fica pinicando, tipo, o tempo todo, e eu sinto uma pressão imensa neste lado do rosto, é difícil manter o olho aberto. Parece que essa parte toda está querendo se soltar. Como se fosse cair.

Ela pigarreou e, depois que recomeçou a falar, foi como se não conseguisse parar.

— Mas a maior parte é aqui — disse, segurando o pescoço. — Parece que tem alguma coisa na minha garganta. E está cada vez maior.

Um som rascante saiu da boca de Kim quando ela aproximou o rosto da câmera, a lente distorcendo tudo, deixando-a com olhos de peixe.

Quando ela abriu a boca, os dentes imensos e com fios metálicos estavam azuis.

— Tenho certeza de que vocês estão ouvindo muitos boatos sobre o que está acontecendo. Vou contar uma coisa para vocês: ninguém aqui quer saber a verdade. É por isso que não me deixam ir embora.

De repente, como se tivesse ouvido alguma coisa, um som abafado e súbito demais para ser reconhecido, Kim se encolheu e voltou os olhos para a esquerda, bem depressa, com as pupilas dilatadas.

Houve uma pausa muito longa, o rosto da menina paralisado. Eli sentiu um aperto no peito: *O que foi que ela ouviu? Viu?*

Então o rosto dela se virou lentamente para a câmera mais uma vez, a garganta fazendo um barulho.

— Mas há outras meninas por aí. E elas também têm. Talvez algumas que vocês nem imaginam. Quem sabe quantas somos?

*

— Eu já sei de cor — comentou A.J., se jogando em um dos bancos.

— Brooke e a irmã passaram a noite toda vendo isso. “Há outras meninasss por aí” — completou, com a voz arrastada, com a língua para fora da boca. — “Quem sssabe quantas sssomosss?”

Eli olhou de novo para a tela, para o rosto de Kim. Embaixo do vídeo, 624 curtidas e dezenas de comentários: *ah, kim, seja forte! kim, eu também ando me sentindo estranha, vc desmaiou quando*

tomou a vacina? Mocinha: isto é uma possessão demoníaca. Leia mais sobre o assunto no Novo Testamento. A solução é encontrar um Verdadeiro Homem de Deus capaz de expulsar o demônio. Aceitar Jesus pode curá-la. Deus abençoe você e sua família!

Ele fixou os olhos na tela. De um jeito obscuro, a imagem o fez lembrar daquelas meninas nos jogos, as mais novas, que iam em grupos e se reuniam atrás do acrílico, batendo com as mãos espalmadas ou com os punhos, a bocas escancarada, a língua entre os dentes. *Eu. Eu. Eu.*

— Eu não... — começou Eli. — Ela está de maquiagem? — Ele estava tentando juntar as peças.

— Talvez ela consiga seu próprio reality show — comentou A.J. — *O terrível mundo de Kim. Minha adolescência envenenada.*

— E ela não comentou sobre as injeções — observou Eli, que acabava de reparar nisso. — Não falou da vacina.

Mark Pulaski se virou para encarar Eli.

— Você acha que ela está fingindo? — perguntou Mark, a voz falhando. — Você viu como ela está? Minha irmã tomou a primeira dose semana passada. Ontem, ela acordou de um cochilo e não conseguia mais virar a cabeça. Ela tem onze anos, cacete.

Eli olhou para o garoto, sem saber o que dizer.

— Você só está dizendo isso porque a sua irmã está aí andando pela escola enquanto todas as amigas estão morrendo, cara. A sua irmã... — Mark deixou a frase no ar. — Meu Deus.

Eli ficou olhando para Mark, e todos olhavam para Eli. Sentiu um tapinha de A.J. em seu ombro.

— Eu sinto muito — disse Eli. — Sinto muito, cara.

Então se virou outra vez para a tela do computador, a seta do mouse tremendo em cima do rosto de Kim.

* * *

Com a mochila no colo, Deenie passou todo o trajeto até a escola conversando com ele.

No começo, Tom se permitiu aproveitar o momento. Quase foi como antes, como se alguns anos não tivessem se passado, como quando ela parecia explodir de animação, ansiedade. *Pai, pai, olha só, escuta isso.* Tagarelando sobre um livro ou um projeto de ciências.

Mas toda aquela agitação agora fazia parecer que ela estava tentando se animar para conseguir chegar ao fim do dia. Ou então que só precisava continuar falando porque estava com medo de não falar. Tom ficou com a impressão de que a filha estava se sentindo culpada pela noite anterior, por ter ficado até tarde com o carro.

— Pai — começou ela, depois de discorrer por sete minutos seguidos sobre o teste de álgebra, o queijo quente rançoso da lanchonete, o fedor da mochila de Eli —, o que você acha que vai acontecer hoje?

Tom olhou para a rua, para o vapor subindo do asfalto, aquela onda louca de calor que chegara, elevando as temperaturas acima de dezesseis graus, e tentou pensar no que dizer.

*

O interior da escola estava uma anarquia, como da vez em que Paul Lozelle soltou um par de galinhas na lanchonete, uma brincadeira que já era velha quando Tom estava no ensino médio.

Para onde quer que olhasse, via longas fileiras de meninas com minissaias e meias coloridas, todas alinhadas, como as contas nas pulseiras de amizade em seus braços, os rostos tensos e atentos. E os meninos, com suas próprias demonstrações de confusão e bravata, mantinham-se afastados, quase como no ensino fundamental. Era como se de repente tivessem medo de se aproximar demais. Embora talvez os alunos sempre tivessem sido assim e Tom nunca houvesse percebido.

Os professores, por sua vez, pareciam desesperados, agarrando as canetas pilot como se fossem sinalizadores de emergência, ou largados nos batentes das portas, cheios de desprezo.

No caminho até sua sala, com o conhecido cheiro de formaldeído, Tom tentou imaginar como qualquer um deles aguentaria até as três da tarde sem entrar em combustão espontânea.

Como tinha o primeiro tempo livre, passou meia hora no auditório escuro, bebendo café e observando um dos zeladores tentando tirar os arranhões que a maca do serviço de emergência deixara no chão do palco.

Não pôde deixar de passar na frente da sala em que ocorria a aula de história das civilizações antigas, onde estava Deenie. Como a filha se sentava no fundo, precisou chegar muito perto da porta para vê-la. Mas lá estava ela, a caneta na boca, a testa muito franzida.

Enfim passou na sala dos professores para conferir os e-mails, e encontrou June Fisk e sua auxiliar rechonchuda olhando para o monitor, boquiabertas.

Na tela, o rosto de Kim Court iluminado por uma luz azul.

— Não é o único — comentou June, puxando uma cadeira para ele. — Ouvi dizer que tem outro. Talvez mais.

Tom assistiu ao vídeo três vezes, em silêncio.

Pensou em Deenie, sentada naquela sala de aula, e ficou imaginando se ela também tinha visto o vídeo e o que pensara a respeito.

* * *

De novo no hospital para mais exames, dizia a mensagem de Gabby.

Parecia um pouco como os dias em que a orquestra ia à competição regional, quando Lise ou Gabby não iam à escola. Só que também não havia pessoas como Kim ou Jaymie Hurwich, que ajudavam Deenie a revisar a matéria fazendo perguntas antes das

provas, sempre com os dedos no tablet, o aplicativo de anotações aberto, a tabela periódica virtual.

E Skye não estava em lugar algum.

Deenie ficou se perguntando se ela e Gabby estavam escondidas na casa sem pais de Skye, ouvindo música, lendo tarô ou fazendo o que quer que fizessem juntas. Todas aquelas conversas particulares.

Talvez fosse melhor que Gabby não estivesse ali. De alguma forma, parecia mais fácil.

* * *

Não fazia muita diferença não ter celular na escola. O sinal era ruim em quase todos os lugares, e, de qualquer maneira, não era permitido usar os aparelhos.

Mas a melhor coisa de ficar sem celular, para Eli, era que, quando alguém perguntava “Por que você não respondeu à minha mensagem? Não ficou sabendo?”, ele podia dizer “Desculpa, perdi o celular”.

Exceto pela incômoda sensação martelando em sua cabeça de que alguma coisa estava acontecendo, que ele podia estar perdendo algo importante.

A mesma sensação que teve depois que a mãe foi embora. Todos aqueles dias em que passava pelo quarto dos pais e ainda sentia o cheiro dela, dos sabonetes de laranja que ela usava.

Desde então, suas roupas nunca mais foram as mesmas. Não ficavam mais macias como antes. E ninguém batia na mesa quando gargalhava. E todas as flores azuis ao lado da porta lateral morreram. Elas tinham cheiro de bala de uva.

Ficou imaginando se Deenie, que nunca parecia sentir falta de nada relacionado à mãe, sentia falta de alguma daquelas coisas. Depois que a mãe dos dois se mudou, dois dias após o Natal, Deenie colocou todos os presentes que ganhara dela em um saco de lixo e o

atirou escada do porão abaixo. Os presentes ficaram meses lá, o saco de lixo mofando.

O segundo sinal o pegou de surpresa, e ele ficou espantado ao notar que os corredores estavam vazios, exceto por uma menina do primeiro ano na outra ponta, encostada na parede de tijolos.

Ela estava com os braços inertes ao lado do corpo e a respiração ruidosa, exatamente como a de Kim Court no vídeo.

— Ei — chamou Eli.

A menina levantou a cabeça, arranhando o rosto na parede.

— Você está bem? — perguntou.

Ela não se mexeu.

Eli avançou na direção dela, mas, antes de dar o terceiro passo, a menina saiu correndo, disparando para algum esconderijo das meninas mais novas.

Enfiando os fones nos ouvidos, ele foi para a aula do quarto tempo.

Ao se aproximar da sala, viu outra menina se escondendo, mas esta não parecia estar passando mal ou com medo.

Era Skye Osbourne, que, com uma longa echarpe da cor da sua boca, lembrava os figos escuros que caíam da árvore ao lado do ringue de treino durante todo o outono e rachavam sob os patins.

Ela parecia encará-lo.

— Vem matar aula comigo — pediu, indicando as portas duplas com a cabeça.

Eli parou, ainda com os fones nos ouvidos.

— Por quê?

— Porque sim — respondeu ela, dando um sorriso torto. — Porque eu sou bonita.

Curiosamente, Eli não tinha certeza de que Skye era bonita.

Achava que nem a reconheceria se a visse com o cabelo ajeitado, em vez daquela massa que parecia ter sido arrancada de uma espiga de milho e amontoada na cabeça, e sem todas as coisas que usava, as echarpes, os anéis de cobra e as pulseiras de muitas voltas.

— E nada a ver ficar aqui — acrescentou Skye, balançando alguma coisa na mão: um baseado e um isqueiro branco.

Nada a ver ficar aqui, pensou Eli, olhando para aquela boca de figo da menina.

Empurrando as portas que ficaram balançando depois que Skye passou, ele saiu. O ar estava intenso, bom.

* * *

Um ruído baixo enchia todos os lugares, mesmo dentro da sala. Uma confusão, tênis deslizando no piso, um gritinho isolado de uma menina, um professor tentando se fazer ouvir.

Foi então que ele virou no corredor e viu.

Uma fila comprida, como a que fazem para tirar as fotos da carteirinha da escola. Para o retrato do anuário. Para tomar vacinas.

Só que a fila era apenas de meninas. Calculou que fossem entre dez e vinte, todas ocupando o corredor em grupos ou sozinhas. Apoiadas em armários, sentadas no chão, as pernas esticadas, como bonecas. Uma estava no meio do corredor, balançando-se como uma hippie doidona.

Danielle Schultz, o braço direito balançando como um bastão a cada três segundos, marcava o tempo com a respiração ruidosa.

Brandi Carruthers, tesoureira do terceiro ano e rainha de concursos de beleza nos fins de semana, estava com o rosto meio pálido e coberto de suor.

Duas meninas do primeiro ano que pareciam ter apenas onze anos agarravam-se uma à outra, à moda das meninas muito novinhas, como se o mundo todo estivesse conspirando para destruí-las.

— Está formigando, está formigando — não parava de repetir a estrela das pistas de corrida, Tricia Lawson, esfregando as pernas compridas.

Até Brooke Campos estava lá, mais bronzeada do que nunca, vestida com uma regata justa amarela, a pélvis em uma posição que fez Tom desviar o olhar.

A fila avançava pelo corredor e entrava no escritório da administração.

Lá dentro, a sra. Harris, com uma mecha de cabelo caindo na testa, pedia silêncio. A porta da enfermaria estava fechada.

— Ele não está aqui — sussurrou a mulher para Tom, indicando a sala de Crowder com a cabeça.

— Ah, é?

Inclinando-se mais para perto dele, cheirando a cigarro e desespero, a mulher acrescentou:

— Ele tinha uma reunião às sete da manhã na Gem Donuts com o superintendente. Ainda deve estar lá.

A porta se abriu, e Tom teve um vislumbre de duas enfermeiras e uma mulher com crachá do departamento da saúde, com as costas da mão apoiadas na testa e um brilho inquietante nos olhos. Parecia um médico no primeiro dia de trabalho.

A sra. Harris deu um tapinha no ombro de Tom.

— Elas querem falar com você — disse.

— Quem?

— Você é Tom Nash? — perguntou a mulher do departamento de saúde, aproximando-se dele. — Você era o próximo da lista.

— Lista?

— Gostaríamos de falar com a sua filha.

* * *

Parada na passagem externa, Deenie viu os dois vídeos do começo ao fim pela tela imunda do celular de Julie Drew.

Primeiro era Kim, o rosto brilhando de maquiagem.

Ah, Kim, dizia uma voz gelada dentro dela, esta foi a melhor coisa que aconteceu com você, não foi?

Todo o esforço em se arrumar e a ambição social finalmente deram certo. Sempre querendo atenção, sempre morrendo de vontade de descobrir segredos que as pessoas não têm, querendo saber a fofoca primeiro, se enfeitando como um rabo de pavão. E querendo usar a fofoca como um bilhete mágico para ter acesso à panelinha ou à sua estrela: Gabby.

Exceto por uma coisa. Exceto pelo fato de que a Kim no YouTube não era muito parecida com aquela Kim.

Apesar da maquiagem e da forma dramática como entortava a câmera para esconder o aparelho, havia alguma coisa de extremamente real na Kim da tela.

O medo pairando em seus olhos.

E teve o momento em que ela olhou para fora do alcance da câmera, como se tivesse escutado alguma coisa.

A forma como o corpo parecia relaxado e, em um instante, ficou completamente tenso.

Por um momento, Kim pareceu encarar alguma coisa com muita atenção. O que quer que fosse, fez com que ela parasse tudo, o rosto paralisado, a boca vermelha escancarada, os olhos enormes e brilhantes.

O vídeo tivera 850 visualizações desde a publicação, às duas da manhã.

Mas havia o segundo vídeo, de Jaymie Hurwich, que não fora à escola.

Jaymie, a principal parceira de estudos de Deenie, a menina que nunca, nunca faltava à aula, que uma vez fora à escola com infecção respiratória porque tinha prova de geometria. Que fora à aula um dia depois de a irmã sofrer uma overdose de ecstasy na faculdade.

Com a parede azul-bebê do quarto como fundo e o abajur de zebra ao lado da cama, Jaymie falava e se mexia.

Ela piscava sem parar, com tanta força que doía só de olhar.

E ficou o tempo todo mexendo no cabelo. Primeiro com a mão esquerda, depois, com a direita. Não parava de alisá-lo, movendo os dedos como se estivesse tocando harpa.

O título do vídeo era: *NÃO COMETA O MESMO ERRO QUE EU!*

— Meu nome é Jaymie. Tenho dezesseis anos, moro com meu pai, estudo na Escola Secundária de Dryden e adoro as aulas, meus amigos e jogar beisebol. Tenho uma vida muito boa.

Piscando sem parar, ela soltou um longo suspiro e ajeitou a alça caída da regata.

— E estou aqui para falar sobre a vacina que mudou a minha vida para sempre.

Deenie pegou o telefone da mão de Julie, puxando-o para mais perto.

— Eu nunca fiz uma coisa dessas — ia dizendo Jaymie —, mas não sei outra forma de lidar com o que está acontecendo! Há duas semanas, tomei a primeira dose da vacina contra o HPV...

Os dedos dela se mexiam como se tocassem a harpa imaginária.

— ... Fiquei bem por uns dias. Então, isso começou a acontecer — continuou, a mão se contorcendo como se ela quisesse parar de mexer no cabelo, mas a mão não permitisse. — Não falei sobre isso com ninguém, mas agora sei que não sou a única. Vocês já devem ter ouvido falar em Lise Daniels.

Ela piscava sem parar, como uma lâmpada de LED. Deenie tinha a impressão de que seus próprios olhos começavam a imitar o gesto.

— Então meu pai percebeu o que estava acontecendo comigo. Ele foi pesquisar na internet e descobriu sobre a vacina. Sobre tudo o que ela faz conosco. Meu pai ficou muito assustado. Eu nunca o vi com tanto medo.

Jaymie olhou para baixo, sacudindo a cabeça, ainda agitando os dedos em frente à boca, agarrando o cabelo em seguida.

— O médico disse que era estresse. Sem chances de isso ser verdade. Não há nada de errado com a minha vida. Eu tirava as melhores notas da turma. Estudava o tempo todo. Meu pai me tratava como uma princesa. Minha vida era perfeita. Até eu tomar a vacina.

Ela fechou os olhos e os abriu depressa, de repente, como se tivesse levado um susto. A mão foi voando até a boca, um brilho do

esmalte reluzindo, a cabeça virou com força três vezes, e os olhos se reviraram.

Um instante se passou, e os olhos de Jaymie se voltaram para a câmera.

Arregalados de susto.

— Antes, não tinha nada de errado comigo — continuou, agora sem fôlego. — Tudo era perfeito. Não tinha nada de errado.

Ela balançou a cabeça, olhando para baixo. A voz falhou.

— Eu não me sinto mais a mesma.

*

Quando o vídeo terminou, Julie Drew quis rever os dois. Disse ter ouvido falar que havia mais vídeos, “*muitos mais*”. E que, naquela manhã, o pai de Jaymie se postara na frente do escritório distrital de um deputado federal, recusando-se a sair até receber “alguma satisfação”.

*

Mas eu não tenho nada a ver com Jaymie Hurwich, pensou Deenie, a caminho da aula seguinte, a cabeça a mil. Só estudei com ela algumas vezes. Nunca compartilhamos nada. Ela não é nada minha.

Durante trinta segundos, Deenie sentiu uma onda de alívio.

Mas então começou a repassar os dois vídeos na cabeça, aquelas vozes de sono.

Minha vida era perfeita, dissera Jaymie. Até eu tomar aquela vacina.

Com a cabeça tão cheia de pensamentos a respeito do lago, Deenie mal se permitira pensar na vacina. Será que podia mesmo ser a causa de tudo aquilo?

Era a única coisa em comum entre todas.

A mesma clínica de paredes lilás, as cadeiras lado a lado na sala de espera, os braços metálicos presos uns aos outros.

Entrando na salinha atrás da porta lilás, uma a uma.

Respirar fundo e não olhar a injeção sendo aplicada. Era o alerta de todas.

Depois, ninguém falou muito a respeito. Mas Deenie se lembrava de como ardera e nada mais, e também de como parte dela se sentira um pouco triste quando o ardor passou.

Como tudo aquilo poderia ter a ver com uma simples injeção?

Tinha que ser outra coisa. Algo que ninguém nunca imaginaria.

Como algo se abrindo por dentro, e depois abrindo outra coisa.

O segundo sinal tocou, e ela ia se atrasar.

Virando no corredor depressa, Deenie quase deu de frente com três deles, todos de luvas, reunidos ao redor do armário de Lise, com a porta escancarada.

Um homem segurava o uniforme todo amassado de educação física de Lise, e a caneca térmica com a borda manchada de verde dos shakes matinais.

A mulher ao lado dele, com uma parca azul, carregava uma sacola grande com saquinhos menores dentro.

A terceira pessoa era Hawk, o diretor assistente, de braços cruzados e sem o costumeiro ar de desdém nos lábios, as rugas da testa mais pronunciadas do que nunca.

— Este é o seu? — perguntou o homem, apontando para o armário de Deenie.

Dava para ver o que parecia a lombada do fichário de gatinhos de Lise rasgando o fundo da sacola.

— Ei, essas são coisas particulares da Lise — reclamou Deenie, sem saber direito de onde vinha o tom desafiador na voz, com Hawk parado bem ali na frente.

— É ela — disse Hawk aos outros.

Deenie segurou a mochila junto ao peito.

— Essa é a menina — acrescentou o diretor assistente.

* * *

Os dois estavam deitados na traseira da caminhonete do treinador Haller, Skye de barriga para baixo, balançando as pernas no ar, a parte de baixo das botas cheias de grama.

Eli deu uma longa tragada; era a primeira vez desde o verão anterior, na longa viagem em família ao parque aquático. Depois de horas e horas no carro — com Gabby, Lise e Deenie cheias de açúcar e serelepes em seus biquínis novos, tagarelando sem parar no banco de trás —, o pai ficou com pena dele e lhe deu trinta dólares, além de deixá-lo dar uma volta sozinho. Eli ficou amigo do cara que cuidava da piscina das crianças, que dividiu um baseado com ele e ficou provocando, dizendo que havia uma menina de olho nele.

— Aquela lá está apaixonada, cara — comentou o cara, mas era só Gabby.

O baseado parecera fraco, tranquilo, mas esse era diferente. Skye disse que não era maconha, e sim umas folhas de uma planta usada pelos índios cherokees e outras tribos. Se fumado antes de dormir, produzia sonhos lúcidos.

— Ele afasta a escuridão — explicou a menina. — E acaba com a energia negativa.

Aquilo pareceu legal, e ele deu uma longa tragada, fechando os olhos.

Algo passou por eles de repente, o vento balançando as árvores. Skye deixou as costas nuas à vista, o blusão levantado até em cima, para que ele visse sua coluna sinuosa.

— Quando eu era pequena — dizia ela —, meu tio me chamava de cobrinha. Ele dizia que minha coluna parecia uma serpente.

Abaixando o rosto, Eli analisou demoradamente a pele clara, o sutiã verde-limão, a linha branca perolada que ia do pescoço até a cintura da saia. A curva forte da espinha, um S de Skye.

Tudo ali, à mostra, para ele.

O que estava esperando? Por que não punha a mão espalmada no centro daquela coluna inclinada?

A pele dela devia estar fria, como uma pedra lisa.

— Quando eu tinha onze anos, me fizeram fazer aquele teste de se dobrar para a frente — comentou Skye, olhando para ele por cima do ombro, arqueando a omoplata. — Você nunca fez um desses?

— Não.

— Acho que só fazem com as meninas.

Admirando o sorriso esmaecido de Skye, Eli começou a pensar em figos. Às vezes, via um esmagado ao lado do ringue de patinação, a parte interna cheia de vespas mortas.

— Ele é um artista — continuou a menina. — O meu tio. Ele pegou umas tintas e pintou minha coluna. Um losango enroscado na minha serpente.

Enroscado na minha serpente.

Eli escutava o que ela dizia, mas não muito, o baseado deixando-o relaxado, acalentando-o. Mas não parava de se perguntar. Não entendia o que o impedia de pôr a mão naquela pele dela, à mostra apenas para ele.

— Meu tio me disse para nunca ter vergonha — continuou Skye. — Que minha coluna era linda.

Olhando para a menina, quase pôde ver a serpente pintada se contorcendo na pele, pronta para virar, a boca aberta.

Começou a formar um pensamento sobre o tio dela, mas a ideia foi embora antes de se estabelecer.

— Meu tio criava cascavéis na antiga toca dos coelhos. Sabia que filhotes de cascavel têm um botãozinho minúsculo na ponta da cauda? Não faz nem barulho. Parece veludo. Eu já encostei.

Ela se virou de lado, mas manteve o suéter levantado. Dava para ver as bordas de baixo do sutiã verde, duas meias luas. Mas ele não sentiu o que normalmente sentiria. Era como olhar para uma pintura.

— Eles perdem o botãozinho quando trocam a pele pela primeira vez — continuou Skye, acariciando a própria barriga com as pontas dos dedos. — Depois disso, cresce o chocalho duro. É o que faz barulho. Não parece muito som de chocalho, é mais suave. Tipo assim.

Ela levou os dedos aos lábios escuros e fez um som.

Para ele, pareceu o som dos gafanhotos no bosque Binnorie.

Eli não sabia quanto tempo fazia que estavam deitados ali. Era como na vez em que caíra no treino e cortara o rosto, e sua mãe precisara buscá-lo no meio do dia.

Sentado no banco da frente do carro da mãe, os patins no chão diante de si, sentiu o toque macio de algo, uma calcinha, azul-clara, no chão do carro.

Nunca esqueceria a expressão no rosto dela. No rosto da mãe.

Aquilo realmente aconteceu? Sim. Os dois ficaram lá, sentados, como se não tivesse acontecido, durante todo o percurso até a casa, o barulho surdo do carro nas ruas molhadas.

Ele nunca contou a ninguém, os dois nunca falaram a respeito, e, seis meses depois, dois dias após o Natal, ela foi embora de casa. Às vezes, Eli ainda sentia nos tornozelos a sensação furtiva de que alguma coisa dera errado e estava bem ali, tocando nele, roçando sua pele o tempo todo, mesmo que ele não olhasse.

Então, através da névoa que cobria sua mente, ouviu Skye falar.

— Você foi visitá-la?

— Quem?

— A Lise.

— A Lise — repetiu, o nome parecia estranho em sua boca. Uma imagem da menina veio em sua direção, aquela Lise gorducha, com a blusa sempre subindo e deixando a barriga à mostra.

— Ouvi por aí que ela já consegue falar. Fiquei me perguntando se ela falou com você.

— Comigo? — indagou ele. — Por que ela falaria comigo?

— Ah, eu ouvi uns boatos. — Eli virou a cabeça para ela, o rosto de repente tão perto, o cheiro de algo podre saindo daquela boca de

lábios escuros. *Era como aquele figo*, pensou. *Com uma surpresa dentro*. — Posso ter ouvido errado.

— O que você ouviu?

— Sei lá. Uma coisa safadinha. Sobre vocês dois.

— O quê? — Eli começou a se levantar, apoiado nos cotovelos, prendendo um deles no cabelo comprido de Skye.

A menina não se mexeu. Ainda com a barriga de fora, passava os dedos na própria pele.

— Que vocês dois fizeram coisas. Antes da aula.

— Como assim “fizeram coisas”?

— Ao lado do ringue de treino, atrás dos arbustos. Você e Lise. Os dois estavam deitados na grama, e você tirou a meia-calça dela. Foi o que ouvi dizer.

Ele conhecia aqueles arbustos, com as folhas dentadas, de veios grossos e os frutos cheios de espinhos. Dava para beber cerveja ou fazer várias outras coisas em meio a eles.

— Claro que não — retrucou Eli, balançando a cabeça para afastar da mente a imagem de Lise com as pernas nuas e a saia levantada. — Lise é como uma irmã para mim.

— Ah.

Ela começou a fazer círculos com os dedos logo acima da cintura da saia. Cada vez maiores.

— Uma irmã — repetiu ele.

Eli olhou para a menina. Alguma coisa roçava sua pele de novo, logo abaixo do olho. Era como ver os aparatos de metal do dentista se movimentando e futucando os dentes.

— De quem você ouviu isso? — perguntou, elevando a voz. Não parecia mais ele. — Quem foi?

Skye olhou para ele, e Eli conseguia ver as vespas em sua mente.

— Olha — começou ele, pegando a mochila. — Preciso ir para a aula.

* * *

— Sr. Nash, gostaríamos de conversar com a sua filha.

A mulher se apresentara como Sue Brennan, subcomissária de saúde pública.

— Sobre o quê?

Estavam na sala vazia do diretor Crowder.

A alça do sutiã escorregava pelo ombro de Sue, e o cabelo pareciam sujos. Ela usava luvas de látex. Os pulsos vermelhos.

— Estamos tentando refazer os movimentos de Lise antes do ataque com a maior precisão possível.

— Mas por quê? Temos uma crise de saúde pública aqui e...

— Estamos tentando estabelecer se ela pode ter tido contato ou sido exposta a alguma coisa.

— Vocês acham que pode ser tóxico? — perguntou Tom.

— Sr. Nash, nós só gostaríamos de conversar com a sua filha.

A mulher entrelaçou os dedos, então pareceu se dar conta de que ainda estava de luvas. Olhou para as mãos sem saber muito bem o que fazer.

— Então estão falando com todo mundo?

— Sabemos que Deenie foi uma das últimas pessoas a estar com Lise antes do ocorrido.

Tom encarou a mulher, estreitando os olhos.

— Assim como uma sala cheia de outros alunos. Uma escola cheia de gente. Vocês vão falar com todo mundo?

— Há muita gente envolvida, e estamos seguindo todas as pistas.

— “Estamos”? Quem?

— O senhor não tem com o que se preocupar.

Sue o encarava com indiferença. Parecia a mulher do balcão da empresa de aluguel de veículos ou a atendente do check-in de uma companhia aérea. *Fique calmo, senhor.*

— Como assim, não tenho com o que me preocupar? — inquiriu Tom. — Me desculpa, mas você já olhou ao redor? Viu o que está acontecendo aqui?

— Sr. Nash — disse a mulher, finalmente tirando as luvas das mãos cobertas de pó e ligeiramente trêmulas. — Precisamos

descobrir tudo a respeito de Lise. De todas essas meninas.

Tom se recostou na cadeira.

— Por que agora, três dias depois? Por que não falaram com Deenie antes? Vocês têm alguma informação nova?

Sue apertou a pasta de arquivos que carregava.

— Sr. Nash, imaginei que seria importante para o senhor tentar ajudar a investigação. Não quer entender o que está acontecendo com essas meninas? E se sua filha for a próxima?

— Ela não vai ser — retrucou ele, a voz dura de repente.

A mulher olhou para ele e fez uma pausa.

— Não?

— Eu conheço minha filha — disse, levantando-se.

Não fazia ideia do que estava falando. O que aquilo tinha a ver com conhecer a própria filha? E aquela resposta, será que era verdade?

— É claro que conhece — respondeu a mulher, olhando para o telefone. — De qualquer maneira, parece que talvez já tenham conseguido o que precisam com ela.

* * *

Levaram-na para a sala de música, vazia exceto por um par de suportes de orquestra no chão. Deenie ficou se perguntando qual espasmo de qual menina os derrubara, esvaziando a sala, que agora cheirava a água sanitária.

— Aconteceu alguma coisa com a Lise? — perguntou. — Mais alguma coisa?

A mulher de parca balançou a cabeça. O homem que pegara o uniforme de Lise tinha ido embora, assim como Hawk, o diretor assistente.

— Estamos tentando conseguir algumas informações sobre o que Lise estava fazendo antes de ficar doente — explicou a mulher. — Como você é amiga dela, talvez possa nos ajudar.

Não havia cadeiras, então elas se sentaram uma em cada ponta da mesa manchada de café do sr. Timmins.

— Não sei nada sobre o que aconteceu — falou Deenie. — Lise estava na aula, então deu um salto e caiu.

— Você a viu antes da aula?

— Não.

— Você costumava vê-la antes da aula?

— Na verdade, não — mentiu Deenie.

Não queria explicar que não fora até o armário da amiga, como costumava fazer. Que não queria falar com ela sobre o que acontecera com Sean Lurie. E que estava preocupada que Lise pudesse vê-la e simplesmente saber.

— E sua amiga usava alguma droga, que você soubesse?

— O quê? Não!

— Está tudo bem. Ninguém está em apuros. Nem mesmo um baseado, de vez em quando?

— Não — respondeu Deenie, balançando a cabeça.

— É possível que Lise tivesse experimentado drogas com outra pessoa? — perguntou a mulher. — Você por acaso acha que Lise não lhe contava tudo?

— Ela me contava tudo — retrucou Deenie, com frieza. — Ela me conta tudo.

— E naquele dia... vocês conversaram por celular? Trocaram mensagens de texto?

— Não, mas isso não quer dizer nada — respondeu Deenie, o que foi algo esquisito de se falar, e nem mesmo ela sabia ao certo o que queria dizer.

— Tenho certeza de que não — disse a mulher. — E quanto a Lise e os garotos?

Deenie sentiu o corpo ficar tenso, os ombros se apertando, como se uma corda estivesse puxando seu corpo com força. A voz do pai pareceu surgir de dentro dela, embora na realidade tivesse vindo do corredor, alta e decidida.

* * *

— Não me deixaram ir para casa — sussurrou Brooke Campos para Eli, da fileira ao lado. — Essa enfermeira assistente é uma vaca.

O garoto olhou para ela. Por baixo da mesa, Brooke tinha aberto a calça jeans, a pélvis exposta.

— Está doendo muito — comentou, esfregando a barriga. — Disseram que é estresse. *Estresse* parece ser a resposta para tudo agora.

Talvez aquela tivesse sido a coisa mais inteligente que Brooke Campos dissera na vida.

— É melhor você ir para casa — sugeriu Eli.

Com as pontas dos dedos, a menina apertou os ossos da pélvis, saltando por cima da calça de cintura baixa.

— Parece que tem alguma coisa queimando dentro de mim.

— Srta. Campos, sr. Nash — chamou o sr. Banasiak, sob o brilho azul da apresentação de PowerPoint.

Os dois olharam para cima, esperando que o professor dissesse mais alguma coisa, mas aquilo foi tudo.

As luzes diminuíram, e Eli ficou olhando para Brooke, que se remexia no lugar.

— Brooke — sussurrou. — Você ouviu algum boato sobre mim e Lise?

— O quê? — indagou a menina, mordendo os lábios, os dentes brancos reluzindo em contraste com a pele bronzeada.

Parece um esquilo de bronze, pensou Eli.

— Alguma história sobre a gente?

— Não — respondeu a menina, receosa. Então acrescentou: — Bem, sim. Quer dizer, ouvi coisas sobre a Lise. Mas não tem nada a ver com você.

— Tem a ver com quem?

— Com um cara de outra escola. Um jogador de hóquei.

* * *

— Sr. Nash, não há nada de secreto e perigoso por aqui — disse Sue Brennan, ainda atrás dele. — Eu disse ao senhor onde ela...

Depois, Tom nem sequer se lembraria de ter caminhado ou corrido, como imaginou que tivesse feito, considerando a falta de ar, o suor no colarinho da camisa e o coração batendo forte no peito quando finalmente chegou à sala de música.

Puxando com força a maçaneta trancada, conseguiu ver Deenie lá dentro, os olhos arregalados fixos no painel de vidro da porta.

Uma mulher de parca escura pairava sobre ela feito um corvo.

— Abra a merda desta porta — ele se ouviu dizendo, uma voz claramente igual à do pai, diferente da dele.

A mulher de parca se virou, e um brilho de reconhecimento passou por seus olhos, como se soubesse quem ele era.

Estava falando coisas, pedindo a ele que se acalmasse.

De repente, Tom só conseguia pensar no rosto de Sheila Daniels sob a luz da porta da garagem, a boca aberta, vociferando.

A porta se abriu, a mulher de parca ia dizendo coisas a ele e Deenie veio atrás garantindo:

— Está tudo bem, pai. Juro.

*

Antes de saírem da escola, o diretor Crowder conversou com Tom, dando algumas garantias diante do armário de Deenie, que vestia o casaco.

— É óbvio que você deveria ter estado presente quando falaram com ela — disse o homem. — As coisas estão acontecendo muito depressa.

Tom não respondeu, só pegou a bolsa com os livros de Deenie e bateu a porta do armário.

— E, Tom — acrescentou Crowder —, sei que posso contar com você na reunião de pais e professores hoje à noite.

— Reunião de pais e professores? — perguntou ele, contendo-se para não fechar o zíper do casaco de Deenie como se a filha tivesse cinco anos.

— Você não recebeu a convocação? Teremos uma reunião de emergência — explicou Crowder, olhando para Tom e depois para Deenie. — Precisamos de você lá.

— Pode contar comigo — respondeu Tom. — Mas por que hoje à noite?

— Não ficou sabendo? — Crowder olhou para Deenie, hesitante. — Podemos falar a sós por um instante?

*

O rosto de Crowder estava muito próximo e molhado de suor. Estavam diante do computador dele, na sala do diretor, enquanto Deenie esperava, ansiosa, do lado de fora.

— Está no noticiário — explicou Crowder. — Na CNN.

Abaixando-se, ele tocou o vídeo pausado na tela.

Era Kim Court outra vez.

— Eu já vi — disse Tom.

— Não. Este é novo.

Na tela, Kim parecia ainda mais pálida, com o rosto iluminado de verde e a boca aberta.

— Não acreditem nas mentiras! — disse ela, com o cício e a voz rouca habituais. — Eu não vou mais me calar. Isso não tem nada a ver com uma vacina idiota. Porque, adivinhem só, pessoal! Eu não tomei a vacina. Eu sou alérgica e não pude tomar. Então escutem aqui! Escutem!

A menina se inclinou para mais perto da câmera.

— O que quer que esteja acontecendo com a gente é maior do que qualquer vacina.

A voz saía apressada, os olhos se revirando.
— É maior do que tudo.

*

Voltando para casa com Deenie, Tom fez um caminho diferente, passando longe do lago.

— Não era nada, querida — disse ele. — Só mais um daqueles vídeos.

— Tudo bem — respondeu Deenie.

— Então, esta noite, quero que você fique em casa e longe do computador. E da tevê. — O que era ridículo, mas deve ter sido um sinal do quão estranha era a forma como ele estava agindo, de modo que Deenie apenas concordou com a cabeça. — E chega dessa história de falar com os outros sem minha presença, está bem? Com qualquer um.

Deenie assentiu.

Tom nunca quis ser um desses pais histéricos, sufocadores e acusadores. Mas aquela não era uma situação diferente? Parecia diferente de tudo que ele já tinha vivido.

— E você tem certeza de que tudo o que perguntaram foi se você tinha visto Lise naquela manhã?

Deenie assentiu, virando o rosto para a janela.

Os dois seguiram em silêncio por um instante.

— Mas, pai — começou Deenie, de repente —, quem era aquela mulher, afinal? A de parca?

— Como assim?

— Ela não estava com o crachá do departamento de saúde. Quem era ela?

— Ela não se identificou? — Tom não conseguia acreditar que não tinha perguntado sobre isso.

Seu celular, no painel do câmbio entre os dois, começou a tocar. Chamadas perdidas: Georgia, Georgia, Georgia.

— Eu não me lembro — respondeu Deenie. — Tem tanta gente na escola agora.

— Só estou feliz por ter encontrado você — disse ele.

A filha o encarou, e Tom achou que veria um sorriso ou coisa parecida, mas ela estava olhando para seu celular, o nome da mãe aparecendo no visor.

13

Da janela do quarto, Deenie via o pai fumando no quintal, coisa que nunca o vira fazendo, exceto nas fotografias amareladas dos álbuns no armário do corredor, com páginas grudentas e lombadas descascadas e rachadas, como tudo dos anos 1980.

Ele estava encostado na parede da casa, tão escondido que quase se enfiara embaixo de uma calha.

O pai virou a cabeça, e Deenie deu um salto para trás. Não suportava a ideia de que o pai a tivesse visto olhando para ele.

Estava com medo de olhar para o celular. Havia alguma coisa nele. Uma mensagem de texto de Julie Drew com um novo link do YouTube.

E se fosse a Skye? Ela era a única que faltava do grupo do lago.

Mas sabia que não seria. Skye nunca gravaria um vídeo de si mesma para o mundo. Skye, que mal deixava as pessoas entrarem em sua casa, já que a tia sofria de labirintite. Skye, que dizia a todos que nem tinha CPF, porque isso era como estar na prisão ou em um campo de concentração. *A gente precisa estar no comando dos nossos números*, dizia ela. *Não podemos deixar que determinem nossos números para nós*.

E ainda tinha mais.

Alguma coisa em Deenie dizia que nada nunca aconteceria com Skye. Ela não tinha aquela coisa que Lise tinha, que Gabby tinha, que até mesmo Kim e Jaymie tinham. Aquela suavidade. Aquela delicadeza. Não era fácil de machucar.

Mas, por outro lado, pensou Deenie, acho que eu também não tenho.

* * *

Eli segurou o longo cabelo de Brooke para trás, enrolados nas mãos, enquanto a menina se abaixava, dobrando o corpo na altura da cintura.

O barulho que ela fazia, baixo e gutural, sequer parecia um som de menina. Lembrava mais os barulhos que os jogadores faziam no ringue de patinação quando levavam uma tacada na barriga ou uma pancada na virilha.

— Quer que eu chame a enfermeira? — perguntou Eli, uma das mãos no ombro moreno de Brooke, frio e arrepiado.

— Acho que não — sussurrou ela, olhando para os próprios pés. — Achei que fosse vomitar, mas não vou.

Foi algo estranho de se dizer, como se Eli não tivesse acabado de vê-la vomitando, se não estivesse com as mãos ainda em seu cabelo, enquanto ela se recompunha.

Brooke se apoiou na parede, o rosto molhado de saliva, a regata subindo pela barriga.

Ela estava olhando para fora, para os corredores envidraçados, embaçados devido à umidade.

Com o rosto pálido e cobrindo a boca com as mãos, ela apontou para os arbustos altos.

— Foi ali. Bem ali — disse Brooke. — Na semana passada. Vi a Lise saindo de trás daqueles arbustos com um cara. Eu já vi o cara antes, mas não sei o nome dele. Lise estava ajeitando a saia.

Eli não conseguia imaginar Lise fazendo o que Brooke estava sugerindo. Em qualquer lugar. Muito menos nos arbustos ao lado da escola. Tinha certeza de que não podia ser verdade.

— Acho que não fui a única a ver — comentou ela, olhando pelo vidro como se a cena ainda estivesse se desenrolando.

— Ei, espera. Por que alguém pensaria que era eu?

— Sei lá. O cara era um pouco parecido com você. E estava usando uma daquelas jaquetas intercolégiais que você às vezes usa.

Eli não respondeu, mas Brooke deu de ombros, como se ele tivesse dito alguma coisa.

— Lise Daniels — comentou, estreitando os olhos. — Ficou tão linda de uma hora para outra... Algumas de nós sempre fomos lindas.

Era como se ela estivesse falando sozinha, ou com o mundo todo.

— Ninguém se importa se você sempre foi bonita — continuou, a mão espalmada no vidro. — Não é novidade. Mas, se você fica bonita de repente, pode fazer qualquer coisa. Pelo menos, é o que ela deve ter pensado.

Eli olhou para Brooke.

Quando viu a expressão no rosto dela, achou que a menina fosse vomitar de novo. Mas então percebeu que ela acabara de ouvir a si mesma. Pela primeira vez, ouvira em voz alta o que já devia estar em sua cabeça havia muito tempo.

* * *

— Escutem! — gritava Kim Court no vídeo. — O que quer que esteja acontecendo com a gente é maior do que qualquer vacina. É maior do que tudo.

O vídeo, que Deenie assistiu na CNN e na Fox News, tinha apenas vinte segundos de duração, editado para mostrar apenas a revelação.

A manchete dizia: “Garota afetada alerta: é maior do que qualquer vacina!”

Deenie procurou o canal de Kim no YouTube e encontrou uma versão mais longa do vídeo.

Tinha sete minutos de duração e impressionantes vinte mil acessos, incluindo avaliações de “Gostei” (654) e “Não gostei” (245).

O vídeo começava com Kim resmungando, como se as palavras estivessem coladas na boca.

— Eu disse a eles para não botarem cola no meu cabelo...

A luz estava tão fraca que tudo parecia marrom e sombrio, e os olhos dela, em meio ao brilho, pareciam buracos negros.

— Porque foi o que fizeram com a Gabby, e eu encostei na cola.

Ela segurava o pescoço, os dedos na frente da garganta, e a voz parecia um gorgolejar, como se sua boca estivesse embaixo d'água.

— Se minha voz estiver esquisita — continuou Kim — é porque minha língua está enorme, e minha boca é muito pequena. Estão me drogando. Mas, se querem me ajudar, por que botaram cola no meu cabelo?

Por um instante terrível, Kim pareceu ter que fazer força para respirar. Então inspirou fundo e soltou o ar em um barulho áspero.

— Eu sei que estava sonhando — continuou. — Eles me disseram que eu estava sonhando. Mas foi muito real. O homem com as pernas de tornado. Eu sempre sonhei com ele, desde pequena. E Gabby também! Ela estava tirando algas marinhas da garganta. Seus olhos eram pedras. Ela encontrou Lise lá embaixo.

Ela olhou para o lado de repente, que nem no vídeo anterior, o branco dos olhos reluzindo.

Então uma luz se acendeu, e Kim tirou as mãos da garganta, exibindo a pele clara e ferida. Arranhada.

Encarou a câmera outra vez.

— E ouvi dizer que Deenie Nash também está aqui. Eu a ouvi falando noite passada. Sabia que ela estaria aqui.

Os olhos de Kim ardiavam com uma expressão determinada ao concluir:

— É a Deenie.

Deenie apertou a tela até a ponta do dedo ficar branca. E desligou o telefone.

* * *

— Por meio do médico da família, os pais de Kimberly Court confirmaram que, devido a uma alergia a um dos componentes, a filha deles não tomou a vacina contra o HPV — anunciou o âncora do noticiário.

Tom nem sequer pensara que fosse a vacina, nunca acreditara nisso.

Mas teve a súbita impressão, quando o celular começou a apitar com mensagens de voz e de texto e de e-mails de pais, que a situação tinha ficado muito, muito pior.

Agora que o horror definível e específico fora eliminado, um fosso se abria embaixo deles. Embaixo de todos aqueles pais. Todos os pais.

Se não era a vacina, o que era?

Tom pegou o celular.

“Olá, você ligou para Diane, do faturamento. Por favor, deixe recado.”

A voz tranquila, profissional, amistosa.

Tom deixou recado sem acreditar que Diane retornaria.

Então, lembrou-se do que a filha dissera.

Pai, quem era aquela mulher?

A mulher de parca, quem poderia ser? Alguém do Centro de Controle de Doenças? Tom achava que não. Às vezes, na tevê, representantes do Centro usavam uniforme. A mulher não tinha nem um crachá de identificação.

E havia mais uma coisa a respeito dela. A postura. A forma como ficava parada, o peso do corpo apoiado em uma das pernas, os joelhos um pouco dobrados.

Como uma policial.

* * *

Deenie ficou sentada ereta na cama, pensando em Kim Court, imaginando quem tinha visto o vídeo, mas com a certeza de que

todo mundo tinha visto. Talvez, todo mundo em todo o mundo. Todos se perguntando o que Kim quisera dizer ao afirmar: “É a Deenie.”

E havia uma parte ainda mais maluca: *Deenie Nash também está aqui. Eu a ouvi falando ontem à noite. Sabia que ela estaria aqui.*

Como se tivesse outra versão dela lá, no hospital, com Lise.

Certa vez, Skye contou a elas sobre um primo que conseguia fazer projeções astrais. Ele costumava visitá-la à noite. A menina sempre pensava que estava sonhando, até a vez em que ele perguntou: *Quando você ganhou aquele pijama novo, o azul com desenhos de arco-íris?*

Parte de Deenie desejava ser capaz de fazer isso. Tentara imaginar como Lise estava, se tinha mudado, se parecia melhor, qualquer coisa. Mas então se lembrou da saliência roxa no meio da testa da amiga.

Ela virou-se para a mesa de cabeceira. Atrás do abajur e da caixa vazia de lenços de papel havia um porta-retratos forrado com miçangas azuis. A foto fora tirada na formatura do ensino fundamental: ela e Lise com os rostos unidos, os enfeites dos cabelos apertados junto às bocas abertas. A velha Lise. A Lise com a testa cheia de acne e covinhas rechonchudas no rosto alegre.

Mas era difícil imaginar a Lise de agora, ou pelo menos a da semana anterior. A Lise cujo rosto surgia por trás da porta do armário de Deenie todas as manhãs, para dar bom dia, exceto na manhã em que tudo aconteceu, quando Deenie não foi até o armário. Por causa do que tinha feito com Sean Lurie.

A única Lise que ela conseguia imaginar era aquela tendo convulsões no chão da sala de aula. Com os olhos cheios de surpresa.

Era como a surpresa nos olhos de Sean, no instante em que ele se deu conta da verdade sobre Deenie, assim que descobriu seu segredo — ou achou que tivesse descoberto.

Lise e Sean, as expressões de espanto parecidas.

Não era a mesma coisa, exceto pelo fato de que talvez fossem: *Você não me contou. Devia ter me contado. Você não me disse que seria assim. Devia ter me contado. Deenie, por que não me contou?*

Ou talvez fosse como a expressão de seus próprios olhos. Com Sean apertando com força o corpo no dela. Uma expressão que ela nunca pôde ver: *Eu não sabia que era assim. Se alguém tivesse me contado que era assim. Se.*

*

Não se lembrava de ter ligado o celular.

— Mãe — chamou, o telefone tremendo em sua mão trêmula. Ela apertara mesmo o contato da mãe? — Mãe, pode vir aqui em casa?

* * *

O telefone estava tocando.

Não o telefone de Tom ou de alguém da casa. O fixo, que quase nunca tocava, exceto pouco antes das eleições, e que ficava em cima de uma mesinha no corredor, exposto como uma antiguidade.

— É o pai de Deenie Nash?

— Sim — respondeu Tom.

— É... Pode informar a Deenie que ela não precisa vir amanhã?

— O quê? — perguntou Tom, logo em seguida reparando que devia ser da Pizza House. — Ah, tudo bem. Vou pedir para ela ligar, se estiver pensando em não ir.

Houve uma breve pausa.

— Não, quer dizer, Deenie deveria tirar a noite de folga. E o domingo também, ok?

— Como assim?

Mais uma pausa.

— Estamos apenas sendo cautelosos, senhor.

— Então não vão abrir? — indagou Tom, tentando manter a voz firme. — Quem vai trabalhar?

— Nós apenas não precisamos de Deenie — explicou o homem. — Só isso.

— Escute aqui, nada disso tem a ver com Deenie — retrucou Tom. — Mas agradeço a preocupação com a saúde da minha filha, já que tenho certeza de que é disso que se trata.

Telefones tocaram e deu para ouvir um barulho de panelas ao fundo durante vários segundos, até o sujeito falar outra vez.

— Olha só, eu sinto muito, sr. Nash, mas nenhum de nós realmente sabe o que tem a ver com o quê.

— De onde você tirou essa ideia? O que fez você achar que a minha filha...

— Senhor, eu não acho nada. Só sei que recebi uma ligação perguntando qual tinha sido o último turno dela. E ouço coisas por aí. Eu também moro aqui, sabe.

Tom desligou o telefone.

*

Ele abriu o laptop e assistiu ao vídeo de Kim Court mais uma vez. O vídeo inteiro. Cheio de momentos com olhos arregalados e mãos na garganta. E tinha a pior parte. Aquela história maluca sobre Deenie também estar no hospital. Sobre Deenie ser “a garota”.

Eram delírios de uma menina confusa e extenuada.

A teoria da vacina não fazia sentido. Assim como as teorias sobre morcegos e toxinas. Mas, acima de tudo, o que não fazia sentido era a ideia de que sua filha podia ser uma espécie de Maria Tifoide, arrasando a cidade.

Lembrou-se de ver um documentário sobre a mulher no canal público.

Seu sorvete de pêssego era muito elogiado e solicitado, foi o que disseram sobre Mary, cozinheira da nobreza, uma portadora

assintomática que infectou dezenas de famílias.

Imaginou Deenie na Pizza House, as mãos cobertas de farinha, sorrindo para ele dos fundos enquanto o batedor de massa fazia barulho diante de seu corpo pequenino.

A reunião de pais e professores começaria em meia hora, e ele queria chegar cedo.

* * *

— Que bom ouvir sua voz, querida — repetiu a mãe de Deenie três, quatro vezes.

— Eu não estava a fim de conversar. Tem muita coisa acontecendo.

— Deenie — começou Georgia —, sinto muito que você esteja passando por isso tudo sozinha.

— Eu não estou sozinha — retrucou a menina, toda a urgência que sentira quando ligou indo embora e dando lugar a outro sentimento, mais antigo e cauteloso.

— Não, eu sei — respondeu a mãe. — Só sinto que esteja passando por isso sem mim.

Deenie agarrou o colar de miçangas que ganhara no Mardi Gras e começou a enrolá-lo entre os dedos, tentando ouvir, ou não ouvir.

— Não paro de ouvir várias informações conflitantes — comentou a mãe, sua voz preenchendo o silêncio. — A vacina. Todas aquelas pessoas do movimento antivacina. Lembro-me de quando você tomou a vacina contra sarampo, no quinto ano. Seu pai tentou explicar a todos como as vacinas funcionam. Aposto que é o que ele está fazendo agora.

Deenie não respondeu.

— E o deputado não para de falar sobre o lago.

— O que tem o lago? — perguntou a menina, sentindo a coluna retesar.

— Eu sempre achei aquele lago estranho. Aquele cheiro.

Deenie sentiu sua mão cobrindo a boca.

— Era tão lindo — dizia a mãe —, mas mudou.

— Mãe.

— A água ainda é bem espessa, como se tivesse um tapete verde por cima? Ainda tem cheiro de pelo?

— Você vem, mãe? — disparou Deenie, o queixo tremendo.

— Não. — A resposta veio depressa.

A pausa em seguida pareceu durar uma eternidade. A mão de Deenie doía de tanto apertar o celular.

— Venha ficar aqui comigo, querida — sugeriu a mãe, falando cada vez mais rápido. — Se eu pegar o carro agora, chego aí à meia-noite. Você pode ficar aqui até...

— Não, mãe. Não! — Deenie aumentou o volume da voz, falando naquele tom agudo que só a mãe conseguia provocar.

Todos aqueles meses depois da separação, aos poucos começando a compreender o que a mãe fizera.

— Deenie, aí não é seguro para você — disse a mulher. — Não sabem do que se trata.

— Meu pai vai cuidar de mim.

— Eu posso cuidar de você. Deenie, eu sempre...

— Você nunca foi boa em nada — interrompeu Deenie. — Só em estragar as coisas.

* * *

Eli examinava a vitrine de troféus do time.

Olhando para o relógio na parede, o rapaz percebeu que eram quase sete da noite. Fazia horas desde que fumara com Skye, e o tempo que passara no ringue de treino parecera acabar em um instante.

Muito barulho ecoava do ginásio. Estavam arrumando o lugar para alguma coisa. Parecia um mau momento para um jogo ou uma feira escolar.

Eli pousou os olhos no troféu do ano anterior, um disco folheado a ouro entregue pelo prefeito, fitas empoeiradas, a foto do time, tacos inclinados em perfeita simetria.

E a grande foto do banquete intercolegial do ano anterior.

Havia outros jogadores de Dryden, e alguns do time do Estrela do Mar.

Estava pensando no que Brooke dissera, sobre o garoto com Lise.

Na foto, todos usavam os mesmos blazers azuis, as mesmas camisas sociais e os mesmos sapatos brilhantes, exibindo os mesmos sorrisos irônicos.

Todos se pareciam com ele.

* * *

Com a cabeça quente e o quarto parecendo menor do que nunca, Deenie não conseguia acreditar que ligara para a mãe, se odiava por isso.

O celular não parava de tocar, mas ela não queria desligar, porque Gabby poderia telefonar.

Lembrava-se, mais uma vez, das centenas de conversas abafadas no quarto dos pais, das portas batendo e da mãe chorando no porão, o som ecoando pela calha da lavanderia. No começo, não conseguiu entender nada do que estava acontecendo, até que um dia ouviu a voz do pai, alta e estranha, através das paredes. *Não conseguiu manter as pernas fechadas não conseguiu se conter olhe o que você fez olhe o que aconteceu.*

Na manhã seguinte, os dois se sentaram com Deenie e Eli à mesa da sala de jantar, e a mãe anunciou que estava indo embora, uma mala apoiada entre os joelhos.

Durante todo o tempo, Deenie manteve os olhos no pai, sentado ao lado da mãe sem dizer uma palavra, cabisbaixo, cutucando um nó da madeira da mesa.

* * *

No começo, Tom não sabia ao certo de onde o som vinha ou do que se tratava.

Mas então foi andando na direção da cozinha e distinguiu o barulho da máquina de lavar.

Desceu os degraus que rangiam, cobertos por muitas camadas de tinta.

A princípio, Deenie não pareceu ouvi-lo, com a máquina parando de funcionar com um estrondo. Depressa, quase que furtivamente, ela abriu a tampa, tirando a blusa da Pizza House do fundo do velho eletrodoméstico.

Ele a viu erguer a blusa contra a lâmpada pendurada no teto.

E depois apertar o rosto no tecido.

— Deenie — chamou, parado no pé da escada do porão.

— Oi, pai — respondeu ela, a voz meio engasgada.

A filha não se virou, mas afastou a blusa do rosto, jogando-a em cima da tampa.

Estava escuro lá embaixo, e ele não conseguia ver direito, mas pareceu um momento particular. Não ilícito, apenas particular.

— Está tudo bem?

— Tá.

— Você disse que não queria trabalhar amanhã, não disse?

— Disse — respondeu ela, ainda sem virar a cabeça. — Não parece certo ir para o trabalho. Com tudo o que está acontecendo.

As mãos dela apertavam a blusa, vermelha e molhada.

14

Do estacionamento molhado pela chuva dava para ver o ginásio, iluminado e barulhento como em uma noite de jogo.

Uma van do noticiário do Canal 7 passou por ele, a antena no topo lembrando um guarda-chuva de chocolate.

A distância, dava para ver Dave Hurwich discutindo veementemente com uma mulher que usava uma capa de chuva amarela com chapéu combinando e carregava algum tipo de pote.

Avançando mais depressa, Tom passou por um repórter com capa de chuva parado ao pé da escada do prédio, a câmera iluminando seu rosto, enquanto ele dizia:

— Embora representantes da escola aleguem que o objetivo da reunião marcada às pressas seja sanar as preocupações dos pais, é difícil não perceber a relação com a revelação desta noite.

Outro repórter, a poucos metros de distância, os dedos encostados no fone de ouvido, ia dizendo:

— Para muitos pais, o fato de a srta. Court não ter tomado a controversa vacina põe em xeque a teoria mais difundida em relação ao surto.

O repórter estendeu o microfone para uma mulher de casaco roxo com capuz. Tom lembrava-se vagamente de vê-la na reunião de pais e professores.

— A vacina era uma pista falsa — comentou a mulher, muito séria, inclinando-se mais para perto do microfone. — E agora, em

que pé estamos? Pode ser qualquer coisa. Essa situação é inaceitável!

Tom continuou andando.

Um pequeno grupo estava reunido na entrada da escola. No centro, um homem com fones de ouvido e um boné do Canal 4 falava com Hawk, o diretor assistente.

— Esta é uma reunião pública, não é?

— Esta não é uma reunião do conselho de classe — respondeu Hawk, com o rosto muito branco e molhado, o boné dos Dryden Stallions encharcado. — A reunião foi convocada pela associação de pais e professores, e precisamos respeitar a privacidade deles.

— Mas esta é uma escola pública, não é? O que o faz pensar...

Tom passou depressa por eles, de cabeça baixa, quase tropeçando nos longos fios embolados que saíam da van.

— Aquele é o pai da menina Nash? — Ouviu alguém dizer.

Ele não parou. Só continuou caminhando.

* * *

A mãe tinha deixado duas longas mensagens, que Deenie ouviu com o telefone em cima do balcão da cozinha enquanto comia seu cereal.

E aumentou o volume do rádio, para ouvir ainda menos.

Não deveria ter ficado surpresa por sua mãe não vir. Não foi uma surpresa.

Nos últimos dois anos, a mãe não passara mais do que dez minutos na casa, nem mais do que uma hora em Dryden. Quando ia buscá-los, ficava esperando no carro, como se tivesse uma fita de isolamento policial ao redor da entrada.

Às vezes, a mãe espiava por baixo do para-sol do veículo, encarando a casa como se fosse assombrada.

Deenie atirou o resto do cereal na pia e abriu a geladeira. Cogitou pegar a garrafa de cerveja que estava escondida em um canto. Tomara no máximo dez cervejas na vida, mas parecia ser o certo —

o normal — a se fazer em situações como aquela. Como se já tivesse havido alguma situação como aquela.

O noticiário entrou no ar, entoando sua música característica.

... convocada por Sheila Daniels, mãe de Lise Daniels, e seu advogado, possivelmente para discutir as tentativas de transferir a menina para o centro médico em Mercy-Starr Clark. A entrevista coletiva será realizada no hospital às dez horas desta noite, provavelmente depois do encerramento da reunião de pais e professores. O hospital nega a história, afirmando que um evento desse tipo em suas instalações exige permissão concedida pela diretoria e que não foi feita qualquer solicitação.

Deenie sentou-se de novo, pensando no hospital, lembrando-se de ficar no estacionamento na noite anterior, o mais perto que esteve dos acontecimentos. Dos acontecimentos lá dentro. Com Lise.

E então, ouvindo a voz de Kim Court, com os olhos envoltos por olheiras.

Deenie Nash também está aqui. Sabia que ela estaria aqui. É a Deenie.

Pegou o telefone e tentou falar com Gabby outra vez.

— Deenie, eu não quero conversar — a voz de Gabby estava baixa e fanha, como da vez em que ela ficou com a garganta inflamada e sua língua estava toda branca.

— Mas o que aconteceu hoje? Você não ia ao hospital, fazer mais alguns exames?

— Sim. Já estou em casa.

— O que fizeram com você?

— Não sei, Deenie. Tiraram mais sangue, umas coisas nojentas. Mais conversas com psiquiatras. Não quero falar sobre isso.

Deenie hesitou. Ficou imaginando Gabby deitada, toda enrolada, como uma bola bem compacta, impossível de abrir, de afastar os braços das pernas, a cabeça do peito.

— A Skye está aí com você? — perguntou Deenie, mas sentiu-se envergonhada assim que terminou de falar.

— O quê? Não.

— Você viu os vídeos? — insistiu Deenie, mais uma vez. — Da Kim Court?

— Não — respondeu a menina. — Não, não estou vendo nada. Minha mãe disse que eu não posso ver nada. Deenie, eu não quero falar sobre isso, está bem? Por favor.

Mas Deenie não conseguia se conter, a voz foi saindo mesmo sem querer.

— Gabby, a gente precisa fazer alguma coisa. E se fôssemos até o hospital? Talvez, com tudo o que está acontecendo, dê para tentar ver a Lise...

— Não — respondeu Gabby, a voz alta e ansiosa. — Eu nunca, nunca mais vou voltar lá. Qual é o seu problema, Deenie? O que você acha que vai acontecer se for até lá? Acha que a Lise está com tanta vontade de ver você que vai sair do coma?

Deenie demorou um pouco para responder.

— Coma? — indagou, afinal. — Como assim, "coma"? Eu achei que ela só estivesse inconsciente.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

Então Gabby estalou a língua no céu da boca, produzindo um ruído abafado.

— Deenie — começou ela, por fim —, as pessoas não ficam só inconscientes por quatro dias.

— Mas a gente não sabe... talvez ela já esteja consciente. A gente não sabe.

Deenie ouviu um som abafado, mas não conseguiu distinguir o que era. A testa estava úmida e pinicando. Sentia-se muito distante da amiga. Distante em relação a tudo nos últimos tempos, mesmo antes de aquilo acontecer. Gabby vivia fazendo coisas com Skye. Só se lembrava de ter se sentido dessa forma alguns anos antes, quando Gabby passou quase duas semanas hospedada em sua casa. Todas as noites, Deenie tentava fazê-la falar sobre como se sentia, mas não conseguia. Porém, ouviu Eli conversando algumas vezes com ela no andar de baixo. E a risada de Gabby. Devia ser ela, mas não parecia a risada dela. Não parecia a própria Gabby.

O que era meio estranho de se pensar, porque tinham sido aquelas semanas que Gabby passou na casa dela que as fizeram virar melhores amigas. Depois daquilo, as duas ficaram mais próximas do que nunca.

— Deenie — a voz de Gabby voltou, em um sussurro. — O que você está querendo fazer?

Estalo, estalo. Deenie sentia os lábios e a língua batendo. Será que o som estava saindo de sua própria boca?

— Deenie — insistiu Gabby —, estamos todas doentes.

*

Dez minutos mais tarde, já de casaco, Deenie estava pronta para sair.

Se eu mandar uma mensagem, pensou, ele vai dizer não.

Ela arrancou uma folha do caderno e escreveu um bilhete.

* * *

No instante em que entrou na escola, Tom sentiu.

O barulho estava muito, muito mais alto do que em qualquer outro evento escolar de que ele conseguia se lembrar.

Havia o clamor sombrio de pais ansiosos encontrando outros pais ansiosos para ficarem ainda mais ansiosos juntos.

Um berreiro vinha da entrada enquanto o único segurança tentava impedir que outro repórter entrasse pela rampa de carga.

Também tinha o barulho das cadeiras de rodinha sendo levadas até o corredor e viradas bruscamente na direção dos armários, fazendo uma lata de lixo sair rolando até a parede.

Além disso, dois grupos de pais gritavam uns com os outros, alguma coisa sobre uma batida no estacionamento. Um dos pais chorava sem motivo aparente, tentando secar as lágrimas humilhantes de frustração na manga da camisa.

Diante das portas duplas do ginásio estava o garoto cabeludo que era presidente do grêmio estudantil, parado feito um vigia, um adesivo com o nome colado no blazer azul-marinho: PATRICK.

— Eu não tenho nenhuma informação, mas não se preocupe — ia dizendo o garoto, com a voz falha, para a mãe que falava sem parar com ele, os óculos tortos e embaçados. — Eles vão explicar tudo.

*

Não se lembrava de algum dia ter visto o ginásio tão lotado.

O diretor Crowder, com as mangas da camisa dobradas como um jovem político, orientava um menino com jeito de integrante do grêmio estudantil sobre como abrir as janelas mais altas com o extensor.

Se já não estivesse tão quente, com o clima lá fora tão anormalmente ameno e a escola com todo o bafo da calefação dos meses de inverno, talvez os mais de duzentos pais amontoados não irradiassem tanto calor.

O ar estava pesado, e as janelas altas, molhadas de condensação. Tom atravessou o ginásio, passando por grupos de pessoas tensas. O lugar começava a parecer uma espécie de sauna letárgica ou o setor de carga de um antigo navio.

E todos estavam lá.

Um programa de auditório cheio de pais, atuais, recentes, antigos. (O que Constance Keith estava fazendo ali? As duas filhas metaleiras, agressivas e barulhentas e o filho que vendia ritalina já tinham saído há muito do sistema de ensino, possivelmente direto para o sistema carcerário.)

Lá estavam os pais mais zelosos, com cadernos e canetas em punho, trazendo cópias dos últimos artigos impressos da internet nas mãos trêmulas.

Além dos pais com expressões meio perplexas, os mesmos que quase nunca acreditavam que os filhos estavam se saindo mal em

química; que tinham ateado fogo no cabelo de seus parceiros de laboratório enquanto brincavam com os queimadores de butano, fingindo serem lança-chamas; ou que haviam chamado as colegas de “piranhas rodadas”.

E também os pais, em menor número que os outros, que passavam o tempo todo com os olhos fixos nos telefones, exatamente como faziam durante a noite da volta às aulas, os concertos e as formaturas. Os rostos ficavam ocultos, de modo que não era possível ter certeza se estavam apenas matando tempo, lendo jornais, prestes a avançar sobre os representantes da escola ou concentrados em outra coisa (no trabalho, num jogo de palavras cruzadas ou no Tetris).

Só havia lugar de pé, como em um show de rock. Tom tentou evitar todos os pais e encontrou um canto ao lado das portas do vestiário masculino, apertando-se nas paredes meio úmidas e sentindo o cheiro forte de mofo, cuspe e garotos.

A uns cinco metros de distância, por entre as traves de alumínio, via Lara Bishop em seu próprio refúgio, mascando chiclete com a intensidade de uma ex-fumante.

Demorou bastante para conseguir chamar a atenção dela, que finalmente acenou em resposta e deu um meio sorriso de reconhecimento. Às vezes, ela lembrava uma daquelas atrizes dos filmes antigos que aparentavam estarem cansadas do mundo; apanhavam muito da vida e, em vez de ficarem mais duras, acabavam ainda mais generosas.

— Você também está se escondendo — comentou uma voz a seu lado.

Era a professora de francês, Kit, avançando em sua direção, com uma minúscula jaqueta de couro, o tecido vermelho-tomate, como sua Vespa, deslizando para fora do corpo.

De onde saiu essa mulher?, perguntou-se Tom. *E onde estava quando ele era solteiro?* Então lembrou-se de que *era* solteiro.

Um ruído repentino do sistema de som fez Kit se encolher, sorrindo, os ombros subindo de um jeito que o fez se lembrar de

Gabby, Lise e Deenie, o que foi muito desconfortável.

— Peço a atenção de todos, por favor...

O diretor Crowder começou o discurso. Com um maço de papéis enrolados na mão e uma caneta atrás da orelha, parecia um cartunista retratando alguém importante. Primeiro, anunciou a imensa lista de autoridades que estava ao seu lado. A subcomissária Sue Brennan, o superintendente, com o terno cinza-claro de sempre, uma mulher de cabelo grisalho apresentada como “diretora de informática” do hospital, um homem não identificado de terno com colete, os dedos apertados ao redor do celular.

E o pobre Mark Tierney, presidente da associação de pais e professores. Um pediatra de rosto franzido e vermelho, parecendo um homem pego de surpresa enquanto fazia força.

— Agradeço a presença de todos — começou o superintendente.
— Pais preocupados são pais envolvidos, e pais envolvidos fortalecem nosso distrito. A segurança e o bem-estar de nossos alunos é nossa maior prioridade. Estamos trabalhando de perto com as alunas afetadas, seus pais e as autoridades da área de saúde para averiguar todos os fatos. Pedimos à comunidade que respeitem a privacidade das famílias envolvidas e que encaminhem quaisquer perguntas que possam vir a ter diretamente ao diretor Crowder.

Foi uma maravilhosa sequência de frases que não revelou uma informação sequer.

Todos os olhares se voltaram para Crowder, que abriu um breve sorriso, como se tivesse esquecido o que estava acontecendo.

— Agradeço a todos pela presença. Embora as leis de privacidade nos impeçam de tratar de questões específicas, queremos deixar claro que todas as meninas receberam ou estão recebendo tratamento médico adequado. A principal questão é que não há evidências sugerindo que estejamos lidando com uma ameaça contagiosa de qualquer tipo, e a sra. Tomlinson, que representa o hospital, pode me ajudar a explicar.

A mulher grisalha trocou olhares com Crowder, visivelmente tensa. Foi como presenciar uma dupla de jogadores combinando o

que iam fazer. Crowder captou o sinal da mulher, só que com um pouco de atraso.

— Mas as investigações ainda estão em andamento — continuou o diretor, baixando os olhos para uma folha de papel dobrada nas mãos. — Basicamente, o que estamos tentando fazer é reconstituir os fatos. Funcionários do distrito e da área da saúde estão trabalhando em conjunto para determinar quaisquer pontos em comum entre as meninas, coisas que possam explicar suas condições.

— Eu sei de um ponto em comum! — gritou alguém, do meio do ginásio lotado. — Todas frequentam *esta* escola!

Pronto. Não tinha demorado muito, mas foi quase um alívio acabar com aquilo, agora que alguém havia começado.

Deu para sentir a pressão do ambiente diminuindo um pouco para então, em segundos, voltar com toda força. Alguns pais tentavam avançar, outros acenavam para o aluno que segurava o microfone destinado a perguntas. O zum-zum-zum de algumas dezenas de conversas paralelas cada vez mais alto.

Crowder pigarreou.

— Eu ia chegar nesse assunto. O departamento de saúde está se preparando para realizar uma revisão completa das instalações, e a subcomissária poderá falar mais sobre isso. Sei que ela ficará satisfeita em poder responder a quaisquer perguntas.

Sue Brennan deu um passo para a frente na direção do microfone, balançando-se de leve nos calcanhares.

Tom concentrou a atenção nela, aquela mulher que, agora percebia, falara sobre sua filha de modo tão inescrutável e evasivo.

— Depois do incidente com a srta. Bishop, nossa equipe procurou o departamento de saúde do estado, incluindo as divisões de saúde ambiental e de doenças contagiosas. Eles estão nos ajudando a revisar os exames médicos disponíveis e compartilhando dados epidemiológicos, clínicos e ambientais. Muitos de vocês perguntaram sobre doenças autoimunes, mas nenhuma das meninas apresentou qualquer infecção compatível. Já eliminamos muitas infecções

comuns, como *E. coli* e estafilococos. E também infecções neurológicas como encefalite, meningite ou sífilis em estágio avançado.

Dava para sentir o furor da audiência no ginásio crescendo mais a cada palavra. Listar todas aquelas possibilidades, ainda que para eliminá-las, pareceu má ideia. A palavra *sífilis* fez até mesmo Tom se sentir meio febril.

— É importante notar — continuou a mulher — que infecções não discriminam. Se isso fosse uma infecção, mais pessoas estariam afetadas, e não apenas meninas. Mas o processo está em andamento. A principal coisa de que precisamos agora é da paciência dos senhores.

— E por que confiaríamos em vocês? — gritou uma voz, do meio da multidão agitada. — Em qualquer um de vocês? Foram vocês que empurraram veneno pela goela das nossas meninas!

Tom deu alguns passos para a frente, chegando mais perto de Kit, e viu que quem gritava era Dave Hurwich, com um balde de café na mão e um maço de papéis amassados embaixo do braço.

— Colocaram nossas filhas enfileiradas, como vítimas de campos de concentração! — acrescentou o homem, ficando de pé enquanto o representante do grêmio estudantil corria até ele com o microfone.

— Senhor — começou Sue Brennan —, se está se referindo à vacina contra o HPV...

— Diretor Crowder, por que o senhor deu a vacina para elas? — indagou uma mulher na frente, falando alto, a voz trêmula. — Não sou contra vacinas, mas esta não é como a do sarampo. Minhas filhas não podem pegar HPV na escola. Por que o senhor tornou a vacina obrigatória, considerando os riscos?

— Sra. Dunn — começou Crowder, dando um passo adiante —, a vacina não era obrigatória. Mas o HPV é um vírus. Não, não há como pegá-lo segurando uma maçaneta, mas...

— Agora vão permitir sexo nos corredores? — gritou alguém. — Só assim para as meninas pegarem esse vírus na escola.

Pingando de suor, com a ansiedade crescente do ginásio cada vez mais barulhenta e incômoda, Tom se afastou alguns metros em busca de mais espaço, tentando respirar.

Era uma coisa estranha, discordar de tudo o que estavam dizendo, mas, ao mesmo tempo, compartilhar do pânico por trás do discurso.

— E quando vocês vão admitir que uma parcela das vacinas estava com problema? — gritou Dave Hurwich outra vez, erguendo uma das mãos e sacudindo os papéis que carregava. — Vocês brincaram de roleta-russa com nossas filhas!

— Senhor, se está se referindo aos boatos de que teria havido um lote ruim das vacinas contra HPV, saiba que isso é altamente improvável — respondeu Sue Brennan, a voz começando a falhar ao tentar se fazer ouvir. — Lotes de vacinas contêm milhares de doses. Se fosse esse o problema, estaríamos enfrentando uma crise em toda a cidade, até mesmo na região.

Parcela problemática, lote ruim... Era a primeira vez que Tom ouvia falar nisso. Sentiu-se negligente e ficou imaginando se não deveria pelo menos ter lido sobre isso, em vez de esperar que alguém lhe dissesse o que tinha dado errado.

— Eu fico imaginando o que caras como Dave Hurwich faziam antes do advento da internet — sussurrou Kit, esfregando a nuca e exibindo a tatuagem de pena de pavão. — Às vezes você não pensa em como seria bom ter uma escola sem pais?

Tom a encarou. A professora pareceu um pouco arrependida de ter falado e ergueu as sobrancelhas, constrangida.

— Quer dizer, sem pais como esses — acrescentou, indicando a turba barulhenta com a cabeça.

— Por que estamos falando sobre a vacina? — gritou uma mulher. — Sabemos que a menina Court não tomou vacina nenhuma! Isso foi só para desviar nossa atenção!

Um rugido baixo de aprovação veio de todos os cantos do ginásio.

— É verdade — começou Sue Brennan, a voz quase sobreposta pelo barulho. — Kimberly Court não tomou a vacina. Devido a uma

alergia, ela...

— A menina Court é quem está falando a verdade! — interrompeu a mesma mulher. — Vocês não viram o vídeo?

— Você é repórter? — inquiriu uma voz masculina, saindo de algum lugar. — Eu nunca vi você antes!

A mulher ficou de pé, e Tom a reconheceu: Mary Lu, mãe de Bailey. Ela era membro de diversas ONGs de preservação da natureza e do meio ambiente. Tom assinara dezenas de suas petições e, certa vez, fora convencido a participar de uma campanha contra pesticidas.

— A minha filha frequenta esta escola — gritou Mary Lu em resposta, a voz falhando. — E eu tenho tanto direito quanto você...

Dezenas de vozes foram ouvidas por todo o ginásio, gritos de apoio e vaias.

— Podemos, por favor, manter a ordem? — interveio Crowder, provocando outro ruído agudo do sistema de som ao tentar puxar o microfone mais para perto.

A alguns metros de Tom, Carl Brophy, o professor de física, acenou freneticamente para o menino do grêmio estudantil até ele se aproximar com o microfone.

— Com licença — começou Carl, com a voz rouca. — E quanto à explicação óbvia? Que não é algo vindo de fora, e sim alguma coisa dentro das cabeças dessas meninas?

— Isso, isso — concordou um homem de aparência exausta, sentado mais à frente. — Como médico, sou bastante cético em relação a qualquer evento epidemiológico que afete apenas meninas...

O ginásio se encheu de assovios, palmas e gritos.

Tom olhou por cima do ombro de Kit, mas não viu mais Lara Bishop.

— Só meninas foram afetadas porque só elas receberam injeções de veneno! — retrucou Dave Hurwich, com o rosto muito vermelho.

— ... E, pelo que ouvi dizer, as meninas afetadas têm vidas familiares problemáticas — continuou o médico. — Meninas sem

pais, de lares destruídos. Problemas emocionais.

O ginásio foi tomado por uma onda de ruídos, e, na fileira mais perto de Tom, uma mulher se levantou de um salto.

— O que isso tem a ver com a minha Tricia? — inquiriu, quase caindo para a frente, parecendo querer agarrar a gola da blusa de um médico, qualquer um, e sacudir. — Até ontem, ela era uma menina normal e feliz!

— Sra. Lawson.... — começou o diretor Crowder, dando um passo na direção dela.

— Senhora — interveio o médico —, eu não conheço a sua filha, mas será que *a senhora* pode dizer que conhece?

Mais gritos e zombarias.

— Como um divórcio ou coisa do tipo pode fazer minha menina virar a cabeça para os lados com tanta força que eu cheguei a achar que fosse dar a volta? — berrou a sra. Lawson, a voz estridente. — Ela disse que parecia que a pele estava queimando. Queria ligar para um padre!

A mulher arrancou o microfone do representante do grêmio estudantil, pálido, e se virou para a plateia.

— Tricia não sofreu trauma nenhum — anunciou, aparentemente para todos, por cima do retorno do microfone, muito agudo. — Ela é atleta titular. É uma menina linda. Nunca fez nada de errado.

— Jaymie era feliz e tranquila — interveio Dave Hurwich, levantando-se ao lado da mulher, a voz falhando, tocando gentilmente no ombro dela. — Era uma menina muito feliz.

Justamente naquele instante, ouviu-se um barulho estrondoso de uma das janelas altas: a dobradiça enferrujada tinha se soltado.

De repente, um jato de água atingiu os alto-falantes, que começaram a crepitar.

— Cuidado! — gritou Tom, quando as faíscas fizeram um grupo de pais dar um pulo para trás.

O ginásio chegou a um novo nível de barulho e confusão, todos gritando e pulando, uma sensação de pânico crescente.

O próprio superintendente arrancou o microfone portátil da mão do aluno do grêmio estudantil.

— Afastem-se do equipamento — mandou. — Podemos tentar manter o foco?

— Mas vocês não estão prestando atenção! — gritou Mary Lu. — Este distrito escolar gastou uma fortuna na refrigeração de uma droga de ringue de gelo, mas, quando se trata de proteger nossas...

— Sra. Lu, recebemos seus e-mails e...

— Vocês não param de falar sobre o que pode estar acontecendo *dentro* das meninas — interrompeu a mulher, dando um passo à frente, os tênis rangendo na madeira úmida. — Que tal falar sobre o que está acontecendo *dentro* da escola? O que tem nas paredes? Embaixo dos pisos?

Tom baixou os olhos para o piso com verniz descascando. Não parecia uma causa mais provável do que a vacina, pelo menos não muito, mas mesmo ele conseguia sentir a histeria crescente. Tudo aquilo que Georgia costumava dizer. Sobre aquela cidade, aquele maldito lugar.

— A escola passou por todas as inspeções de qualidade de ar e água — retrucou Sue Brennan, com o rosto brilhando sob os refletores do ginásio.

— Não é verdade que o aquecimento da escola é alimentado por aqueles poços de gás natural localizados a poucos metros daqui? — perguntou Mary, gritando ainda mais alto, ganhando confiança. — E que os tanques vazaram para o campo de futebol? Algumas árvores morreram. Quem caminha por lá fica com as solas dos pés cobertas de pó preto. A escola não foi orientada a retirar o solo afetado?

O tumulto foi grande e imediato, os tabuões do piso tremeram, havia uma sensação geral de alguma conexão genérica.

— Aquele pó não passa de ferrugem de grama — retrucou Crowder, mas, como não falava ao microfone, mal pôde ser ouvido. Só notaram a palavra *ferrugem*. — Nós jogamos...

— É importante notar — interrompeu Sue Brennan, falando depressa — que, assim como infecções, causas ambientais não

discriminam quem vão atingir. Se a causa fosse ambiental, teríamos diversas pessoas afetadas, não apenas umas poucas meninas.

O espaço cavernoso pareceu explodir com o pânico difuso: berros e uivos, inúmeros braços erguidos acima das cabeças, dedos apontados, rápidos como raios.

Bem à frente, a mãe de Julie Drew se balançava como se estivesse prestes a desmaiar por causa do calor e do pânico.

— Tragam água! — gritou alguém, incitando mais tumulto, mais um espasmo de corpos se empurrando.

Tom tinha a sensação crescente de que, se ficasse só mais um instante naquele lugar, começaria a sentir a mesma coisa. Sentiria que nada poderia proteger sua filha, porque tudo a condenava. Tudo queria aniquilá-la.

Olhando por cima da cabeça brilhante de Kit, procurou mais uma vez por Lara Bishop. A mulher com certeza fora embora.

Em seu lugar, dois alunos distraídos se beijavam longa e apaixonadamente, como se nenhum daqueles perigos pudesse atingi-los. A falta de noção do perigo que Tom gostaria que todos os presentes tivessem.

Olhando para além do casal, através das grades das arquibancadas, viu uma mulher com uma trança longa e escura que lhe pareceu familiar.

Demorou um pouco, mas, quando ela se virou para falar com o homem ao lado, algo na forma tensa com que se movimentava despertou sua memória.

A mulher de parca. A que interrogou Deenie na sala de aula.

Ela não estava mais de parca, só com uma capa de chuva escura.

E o homem com quem ela estava conversando era um policial uniformizado.

— Não basta que nosso lago esteja poluído para sempre por sabe-se lá que pecados do passado? — gritava Mary Lu, a voz forte e intensa.

Mas Tom perdeu o interesse por tudo aquilo. De repente, entendeu claramente que, naquela tarde, a filha conversara com a

polícia sem saber.

A mulher e o policial começaram a avançar depressa para a porta dos fundos do ginásio.

Pondo a mão no ombro de Kit — o que a fez dar um pulo de susto —, Tom passou por ela e caminhou depressa na direção dos dois, que desapareceram pela porta.

— Ei — chamou Tom. — Ei, esperem!

* * *

Veio um barulho surdo da passagem coberta, como se alguma coisa tivesse batido no vidro.

Um raio de luz formou um arco no chão.

Eli avançou devagar naquela direção, até o mesmo ponto onde ele e Brooke haviam estado, algumas horas antes.

Foi ali, dissera a menina, apontando para os arbustos. *Bem ali*.

Lá fora, havia uma intensa movimentação e fochos de luz de várias lanternas.

Dentro do corredor mal iluminado, pouco antes da saída para a passagem coberta, Eli espiou pelo vidro.

Três vultos de casacos escuros e bonés. Com luvas plásticas azul-claras, como no hospital.

Um deles levantava alguma coisa do chão com um pedaço de pau. Um pedaço de tecido cor-de-rosa sujo de lama.

Outro segurava uma pá, a ponta metálica suja de grama.

O flash de uma câmara disparou, e Eli deu um pulo para trás, como se estivesse sendo procurado.

E isso o fez pensar em uma coisa.

Não sabia se teria pensado nisso se não tivesse fumado com Skye, ou apenas se simplesmente não teria pensado nisso.

Caminhou depressa de volta para a sala de troféus. Até ficar de frente para a fotografia do banquete.

O garoto de cabelo despenteado ao lado dele.

— Vocês dois são muito elegantes — dissera o fotógrafo. — Estão pensando que são Guy Lafleur, ou coisa parecida?

Era o atacante do Estrela do Mar, Sean.

O garoto que trabalhava com Deenie.

Sean. Sean Lurie.

* * *

O ar da noite parecia uma mão molhada pressionando sua boca. Tom saiu do ginásio e viu a mulher e o policial uniformizado caminhado, decididos, à sua frente, atravessando o estacionamento.

Correndo, quase sem fôlego por causa da fúria contida em seu peito, lembrou-se de quando os filhos eram pequenos, daqueles momentos em que nos damos conta do quanto eles são vulneráveis. Uma década antes, quando visitaram Washington, fizera Deenie andar de mãos dadas com ele por todos os lugares, fizera a filha andar sempre do lado de dentro da calçada, protegendo-a do caos, da dor.

— Parem! — gritou de novo, sentindo um aperto no peito.

Os dois se viraram.

— Sobre o que você estava falando com a minha filha? — Tom arfou, levando a mão ao peito.

— O quê? — perguntou a mulher, piscando várias vezes.

— Minha filha, hoje cedo. Você a trancou em uma sala. — Sua voz soava dura e desconhecida a seus ouvidos.

A mulher apertou os olhos e pareceu reconhecê-lo.

— Sr. Nash — disse. — Eu tentei falar com o senhor hoje à tarde. Eram perguntas-padrão. A sala não estava trancada.

O policial ao lado dela deu um ligeiro passo à frente, as mãos na cintura.

— Você não disse que era policial — retrucou Tom. — Você é, não é?

— Detetive Kurtz — respondeu ela. — E eu me identifiquei, sim. Só estávamos coletando informações.

— O que vocês têm a ver com isso? — indagou Tom. — Não faz sentido.

— Senhor, pode baixar a voz? — pediu a mulher.

Mas Tom só conseguia prestar atenção nela, na boca cerrada e na forma como tudo parecia molhado e próximo, em como ela não estava liberando qualquer informação.

— Estamos aqui para ajudar — explicou a detetive. — Ajudar a todos.

— Como é que interrogar minha filha pode ajudar alguém? — Ele não conseguiu impedir a voz de sair alta, rouca.

Os dois policiais olhavam para ele de um jeito estranho, tão imóveis que Tom teve a sensação de que estava caindo para o lado.

— Nós não estávamos interrogando a sua filha, sr. Nash — respondeu a detetive. — O senhor tem motivos para acreditar que estivéssemos?

— Vocês *sabem* de alguma coisa — insistiu Tom, sem responder à pergunta. — Por que não estão nos contando o que...

— Ah, agora eu lembro! — interrompeu o policial uniformizado. — Como está, sr. Nash?

Tom se virou para ele.

— Oi? Eu conheço você?

A calma dos policiais era tão irritante, os dois olhando para ele com as mãos nas cinturas e os pés firmemente plantados no chão.

— Eu estava lá daquela vez que sua esposa nos chamou — explicou o homem. — Por causa de uns socos que o senhor trocou com aquele sujeito em um estacionamento.

As portas da escola começaram a se abrir e fechar, e Tom sentiu o movimento das pessoas saindo, as ondas de calor, isolamento e raiva. O aperto no peito aumentou ainda mais.

— Espero que as coisas estejam mais tranquilas — acrescentou o policial.

Tom o encarou, examinando a capa de chuva brilhante e os óculos embaçados.

— Aquilo foi há muito tempo — retrucou, controlando a respiração. — E não foi isso que aconteceu.

Não foi uma troca de socos nem qualquer tipo de briga. Houve alguns empurrões, como é normal ver em jogos, churrascos ou bares, depois de muitas cervejas.

Não conseguia acreditar que o policial se lembrava daquilo.

Nunca compreendeu por que Georgia ficara tão furiosa. A mulher não parava de chorar, com aquela expressão no rosto. Tom sequer fora algemado.

E, até aquele dia, não sabia que fora ela quem chamara a polícia.

— Sr. Nash — começou a detetive. — É melhor o senhor ir para casa, ficar com a sua filha.

Mais tarde, Tom tentaria compreender o que aconteceu a seguir, o que tinha dado nele, por que as palavras pareciam vir de algum lugar escondido dentro dele, um lugar sem fundo, cujo lacre rompera havia pouco.

— Vocês têm filhas? Algum de vocês já teve filhas? — inquiriu, a voz começando a falhar. — Porque, se tivessem, saberiam por que preciso fazer essas perguntas, por que precisei segui-los até aqui, por que preciso não me importar com o que vocês pensam, com o que qualquer um pensa. Preciso fazer alguma coisa, não é mesmo?

Foi se aproximando mais e mais.

— Preciso fazer isso, preciso criá-la, protegê-la. E ninguém nunca explica o que significa trazer um filho para este mundo. E ninguém nunca nos avisa sobre os verdadeiros perigos. Nunca falam sobre perigos como este.

Sua mão, o dedo em riste, um soco que passou perigosamente perto do peito da mulher antes de ele se obrigar a parar. O policial avançando depressa.

Ele recuando, as mãos para o alto, dizendo:

— Vocês já olharam para o mundo sombrio e horrível lá fora e pensaram “como posso deixar minha filha entrar lá? Como impedi-

la?” E as coisas que não podemos impedir porque somos... porque...

— Sr. Nash — começou a detetive, com a voz firme, o braço estendido. Mas Tom mal podia ouvi-la, havia gente por todos os lados, barulho e confusão, os faróis dos carros se acendendo —, não nos faça...

Mas então os rádios dos dois começaram a soar, e o policial uniformizado sussurrou alguma coisa no ouvido dela.

Do outro lado do estacionamento, dos arbustos altos que cercavam a passagem coberta, surgiu outro policial, que seguiu na direção deles carregando uma sacola plástica em cada mão enluvada, o rosto molhado e os antebraços sujos de verde.

— Sr. Nash — disse a detetive, movendo-se para bloquear a visão dele, olhando feio para os policiais. — Sr. Nash, o senhor precisa ir embora...

Os olhos dela de repente pareciam ávidos, ansiosos, desesperados.

15

Sean Lurie. Sean Lurie.

Os pneus do carro de Eli não paravam de repetir o nome.

Talvez fosse a estranha umidade cristalizada no ar.

Mas devia ser porque as ruas estavam vazias, sem carros, sem barulhos.

Todos os sons tinham sido sugados do mundo.

Eli teve aquela sensação costumeira, que sempre vinha quando estava disparando com o disco pela pista de gelo e sabia que não podia olhar para trás, mas havia alguém atrás dele, alguém se aproximando. Dava para saber pelo barulho dos patins raspando no gelo.

E a batida dupla e rápida de um taco, alguém abrindo posição e ele tendo que decidir: virar a cabeça ou lançar o disco?

Só que, de alguma forma, ele era os dois jogadores. Parte dele avançava, e a outra parte dizia: *Não perca, não perca.*

A um quilômetro de distância, viu o brilho da placa da Pizza House.

Os cinquenta metros quadrados onde mais se trabalha em Dryden!, informava o balão de história em quadrinhos, acima do sujeito de bigode desenhado na placa da entrada da pizzaria, com o chapéu de chef alto e torto.

O para-brisas inteiro parecia brilhar com a luz laranja.

Parando na frente da pizzaria, Eli olhou para dentro.

Um menino mascarando chiclete, o rosto cheio de acne, olhou para ele do balcão.

— Sean está? — perguntou Eli, fazendo a sineta da porta tocar ao entrar.

* * *

Voltando para casa pelo caminho mais rápido, sem passar pelo lago, com o céu ainda cor de vinho, Tom ligou o rádio bem alto e começou a ouvir o estrepitoso hip-hop de Eli. Qualquer coisa para fazer barulho.

Escute, eu não sou o vilão da história. Foi o que o cara dissera. O amante de Georgia.

O homem dissera isso a Tom enquanto dava de ombros no estacionamento do prédio do Distrito Escolar Comunitário 17.

Tom, no carro a caminho do hospital, com Georgia a seu lado, apertando os joelhos junto ao peito, soluçando. *Não tinha como ser dele, ele não é nada.* Como se aquilo fosse fazê-lo se sentir melhor.

Aquele homem. O homem com quem sua esposa passara todas aquelas horas no hotel Seven Swallows. O homem com quem ela fora tão descuidada que talvez tivesse até engravidado dele, apesar das juras que fizera na época (*Não é dele. Juro por Deus*).

Tom sequer se lembrava de ter dirigido até o trabalho de Georgia, não lembrava quanto tempo esperara até ver o sujeito.

O homem chegara a erguer a pasta de trabalho, como que dizendo: *Quem, eu?*

Diante daquilo, qualquer um teria feito o que Tom fez. Ele estendeu os braços e deu um empurrão no homem, derrubando a pasta, que caiu no asfalto coberto de gelo.

Ainda conseguia visualizar Georgia socando o vidro da janela do segundo andar, talvez com força, dizendo, mesmo sem ele poder ouvir: *Pare, pare.*

Um empurrão, e mais um. O homem escorregando, o cotovelo quebrando. O sangue escorrendo pelo braço do casaco, formando uma teia no gelo.

Tom mal pôde acreditar quando a polícia chegou.

Mal pôde acreditar que o homem furioso e com o rosto vermelho-escarlate que viu pelo espelho lateral do carro era ele.

Não era ele.

O policial uniformizado que achou ter se lembrado dele estava errado.

Aquele não era eu.

Só que era.

Agora, a menos de sete minutos de casa, Tom viu.

Diante dele, a placa do bar piscava: BAR DO TUDGE.

Virou o volante com força.

* * *

O ar lá dentro parecia frio, artificial, com um vago cheiro de aerossol, lustra-móveis e pipoca. Logo atrás da torneira, a lata de metal dourada de saponáceo o chamava, venenosa.

Não conseguia lembrar a última vez em que estivera em um bar, um bar de verdade, com piso rangendo e madeira envernizada amarelada de fumaça, garrafas cintilantes de bebidas esquecidas (Haig & Haig Five Star, rum Ronrico e Chartreuse verde) arrumadas por ordem de tamanho, com um longo espelho opaco atrás.

Onde os amigos se encontram, anunciavam as letras cursivas, dispostas em meia-lua acima do centro elevado do balcão, onde ficava a caixa registradora. Mais acima, um par de tacos de hóquei cruzados.

Já se esquecera de tudo aquilo. Da sensação reconfortante de um bar quase vazio; do olhar cheio de expectativa do barman; dos bancos altos de vinil, vermelhos como cerejas; da parte escura e

suave no meio, onde o bar encontrava as mesas do fundo; da jukebox, com seu chiado cheio de promessas.

Aquela parte escura e suave era excelente, convidativa como erguer as cobertas de uma cama.

— Uísque com gelo — pediu, sentando-se em um banco alto, até deixando os dedos curvarem por baixo da borda do balcão de madeira, envernizado com óleo, gordura, prazer.

Pareceu adequado pedir uma bebida de verdade, embora ele mal se lembrasse do que gostava a respeito do que esperava sentir.

Por que, perguntou-se, tomando o primeiro gole, eu parei de ir a bares?

E, bem na hora em que pensou que o alívio não poderia ser maior ou mais intenso, a jukebox ganhou vida. Uma música que ele não conseguiu identificar, mas que com certeza fora tatuada em seu coração, algo de vinte anos antes, ouvindo no quarto do alojamento da universidade, em um carro à noite com uma garota, em uma cama na varanda.

— Ahhh — gemeu, sem perceber que fizera o barulho até ouvir o som saindo de si.

Girando em seu banquinho, Tom se virou e notou uma mulher parada na frente da vitrola elétrica. Ela estava olhando bem para ele.

— Tom Nash — disse a mulher.

— Lara Bishop. — Ele sorriu.

* * *

Todas aquelas luzes das vans dos canais de notícias fizeram Deenie se sentir em um tapete vermelho em Hollywood.

A escada da entrada do hospital estava cheia de gente, com vários cinegrafistas e outras mulheres como a repórter da noite anterior, todas usando meias-calças finas e terninhos, esperando.

Roupas em cores chamativas, os símbolos dos noticiários nas câmeras, tudo reluzindo sob as luzes de estúdio móvel, tudo girando e piscando.

De longe, parecia uma única coisa em movimento, como algo visto de um microscópio. Como quando o pai lhe mostrava bactérias deslizando e filamentos se balançando como fitas. Deenie sempre sentia o estômago revirar, mas também achava estranhamente bonito.

Ao sair do ônibus, junto com todas as enfermeiras e atendentes do turno da noite, Deenie não tinha um plano. Mas, ao ver que ninguém soltava uma palavra, que todos apertavam as canecas térmicas, decidiu que as regras normais não valiam no momento. Teve a sensação de que poderia fazer qualquer coisa. Ninguém estava prestando atenção nela.

A equipe do hospital seguia depressa e com as cabeças baixas para a entrada dos fundos, onde dois guardas estavam parados com as mãos na cintura, parecendo soldados. Parecia que, a qualquer momento, um helicóptero presidencial surgiria no céu e pousaria diante da entrada do hospital.

Nada nunca acontecia naquela cidade, até o dia em que aconteceu.

*

— Ainda não começou.

Deenie não notou a mulher até que estivesse bem ao seu lado.

Ela estava usando uma capa de chuva amarela e um chapéu combinando, que brilhava sob as luzes do estacionamento. Carregava um pote enorme.

— Ah — respondeu a menina. — Eu não estou aqui por isso.

— Você sabe o que é isso? — perguntou a mulher, indicando o pote plástico com algo laranja no fundo.

— Não — respondeu Deenie, tentando lembrar se conhecia a mulher, que mantinha o rosto escondido sob a aba do chapéu.

— Um fungo — disse a mulher, enquanto levantava o pote para que Deenie pudesse ver melhor. — Ele surge durante primaveras quentes e úmidas, depois de invernos rigorosos.

Deenie estreitou os olhos para examinar aquilo. Parecia o refresco Tang que seus avós sempre tinham no armário da cozinha.

— Acho que talvez seja só ferrugem de grama — comentou.

— Todas as ferrugens de grama são parasitas — explicou a mulher, balançando a cabeça. — E precisam de um hospedeiro vivo.

Deenie puxou a lã do casaco, na altura do pescoço.

— Onde você conseguiu isto?

— Na margem do lago.

Algo tentava escapar da garganta de Deenie, uma palavra, um som.

— A água do lago está em tudo. Então isso — continuou a mulher, olhando para o fundo do pote — pode estar em todos nós.

Ela olhou de volta para Deenie, a água da chuva escorrendo da aba do chapéu.

— E com certeza está naquelas meninas — continuou. — As meninas da escola.

A mulher ergueu o pote para aproveitar as luzes do estacionamento, o que fez seu conteúdo reluzir.

Algumas folhas de grama estavam suspensas no líquido. Minúsculos esporos, ou coisa parecida, tinham se grudado nelas.

— Isto afeta o cérebro — ia dizendo a mulher.

Deenie ficou tentando recuperar a lembrança que aquela visão trazia à tona.

Mas quem poderia dizer, com a luz difusa por causa da névoa e o brilho perolado do pote?

— E o que isto causa? — perguntou Deenie. — Dentro da gente?

— Espasmos, convulsões... Algumas pessoas sentem como se estivessem queimando por dentro.

Os esporos brilhantes a faziam lembrar do aquário mágico que teve quando criança, com suas maravilhas reluzindo lá dentro, os bichinhos saindo das ovas. Os movimentos dos bichinhos morrendo, um rastro salgado no fundo do tanque. Os crustáceos que, pelo que Eli lhe contou, horrorizado, se acasalavam durante vários dias. Ficavam colados juntos, contorcendo-se como se tentassem estrangular uns aos outros.

Com os olhos fixos nos esporos, Deenie sentiu a boca ficar seca.
Dentro. Dentro de uma menina.

— Como... como isso afeta o cérebro?

— É o estágio seguinte. Perturbações visuais. Alucinações. Convulsões.

— Ah.

A mulher girou o pote brilhante nas mãos. A coisa refletia a luz de um jeito que quase parecia estar pegando fogo.

Então, disse:

— Faz a pessoa enlouquecer.

* * *

— A sua irmã não veio trabalhar hoje — anunciou Sean Lurie, dos fornos do fundo, atrás da estação de aquecimento.

— Eu sei — respondeu Eli. — Eu não vim aqui para vê-la. Vim ver você.

— Para me ver? — Sean sorriu, afastando o cabelo do rosto. — Pô, cara, agora eu tô trabalhando.

— Dá uma parada — disse Eli, olhando para a loja deserta, as prateleiras vazias sob as lâmpadas de aquecimento.

Sean o encarou pelo que pareceu ser um longo tempo.

Era quase como se soubesse por que Eli estava ali.

— Vamos lá para os fundos — determinou o garoto, bem baixinho. — Me encontra lá nos fundos.

*

O beco tinha cheiro de xixi de gato, mas a iluminação do estacionamento dava ao lugar um aspecto cintilante que Eli achou hipnótico, como o ringue depois de ter sido aparado.

E, quanto mais ficava ali, mais Eli pensava que talvez o cheiro estivesse vindo dele, do suor salgado e pungente do equipamento de hóquei, que parecia sempre penetrar em sua pele.

Esperou por três minutos, até se dar conta de que Sean não sairia.

— Cara — disse o menino ruivo do balcão —, ele foi embora.

*

Correndo para fora da loja, viu Sean atravessando a rua, o vermelho do casaco intercolegial se destacando diante de um carro caindo aos pedaços.

Ao ver Eli, Sean pegou as chaves de um jeito meio estabanado. Elas caíram na rua e foram rolando até entrarem em um bueiro.

— Você nunca foi muito rápido — comentou Eli, diminuindo o passo. — Só sabe levar o disco sem ser derrubado.

* * *

— Não sei qual é a graça — resmungou Lara Bishop, limpando um pouco de creme do canto da boca.

— Não, não achei graça — explicou Tom. — Só não vejo um adulto beber um White Russian desde 1978. Acho que foi o que o meu pai usou para seduzir a vizinha.

— Bem — retrucou Lara, virando o copo de um lado para o outro —, eu não bebo há tanto tempo que achei que fosse melhor escolher alguma coisa que não me deixaria com vontade de tomar mais.

— Entendo bem isso — respondeu Tom.

— Mas acontece — continuou a mulher, com um meio sorriso — que eu estava errada.

Tom sorriu, acenando para o barman:

— Mais dois, por favor?

Tentou não deixar os olhos se fixarem no celular, brilhando silencioso em cima do balcão.

— Tenho mau gosto para drinques e para homens — comentou ela, com uma piscadela.

— Vamos brindar a isso — sugeriu Tom, erguendo o copo e batendo no dela.

Os dois terminaram as bebidas no instante em que a segunda rodada chegou.

— E então — começou Lara —, você ficou até o fim?

Um deles precisava comentar sobre o assunto em algum momento, o que era uma pena. E Tom se sentiu culpado por achar uma pena.

— Até muito depois do que eu deveria — disse, mexendo no celular, fazendo-o girar na mesa.

— Achei melhor dar no pé antes que Goody Osbourne começasse a falar — explicou ela, olhando para o próprio celular.

Tom sorriu, surpreso. Não sabia ao certo o que dizer.

— E como está a Deenie?

— Bem — respondeu Tom, acrescentando: —, dadas as circunstâncias. — Voltando a olhar para o telefone, anunciou: — A Georgia me mataria se soubesse que estou aqui.

— Bem — começou Lara, inclinando a cabeça e se recostando um pouco. — Mas a Georgia não está aqui, não é mesmo?

— Definitivamente não — admitiu Tom.

— Além disso, olhe só para mim.

Tom viu-se levando o comentário ao pé da letra, encarando-a nos olhos, examinando os dedos que tocavam o colar com tanta delicadeza. Sob a luz suave do bar, não dava para ver a cicatriz, mas

dava para sentir. Era uma sensação estranha, que ele não conseguia definir direito.

— E também é bom que elas estejam juntas — comentou Lara.

— Quem?

— As meninas. Gabby me pediu para deixá-la na sua casa, no caminho para a reunião. Eu não podia deixá-la em casa sozinha. — Ela o encarou. — Você não sabia?

— Não — respondeu Tom, um pouco constrangido, mas também sentindo certo alívio por Deenie. — Então.

Sob a luz da velha luminária do bar, o sorriso dela parecia muito suave, convidativo.

— Então — repetiu Lara.

* * *

— Então, diga. Você é uma das meninas?

A mulher, boquiaberta, encarava Deenie por baixo do chapéu pingando de chuva.

Deenie sentiu a cabeça virar depressa.

— Não. Não, não sou.

— Tem certeza?

— Tenho — respondeu Deenie, tirando a água dos olhos com a mão.

Foi então que finalmente reconheceu a mulher.

Já a vira muitas vezes na biblioteca pública, sentada perto das estantes. O pessoal costumava tirar sarro dela, da forma como rasgava pedaços de Post-its cor-de-rosa e marcava páginas de livros que ninguém olhava fazia anos.

Então, um dia, viu Jaymie Hurwich conversando com a mulher. Alguém lhe contou que era a mãe de Jaymie, o que não podia ser verdade, já que a mãe de Jaymie morava na Flórida, como todos sabiam. Ninguém nunca a vira.

Estava acabando de juntar essas peças quando começou.

Barulhos de pneus, uma onda de luzes vindas de direções opostas, o grande grupo de repórteres se amontoando ao redor dos degraus de pedra da entrada do hospital.

Com rapidez assustadora, a mulher desapareceu do lado de Deenie, atravessando o estacionamento com o pote de plástico à frente do corpo, apertado na capa de chuva.

Mas Deenie não se mexeu.

Por alguma razão, não parecia seguro se mexer. Estava com a mente confusa, a garganta parecia travada devido à umidade do ar e o que mais houvesse naquele pote, que pareceu, súbita e intensamente, ser o que devia estar dentro dela.

Uma coisa peluda e letal que não parava de se revirar e se contorcer.

Antes que se deixasse ser dominada por esses pensamentos, ouviu um som de estática ao longe e notou a dupla de seguranças correndo para a frente do hospital, segurando os rádios diante da boca.

Olhou para a entrada de funcionários. Desguarnecida.

A sensação foi como estar em um daqueles sonhos em que sabemos que a porta está lá apenas para nós. Talvez nem estivesse lá até precisarmos dela.

*

Lá dentro, depois que as portas se fecharam atrás de si, Deenie viu-se em um canto do hospital que não conhecia.

Passou apressada por uma série de ambientes aleatórios. Um tinha cestos de roupa, outro, muitos vasos de flores sobre mesas compridas, um emaranhado de pétalas murchas.

Logo encontrou a indicação da Unidade de Tratamento Intensivo, a longa seta estendendo-se pela parede.

Avançou, decidida, de cabeça baixa. Foi fácil, porque tinha gente por todo lado e um monte de coisas acontecendo, os rodízios de

suportes de medicação intravenosa, macas, carrinhos.

Chegou a reconhecer uma pessoa, uma menina do primeiro ano, sozinha em um canto, em uma cadeira de rodas. Não parava de abaixar a cabeça e erguê-la outra vez, de repente.

A menina estava com a mão enfiada na boca, como se estivesse tentando engolir o próprio punho. Lise conseguia fazer isso, tinha ossos moles como os de um bebê.

Virou em outro corredor, e tudo ficou um pouco mais familiar. O boneco feito de Band-Aid no mural de avisos, os lábios vermelhos do cartaz onde estava escrito *O silêncio ajuda a curar*. E outros avisos assustadores.

*Pode ser uma picada de aranha.
Você a colocaria em risco?
Você não precisa ser o próximo.*

Todos os cartazes pelos quais ela devia ter passado sem nem perceber, na terça-feira. Agora, pareciam incisivos, urgentes, condenatórios.

*

Ao virar no último corredor, a primeira coisa que ouviu foi o rádio.

Havia outro segurança na estação de enfermagem. Ele estava de costas para Deenie, conversando com uma mulher cujo cabelo estava puxado para trás por um prendedor enorme, os punhos cerrados ao lado do corpo, o rosto muito vermelho.

Era a sra. Daniels, a poucos metros de distância, e não havia onde se esconder.

Quando ela virou a cabeça de leve, seus olhos encontraram os de Deenie.

Por uma fração de segundo, Deenie achou que o guarda fosse virar a cabeça para descobrir o que a sra. Daniels estava olhando.

Mas então a mãe de Lise abriu a boca. Estava dizendo alguma coisa ao homem.

O segurança começou a assentir.

E a sra. Daniels continuou falando, guardando o celular discretamente no bolso do casaco.

Foi como se ela soubesse que Deenie estava ali.

Como se soubesse e estivesse deixando acontecer.

*

— Você não pode entrar!

Era a avó de Lise, parada diante da porta do quarto segurando uma garrafa de água vazia junto ao peito.

A gola da camisa estava cinza, e o lindo cabelo branco, achatado como o de uma lontra molhada. Deenie ficou imaginando se a mulher tinha saído do hospital alguma vez desde terça-feira. Os olhos e a pele pareciam os de alguém que não via o sol havia muito.

— Você não pode entrar! — repetiu ela.

Deenie não respondeu, apenas assentiu e passou por ela, mergulhando no azul do quarto.

* * *

O jeito como ela se balançava, mesmo sentada, o rosto vermelho... Tinha sido ideia de Tom garantir que Lara chegasse em casa em segurança, dirigindo atrás dela pelo pântano escuro do bosque Binnorie.

Enquanto a acompanhava até a porta, bateu a cabeça na calha da varanda. Acabou indo parar no sofá da sala com um saco de gelo na testa e água escorrendo pelo rosto.

— Mas o pai de Gabby gostava de acrescentar licor de menta a esse drinque — comentou Lara, pegando uma almofada do sofá. —

Rumple Minze. Mas aí não é mais White Russian. Sabe o nome que se dá? Lady Cocaína.

— Esse seu ex nunca foi muito sutil, não é?

Recostando-se no sofá, Lara olhou para ele, a sombra de um sorriso se estendendo pelo rosto.

— Sabe, ele sempre gostou de você.

— O Charlie?

Por mais surpresa que tivesse ficado ao notar como estava perto de Lara Bishop, sentado no sofá de sua casinha aconchegante, ficou ainda mais surpresa de vê-la falar do homem que pusera aquela cicatriz em seu pescoço.

— É. — Então a mulher deu um leve sorriso, como se estivesse lembrando alguma coisa. Depois balançou a cabeça. — Mas sempre achou que você fosse um Don Juan enrustido.

— Como assim?

— Bem, ele dizia que não ficaria surpreso se você se revelasse um. Ele disse que viu você com uma pessoa, certa vez. Ou algo assim.

— Não — retrucou Tom, largando o saco de gelo. — Não viu.

Lara o encarou.

— Mas este era o problema dele — comentou, depois de uma pausa. — Sempre foi.

Tom não fazia ideia do que a mulher estava querendo dizer, mas ficou feliz por ela ter mudado de assunto.

Lara cruzou as pernas embaixo da mesa, deixando um sapato cair no chão, o rosto sério.

— Você acha que eu sou uma péssima mãe, não acha? — perguntou.

— Claro que não! — exclamou Tom. — Do que você está falando?

— Não é que eu não esteja morrendo de medo — explicou ela. — Só não tenho medo desse tipo de coisa.

— Eu entendo — respondeu Tom, embora mais uma vez não soubesse se realmente entendia.

— Gabby disse que o pessoal do hospital não parava de perguntar sobre drogas — começou Lara. — E ela me disse: “Credo, mãe, eu nunca vou usar *esses negócios*.” Fiquei tão aliviada que quase caí no choro. — Ela fez uma pausa. — Quer dizer, eu *vivia* usando drogas na idade dela.

Lara o encarou em expectativa, mas Tom estava pensando em outra coisa.

— Quem perguntou a ela sobre drogas? Os médicos? Lara, a polícia falou com ela?

A mulher assentiu.

— Tinha uma mulher da polícia lá. Como é que a chamaram? Oficial de saúde pública e segurança? Mas não paravam de chegar meninas. Tinha alguma coisa nos olhos delas...

Tom lembrou-se do que acontecera mais cedo, naquele mesmo dia. A fila de meninas na enfermaria. Aquela sensação sombria de algo irreversível que se retroalimentava.

— Gabby detestou voltar ao hospital. Essa história toda está deixando a menina louca. Passou a noite inteira andando de um lado para o outro dentro de casa.

— Tenho certeza de que isso trouxe muitas memórias ruins.

— É engraçado — comentou ela — pensar que teríamos filhos completamente diferentes se não tivéssemos feito com que eles passassem por tudo o que fizemos com eles.

— Mas você não fez nada para ela — retrucou Tom, inclinando-se para a frente. — Não foi você.

Lara sorriu, um sorriso cheio de coisas que ele não conseguiu captar.

— Você a protegeu, você... — começou, mas as palavras pareceram pesar demais na boca, e Lara não parecia estar prestando muita atenção; tinha se abaixado para pegar no chão a garrafa do que eles estavam bebendo.

Tom não conseguiu deixar de notar que a blusa se afastou um pouco dos seios, exibindo a pele delicada e um relance de renda preta.

— Sabe o que mais é curioso? — indagou ela, servindo um pouco em seu copo. — Semana passada, eu estava preocupada com o que ela andava fazendo com garotos. Não parece uma bobagem agora?

— Não. *Isso* é algo que nunca parece uma bobagem.

Lara cobriu o rosto, envergonhada.

— Posso contar um segredo? Encontrei uma coisa no telefone dela.

Tom percebeu que inclinava o corpo para a frente.

— Não acredito que estou contando isso para você.

— O que é? — perguntou. — Mensagens de garotos?

Ele falou de um jeito tão esquisito, alterado pelo álcool, que Lara riu e o cutucou com o pé descalço.

Não devia ter graça, mas teve, porque não parecia nem remotamente possível. Gabby estava sempre séria e com aquele ar de garota descolada, a caixa do violoncelo pintada com tinta spray prateada e olhos voltados apenas para os garotos universitários.

— Mais ou menos — respondeu Lara, olhando-o por trás da mão, que ainda cobria o rosto corado. — Uma foto dela. De calcinha.

Tom sentiu que ficava vermelho.

— Bem, as meninas...

— Nunca vi aquela lingerie. Era um fio-dental roxo berrante. Como não dava para ver o rosto, pensei que não era ela. Mas, se não era ela, por que a foto estava no telefone dela?

— Não sei — respondeu Tom, sem conseguir separar todos aqueles sentimentos complicados.

A ideia desconfortável de Gabby usando um fio-dental, a mera existência de uma palavra dessas na vida de uma amiga de sua filha.

E lá estava Lara Bishop, o último botão da blusa aberto. A maneira jovial como seu corpo se remexia, o rosto e o pescoço corados pela embriaguez. A cicatriz ainda mais escura, mais marcante, uma nuvem vermelha. Mais que tudo, estava com vontade de tocá-la.

Com a cabeça cheia de uísque e de bebidas desconhecidas, não conseguiu se segurar. Estendeu a mão para ela. Lara quase deu um salto, mas não o impediu. Estava com os olhos arregalados e intrigados, mas não o impediu.

Tom levou os dedos até a cicatriz. Tocou na dobra macia da pele. Era quente e parecia um ponto de pulsação. Parecia que estava tocando o coração dela, ou o seu.

— Sinto muito — disse ele, começando a afastar a mão.

Então sentiu a mão dela em seu pulso, segurando-o no lugar.

Houve um longo instante de perplexidade, em que nenhum dos dois falou.

— Todo mundo sente muito — respondeu ela, dando um sorriso fraco. — O mundo todo sente muito.

Tom podia sentir a pele dela arrepiada. Ficou se perguntando quando fora a última vez em que sentira aquilo.

Charlie Bishop tinha razão quanto a uma coisa. Tom tivera chances, muitas. Houve mulheres, outras professoras, até uma amiga de Georgia que às vezes ligava depois de beber, dizendo o quanto estava se sentindo solitária, que sabia que ele também estava. Mas Tom nunca fizera nada a respeito.

Caramba, ele tivera centenas de chances, mas nunca agiu como Georgia. E podia apostar que tivera o dobro das oportunidades.

Alguns beijos, claro. Beijara a orientadora educacional atrás de uma árvore, no piquenique dos professores, bêbado de chope de barril. Cinco anos depois, ainda se lembrava do gosto de malte caramelado da língua dela.

Mas sempre se controlara, e Georgia, não. Ela só fazia o que queria e agora o tratava, tratava a família toda, como se fossem uma praga. A casa e seus moradores eram a coisa. A aflição. O flagelo.

— Seus olhos — dizia Lara Bishop, a pele parecendo algo vivo — são tão tristes.

* * *

Parecia uma boneca, uma boneca inflável de plástico ou de vinil.

Não dava para ver a maior parte do rosto de Lise, que estava virado para a janela.

Só a curva arredondada da bochecha.

A cabeça inchada, a testa parecendo a de um bebê ou de um personagem de desenho animado.

No fundo, devia ter pensado que Lise estaria outra vez parecida com Lise, ou pelo menos com a menina do primeiro dia, que todo mundo dizia ser Lise. Aquela Lise com o machucado no meio da testa.

Mas aquela não era nenhuma das duas meninas, não era nenhuma delas.

Ela se aproximou, porque podia. Porque aquela não era Lise. Obviamente Lise fora transferida para outro quarto ou saíra do hospital. E fora substituída por aquilo.

Ou talvez estivesse no banheiro, com seu pijama de macaco. Faria cocô e sairia a qualquer instante, dizendo: *Eu estou aqui, Deenie. Estou aqui.*

Como na mensagem de sua caixa postal:

“É a Lise! Deixe um recado, senão eu vou *morrer!*”

Daquele ângulo, sem ver o rosto, sem a pele rosada, os olhos azuis, os dentes à mostra em uma risada... Bem, parecia qualquer outra pessoa que não Lise, qualquer outra coisa.

Só que.

Só que, chegando mais perto, sentiu um cheiro. Por baixo dos tubos, dos fios e do rosto destruído, Deenie identificou um cheiro tão distinto como uma impressão digital. Era um cheiro de Lise, algo que Deenie não sabia nomear ou definir, mas que era tão próprio de Lise quanto aquela orelha.

— Lise! — Deenie ouviu o próprio grito.

E lentamente, muito lentamente, deu a volta na cama.

Se eu conseguir ver o rosto dela, pensou, vou saber. Vou saber alguma coisa.

A cabeça estava redonda e imensa, toda roxa, como se tivesse a maior marca de nascença do mundo, um borrão que ia do centro do rosto até o couro cabeludo.

O couro cabeludo estava meio raspado, os cabelinhos parecendo penas de pintinho se mexendo com a brisa produzida por todas aquelas máquinas.

Finalmente, ela chegou do outro lado da cama, onde a princípio estava escuro demais para ver alguma coisa. Mas, então, notou algo brilhante.

Os olhos de Lise, abertos.

Abertos e percorrendo o quarto a esmo, como os olhos de plástico de uma marionete.

A boca parecia um trapo molhado. Um tubo serpenteava lá para dentro, e uma malha roxa se estendia ao redor. O inchaço evidente na parte de baixo das bochechas. E parecia haver alguma coisa lá dentro. Ou muitas coisas, todas muito apertadas, como um brinquedo recheado de serragem.

A imagem fez Deenie lembrar-se da garota de quem Skye falara.

Aquela com a boca cheia de brasas, pedaços de casca de ovo e ossos de pequenos animais. Coisas que ninguém queria, mas que estavam dentro dela.

A menina devia ter engolido todos aqueles objetos, pensou Deenie, e ficou alerta com a revelação. A menina engolira tudo aquilo. E, agora, era tudo dela.

Deenie ouviu um barulho, um barulho alto, um *oooooh* bem alto saindo de sua boca, de algum lugar dentro dela.

Porque ali estava Lise, um dos olhos úmidos se voltando para Deenie de repente, a pálpebra aberta, como se estivesse presa daquele jeito.

A boca de Deenie se abriu, como se uma brasa fosse sair lá de dentro, junto com montes de musgo, folhas secas e pedaços de grama cheios de esporos.

— Não foi de propósito, Lise — disse. — Não fica brava comigo. Não foi de propósito.

* * *

— E você acha que era eu? — perguntou Sean, com o rosto sujo por ter se debruçado no bueiro, usando o telefone para iluminar o fundo. — Com Lise Daniels?

— Sei lá — respondeu Eli, sentado no meio-fio. — Acho que somos um pouco parecidos. E você me perguntou sobre ela uma vez.

— Por que você se importa com isso? — perguntou Sean, sentando-se ao lado de Eli, chutando o pneu do carro com um ar melancólico.

— Se as pessoas pensarem que era eu que estava com ela...

Mas Eli não soube como terminar a frase. A verdade era que não sabia ao certo por que se importava, mas o nó em seu peito parecia cada vez mais apertado. A sensação de que estava circundando algo, sondando.

Sean suspirou, inclinando-se para trás, apoiando os cotovelos na calçada.

— A gente não... A gente só fez umas sacanagens. Nada de sexo.

Eli assentiu. Não dava para dizer que nunca pensara em Lise daquele jeito. Mas sempre afastava o pensamento quando ele vinha. Havia outras meninas. Meninas com quem a irmã não dividia roupas e confidências, que não confiavam seus segredos a Deenie.

— Eu sempre via Lise por aí. E tentei chamá-la para sair, mas a mãe dela não é fácil. Não tirava o olho dela. Deixava e buscava na escola. Então perguntei se poderia passar lá antes das aulas, para ficarmos juntos. Lise tinha medo de alguém ver. Então fomos para trás de uns arbustos altos.

— E mesmo assim as pessoas viram — comentou Eli.

— A gente não trepou — repetiu Sean. — Só demos uns amassos. Ela nunca tinha feito nada. Não parava de rir e cobrir o rosto com as mãos.

Ele fez uma pausa, com o olhar distante.

— Foi engraçado. Ela não era como eu imaginava. Era tão... novinha. — Ele disse a última palavra bem baixinho, o rosto mostrando sua confusão.

Eli não disse nada. Pegou um galho caído e cutucou a grade abaixo deles, tentando encontrar o brilho das chaves de Sean.

— De qualquer maneira, só ficamos algumas vezes. Semana passada, acho, e na terça. Foi nesse dia que ela passou mal?

— Foi.

— Ela parecia bem — disse Sean, balançando a cabeça. — Não tinha nada de errado com ela. Só que... — Sean coçou a nuca — ... aconteceu uma coisa esquisita.

* * *

— Por aqui — sussurrou Lara.

Tom sentiu o cotovelo bater em uma quina dura quando os dois entraram no quarto dela.

O cheiro era intenso, de ar noturno e pinho. A colcha em cima da cama era a coisa mais macia que ele tocara na vida.

Um barulho de algo quebrando, uma jarra d'água. Um riso abafado. As mãos dela na fivela de seu cinto.

A profunda sensação de que se arrependeria no futuro desapareceu no instante em que a viu arrancar a blusa, com tamanha vontade que um botão saltou longe, quicando no chão.

Pareceu que sua mão tocara a pele quente da barriga de Lara no instante em que ouviu o som, os acordes de guitarras tão altos que achou que uma banda de rock começara a tocar na sala.

— Meus filhos — falou.

— O quê? — sussurrou a mulher, a mão na lingueta do cinto dele.

— Meu telefone — explicou. — É para mim.

* * *

— Não foi de propósito — insistiu Deenie, olhando para as próprias mãos, e não para Lise, com aquele olho aberto. — Mas você não gostava dele de verdade. Não era seu namorado.

Tentava dizer o nome de Sean Lurie, mas só saía um sibilo seco.

— Foi depois do trabalho, e a gente estava no carro dele. Eu não sei por que fiz aquilo, Lise. Mas eu simplesmente precisava fazer.

O que era verdade. No carro dele, toda aquela respiração, as mãos, a força daquilo tudo. Como se o corpo dela soubesse algo que a cabeça nunca descobriria. Nada poderia tê-la controlado.

Nem mesmo saber que Sean era o menino que tirara a calcinha de Lise, na semana anterior.

E adivinha quem é, Deenie. Falou Lise, no lago, chegando mais perto, cobrindo a boca com os dedos. *Adivinha só. É o Sean. Sean Lurie.*

Fazendo cócegas no queixo com uma folhinha e atirando a cabeça para trás, contando o que Sean fizera e como ela se sentira.

Ouvir aquilo despertou alguma coisa dentro de Deenie, o corpo todo parecendo querer se contorcer. Sentiu o rosto vermelho e quente, como quando estava vendo algum filme com o pai e de repente havia uma cena que não queria ver ao lado dele.

Mas, naquela noite, quando tentou dormir, só conseguia pensar em qual seria a sensação das mãos de Sean Lurie lá, de sua boca.

Enquanto o observava nos fornos da Pizza House, na segunda-feira à noite, só conseguia pensar no que Lise lhe contara.

Quando ele ofereceu uma carona para casa, pareceu que estava destinado a acontecer.

Não pensou nem uma vez em Lise.

Por isso, Deenie não foi encontrar a amiga no armário, na manhã seguinte.

Na verdade, só a viu quando Lise estava saltando da cadeira, caindo no chão.

E agora ali estava a amiga, ou o que um dia fora a amiga, deitada embaixo daquela gaiola de fios.

— Me desculpe — pediu Deenie. — Por tudo. É tudo culpa minha.

O que não podia ser verdade, mas parecia uma verdade inquestionável.

Foi quando viu. O olho de Lise se abriu mais, como um ovo boiando na água.

— Lise? — chamou Deenie, quase gritando.

Um som saía dela, parecia um assobio.

Ela está dizendo alguma coisa, pensou Deenie, por dentro.

Parecia aquela história em quadrinhos que Eli adorava quando era pequeno, *O conde de Monte Cristo*, o cadáver com olhos vivos.

Seu rosto era como mármore, Eli lia em voz alta, assustando-a, mas dele ardia uma raiva que não podia ser contida.

A verdadeira Lise, uma jovem faceira e de lábios cor de cereja, estava trancada dentro daquela criatura inchada e machucada, daquele brinquedo inflável. Mas o que ela dizia por dentro era: *Você, você, você.*

E ali estava ela, com o olho direito grande e arregalado, fixo na amiga.

Era como se estivesse dizendo: *Deenie, como você pôde? Ele não era meu namorado, mas era meu. Eu contei para você, por isso você o quis também. E agora olha só o que aconteceu. Olha só o que você fez.*

* * *

Eli não conseguia descobrir o que tudo aquilo queria dizer, mas sabia que queria dizer alguma coisa.

— De repente, ela ficou muito nervosa — explicou Sean. — E disse que tinha perdido a mochila. Não, não é isso. Ela disse que

achava que alguém tinha pegado a mochila dela.

Ouvindo, pensando, Eli sentiu o galho bater em alguma coisa lá embaixo da grade do bueiro e ouviu um tilintar.

— Ela não parava de dizer “sei que tem alguém olhando”. E simplesmente deu um salto. Não teve nem tempo de vestir a meia de novo. Deu um pulo, como se tivesse visto um fantasma.

Eli puxou o chaveiro com o galho.

— Você... — começou Sean, observando Eli levantar o chaveiro com cuidado por entre as grades de ferro. — Você acha que tem alguma coisa a ver com o que... com o que aconteceu com ela? Com todas elas?

— Não sei — respondeu Eli, as chaves penduradas no galho. — Você levou todas essas meninas para trás dos arbustos?

— Não — respondeu Sean, parecendo muito cansado de repente, balançando a cabeça. — Não levei.

Com um movimento rápido, um puxão discreto do pulso, Eli sacudiu o galho e derrubou o chaveiro de novo dentro do bueiro, deixando as chaves de Sean caírem no fundo do esgoto sem fazer barulho.

Sean começou a dizer alguma coisa, mas parou.

— Desculpe — falou Eli, ficando de pé e começando a se afastar.

— Ei — chamou Sean. — Por falar nisso, como está a sua irmã? Ela está bem, não está?

— Sim, está.

— Eu tenho mandado umas mensagens de texto para ela, mas ela ainda não respondeu.

Eli parou e olhou para ele.

— Por que você está mandando mensagens para a minha irmã?

Sean se levantou, balançando a cabeça, sem olhar para Eli.

— Soube que ela não ia trabalhar neste fim de semana. Só queria saber.

Eli o encarou. Então assentiu.

* * *

— Você precisa ir embora — disse a avó de Lise, da porta. — Eles estão vindo. Tem gente vindo.

— Estou indo — respondeu Deenie, saindo do quarto. — Eu sinto muito. Mas ela... ela estava olhando para mim.

— Eu sei que você ama a nossa Lise — respondeu a mulher, sem sequer parecer ter ouvido o que Deenie dissera. — Mas as coisas ficaram bem ruins hoje.

— Ruins?

— Aquela outra menina veio e Lise ficou perturbada! — sussurrou a mulher, segurando o braço de Deenie. — Deu para ver. As avós sabem.

— Que outra menina?

— A que veio mais cedo.

— Gabby? — perguntou Deenie. — Ela não me disse que...

— Não, uma menina com cabelo branco que nem os de uma bruxa — respondeu a avó. — Ela estava aí dentro, e a gente nem mesmo sabe como ela entrou.

Deenie sentiu um calafrio.

— E, quando a menina saiu, estava chorando. Parecia um bicho. O corpo todo lembrava um bicho. Você já viu uma cobra andando de lado? Era o que parecia.

Deenie não respondeu, apenas assentiu. Não sabia do que se tratava, mas sabia que era muito errado.

A avó de Lise chegou mais perto, tanto que Deenie sentiu o cheiro do hidratante medicinal.

— Quem era ela? — perguntou. — Me conte.

— O nome dela é Skye — respondeu Deenie. — E vocês não deviam deixá-la voltar aqui.

* * *

Não havia ninguém em casa, e o lugar estava com o clima assustador que sempre ficava quando o tempo mudava de repente. Os rangidos e gemidos das tábuas do piso, as paredes inspirando e expirando, como um gigante adormecido.

Eli leu o bilhete de Deenie em cima da mesa da cozinha, a letra apressada.

Ligou a TV com o volume bem alto e se atirou no sofá.

Estava tentando entender tudo o que acontecera, mas, antes de perceber, caiu no sono.

Não deviam ter se passado mais do que dez minutos, mas tudo parecia diferente quando ele acordou, de um sobressalto. Um barulho na casa, no porão.

Deve ter sido um sonho, mas era diferente de qualquer sonho que ele já tivera, pelo menos desde que era pequeno e teve uma febre alta, quando sua mente viajou para todos os lugares do mundo — o Polo Sul, Madripor, a Cidade Mutante, tudo tão real como nas histórias em quadrinhos, como na vida, só que mais —, e ele acordou com a sensação de que finalmente compreendera tudo.

No sonho, ou o que quer que tenha sido, ainda estava no sofá. Só que Skye Osbourne estava com ele, os braços enfiados no blusão comprido, que parecia um emaranhado de galhos retorcidos. Quando a luz se acendeu, Eli viu os seios dela, os mamilos parecendo moedas de ouro.

Uma minúscula mão em forma de garra surgiu de repente por baixo da manga, segurando seu celular, como se o aparelho nunca tivesse sumido.

Subindo em cima dele, Skye passou as pernas ao redor do corpo dele com força, balançando o telefone diante de seu rosto, mostrando a foto. A menina sem rosto, com unhas e calcinha roxas.

— É melhor você apagar isso — disse ela, abaixando a cabeça, os seios balançando. Não sabia que os peitos dela eram tão grandes. — E se ela morrer? Vai estar no seu telefone para sempre.

— Quem? Quem é a menina? É a...

— Talvez seja culpa sua — disse Skye. — A câmera roubou a alma dela.

O cabelo da menina caía no rosto de Eli enquanto ela arqueava o pescoço, encarando a foto que brilhava em sua mão.

— Olhe — disse Skye. — Dá para ver o coração dela.

16

— *Quando é o próximo* ônibus? — perguntou Deenie a duas funcionárias do hospital que estavam fumando do lado de fora. — Estou com pressa.

— Para onde você vai, querida? — perguntou uma delas, uma mulher com olhos inchados que usava um jaleco por baixo do casaco pesado.

— Perto da escola.

— Estou indo embora agora, posso levar você — disse ela, atirando o cigarro no chão.

*

No caminho, a mulher falou sem parar.

Contou a Deenie como a farmácia do hospital nunca passara por um dia como aquele, o distribuidor de remédios apitando sem parar, o soro intravenoso acabando antes das quatro horas, uma técnica desmaiando e batendo a cabeça, quatro meninas sendo internadas por hora, número que duplicou até o final do dia.

— Eu vi você e pensei *mais uma, não*. Cada hora aparecia uma, agindo de um jeito mais louco do que a outra.

— Eu fui visitar uma amiga — disse Deenie.

Com a cabeça girando, praticamente dando cambalhotas, Deenie tentou juntar todas as peças do quebra-cabeça: por que Skye foi

visitar Lise? O que tudo aquilo queria dizer?

A mulher a encarou de um jeito que fez o olho de Deenie pulsar.

— Uma menina apareceu para visitar a irmã e, dez minutos depois, estava rodopiando no chão. Não estamos conseguindo dar conta. O seu olho sempre faz isso?

— Eu estou bem — retrucou Deenie. — O que aconteceu na entrevista coletiva?

A mulher continuava olhando para ela.

— Foi cancelada — respondeu. — Tudo mudou.

— Como assim? O que aconteceu?

Deenie sentiu o olho latejando novamente; queria tocá-lo, fazê-lo parar.

— Por causa da investigação policial — explicou a mulher.

— Investigação policial?

— Encontraram uma coisa no armário da menina. Da primeira menina.

Deenie se lembrou das pessoas mexendo no armário de Lise, as mãos enluvadas no uniforme de educação física dela, na caneca térmica, no fichário.

— O que eles encontraram?

— Olha, eu não posso falar sobre isso — disse a desconhecida, voltando a prestar atenção na estrada. — Fizeram a gente assinar um monte de papéis.

Foi como se a boca de Deenie tivesse sido inundada por uma torrente de palavras.

Por favor, me conte, ela tentou dizer, mas seus lábios não fizeram o que deveriam, e o olhar da mulher deixou claro que ela estava tentando decidir o que fazer.

— Eu não sei bem, querida — disse ela, por fim. — Mas ouvi dizer que estão achando que alguém deu a ela algo que a deixou doente. Muito doente.

Deenie se calou por um instante, pensativa.

— Tipo um “boa noite, cinderela”? — perguntou ela, lembrando-se das aulas de saúde.

— Não. Fizemos exames para identificar essas substâncias imediatamente.

— Então... então foi isso que aconteceu com todo mundo? Com as outras meninas também?

— Não. Os exames de todas elas deram negativo.

— Mas isso não faz sentido — disse Deenie, o corpo se contorcendo, a veia da têmpora parecendo uma minhoca rastejando, fazendo-a levantar a mão para tentar esconder. — Não pode ser só a Lise.

O carro começou a subir uma ladeira, e a escola apareceu no horizonte.

— Pode parar aqui — pediu Deenie, apontando para a esquina mais próxima, inquieta.

— Eu não posso deixar você aqui — disse a mulher, estreitando os olhos ao observar o estacionamento vazio do lugar. — Não é seguro.

Quando Deenie olhou para ela, foi como se tivesse tocado em um fio desencapado. Sentiu algo como faíscas, a cabeça se jogando na direção da porta.

Encarou as próprias mãos, que pinicavam.

— Querida, você... — começou a mulher.

— Meu pai dá aula aqui. Ele está lá dentro me esperando — disparou Deenie, rangendo os dentes, tentando fazer com que os tremores parassem, o que só piorou a situação. Levou a mão à maçaneta. — Para o carro. Me deixa sair, por favor.

A mulher aos poucos diminuiu a velocidade, ainda cismada com a rua vazia.

— Não estou vendo ninguém... — começou ela, mas, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Deenie sentiu os ombros saltarem para a frente e o queixo bater.

Abrindo a porta com urgência, saiu do carro. E correu.

* * *

Era um som de clique quase imperceptível e parecia estar vindo de baixo.

Parado no topo da escada do porão, Eli se perguntou se seria a secadora ou um guaxinim, como da outra vez. Depois disso, Deenie só descia até lá cantando muito alto ou batendo com um dos velhos tacos de hóquei de Eli no corrimão.

— Deenie? — chamou Eli. — Pai?

— Não — disse uma voz rouca e cautelosa.

Três degraus abaixo, ele parou.

Ela estava sentada na mesa de pingue-pongue, as galochas roxas em seus pés pendendo na beirada.

Inicialmente, ele mal conseguiu ver o rosto dela, a luz realçando seu longo cabelo, que escondia o rosto.

Mas então ela se virou, com os olhos arregalados e um arfar suave.

— Gabby? — chamou Eli, descendo os últimos degraus.

— Desculpe por ter entrado assim — disse ela. — Assustei você?

— Não — respondeu ele. — Não tem problema.

— Estava chovendo — acrescentou ela. Embaixo da lâmpada, o cabelo dela cintilava. Todas as meninas adoravam o cabelo de Gabby, mas Eli sempre achou que ele parecia pesado demais, complicado demais, como um daqueles casulos duros que ficam expostos nos museus.

— Eu fiquei com uma cópia da chave desde a outra vez — explicou ela.

— Que bom — disse ele. — Eu estava mesmo querendo saber o que aconteceu.

— Como assim? — perguntou ela, segurando o telefone entre as mãos espalmadas.

— Com você e a Deenie. Cadê ela, por falar nisso?

Gabby não disse nada, apenas o encarou.

— Deenie deixou um bilhete dizendo que estava com você — disse Eli, andando até a mesa de pingue-pongue.

Gabby disse alguma coisa, mas, como falou muito baixo e a caldeira começou a funcionar, ele não conseguiu ouvir, então se aproximou.

— Na verdade, eu estou atrás dela — disse Gabby, quase se afastando de Eli, como se o garoto estivesse perto demais. — Eu vim falar com ela. Eu realmente preciso vê-la.

Ela cheirava a alguma coisa. Havia algo em seu cabelo que lembrou Eli das aulas de seu pai. Ele deve ter feito algum gesto, porque Gabby disse:

— Colocaram cola, por causa do eletroencefalograma.

— Não, eu... — começou ele.

— Eu não consigo tirar — disse ela, tocando no cabelo. — Hamamélis, aspirina esmagada em água, removedor de esmalte. Tentei de tudo. Acho que vou simplesmente cortar tudo.

— Não faça isso — disse ele, sorrindo.

Ela não disse nada, abaixando a cabeça e encarando o celular. Eli ficou um pouco enjoado ao pensar que Gabby estava na casa enquanto ele tinha aquele sonho. Com Skye e seus mamilos dourados e os quadris reboativos.

— Acho que ainda estão todos na escola, na reunião — disse ele, querendo puxar conversa, tirar o barulho da cabeça. — As coisas estavam bem malucas por lá. Vi umas pessoas cavando do lado de fora.

Ela olhou para ele.

— Viu quem cavando?

Eli deu de ombros.

— Não sei. — Ele pensou um pouco. Os casacos escuros e as luvas de plástico azuis. O sujeito com uma capa de chuva cuja gola ia até a aba do chapéu. — A polícia, acho. — E então, juntando as peças, acrescentou: — Ao lado da passagem coberta. Perto daqueles arbustos altos. Acho que tem a ver com Lise ter estado lá.

— Como assim? — perguntou Gabby, e encarou o celular novamente.

Ele não queria contar, mas estava tentando entender o que tudo aquilo significava.

— A Lise... — disse, a cabeça rodando, buscando por algum sentido. — Ela esteve lá. Com um cara. Rolaram uns amassos, sei lá. O que eu não entendo é por que a polícia...

Eli parou de falar.

A expressão no rosto dela, a forma como pareceu desmoronar, murchar embaixo daquele casulo de cabelo. Ele era muito idiota mesmo. Ninguém gostava de ouvir esse tipo de coisa sobre uma amiga.

— Espera, para — disse ela, balançando a cabeça com tanta força que ele se assustou. — Eu não estou entendendo. Por que você está me contando isso?

— Me desculpa — disse ele. E se Gabby estivesse tendo outra convulsão, ou o que quer que fosse o que ela teve? — Eu não devia ter dito nada. Só fiquei sabendo dessa história porque colocaram meu nome no meio. As pessoas acharam que era eu quem estava lá com a Lise. As pessoas estavam dizendo que era eu.

Gabby levantou a cabeça de repente.

— O quê?

— Mas não era eu. Eu jamais... Bem, não era eu.

— *Era* você — disse ela, encarando-o com os olhos negros e sombrios.

— Você também ouviu isso? — Ele esperava que Deenie não tivesse ouvido. — Não era eu mesmo, jamais. Esse cara só se parece comigo, ou algo assim. Esse Sean, sabe? Da Pizza House.

— *Era* você — repetiu ela, agora mais alto.

— Não — disse ele, olhando para ela. — Mas isso não tem importância. Tenho certeza de que essa história não tem nada a ver com tudo isso que está acontecendo. Tenho certeza...

Alguma coisa pareceu bater com força no rosto dela, como um elástico que tivesse sido esticado demais.

— Não sei, Eli. Olha o que aconteceu, e agora... — disse ela, a voz se esvaindo, como alguém sob efeito de anestesia, como quando

ele viu um colega de time ter o braço quebrado colocado no lugar após um jogo. — A Lise... A Lise vai morrer.

— Ei — disse ele, com ternura. — Ela não vai morrer.

Gabby apertou a mesa embaixo dela.

— Vai, sim. Vai, sim.

Ele pôs uma mão no braço de Gabby, em sua pele cálida.

Ela estremeceu, a respiração acelerada.

— É melhor eu ir embora — disse ela, chegando mais perto, e por um segundo seus corpos ficaram tão próximos que Eli sentiu a curva dos seios dela, o calor de seu hálito no pescoço.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ela desceu da mesa, arrastando o casaco atrás de si enquanto subia a escada correndo.

— Ei — chamou ele. — Como...

Mas ela já havia ido embora.

*

Apenas com o telefone fixo, Eli precisou de vários minutos e algumas tentativas para descobrir o número do celular do pai.

Ouvia Gabby na varanda da casa, falando ao telefone.

Depois de seis longos toques, o pai atendeu.

— Deenie? — A voz estava sem fôlego e firme.

— Pai — disse Eli —, Deenie não está aqui. Não sei onde ela está.

— Ela e Gabby devem ter saído. — O pai parecia inclusive estar arfando um pouco.

— Não, a Gabby está aqui. Estava esperando por ela. Também não sabe onde Deenie está.

Houve uma pausa. Eli achou ter ouvido música ao fundo.

— Pai — perguntou Eli —, onde *você* está?

— Tudo bem, vou encontrar sua irmã. Vou procurar por ela. Ligo para você.

* * *

Tentando fechar o cinto semiaberto com apenas uma das mãos, Tom ligou para Deenie. Ela não atendeu.

Na beira da cama, Lara estava falando com Gabby ao telefone. Com uma mecha de cabelo caída no rosto, falava baixo, num tom maternal.

— Eu não estou brava com você, Gabby, mas... Está bem, está tudo bem...

Passando pelo corredor, Tom decidiu ligar de novo para Eli.

Assim que a ligação completou, quase no mesmo instante, ele ouviu um toque de celular em outro quarto.

Então a ficha caiu. Aquele toque, o som agudo de uma corneta de torcida. Era o telefone de Eli. Na casa das Bishop.

Seguindo o som, Tom parou na porta do que devia ser o quarto de Gabby.

Podia sentir a presença de Lara atrás dele.

— O que...?

— É o telefone de Eli. Por que...

Lara correu os olhos pelo quarto. Em instantes, estava ajoelhada diante do cesto de roupa suja de Gabby, revirando tudo.

Quando se levantou com o celular vermelho de Eli na mão, Tom desligou.

— Não faço a menor ideia... — disse ela, balançando a cabeça.

*

Durante vários minutos, os dois ficaram parados ao lado do cesto, apertando botões do telefone, tirando e colocando a bateria. Não adiantou. A tela estava em branco. Sem histórico de chamadas além da ligação do próprio Tom momentos antes, nenhum contato, nenhuma mensagem. O telefone estava imaculado.

* * *

Não havia tempo para pensar, apenas alguns minutos. Deenie andava rápido, entrando um quarteirão depois da Revello Way.

Por um instante de pânico, Deenie ficou na dúvida se reconheceria o lugar. Estivera poucas vezes na casa de Skye, e nunca havia entrado.

Mas então viu o brilho do relógio de sol dourado no gramado da frente.

Era uma casa com ares de rancho, diferente, que fazia uma curva em um dos lados. Havia o som sussurrante de sinos em todas as janelas — metal, bambu, cristais — e o ranger das calhas cheias de folhas secas.

Deenie achou que poderia ser tarde demais para bater à porta, mas essa preocupação logo perdeu o sentido, porque ela viu uma luz na garagem.

Andando até o portão, avistou algo branco.

Camiseta, pernas nuas e o distinto clarão do cabelo de Skye.

De costas para Deenie, ela estava totalmente imóvel, com os ombros caídos.

Como uma foto que Deenie vira uma vez de uma cobra branca em posição de ataque.

Deenie jamais iria entender meninas como Skye. Meninas que se safavam de matar aula e de nunca fazerem o dever de casa, que podiam ter namorados de vinte e seis anos, explicar com detalhes o que era *fisting* e por que havia quem gostasse disso, e que tinham parentes que lhes davam exemplares do *Kama Sutra* e faziam tudo parecer tão simples e adulto, e quem achasse tudo isso confuso e talvez assustador era apenas uma criança, só uma criancinha.

Meninas que, apesar de nunca terem falado com você direito, resolvem que tudo bem visitar a sua melhor amiga no hospital. Meninas que estão sempre à espreita, sempre com aquele jeito Skye de fazer as coisas, como um fantasma, uma bruxa em forma de cobra.

— Skye — chamou Deenie, baixinho, os tênis molhados pisando no cascalho da entrada de carros. — Skye.

Mas Skye não se mexeu, os ombros ossudos sob a camiseta fina. A cabeça abaixada.

Chegando mais perto, Deenie finalmente viu o que estava diante da menina: uma gaiola molhada apoiada em palafitas, com a porta aberta.

— Skye — sussurrou ela. — É a Deenie.

Mas ela ainda não havia virado a cabeça, os ombros caídos, fantasmagoricamente branca, e um barulho minúsculo de algo mastigando, roendo.

— Skye?

* * *

Pela janela, Eli viu Gabby na varanda.

Primeiro, achou que ela ainda estivesse ao telefone, mas depois viu que estava escrevendo alguma coisa em um de seus cadernos, mais rápido do que ele jamais vira alguém escrever.

Andou pela casa, começando a sentir coisas novamente, muito fortes. Tudo parecia estar se desfazendo, como os cantos do teto, inchados da chuva. *A casa*, a mãe dele costumava dizer, *está chorando*.

Faróis iluminaram as janelas da frente, e, quando ele olhou para a varanda novamente, Gabby não estava mais lá.

* * *

A volta pelo bosque Binnorie pareceu levar uma eternidade, serpenteando uma estradinha sinuosa depois da outra, enquanto Tom tentava se forçar a ficar sóbrio. A entender a confusão em sua cabeça, que incluía uma furtiva sensação de alívio.

Havia prometido levar Gabby de volta, insistira que Lara não deveria dirigir. E agora, avançando pela estrada mirabolante e

tremeluzente, estava quase certo de que não deveria estar dirigindo também.

— Eu sei o que é — dissera Lara, quando ele ainda estava a caminho da porta, abotoando a camisa com uma das mãos, a outra agarrando a chave do carro.

— O que é o quê?

— Tudo o que está acontecendo — continuara ela, parada sob a luz forte da entrada. Ela falava baixinho, pouco mais do que um sussurro.

Ele parara, esperando que Lara concluísse o pensamento.

— É o que colocamos na terra — dissera ela. — E nas paredes. O lago, o ar. E as vacinas que damos a elas. A comida, a água, as coisas que dizemos, as coisas que fazemos. Tudo isso vai direto para os corpos delas. Porque mesmo que não seja nada disso, *poderia* ser. Porque tudo o que fazemos desde o instante em que elas nascem é colocá-las em risco.

Tom sentira as chaves cortando seus dedos.

— Nós as colocamos em risco simplesmente ao tê-las — disparara ele, sem sequer saber o que queria dizer. Tocado pelas palavras dela, assustado com elas. — E os perigos não param nunca.

Ela fizera uma pausa e o encarara. Sentindo um frio na espinha, Tom tivera a impressão de que ela podia ver tudo.

— Bem — disse ela baixinho, passando a mão no cabelo. — Estamos todos correndo riscos.

Então entrou em casa, fechando a porta.

Agora, dentro do carro, Tom havia aberto as janelas completamente e tentava respirar. Mas não conseguia. Ainda sentia o cheiro dela em sua camisa, suas mãos, sua boca, sua energia misteriosa. Quente e perturbadora.

De uma forma muito estranha, lembrava-o de Georgia.

É por isso que eu não bebo, pensou, por causa de uma centena de coisas que ele havia guardado em caixas de sapato e escondido em cima de armários e que agora estavam ali de novo.

Como quando ele quis destruir o rosto daquele sujeito no estacionamento.

Como quando havia chamado Georgia de coisas horríveis e dito coisas na frente de Deenie e Eli.

Uma vez, chegara a mostrar o cara para Eli no mercado. Dissera: *Ali está ele, foi por causa dele que a sua mãe fez tudo o que fez. Aquele otário de gravata laranja.*

E teve aquela outra vez. Abrindo as gavetas da cômoda de Georgia, com Deenie parada na porta, atirando as calcinhas da mulher em cima dela. Querendo enfiá-las em sua boca. Contendo-se. Ele se conteve.

Mas foi durante um curto período de tempo, muito tempo atrás.

Como se supera isso?, ele havia perguntado a Lara Bishop antes de ir embora. *O que aconteceu com você?*

Mas ela apenas sorriu, como se fosse uma pergunta idiota, ou, pelo menos, a pergunta errada.

* * *

A camiseta branca, as costas encurvadas, a cabeça abaixada, o corpo imóvel.

— Skye — chamou Deenie, agora mais alto, um cheiro de serragem, amônia e pele dominando o ambiente. — Skye, vire-se.

A cabeça de Skye virou lentamente, como se ela mal tivesse escutado, grandes fones de ouvido caindo ao redor do pescoço.

Seu rosto estava frio e impassível, e tão pálido que chegava a ser translúcido.

— Deenie — disse ela, os braços magros dentro da porta aberta da gaiola, acariciando algo. Um coelho de olhos vermelhos e orelhas compridas. — Esta é Jane Corvo — explicou ela.

Deenie se deteve quando Skye levantou o animal, o pelo aveludado como o do pé de coelho roxo que Deenie costumava usar pendurado na mochila quando era pequena.

— A mãe dela tentou comê-la — explicou Skye, enfiando uma bolinha de comida de coelho na boca do animal. — Acontece às vezes, quando elas ficam assustadas ou confusas. Ou por acidente. Ou se acham que tem alguma coisa errada com o bebê.

— Por que você está aqui fora tão tarde? — perguntou Deenie, embora ela própria estivesse, à meia-noite, no quintal de Skye.

Skye deu de ombros.

Havia no ar um cheiro que a lembrou a vez em que o cortador de grama queimou um lado do gramado da frente de sua casa.

— O que... — disse Deenie, e ela teve a impressão de que foi neste exato momento que começou: a pontada forte no pescoço, a cabeça balançando.

— Você está bem, Deenie? — perguntou Skye.

Alguma coisa na tranquilidade da garota deixou Deenie transtornada, o pescoço e o maxilar latejando.

— Por que você foi ver a Lise no hospital? — perguntou Deenie, quase gritando. — O que você tinha para fazer lá?

Encarando-a, Skye levantou o coelho até o peito, acariciando o animal.

— Você também foi, não foi? — retrucou ela, os dedos magros aninhados no pelo do coelho. — Então acho que fui fazer o mesmo que você.

— Você nunca foi amiga dela — disse Deenie, agora com a voz trêmula. — Não como eu.

Alguma coisa estava mudando nos olhos de Skye.

— Ninguém pode ser tão próxima de alguém como você, é isso?

— O que você quer dizer?

Skye não respondeu, pegando Jane Corvo pelo pescoço e colocando-a, de um jeito um pouco bruto, de volta na gaiola encharcada.

Um vento passou, deixando mais forte o cheiro adocicado e repleto de fuligem que vinha de trás da gaiola.

— Você estava queimando alguma coisa? — perguntou Deenie, o cheiro grudando em sua boca.

Aproximando-se da gaiola, Deenie sentiu o chão fofo por causa das cinzas.

Skye deu de ombros.

— Minha tia sempre faz isso. Temos muita erva daninha aqui.

A torre do sino da escola tocou à meia-noite, um ressoar antigo, carregado de ferrugem e limo.

As duas se viraram para olhar.

Foi quando Deenie viu.

Através da escuridão do quintal em zigue-zague de Skye, através do mato fechado, lá estava. A estrutura lúgubre em pedra calcária coberta de fuligem.

— Você consegue ver a escola daqui — observou Deenie.

Alguma coisa estava se montando em sua cabeça, fragmentos afiados, finos como gelo, juntando-se, encaixando-se.

— Na verdade, não — disse Skye. — Só depois que cortaram aquelas árvores por causa da tempestade de gelo.

Deenie atravessou o quintal, dirigindo-se à escuridão esverdeada das árvores atrás da casa de Skye.

— É assim que você vai para a escola? Por aqui?

Deenie teve a impressão de ter ouvido Skye prendendo a respiração. Ouviu também a trava da porta da gaiola ser fechada e Skye se movendo em sua direção.

— Às vezes.

Deenie foi até a outra ponta. De lá, depois de um curto trecho meio enlameado, encontrou um caminho livre ao longo da comprida fileira de arbustos que seguia até a passagem coberta no lado leste da escola.

Fomos para trás daqueles arbustos altos, ouvia Lise contando agora, as pernas cobertas de folhas. Ele tirou a minha meia-calça primeiro.

— Você viu a Lise ali atrás, Skye?

— Lise? — Skye semicerrou os olhos, e Deenie soube que estava chegando a algum lugar.

— Você viu, não viu? O que a Lise fez.

Skye olhou para Deenie.

— Claro — respondeu ela, alterando o tom de voz. — Eu vi, sim. Gabby deve ter finalmente contado para você. Sei que a Lise não contaria.

— Gabby?

— Eu vi tudo — continuou Skye. — Você devia ter visto as coisas que o seu irmão estava fazendo com ela.

Deenie sentiu algo bater e girar em sua têmpora.

— O quê? O que foi que você disse?

— O seu irmão e a Lise. A perna de Lise agitada como a de um cachorro.

Deenie sentiu o pescoço enrijecer, e levou a mão a ele. Não conseguia parar de sentir aquilo. Nem conseguia parar Skye. Por que ela diria...

— Ela parecia estar adorando — disse Skye, projetando o queixo para a frente, os lábios brancos. — Ela não se importou que alguém visse. Seu irmão também não.

— Cala a porra dessa boca! Você não sabe o que está falando. Não era o meu irmão — disse Deenie. — Para de dizer isso. Não era ele.

Skye levou a mão à boca.

— Skye — disse Deenie, a voz rouca e alta —, você fez alguma coisa com a Lise?

— Ela fez consigo mesma.

* * *

PARA ELI

O bilhete estava dobrado e enfiado no espaço entre a porta de vidro e a de madeira.

Estava difícil ler, com as letras borradas e sob a luz fraca da varanda. Mas, depois que começou, Eli não conseguiu nem mesmo voltar para dentro antes de terminar.

Eli:

Na primeira vez que vi você, quando Deenie e eu ainda estávamos no primeiro ano, você estava usando uma camiseta com estampa de dinossauro e praticava jogadas de hóquei na frente da garagem. Você sorriu e acenou para mim e disse que, se um dia eu tivesse um dia ruim, deveria experimentar aquilo, e me mostrou as marcas que seu taco deixava na porta. E pôs os dedos nelas. Deenie não parava de dizer "vamos entrar". Eu não conseguia me mexer, já estava sentindo.

Toda vez que passo pela garagem, esta noite mesmo, passo a mão por aquelas marcas. Meus dedos encaixam em todas as reentrâncias.

Na primeira vez que Deenie me convidou para dormir na sua casa, dei de cara com você no corredor do andar de cima. Você disse que gostou da minha camiseta do Tupac (durante muito tempo eu a usei todas as vezes em que poderia cruzar com você). Você cheirava a cerveja. Não consegui respirar. Fiquei segurando a borda da pia no banheiro. Sabia que iria amar você para sempre.

Eu poderia contar umas cem histórias como essa e você não se lembraria de nenhuma delas. Se não se lembrar do pingue-pongue, acho que morro.

Naquela vez em que fomos ao parque aquático, eu segui você o dia todo. Disse a Lise e a Deenie que havia me perdido. Decidi que aquele seria o dia em que eu contaria para você. Mas daí vi você conversando com aquela garota nojenta de jeans branco e perdi a coragem. E se eu tivesse falado? E se tivesse? Não seria incrível se você me amasse também? Se você estivesse esperando esse tempo todo?

(Agora mesmo, no porão, pareceu que você ia me beijar, só que meu cabelo estava cheirando muito mal. Eu senti. Você também?)

Eu só namorei o Tyler porque ele era do time e assim eu poderia ir aos jogos ver você jogar. Todo esse tempo, eu só tive olhos para você. Achei que poderia fazê-lo parecer com você na minha cabeça. Não consegui. E não consegui esquecer. E às vezes eu tinha certeza de que você sentia alguma coisa. (Sentia mesmo?) Era para isso que eu vivia.

Eu estou com o seu celular, mas não posso dizer como consegui. Precisava me livrar da foto que havia mandado para você. Eu tinha certeza de que você sabia que era eu, mas acho que não sabia. (A não ser por aquela sensação horrível que fico tentando tirar da cabeça: de que você sabia que era eu e nunca disse nada.)

Eu devia ter jogado o celular fora. Nem consegui desligá-lo. Estar com ele nos últimos dois dias era como estar conectada a você. E me mantinha forte. Eu inclusive o carreguei uma vez e fiquei com ele na mão, como se fosse parte de você. Não acredito que acabei de contar isso. Eu me odeio demais.

Não paro de pensar em quando Deenie descobrir. Ela acha que eu preciso dela, mas é ela quem precisa de mim. Eu faço com que ela se sinta mais interessante. A sua irmã é uma pessoa boa de verdade. Mas ela não me conhece nem um pouco. Eu me escondo dela. Eu jamais iria querer que ela soubesse. Agora acho que ela vai saber de tudo.

Tenho outra amiga que entende como eu sou de verdade, e eu a entendo. Ela me assusta. Você já se viu multiplicado por dez em outra pessoa e teve vontade de tapar os olhos?

Eu acreditei quando ela me disse que era você com a Lise nos arbustos. Foi o pior momento da minha vida, pior do que aquele outro. Não era para ter sido desse jeito. Era apenas para fazê-la passar vergonha. Eu achei que ela só ia ficar estranha, um pouco maluca por um tempo. Talvez eu quisesse que ela se sentisse maluca por um tempo.

Lise é linda e não há nada de sombrio e confuso na vida dela. Que eu saiba, nada de ruim jamais aconteceu a ela, exceto pelo pai ter morrido quando ela era bebê. Ela não tem marcas. Ninguém pede para ser marcado. E nada nunca foi difícil para ela. E então ela conseguiu você. Ou foi o que eu pensei. Agora preciso consertar as coisas.

Eu queria jogar pingue-pongue com você para sempre. Se você deixasse.

Eu simplesmente sou muito apaixonada por você. Simplesmente não consigo deixar de ser apaixonada por você.

Esta é a primeira vez que escrevo uma carta na vida.

Bjs, Gabby

* * *

— Não tem como a sua filha estar aqui, senhor — disse a enfermeira. — O horário de visitas se encerrou às nove.

— Eu sei — disse Tom —, mas acho que mesmo assim ela pode estar.

Onde mais estaria?, pensou ele. Não está em casa, nem na casa da Gabby. Não há outro lugar.

— Senhor, tem muita coisa acontecendo por aqui no momento.

— Eu sei, eu sei. Juro que não quero criar tumulto. Acho que ela pode ter ido ver Lise Daniels. Pode pelo menos me deixar...

— O senhor andou bebendo? — perguntou a enfermeira.

— Escuta, você pode chamar Sheila Daniels para mim? Ela vai dizer quem eu sou — explicou ele, embora não tivesse muita certeza de que ela iria fazer isso. — Eu juro.

A enfermeira lançou um olhar inexpressivo em sua direção.

Enfermeiras são como policiais, pensou ele. *Não dá para esconder nada delas.*

Mas então ele lembrou que realmente não tinha o que esconder.

*

Juntos, os dois se sentaram nas cadeiras em tons pastel da sala de espera da UTI.

Sheila estava com uma aparência cansada, muito diferente da Sheila da outra manhã, ou da maior parte das vezes em que ele a vira, sempre nervosa e preocupada. Agora a mãe de Lise parecia uma espécie de zumbi sedado, o que tornava mais fácil, porém muito mais triste, falar com ela.

As mãos dela, ressecadas, estavam cruzadas no colo, as unhas manchadas de vermelho.

— A Deenie esteve aqui — disse Sheila, o cheiro nela parecendo algo vivo. — Eu a vi. Acho que a vi. Os remédios que eles me deram...

— Quando?

— Uma hora atrás, talvez. Não sei. Minha mãe a viu também.

— Sabe onde ela...

— Sabe, eu só estive em casa uma vez. Por uma hora. A mesa de centro ainda estava virada. Não paro de pensar naquela mesa de centro. — Ela o encarou com os olhos amarelados. — Foi o que provocou tudo, no fim.

Tom sentiu algo horrível dentro de si.

— No fim? Sheila, Lise está...

Ela balançou a cabeça, sem parar.

— Nada mudou. Só que tudo mudou. Eu não entendo. Tom, quem machucaria a minha filha?

— Sheila, eu não... o que aconteceu?

— Eu disse a eles que Lise não usava drogas — disse ela. — Deenie está usando drogas agora?

— Deenie? Não.

— Foi o que eu disse a eles.

— À polícia? — perguntou ele, embora já soubesse a resposta. — E eles perguntaram sobre Deenie?

— Passei o dia todo falando com eles — explicou ela.

— Detetives? Uma mulher de rabo de cavalo...

— Encontraram uma coisa na caneca térmica da Lise — disse ela, tirando um pedaço de papel do bolso e lendo: — *Datura stramonium*.

Tom olhou para o papel, algo retirado de algum site. Havia também a imagem de uma flor branca parecida com um cata-vento, suave, com folhas dentadas.

D. stramonium — *trombeta; figueira brava; zabumba (Família: Solanaceae). Erva de cheiro ruim que forma arbustos de até um metro e meio de altura. Seu caule se divide em ramos folhosos, cada folha com uma única flor ereta.*

Durante séculos, a Datura tem sido usada como erva medicinal. É também um potente alucinógeno capaz de provocar visões poderosas. Reza a lenda que Cleópatra usou seu extrato como poção de amor ao seduzir César.

Baixas doses para recreação costumam ser absorvidas fumando-se as folhas da planta. No entanto, ela pode demonstrar-se fatalmente tóxica em quantidades ligeiramente maiores, e o uso imprudente pode resultar em hospitalização ou mesmo morte. Amnésia da ocasião do envenenamento é comum.

Sinais tardios/reações fatais: convulsões, enfraquecimento cardiovascular, coma.

Tom tentou se concentrar nas palavras, mas o barulho em sua cabeça não permitia.

— Trombeta. Alguém deu isso a ela? — perguntou ele. — Alguém deu isso a todas essas meninas?

— Alguém deu isso a Lise — disse Sheila, engolindo em seco, com o papel tremendo em sua mão. — Não conseguiram identificar a substância nas outras meninas.

— Eles sabem por quê? E quanto a...

Tom tinha muitas perguntas, mas ela não estava escutando.

Sheila olhou para o papel em sua mão, virando-o, mostrando a ele o desenho da composição química da planta.

Olhando para cima, ela sorriu vagamente, aumentando o tom de voz e despejando as palavras:

— Cego como morcego, louco como chapeleiro...

— Vermelho como beterraba — continuou Tom, e uma antiga lembrança, de uma prova feita muito tempo atrás, veio à sua mente —, quente como o inferno, seco como um osso, e o...

— ... coração bate sozinho — terminou ela. — O médico me disse que é assim que decoram na faculdade. Os sintomas. Algo tóxico. Eu me esqueci de anotar esta parte.

— Envenenada — declarou ele. — Ela foi envenenada.

— *O coração bate sozinho* — repetiu ela. — Não é horrível? — Então, olhou para Tom: — Ou lindo?

* * *

— Skye — sussurrou Deenie, aproximando-se. — O que foi que você fez?

— Por que eu contaria para você? — questionou ela, levantando os braços até os galhos escuros da árvore acima. — Você algum dia ligou para mim? A única que já se importou comigo foi a Gabby.

— A Gabby gosta da Lise — disse Deenie. — *O que você fez, Skye?*

Foi quando a boca de Skye começou a fazer o barulho de estalo novamente.

— Não acredito que você nunca desconfiou — disse Skye. — Da Gabby.

— O que a Gabby...

Mas alguma coisa já estava acontecendo, uma sensação.

— Sobre a Gabby — disse Skye. — Sobre o quanto ela ama o seu irmão.

— O que... — começou Deenie, mas não conseguiu fazer as palavras saírem. Porque lá estava, uma música especial que ela conhecia de muito tempo atrás, de uma parte cheia de teias de aranha de sua mente. Uma canção tão baixinha que ela mal conseguia escutar, mas agora, com o volume mais alto, não podia mais ignorá-la.

Gabby, que sempre passou tão rápido pela porta do quarto de Eli. Gabby parada ao lado dela diante da máquina de lavar, a mão na camiseta de Eli. Os dedos dela. Deenie queria desviar o olhar.

Dezenas de vezes. A forma como o corpo dela ficava tenso quando ele entrava no quarto. A forma como o rosto dela...

Aquela música, ela a ouvira tão baixo por tanto tempo, nunca a ouvira de verdade.

— Ela nunca conseguiu contar para você — disse Skye. — Sabia que você não iria entender, nem ajudar. Mas ela tem a mim.

Deenie sentiu algo subir por sua espinha. Ao se virar, cada palavra saiu lentamente e com dificuldade de sua boca:

— Tem você para... o quê? *O que você fez, Skye?*

Dando mais um passo para trás, cada vez mais envolvida pela copa escura da árvore, Skye pareceu se recolher, uma pequena flor branca.

Lá, escondida, com a voz baixa, contundente e insistente, quase como um canto, ela contou a Deenie uma história, da forma como apenas Skye poderia contar.

Sobre como ela e Gabby se tornaram amigas, amigas de verdade, porque as duas sabiam guardar segredos. Como em uma noite no ano anterior, quando Skye a flagrou se escondendo nas árvores altas do lado da escola vendo Eli Nash patinando sozinho no ringue de treinamento. Gabby ficou muito envergonhada, mas Skye disse que ela não devia se envergonhar e a convidou para ir à sua casa ler o tarô do amor.

As duas ficaram juntas durante horas, e Gabby contou a Skye que era apaixonada por Eli desde o dia em que o conheceu, e só conseguia pensar nele. E que amava Deenie, mas havia ficado sua amiga mais por causa de Eli, a quem amava tanto que tinha vontade de morrer.

O sentimento nunca esmoreceu, e vê-lo com todas aquelas meninas, uma ou duas vezes tendo-o escutado com elas na casa de Deenie, quase era demais para ela. Às vezes, ela até pensava que, se não fosse por Deenie...

Mas Skye lhe dissera que aquilo não importava. Que os caras eram assim, ficavam presos durante anos na energia insensível do desejo. Juntas, elas fizeram feitiços que pegaram na internet,

misturando mel, óleos e folhas com coisas — fios de cabelo, canetas, cera de taco, um rolo de fita adesiva — roubadas da mochila de Eli, da casa dele.

Uma vez, usaram o coração de uma pomba que o gato de Skye matou no quintal. Outra vez, usaram sangue menstrual.

E então um dia aconteceu, ou elas acharam que aconteceu.

Eu o vi no corredor, disse Gabby, *e você precisava ver o jeito como ele olhou para mim. Eu sei que funcionou. Eu sei.*

Para encerrar, Skye alertara, elas precisavam mandar uma foto para ele. Se ficasse no celular dele por doze dias, o feitiço daria certo. E Gabby disse que faria isso. Ela não tinha medo.

Mas o feitiço não funcionara a tempo. Ou funcionara do jeito errado. Funcionara para Lise.

Porque em uma manhã, uma semana atrás, Skye estava indo a pé para a escola, atrasada, com a cabeça cheia de sonhos ruins, como sempre, e viu tudo. Viu o segredo. Atrás dos arbustos. Lise e Eli Nash.

Ela contou a Gabby o que tinha visto. E Gabby não conseguia pensar em mais nada: *eu quero morrer*, disse a Skye. *Estou morrendo.*

No dia seguinte, as quatro foram ao lago.

Gabby estava tão furiosa que não conseguia sequer olhar para Lise. Lise exibindo o corpo na água. E aquela marca na parte interna da coxa dela, como uma lua, um beijo, a marca de uma bruxa. O tempo todo, Gabby ficou sussurrando para Skye: *ela roubou o Eli de mim.*

Então Skye lhe prometera que iria reverter o feitiço. E que sabia exatamente como.

Enxofre, mel e flores secas de trombeta dos arbustos atrás da casa dela, do tipo que abre à noite. Ela viu em um livro. Um feitiço para fazer um amante infiel se arrepender.

Ela fez a mistura e deu para Gabby colocar na caneca térmica de Lise. Era importante que a própria Gabby fizesse isso. Era a única forma de o feitiço funcionar.

E as duas não poderiam levar a culpa pelo que aconteceu. Na verdade, a reação de Lise não demonstrava que era Lise quem estava sendo uma amante infiel? Que estava com uma energia ruim dentro dela que precisava ser liberada?

Deenie ouviu, ouviu e finalmente se manifestou.

— Mas você deu a Lise... enxofre?

— Trombeta. Tem muito aqui atrás. Quando secamos as folhas e fumamos, temos visões — disse Skye, adentrando ainda mais a sombra da copa da árvore, deixando apenas a boca e o queixo aparecendo. — Mas ela só libera uma escuridão que já esteja presente. Talvez toda aquela comilança dela...

Ela olhou para Deenie, sua voz pulsando no cérebro da garota.

— Talvez a gente traga a escuridão para dentro de nós. Talvez Lise a tenha dentro dela agora.

Deenie sentiu-se afundar, tentando se segurar na árvore ao lado, apertando com força o tronco.

— Eles vão descobrir — disse Deenie, a voz rouca. — Estão descobrindo tudo.

— Eu queimei tudo — disse ela, virando a cabeça na direção das cinzas misturadas com serragem ao lado da gaiola. Aquele cheiro que Deenie havia sentido, agora quase extinto. — As plantas eram muito lindas. Acabou tudo.

Levando a mão ao peito, Deenie tentou respirar, mas não conseguiu.

— Eu vou contar tudo — sussurrou ela.

— Eu não me importo.

Um vento começou a soprar, e a cabeça de Skye saiu de debaixo da sombra da árvore. Deenie viu seu rosto, o cabelo sendo soprado para trás. O rosto de Skye estava nu e limpo como Deenie jamais havia visto. Ela parecia pequena e perigosa.

— Skye — disse ela, baixinho. — A Lise vai morrer.

Houve uma pausa. Deenie não conseguia olhar para ela, seu rosto tão nu, os olhos duros, parecendo bolinhas de gude verdes.

— Eu não me arrependo de nada, Deenie — disse Skye. — E você também não deveria. Nós não devemos nada a ninguém.

Deenie não conseguia imaginar nada menos verdadeiro. A parte mais difícil da vida era o quanto devemos a todo mundo.

— Você a envenenou — disse Deenie, sentindo o pescoço latejando, o corpo doendo. — Você envenenou todo mundo.

— Não — negou Skye. — Ela foi a única.

Deenie olhou para ela, tentando entender, tentando incluir naquele quebra-cabeça as guinadas longas e febris do próprio corpo, do próprio coração. Como aquilo era possível?

— E não é veneno — disse Skye, dando um passo à frente, chegando tão perto que Deenie sentiu o cheiro de serragem, de cinza. — O seu irmão também consumiu. Ele fumou um pouco hoje e não ficou doente.

Deenie levantou a cabeça e olhou para Skye, para o borrão branco que era seu rosto. Pareceu acontecer instantaneamente, o corpo correndo pelo gramado.

* * *

“Sheila Daniels, favor retornar à UTI.”

O chiado do velho sistema de alto-falantes.

— Talvez ela tenha acordado — disse Tom, levantando-se e ajudando Sheila a ficar de pé.

O corpo dela cambaleou entre os braços dele, o cabelo se soltando do prendedor, e ele a segurou por um ombro para tentar ajudá-la a se endireitar.

— Eu vou com você — disse ele. — Você...

Mas ela já havia saído correndo de perto dele e atravessado as portas duplas com força e velocidade surpreendentes.

Toda a vigilância constante e exaustiva de Sheila ao longo dos anos parecia diferente agora. Tom se perguntou se, de algum modo obscuro, ela sabia o que estava por vir, e passara todos os dias

construindo defesas, fazendo o que podia para impedir, ou ao menos para se preparar para aquilo.

Só que do quê, ou de quem, ela estava protegendo Lise? Ele não conseguia imaginar por que alguém no mundo iria querer fazer mal àquela doce menina.

Então saiu correndo pela porta da frente do hospital, sem parar para pensar onde poderia encontrar Deenie, apenas sabendo que encontraria.

O telefone começou a tocar assim que ele chegou ao carro. Ele atendeu na mesma hora, sem sequer olhar para o celular.

— Alô?

— Não consigo respirar. Não consigo respirar e...

Era a voz de Deenie, uma voz que ele não ouvia fazia mil anos, e ela estava falando freneticamente, ofegante, mas, mesmo com todos os sons do mundo rugindo em seus ouvidos, tudo o que ele escutou foi "pai".

* * *

Eram mais de oito quilômetros, mesmo que ela encontrasse os atalhos certos, sentindo o peito se dilacerando enquanto corria.

Não havia como adivinhar, mas uma imagem continuava lhe vindo à mente: a cabeça de Eli batendo no gelo, como ela havia visto um dia em um treino, o capacete rolando pelo chão, dois dentes perdidos. Deenie estava lá e sentiu o coração parar.

E a mãe dela correndo em direção à pista, abraçando-o em segundos. Tentando encontrar os dentes. Deenie viu a mãe colocá-los de volta na boca aberta do irmão.

Correndo mais rápido, respirando mais forte, sentindo o rosto molhado da chuva, quase torcendo os tornozelos, colou o telefone no ouvido.

O pai estava lhe dizendo para ir mais devagar, para respirar.

— Onde está o Eli? — perguntou ela, e agora não era a voz dela, mas a voz de um antigo vídeo caseiro, de uma das longínquas manhãs de Natal, um passeio de canoa, a primeira vez que ela andou de bicicleta e caiu, batendo o cotovelo na calçada. — Pai, ele foi envenenado.

* * *

Com uma garrafa pet de dois litros no meio das pernas, Eli segurava a carta de Gabby em uma das mãos.

Estava bebendo o refrigerante com voracidade, tentando acordar, tentando eliminar os resquícios do que havia fumado para entender o que tinha lido e o que aquilo queria dizer.

Havia um turbilhão de revelações em sua cabeça — tantos momentos que pareciam diferentes agora, tantos momentos que ele havia interpretado erroneamente —, mas ele tentou não pensar naquilo por um instante, porque uma urgência nauseante o dominava. *Agora preciso consertar as coisas*, escreveu Gabby, uma frase que passava uma impressão de propósito. E finalidade.

Pegou o telefone da cozinha de novo e se deu conta de que não tinha o número dela.

Tirando o laptop da mochila, mandou um e-mail para Gabby pela primeira vez.

Gabby, me liga. volta pra cá.

Então, ficou sentado por um instante, esperando.

Todas aquelas vezes com Gabby, seu rosto sério e misterioso. Ter tanta importância para alguém em quem você mal pensava. Gostar tanto de alguém que talvez nunca sequer tenha se perguntado sobre você nem prestado muita atenção para ver se você estava bem, porque aquela pessoa não estava pensando em você, não de verdade, e talvez tivesse se mudado para longe, para um lugar a

três horas de distância, mais ou menos, apenas longe o bastante para poder tirá-lo da cabeça sempre que quisesse.

O telefone tocou.

— Eli, sou eu — disse Tom.

— Oi — disse Eli. — A Gabby foi embora. E aconteceu uma coisa. Eu não sei...

— Você está bem, Eli? — perguntou o pai, a voz ainda mais arfante do que antes. — Está tudo bem com você?

— Sim, pai, mas a Gab...

— Nós já estamos chegando, está bem? Não... Só fique parado, está bem? Não faça nada.

— O quê? — perguntou Eli, mas tudo o que ouviu foi o barulho de pneus em uma rua molhada, e então um clique.

* * *

Ela viu o carro, o único carro do mundo, as ruas desertas e assombradas, como uma cidade durante uma praga.

— Deenie! — gritou o pai pela janela aberta.

E o carro quase saltou para o meio-fio da calçada, a água empoçada respingando em Deenie.

— Você devia ir buscar o Eli — gritou ela, segurando o chapéu de caçador na cabeça, pesado por causa da chuva.

— Deenie — disse ele —, entre.

Ela ficou parada por um instante, olhando para o pai, que estava com o rosto vermelho e febril, as mãos agarradas ao volante.

Sentiu pena dele.

* * *

Eli continuou tentando dizer a eles que estava bem, mas eles não escutavam.

Com as pernas dobradas junto ao corpo, Deenie estava com a cabeça afundada nos braços, e ele achou que talvez ela estivesse chorando.

Seu pai estava dirigindo mais rápido do que Eli jamais viu qualquer pessoa dirigir, mais até do que A.J. fazendo racha perto da velha fábrica de arame fora da cidade.

— Você bebeu alguma coisa? — o pai ficava perguntando. — Alguém deu alguma coisa para você? E a sua caneca térmica?

— O quê? Não. Eu nem tenho uma caneca térmica — disse ele. — Eu estou bem, pai.

— Não, não está — afirmou Deenie do banco de trás. — Você acha que está bem, mas não está.

O hospital estava lá, tão iluminado que chegava a ofuscar a visão, o estacionamento lembrando o da escola antes de um jogo importante.

Os faróis do carro iluminaram duas meninas, de dez ou onze anos, talvez, vestindo pijamas de flanela, a mãe apressando as duas para que entrassem no hospital, os braços envolvendo as filhas. Ambas usavam pantufas — lagostas e coelhinhos —, tão encharcadas por causa da chuva que as meninas mal conseguiam levantar os pés do chão.

O tempo parou enquanto Eli as observava, os rostos azulados por causa da luz dos faróis. Elas olharam através do para-brisa, para ele. Eli estreitou os olhos e viu que as meninas eram mais velhas do que aparentavam inicialmente. Ele reconheceu a com as pantufas de coelho: era a aluna que todos chamavam de “a gostosona do segundo ano”; ela entrara escondida no quarto dele alguns meses antes, e chorou quando terminou, preocupada por talvez ter feito tudo errado. Depois, foi para o banheiro e ficou trancada lá por um bom tempo. Quando saiu, a dor em seu rosto reluzia.

As meninas mudam depois, ele pensou. Antes, ela ficava mandando mensagens de texto o tempo todo, levantando a blusa para ele nos jogos, dizendo tudo o que queriam dizer, mostrando a calcinha.

E então vinha o depois. Mas também mudava para ele depois. Crescer parecia uma série de “depois” atordoantes.

E agora ali estava ela, o cabelo preso, deixando o rosto de bebê à mostra. Ela parou, olhando para ele.

Ela o reconheceu, lembrando-se. Uma hesitação austera tomou conta de seu rosto suave.

E ele não tinha certeza de qual era o verdadeiro nome dela.

Então veio o braço robusto da mãe cobrindo o rosto da menina, puxando-a na direção do prédio, e ela desapareceu atrás das portas automáticas do hospital.

— Deenie — disse Eli, virando-se para a irmã —, a Gabby encontrou você? Você falou com ela?

E ela apenas balançou a cabeça, os olhos arregalados e assustados, a boca paralisada.

— Porque eu preciso mostrar uma coisa para você. Você precisa ver uma coisa.

Enfiando a mão no bolso da calça jeans, ele pegou o bilhete, úmido em suas mãos.

* * *

Depois de trinta minutos atordoantes, Tom estava de volta à sala de espera do hospital, desta vez com Eli e Deenie.

Eli, os olhos vidrados e um braço ao redor da irmã, pálida, com a boca ligeiramente aberta.

Ele não havia conseguido extrair nenhuma informação coerente de Deenie.

Como quando ela era pequena e ficava sem fôlego e tudo o que ele conseguia dizer era que ia ficar tudo bem, que tudo ficaria bem.

Eu não consigo respirar. Eu não consigo respirar.

Agora, com o coração ainda batendo forte no peito, ele tentou se acalmar. Precisava estar pronto para qualquer coisa.

Algo em ver Eli com a mão no braço da irmã, dizendo coisas no ouvido dela, estava começando a mexer com ele.

A acalmá-lo.

A diminuir o ritmo de sua respiração, permitir que ele relaxasse e ficasse olhando para os dois.

* * *

Quando o pai foi até a janela da recepção, Deenie se virou para Eli. Ele tinha alguma coisa na mão que ficava tentando mostrar a ela.

Era um pedaço de papel, uma folha molhada, e ela reconheceu a letra rabiscada de Gabby.

Deenie leu o bilhete no que lhe pareceu ser em câmera lenta, cada palavra tremulando um pouco antes de entrar em foco.

Na primeira vez que vi você, quando Deenie e eu ainda estávamos no primeiro ano, você estava usando uma camiseta com estampa de dinossauro.

As coisas que Skye dissera eram verdade.

Ela acha que eu preciso dela, mas é ela quem precisa de mim. Eu faço com que ela se sinta mais interessante.

Deenie leu o bilhete e pensou em tudo o que havia acontecido com ela e Gabby e em todas as coisas que ela guardara para si. Sobre a parte dela da história, sobre Sean Lurie. E sobre como nem Gabby nem Skye jamais iriam descobrir.

Por que deveria contar a elas?

A sua irmã é uma pessoa boa de verdade, Gabby escreveu. Mas ela não me conhece nem um pouco.

Talvez a gente não conheça ninguém de verdade, Deenie pensou. E talvez ninguém nos conheça.

* * *

A enfermeira era insanamente bonita, como uma enfermeira de filme pornô, e Eli achou que talvez ainda estivesse chapado, tantas horas depois.

Os seios dela pareciam roçar nele toda vez que ela se mexia, examinando seus olhos, seu pulso. Fazendo uma série de perguntas a ele e repetindo-as em seguida.

Quinze minutos antes, ele havia feito xixi em um copinho e entregado a ela.

— Nada aqui — disse ela, conferindo os resultados. Pareceu impossivelmente rápido.

— Eu não usei nenhuma droga — disse ele. — Eu não uso drogas. Ele se perguntou se o pai, a apenas poucos metros dali, também estava notando o quanto a enfermeira era bonita. Mas ele não estava parecendo notar nada, com os olhos fixos em Eli, atento.

Outra enfermeira, com a roupa escura de suor, passou com uma maca por eles, as rodas rangendo.

— Eu simplesmente não sei como nos livrar disso — disse ela à enfermeira bonita. — Nunca vi nada parecido.

Havia um clima frenético ao redor dele, um zumbido constante que não parecia afetá-lo. Ou à enfermeira dele, a voz em tom de reprovação, o pequeno crucifixo de ouro pendurado em seu pescoço, pairando entre os seios.

E então, quando ela tirou a luz de cima dele, Eli viu que ela não era realmente tão bonita, além de muito mais velha do que ele havia pensado, mas havia uma gentileza e uma eficiência nela que o fez sentir que tudo ficaria bem.

— Ainda vamos tirar um pouco de sangue, mas...

Naquele instante, ouviu-se um estrondo, algo quebrando, seguido pelo grito de uma menina e pelo barulho de tênis derrapando no chão.

Uma voz se ergueu, profunda e urgente:

— Alguém ajude aqui!

— Já volto — disse a enfermeira para Tom, pondo as mãos em seus ombros para levá-lo até uma área de espera lotada de pais. —

Espere aqui.

O pai de Eli simplesmente ficou ali, olhando para os homens com barbas por fazer e a parte de cima dos pijamas por baixo dos casacos, mulheres de pantufas, um pai chorando.

— Eli — disse Tom —, preciso fazer uma ligação, está bem?

*

Não havia ninguém olhando.

Eli era o único homem no recinto, e isso tornou tudo mais fácil. Ele começou a caminhar, a explorar.

Ouvindo dezenas de conversas, vozes tensas e assustadas.

— ... e o vômito dela parecia borra de café. Ouvi dizer que isso quer dizer...

— ... explica por que ela tem estado assim há tanto tempo. Todos aqueles remédios para déficit de atenção. Talvez seja por isso...

— ... todos aqueles coágulos quando eu estava lavando a roupa. Eu perguntei a ela, e ela começou a chorar...

— ... e envenenamento por metais pesados, ou mofo? Ela não parava de dizer que tudo tinha cheiro de carne. E daí vomitou de novo.

— ... como se eu estivesse flutuando, e uma escuridão se fechando sobre mim.

Ele estava sentado em uma cadeirinha, já que todas as mesas de exame estavam ocupadas, quando viu, embaixo de todas aquelas cortinas, um par encharcado de pantufas de coelho.

E então as pantufas começaram a se mexer.

Ele a viu, a aluna do segundo ano, caminhando na direção das portas vaivém.

E não podia mais ficar ali sentado.

E ninguém o impediu.

Um homem de uniforme com a testa molhada, prancheta na mão, chamou por Eli quando ele passou pela enfermagem.

— Aquela é minha irmã — mentiu Eli, passando correndo pelo homem, que começou a dizer alguma coisa, mas parou.

* * *

— Eu acho que ele está bem. Não sei. Eles acham que ele está bem.

— Ah, Tom — disse Georgia —, o que aconteceu?

E ele não sabia como começar a responder àquela pergunta.

Planejara contar a ela tudo o que sabia, mas havia tantas partes enigmáticas, todas dependendo de Georgia estar ali, de conhecer as complexidades adolescentes das amigas de Deenie, do extraordinário *algo* que atingira a vida de todas aquelas meninas e a de todo mundo na cidade. Como se explicava aquilo tudo?

Ele poderia contar a ela sobre ter encontrado o celular de Eli, e eles poderiam tentar entender o que aquilo significava, mas ele não sabia como contar isso sem explicar por que estava com Lara Bishop à meia-noite.

— Eu sempre tive medo de algo acontecer com o Eli no gelo — confessou Georgia. — Não conseguia dormir pensando nisso.

— Georgia — disse ele, de repente —, por que você não está aqui?

— Porque eu só pioraria as coisas.

Então ela contou que havia tentado três vezes. Entrara no carro, dirigira quase todo o caminho até Dryden, por três horas, antes de fazer o retorno e voltar. Agora ela estava no estacionamento de uma lanchonete a vinte quilômetros de seu apartamento.

— Bebendo uma cerveja — disse ela. — Genny Cream. Algo que eu não fazia desde os vinte anos.

E ele riu, e ela riu.

E tudo pareceu misterioso, solitário e meio esquecido.

Ela a ouviu rindo e pensou: *Esta não é a risada dela. Eu não reconheço esta risada de jeito nenhum.*

* * *

Eli perdeu a menina do segundo ano de vista rapidamente.

Mas, no final de um corredor comprido na UTI, encontrou o que estava procurando.

Era o lugar mais silencioso do hospital, um prédio menor do que a escola deles, que parecia estar contida ali, com as paredes inchando e se esticando.

As portas sempre ficam abertas em hospitais, o que ele achava curioso, mas ficou feliz por isso.

Porque ali estava ela.

Lise Daniels.

* * *

Parecia que ela estava sozinha na sala de espera havia um longo tempo, seus pensamentos espalhados por todo lado; ficava de pé em um salto sempre que as portas se abriam.

Mas então o telefone de Deenie tocou, e foi como se o tempo parasse completamente.

Gabby, dizia a tela.

Ela saiu do hospital na mesma hora, foi para o estacionamento, em um ponto escondido por duas árvores, e atendeu.

— Oi, amiga.

— Oi, amiga.

Então houve uma pausa que pareceu elétrica antes que Gabby falasse novamente.

— Estou esperando pela minha mãe. Eu disse que quero a minha mãe aqui antes de contar a eles.

— Onde você está?

— Estou na delegacia — disse ela, a voz rouca e fraca. — Caminhei durante uma hora e, quando cheguei aqui, sabia que ia fazer isso.

— Mas, Gabby, me escute...

— Não me odeie, está bem, Deenie? Independentemente do que você ouvir.

— Gabby, eu sei o que aconteceu. Eu falei com a Skye. Foi ela.

— Não — disse Gabby, objetiva, a voz de alguém que havia decidido muitas coisas e, agora que havia decidido, estava decidido. *Eu não vou ver meu pai, não vou falar com ele. Ele morreu para mim.* — Fui eu, Deenie. Fui eu. E eu não vou contar a eles sobre ela. Você precisa me prometer que também não vai.

— Eu não vou prometer nada! Escuta aqui, Gabby — disse Deenie mais uma vez, tentando esquecer as coisas que Skye havia dito, sobre Gabby não se importar com Deenie, sobre como Deenie era um empecilho. — Você não teria feito isso sem a Skye. É tudo culpa dela.

Então Gabby disse o que Deenie esperava não ouvir, o que Deenie jamais pensou que ela diria.

— Quando pus as folhas na caneca térmica, eu não sabia o que ia acontecer. Mas eu não me importei.

E Deenie escutou, aquele clique-clique-clique do outro lado, o maxilar de Gabby parecendo um daqueles antigos brinquedos de corda, um macaco tocando pratos e girando. Deenie quase podia vê-la tremendo.

Então, como se Gabby tivesse segurado o queixo no lugar com a mão, as palavras começaram a jorrar, e Deenie tentou se agarrar a elas.

— Deenie, se o Eli não me amava, por que foi tão legal comigo e me chamou para jogar pingue-pongue com ele e me deu uma carona no guidão da bicicleta? Por que me tratou como se eu fosse especial? Eu era diferente daquelas fãs de hóquei, ou daquelas meninas tipo Britt Olsen, as garotas do Estrela do Mar, ou aquela vadia do segundo ano, Michelle. Mas daí eu fiquei sabendo dele com a Lise nos arbustos ao lado da escola.

Houve um longo arfar seco, como se Gabby não estivesse conseguindo inspirar. E quando começou a falar de novo, Deenie

percebeu que tudo estava desmoronando ao redor da amiga. Gabby tinha muitas coisas a dizer, e nenhuma delas seria capaz de explicar nada do que havia acontecido.

— E quanto mais Skye falava — continuou ela —, mais parecia certo. Era para ser *eu*, Deenie. Ele devia amar a *mim*. Mas nós fizemos o feitiço do amor errado. E Skye me contou o que viu. Aquilo deu um nó na minha cabeça. E ele tirou a meia-calça dela, foi o que Skye disse. Pensar nas mãos dele naquela... naquela... naquela *pele* dela, quando deveria ser eu.

A forma como ela disse *naquela pele dela*, a voz tremendo de raiva e nojo, provocou em Deenie a súbita sensação que tivera com Skye. Por um segundo, pensou que fosse tudo um truque, algum tipo de bruxaria, e que era Skye do outro lado do telefone, lançando um feitiço.

— Depois, Skye disse que a gente não devia se sentir mal. Ela disse que aquilo era para acontecer. É como o universo funciona. A energia ruim de Lise voltou para ela. Skye disse que quando olhava para Lise, via uma marca escura, uma aura. Exatamente como a marca na coxa de Lise. Era um aviso.

Deenie pensou nisso agora, em Lise e na estria em sua coxa. E como a mente febril de sua amiga febril podia acreditar em qualquer coisa.

Mas também, no fundo, parecia um pouquinho verdade. Que a estria era uma espécie de marca de bruxa, a mancha no corpo de Lise lembrando o que ela havia sido — uma menina gorducha e esquisita — antes de a beleza esguia tomar o seu lugar. Era um tipo de bruxaria, aquela transformação.

— Mas, Deenie, eu *me senti* mal. Foi como se fosse para acontecer. A coisa ruim pela qual estamos esperando, aquilo que podemos fazer um dia. E depois que você faz, não há como voltar atrás.

Uma vez, depois que Deenie dissera uma coisa inacreditavelmente horrível para a mãe, usando uma palavra que ela nunca sequer havia dito em voz alta, gritando tão alto que sentiu a garganta doer,

a mãe olhara para ela e dissera: *Deenie, um dia isso vai acontecer com você. Você vai fazer algo que nunca pensou que fosse fazer. E daí você vai ver, e daí você vai saber.*

Eu espero, acrescentara ela, que isso não aconteça tão cedo.

— Mas o concerto na escola — disse Deenie de repente, lembrando-se de Gabby, do arco do violoncelo tremendo, do rosto vermelho-escarlate. — você fingiu tudo aquilo?

— Não! Eu não consigo fazer meu queixo parar — disse Gabby, com a voz falhando e soltando um soluço comprido e baixo. — Não consigo deixar minha cabeça reta. É como se tudo estivesse acontecendo comigo agora. Está dentro de mim e por todo lado. Sempre estive em mim. Eu não consegui me conter.

Houve uma longa pausa. E então Gabby sussurrou:

— Deenie, eu não consegui me conter. Eu precisava fazer o que fiz. Você entende?

Deenie sentiu a boca ficar seca, a cabeça latejar.

— Sim — disse ela. — Sim.

Os cliques começaram de novo, um barulho terrível, e Deenie sentiu o telefone quente no rosto, bipe-bipe-bipe, o rosto pressionando o teclado.

Então, de repente, a voz de Gabby soou de novo, baixa e estranha.

— E agora ele nunca vai me amar — disse Gabby. — Nunca serei eu.

Deenie baixou lentamente o celular.

— Deenie, Eli leu a minha carta? Ele disse alguma coisa sobre mim?

* * *

No começo, Eli não conseguiu ver além dos fios ao redor dela, o quarto azulado e solitário.

Havia apenas a curva de uma bochecha de menina e um monte de cabelo, tudo azulado sob a luz azul.

E havia alguma coisa no meio da cabeça de Lise. Alguma coisa escura. Como em um conto de fadas, um gato preto encarapitado, uma espiral de fumaça.

Mas então ele se lembrou de algo que Deenie dissera, sobre uma queda.

Ela fizera parecer horroroso, mas não estava tão ruim.

Talvez fosse porque os olhos de Lise estivessem tão bonitos, brilhando e olhando diretamente para ele.

Seguindo-o enquanto ele caminhava na direção da cama.

Suave e tranquilo, como Lise. E a luz da porta aberta a iluminando, deixando-a com um brilho estranho.

A boca ligeiramente aberta, os lábios pálidos, mas cheios.

Os olhos pareciam sorrir para ele.

Ele ouviu um sussurro muito suave:

— Está vendo?

Era a sra. Daniels atrás dele, e ela estava sorrindo, como se estivesse vendo Lise tocando "Für Elise" em sua flauta.

— Está vendo? — sussurrou, a mão suave nas costas de Eli. — Ela voltou.

* * *

Sozinha na sala de espera, Deenie ficou sentada com o telefone na mão.

Tudo naquele dia no lago, apenas uma semana antes, começou a parecer diferente.

A forma como Gabby olhara para Lise, para suas pernas compridas, brancas como leite, as coxas tão finas que dava para ver através delas.

Como Gabby e Skye haviam ficado uma ao lado da outra, com os tornozelos manchados de verde da superfície cremosa do lago, e

Gabby sussurrara alguma coisa no ouvido de Skye, e Deenie tivera aquela sensação que vinha tendo com tanta frequência nos últimos meses: elas estão dividindo alguma coisa sem mim, estão falando de mim, Gabby não me ama mais.

E então Gabby quisera ir embora, embora Lise estivesse dirigindo.

Eu posso levar você, Lise prometera, mas elas já estavam indo embora, as pernas esverdeadas, sem olhar para trás.

E Skye dissera que o lago tinha uma energia ruim, os braços cruzados, os olhos em Lise.

Foi ali que Skye tivera a ideia? Ou ela e Gabby já haviam decidido àquela altura?

Agora lhe parecia que já haviam decidido. Como se já fosse tarde demais.

*

Deenie imaginou como havia sido para Lise compartilhar o segredo dela sobre Sean. Esperar que Skye e Gabby saíssem para contar a ela. Querendo que aquilo fosse só das duas. Algo delas juntas. Não podia saber o que teria acontecido. Como tudo teria sido diferente se tivesse contado para todas elas.

Deenie pensou no que Skye havia dito, que o tempo todo Gabby estava tão furiosa que sequer conseguia olhar para Lise. Não conseguia suportar Lise exibindo o corpo na água. E sussurrando para Skye: *ela roubou o Eli de mim.*

Naquele dia, Lise estava mais bonita do que jamais estivera, os cílios iridescentes e o rosto com um brilho quase etéreo. O corpo dela, Deenie pensou, parecia ser dela de uma forma que só pode parecer quando é feito por nós mesmos.

Lise estava emitindo uma energia forte naquele dia, mas não do tipo a que Skye se referira.

Deenie, dissera ela, *não conte para a Gabby. A Gabby é esquisita com essas coisas.*

Deenie, você é a minha melhor amiga.
Deenie, eu não fiz nada errado, fiz?
Deenie, eu sou má?
Deenie, eu espero que você também experimente isso. Espero
que seja igual para você.
Era algo poderoso, que todo mundo queria.

17

LISE

Era uma delícia sentir as mãos no volante.

Lise quase nunca dirigia, mas naquele dia deu sorte e a mãe a deixou dirigir o Dodge, já que estava no oftalmologista aplicando um colírio.

Gabby tinha passado o dia todo triste, como quase sempre ficava. Só mais tarde elas descobririam se o motivo tinha sido o pai dela ter ligado ou o aniversário de alguma coisa ruim com Tyler Nagy.

— Ela não quer nem conversar — sussurrou Deenie para ela. — Vamos tentar alegrá-la.

Então saíram para um passeio de carro, os vidros abaixados, a música preferida de Gabby e copos enormes de refrigerante. O dia mais quente em meses.

Viram o irmão de Deenie no estacionamento, e Lise buzinou para ele. Às vezes, ela se perguntava se Deenie sabia o quanto Eli era bonito, se as irmãs percebiam isso. Lise gostava de vê-lo no ringue de treinamento, o cabelo voando e a expressão distante no olhar. A mãe dela sempre dizia que garotos adolescentes só se importavam com uma coisa, mas, olhando para Eli, dava para ver que isso não era verdade.

No passeio de carro, Gabby e Skye não disseram uma palavra o tempo inteiro, mas ela e Deenie cantaram alto junto com o rádio. Foi

divertido.

Quando passaram pelo lago, Skye começou a contar a elas uma coisa que acontecera na semana anterior. Ela vira dois caras nadando no lago, bebendo cerveja, com as portas do carro abertas e música tocando nos alto-falantes. Ela sentiu vontade de dançar.

— Eles eram sexy — comentou Skye. — Um tinha a tatuagem de uma pantera dourada passando pelo corpo todo, desde o pescoço até abaixo da cintura, para dentro da calça jeans. Onde será que terminava?

Lise imaginou a tatuagem e o cara. Em sua mente, ele usava uma calça jeans desbotada, óculos estilo aviador e tinha um sorriso malicioso. E a pantera esticava as patas reluzentes em seu peito, os dentes desaparecendo abaixo do osso do quadril.

— Quem sabe eles não estão lá agora? — sugeriu Deenie, dando risada.

E Lise imaginou isso, sentindo aquela coisa estranha no estômago, como quando Ryan Denning a ajudou a dissecar o feto de porco, os dois sentados em banquinhos altos, ele estendendo o braço para fazer o trabalho, roçando a mão no colo dela.

— Vamos parar e entrar lá! — sugeriu, pulando no lugar, apoiando-se no volante. — Vamos!

E foi o que fizeram, saltando as cercas de segurança laranja. Os caras do carro e da tatuagem não estavam lá, mas quase parecia que estavam, o lago cintilando com o glamour emprestado.

— Talvez eles apareçam mais tarde — comentou Lise, correndo pela margem, quase deslizando na lama, que respingava em suas pernas. — Talvez nos vejam da estrada.

Gabby e Skye estavam muito quietas. Skye acendeu um cigarro de cravo e estreitou os olhos para Gabby. Estava dizendo alguma coisa para a menina, mas Lise não conseguiu ouvir. Elas estavam sempre cochichando uma com a outra.

As duas não eram divertidas. Lise estava muito animada devido a todo aquele açúcar do refrigerante, tentando alegrar Gabby, por isso, arrancou a meia-calça.

A água parecia estar uma delícia, como os lagos cintilantes que vemos em livros ilustrados, com unicórnios e nuvens de chuva no céu.

Acenando para as amigas enfileiradas na margem, jurou que a água estava quase morna, que parecia haver veludo nos pés e que elas precisavam entrar. Era verdade. Só que estava muito frio.

Ela levantou mais a saia e girou.

— O que é isso? — perguntou Skye, apontando o cigarro para as pernas de Lise.

— Não é nada — respondeu Lise, sentindo o rosto queimar.

Sabia a que Skye estava se referindo, à marca em sua coxa, uma lua crescente cor-de-rosa. Era uma estria minúscula que ficara depois de ela ter perdido todo aquele peso. Passava manteiga de cacau todas as noites, torcendo para que desaparecesse.

— Vocês só estão tentando ganhar tempo — gritou Deenie para Skye, e Lise sorriu. — Estão com medo.

Deenie odiava Skye.

Logo Deenie ergueu a calça jeans até os joelhos e também entrou na água. E Lise sentiu-se muito grata. Deenie ainda era dela.

— Vamos lá, Gabby — gritou Deenie, os jeans já encharcados até as coxas. — Só dói por um segundo.

Finalmente, Gabby se abaixou e tirou a meia-calça. Depois, claro, Skye fez o mesmo, o cigarro de alguma forma ainda entre seus dedos, fino como um fósforo queimado.

A água estava macia e espessa, como sorvete, mas tinha um cheiro forte que Lise nunca sentira antes.

Não demorou mais de um minuto para Gabby dizer que estava ficando com hipotermia, que o lago estava sujo e que sua cabeça começava a doer. Então Skye disse que também estava com dor de cabeça, que o lago tinha uma aura ruim e que elas estavam procurando encrenca entrando na água.

O menino que se afogou aqui, disse, não estão sentindo a presença dele? Ele ficou dias na água. Sabem o que acontece? O corpo se transforma em sabão.

Então todas olharam para a água como se pudessem ver o menino.

Mas Deenie disse que aquilo era ridículo e pegou um punhado de água cheia de espuma e atirou na direção delas. Foi quando Lise soube que Deenie estava irritada, ou mesmo brava, como sempre acontecia quando Gabby ficava de segredinhos com Skye, o que parecia acontecer o tempo todo ultimamente.

Isso nunca importou muito para Lise, porque ela nunca se sentiu tão próxima de Gabby como Deenie se sentia. Deenie, que nunca se recuperara da surpresa de que alguém tão descolada como Gabby Bishop quisesse ser sua amiga. De sua parte, Lise já percebera muito tempo antes que a melhor forma de manter Deenie a seu lado seria deixá-la amar Gabby tanto assim.

Skye era a menina mais esquisita que Lise conhecia. Uma vez, muito tempo antes, no ensino fundamental, as duas viajaram para o mesmo acampamento, e Skye ficou no beliche acima. Uma noite, ela desceu a escada, as pernas enroscadas ao redor, e perguntou se Lise queria ver uma coisa.

Respirando fundo, ela ergueu a camisola e mostrou um monte de marcas, todas parecidas com sulcos rosados, que iam dos braços até os ombros. Explicou que ela mesma fizera as marcas com um isqueiro Bic, e que levava muito tempo. Agora, estavam com uma casca grossa. Era como encontrar um besouro ou uma casca de molusco dentro do lago, os guizos de cobras no bosque Binnorie. Quando sacudimos, está oco. A coisa dentro morreu. Não dá para fazer mais nada com aquilo.

A cabana estava silenciosa e escura, e Skye respirava fundo, os braços estendidos. Lise não sabia o que dizer, mal conhecia a menina. O que se dizia a alguém como ela? No dia seguinte, Skye não olhou para ela, e, depois disso, as duas nunca mais falaram sobre o que acontecera.

Ela se perguntava se Skye se lembrava daquele dia.

— Eu não posso fazer isso — anunciou Gabby, de repente. Seu rosto parecia verde por causa do reflexo da água.

Assentindo para Skye, começou a voltar para a margem, arrastando o blusão encharcado e pesado.

— Vamos lá, Gabby — disse Deenie, chamando por ela.

Lise se abaixou e levantou uma longa faixa de algas, soltando-a ao redor do pescoço de Deenie, como uma echarpe de sereia.

E Deenie sorriu, dobrou as pontas da alga e empurrou Lise, mas as duas se viraram de novo enquanto Gabby e Skye iam até a margem, as pernas manchadas de verde.

— Elas estão indo embora? — perguntou Lise, olhando para Deenie.

Com as mangas compridas pingando água do lago, Skye acenou de leve.

Gabby sequer se virou, seguiu caminhando devagar colina acima, segurando a saia molhada nas mãos, como uma anágua.

— Mas a Lise nos trouxe de carro — gritou Deenie.

Só que as duas continuaram caminhando, o cabelo pesado e a elegância esguia, e foi difícil não se sentir com cinco anos.

Então Lise pediu:

— Nada comigo, Deenie — e avançou até a água gelada começar a bater na parte de baixo da pélvis, com as algas verdes nadando entre suas coxas. — Vamos lá, que tal?

Depois de um instante, Deenie parou de olhar para Gabby, e as duas tiraram os blusões e ficaram de regata e sutiã, a saia de Lise aberta como uma flor branca, o jeans de Deenie embolado na margem.

Deenie chegou até a mergulhar de cabeça, saindo de dentro da água com o cabelo escuro e manchado.

Primeiro, Lise não queria mergulhar. Não queria e não parava de imaginar o menino afogado embaixo da água perolada. *Será que ele estava ali? Será que enroscaria seus dedinhos ao redor do dedo do pé dela?*

Mas, então, Deenie segurou seus ombros por trás e a afundou, e a água gelada veio tão rápido que ela quase não conseguiu respirar.

Abaixo da superfície, suas orelhas doeram tanto que ela teve a impressão de que alguém tinha batido nela com uma barra de ferro.

Mas então a pressão diminuiu, e foi incrível. Ela pirou com a sensação.

E, lá embaixo, soube que estava na hora de contar para Deenie, sua melhor amiga.

Sobre o menino, quase tão bonito como o próprio Eli Nash, mas sem o olhar distante. O menino que olhou bem para ela enquanto abaixava sua meia-calça.

Hora de sussurrar no ouvido de Deenie, explicando a coisa maravilhosa que estava acontecendo em sua vida e como era a sensação. Queria dividir aquilo com a amiga.

18

SEGUNDA

Sentado em seu carro no estacionamento da escola, Tom não conseguia se obrigar a entrar.

Mantinha o olhar fixo na passagem coberta, ali perto. Todos os arbustos haviam sido arrancados, restando apenas alguns tocos, uma sacola de evidências perdida, um pedaço de fita da polícia. As faixas laranja de tintura herbicida.

Passara o dia anterior dirigindo as três horas até Merrivale, com Deenie, depois voltando para casa. Foi a primeira vez que viu a casa de Georgia, que era aconchegante e cheia de luz e ar fresco. Deenie insistiu em ficar apenas dois dias, pois tinha uma prova de história na quarta-feira e se esquecera de levar os livros. Na verdade, talvez ficasse apenas uma noite.

Eli também foi, ajudando a dirigir. Deenie não parava de observá-lo de canto de olho.

No hospital, fizeram exames de sangue e até no cabelo, usaram máquinas enormes e testaram a atividade elétrica do coração dele. Mas apesar do que quer que Eli tivesse fumado com Skye Osbourne, nada de perigoso foi encontrado em seu corpo.

— Não há nada dentro dele — anunciou o médico. — O que quer que fosse, não está mais lá.

Eli contou que o que ele fumou servia para algo chamado sonho lúcido.

— Funcionou? — perguntou Tom.

Eli fez uma pausa, então disse que não.

O barulho alto de um motor o despertou. Olhando pela janela do carro, viu a professora de francês saltando da Vespa e sorrindo para ele, os lábios vermelhos.

— Abre a janela — pediu ela. — Ou me convida para entrar.

Tom abriu as travas e a viu dar a volta e entrar no carro.

Esfregando uma mão na outra, ela contou que não conseguia parar de assistir ao noticiário.

— Gabby Bishop, meu Deus — disse. — Eu nem dei aula para ela, mas sabia quem era. Aquele jeito como ela andava pelos corredores, com as meninas ao seu redor como peixes-pilotos. Todo aquele cabelo e drama.

— É — respondeu ele, só para dizer alguma coisa.

Largando as mãos no colo, a mulher suspirou:

— É tudo tão doido. Todas as outras que ficaram doentes. Eu mesma mandei duas para a enfermaria. Elas devem ter ingerido aquele negócio também, não é? Devem ter fumado também, tipo em uma festa?

— Eu acho que não — respondeu Tom. — Não acho que tenham tomado nada.

A professora assentiu, e os dois ficaram ali, sentados em silêncio por um instante.

— Lembro quando eu estava no segundo ano do ensino médio — comentou ela. — Tinha uma menina, a mais descolada da escola. Laia Noone. Até o nome era descolado. Tinha uma tatuagem na barriga: *Eu vi o amor morrer*. No ensino médio! — Kit deu risada. — Tudo o que eu queria era ser como ela.

— E agora você é a garota mais descolada da escola.

— Você não sabe de nada — retrucou ela. Então, abriu o zíper do casaco e, usando dois dedos, abriu o espaço entre dois botões da blusa, exibindo um pequeno triângulo de pele. Ele conseguiu ver só

as palavras do meio — *vi o amor* —, mas o resto com certeza também estava lá.

— É ficou marcada para a vida — comentou Tom.

— É o que o ensino médio faz.

— E todo o resto — respondeu ele, sorrindo.

A mulher também sorriu, como ele sabia que faria.

— É engraçado as coisas que pensamos hoje em dia — comentou ela, fechando o zíper de novo. — Eu me lembro de uma vez, no ano passado, quando Jaymie Hurwich começou a chorar, depois da aula. Ela explicou que havia alguma coisa errada no cérebro da mãe dela e que começara quando ela tinha dezesseis anos. E se alguma coisa acontecesse com ela? Disse que o pai estava sempre a observando, como se em busca de sinais.

Tom ficou surpreso, mas agora tudo o surpreendia.

Centenas de pensamentos começaram a ir e vir em sua mente, mas nenhum deles fazia sentido.

— Vai ser difícil para todas elas — acrescentou a professora. — Todo mundo vai ficar olhando. Como se fossem meninas estragadas.

Os dois ficaram sentados por um tempo.

— Mas não Deenie — completou ela, sorrindo. — Graças a Deus. Ninguém vai ficar olhando para ela.

Tom olhou para a mulher e concordou com a cabeça.

19

JUNHO

Questões intrigantes persistem após doença misteriosa

Seis semanas após a Escola Secundária de Dryden ter enfrentado uma aparente crise de saúde entre as alunas após o envenenamento de uma das adolescentes, autoridades de saúde locais ainda trabalham para identificar as causas.

Pelo menos dezoito alunas foram tratadas por sintomas que iam de tiques faciais e corporais a alucinações, passando inclusive por paralisia temporária, mas o caso começou com Lise Daniels, dezesseis anos, que sofreu uma convulsão após ingerir a perigosa erva trombeta, colocada em sua caneca térmica por uma colega de aula (veja box ao lado, "Estudante enfrenta condenação após acordo judicial").

Não foi detectada a intoxicação por erva trombeta em nenhuma das outras meninas atingidas, e representantes do departamento de saúde não conseguiram encontrar quaisquer causas orgânicas para os casos individuais, tampouco quaisquer relações entre eles.

Esta semana, surgiram relatos de que o departamento está consultando especialistas em "doenças psicogênicas em massa", uma condição na qual sintomas físicos com origem psicológica aparecem em um grupo, espalhando-se de uma pessoa a outra. "Não é uma situação de imitação, e ninguém está fingindo nada", esclareceu o dr. Robert Murray, do Instituto Psiquiátrico Estadual. "Essas meninas não tinham controle sobre seus sintomas, o que pode ser apavorante."

Tais surtos tendem a ocorrer em grupos que estejam vivendo situações de estresse emocional e ansiedade. "Este é possivelmente o cenário neste caso", declarou o dr. Murray, acrescentando que não havia conversado com nenhuma das meninas, de modo que não podia comentar sobre suas circunstâncias individuais.

Pelo menos um pai, David Hurwich, de quarenta e dois anos, não aceita o diagnóstico, e ele pode não estar sozinho. Ontem à noite, em uma reunião do conselho de classe, vários pais admitiram, extraoficialmente, que continuam a

acreditar que a causa verdadeira esteja sendo ignorada ou acobertada, citando contínuas preocupações em relação à segurança do ar e da água. “O tempo dirá”, observou o sr. Hurwich. “Mas eu conheço minha filha. E aquela não era ela.”

Restam também questões em relação a Lise Daniels, que recebeu alta do hospital há duas semanas. A dra. April Fine, chefe da psiquiatria do Mercy-Starr Clark, alerta para o fato de que os efeitos colaterais a longo prazo ainda não estão claros.

“Esta menina não apenas sofreu um importante trauma físico, como também foi vítima de um crime”, disse a dra. Fine. “O impacto real pode não ser sentido por algum tempo, podendo aparecer quando menos esperado. De certa maneira, ela é uma bomba-relógio.”

Era uma daquelas manhãs de final de primavera absurdamente encantadoras, do tipo que apenas Dryden é capaz de ter.

O mesmo tempo obscuro que produzia a incrível fúria do inverno mantinha o lago anormalmente quente e oferecia um céu limpo. Apenas algumas poucas nuvens quebravam o azul brilhante que feria os olhos. Isso era chamado de efeito oásis.

Esperando o café ficar pronto, ou ver os tênis de Deenie descendo a escada, Tom não sabia o que fazer. Havia parado de ler o jornal e estava ouvindo o noticiário. Nada parecia explicar coisa alguma. Naquela manhã, porém, não havia conseguido parar. *Doença psicogênica em massa*. Aquele era o termo para aquilo, ou ao menos era o que o texto dizia.

A reportagem principal era sobre Gabby, que receberia a sentença na sexta-feira.

Todos os dias pensava em ligar para Lara Bishop, mas ela não havia retornado nenhuma de suas outras ligações.

Aquela noite com ela passara a ser lembrada como um sonho nebuloso, erótico e estranho — a beleza enigmática, a cicatriz subindo pelo pescoço dela, sua voz no ouvido dele — e guardada em um canto distante da mente.

Ainda era difícil imaginar. Gabby, a menina que ele estava acostumado a ver à mesa da cozinha ou aninhada em seu sofá com Deenie, as mãos enfiadas em sacos de batatas chips. O pijama com estampa de sushi que ela usava quando dormia na casa deles. O cabelo caindo no rosto diante de uma tigela de cereal.

Alguns dias, ele sentia como se ela quase pudesse ser sua filha também.

Só que aquilo não era realmente verdade. Ela sempre pareceu maior, mais séria. Marcada com o selo dourado da experiência. Gabby tinha algo de adulto, de diferente. Mas, no fim, ela era ao mesmo tempo diferente e não era, atormentada tanto por uma paixão de menina quanto por uma garra pesada em seu coração.

Ou talvez ele estivesse errado.

O café estava pronto.

— Deenie — chamou. — Vamos.

O segundo bule, e mais forte. Tinha levantado fazia algum tempo; estava acordado na cama quando ouviu o clique-clique do taco de hóquei de Eli no chão da cozinha antes de ele sair para o treino.

Era estranho pensar no filho agora, depois de tudo aquilo. Objeto de um sentimento tão intenso. Matador. Conquistador. Aquele era o menino por quem uma garota quase havia matado, quase havia morrido. O pequeno Eli, que assistia a seis horas consecutivas de ESPN Classic, comia na pia da cozinha e, apesar das muitas visitas femininas ao seu quarto, nunca parecia se interessar por qualquer menina, qualquer mulher. Exceto por Deenie, e às vezes Georgia, embora Tom não os visse juntos fazia muito tempo.

Sempre que olhava para Eli agora, tentava encontrar isso, como se a resposta pudesse estar em algum encantamento mais profundo que um pai não era capaz de enxergar.

O barulho na escada o assustou.

— A gente vai se atrasar — disse Deenie, passando pela cozinha correndo, o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado. — É melhor irmos logo.

No carro, ela ficou em silêncio, enrolando e desenrolando uma echarpe nova, verde-clara como um nenúfar. Ela havia trazido depois de uma visita a Georgia, outra visita interrompida.

No dia em que ela voltara, Tom a encontrara no porão, segurando a blusa da pizzaria contra a luz, uma mancha de gordura insistente.

— Ela nunca teve um bom motivo para não vir — dissera a filha.
— Quando tudo estava acontecendo.

— Deenie, ela se ofereceu para vir buscar você. É a mesma coisa
— explicara ele, embora soubesse que não era exatamente a mesma coisa.

Colocando a blusa na secadora, ela olhou para ele, o olhar mais longo que ele se recordava de já ter recebido de Deenie.

— Você teria vindo — concluía ela, por fim.

— É — dissera Tom. — Mas eu não saberia o que dizer. Eu teria...

— Mas você teria vindo — repetira ela.

E era verdade, e era alguma coisa.

O carro fez um barulho quando ele virou na direção do caminho do lago, as árvores dando lugar a uma faixa de céu sem nuvens.

E então ele lembrou que dia era aquele. O primeiro dia de Lise Daniels de volta à escola.

— Pai — disse Deenie, ligando o rádio enquanto falava, levantando-se um pouco do assento. — Este céu me dá dor nos olhos.

* * *

Deitada na cama antes do amanhecer, Deenie havia escutado Eli passar pelo corredor arrastando em silêncio a sacola do taco pelo carpete.

Imaginou se Lise também estava acordada. Talvez, na Easter Way, a amiga estivesse penteando o cabelo com nervosismo, cobrindo a cicatriz violeta parecida com um raio no meio da testa.

Ou talvez estivesse fazendo o mesmo que Deenie: lendo a reportagem no celular.

A menina de dezesseis anos no centro do caso de envenenamento em Dryden será sentenciada hoje.

Nunca informavam o nome dela, sempre a chamavam de “a menina”. Parecia que podia ser qualquer uma, qualquer menina de

dezesseis anos do convívio delas.

O texto dizia que ela provavelmente ficaria em liberdade condicional e prestaria serviço comunitário. Mas isso estaria em sua ficha criminal para sempre, exatamente como dizem a respeito de tudo o que não devemos fazer.

Algumas semanas antes, Deenie recebera uma longa carta de Gabby. Não era sobre Lise, Skye ou mesmo Eli. Era sobre as coisas que ela estava aprendendo e o quanto se sentia diferente. Ela disse que estava mudando. Mas não disse quais eram as mudanças. Só que elas eram *grandes e importantes*.

Sempre haveria coisas que ela jamais compreenderia em relação a Gabby. E esta era a parte mais difícil. Que haveria mistérios impenetráveis.

Será que a própria Gabby ao menos sabia o que queria, enfiando o veneno de Skye no fundo da caneca térmica de Lise, a mesma caneca que ajudara a tornar Lise uma sílfide linda, com um corpo tão belo e pronto para encantar os outros?

E havia também o que a própria Deenie havia feito. Com Sean Lurie. E como era diferente de tudo aquilo e igual ao mesmo tempo. *Eu quero também. Quero o que ela tem também. Por que não posso ter também?*

Todo mundo queria ser como Gabby. Suas meias coloridas, as mechas no cabelo, os óculos grandes que usava quando lia na sala de aula. Kim Court, Jaymie Hurwich e até Brooke Campos. Todas.

Deenie se perguntou para onde toda aquela energia iria agora. Será que apenas desapareceria? Ou seria redirecionada? Fez a mesma pergunta sobre si mesma.

Mas Gabby não estava mais lá e provavelmente jamais voltaria à escola. Provavelmente iria se mudar, independentemente do que acontecesse.

Então onde foi parar tudo o que ela sentia por Gabby?

Porque, para ela, era Deenie-Gabby-Lise, as três aninhadas juntas em sacos de dormir, atrás das estantes da biblioteca, no campo de futebol, no auditório.

Lise ainda estava lá. Hoje seria seu primeiro dia de volta à escola. Ela havia sobrevivido ao envenenamento, que levou a uma convulsão, que provocou um evento cardíaco, que causou uma queda, que levou a um trauma na cabeça.

Todo mundo a chamava de Menina Milagre.

O pai de Deenie a chamava de Rasputin.

Ela dizia que não se lembrava de nada daquele dia, nem mesmo de ir para a escola de manhã com a mãe. Os médicos avisaram que isso aconteceria, e ela disse que era melhor assim, mas era difícil para ela acreditar na história de Gabby, e ela não sabia se algum dia acreditaria.

— E o hospital? — perguntou Deenie a ela depois. — A minha visita?

— Nada — disse Lise.

Deenie se viu ao pé da cama de Lise, tentando contar a ela sobre Sean Lurie. *E nós estávamos no carro dele. E ele... ou eu. Eu. Fui eu.* O olho úmido de Lise. O assovio de sua boca pálida.

Mas Lise não se lembrava de nada daquilo também. E na primeira vez em que Deenie a visitou em casa, tentou novamente. Uma confissão feita duas vezes.

— Não — interrompeu Lise, balançando a cabeça, o cabelo estranhamente mudado, um louro mais escuro e com uma textura diferente onde cresceu novamente, no meio do couro cabeludo, onde terminava a cicatriz. — Não, não. Eu não quero falar sobre nada daquilo. Se falo sobre isso, minha boca fica trancada, cheia de ar.

— Sua boca?

— Meu peito, tudo. Sei lá, Deenie — disse ela, sem fôlego. — Apenas pare.

O pai de Deenie disse à filha que Lise teria que lidar com questões emocionais por um longo tempo, que era uma espécie de trauma e que Deenie não deveria levar para o lado pessoal.

A palavra *trauma* parecia se referir a muita coisa, um mundo de coisas, e era a palavra que eles sempre usaram para Gabby, antes

do que aconteceu com Lise. Com Gabby e Lise.

Mas não era apenas o cabelo de Lise — nada mais estava igual. Mesmo seu jeito de caminhar, a saliência do quadril, o peso dos pés no carpete do quarto.

E, mais do que tudo, havia algo nos olhos dela, como quando Lise caiu pela primeira vez no chão da sala de aula naquele dia, uma coisa preta, um morcego batendo asas.

* * *

Todas as manhãs, Eli acordava do mesmo sonho. De estar no banco do carona de um carro e sentir alguma coisa ao redor do tornozelo, algo macio, suave como o ar. Abaixando-se, ele nunca encontrava o que era.

Às vezes, sentia quando estava acordado, na aula, ou mesmo durante um jogo, deslizando pelo ringue e sentindo, apesar das meias grossas, dos patins, algo ao mesmo tempo delicado e apertado em seu tornozelo, agarrando-o.

Ele tentava não pensar muito em Gabby.

De um jeito curioso, ele sentia raiva, e não gostava desse sentimento. Ele sempre se esforçava muito para não ficar bravo com ninguém, nunca.

Mas havia alguém em quem ele pensava mais do que em Gabby, todas as vezes que passava pelas portas que levavam à rampa de carga. Outros tempos.

Na noite seguinte à que Lise acordou, ele e Deenie ficaram conversando até tarde, bebendo cervejas que pegaram escondidos no freezer. Ela contou a ele sobre Skye, sobre tudo. Ou pelo menos tudo o que bastava.

Percebeu que Deenie achava que Skye era um monstro.

Mas a Gabby não quer contar sobre ela. É tudo culpa da Skye, mas a Gabby não quer falar. Então agora eu não posso falar também.

Ele não disse à irmã que ela não precisava fazer o que Gabby estava dizendo. Que podia fazer o que bem entendesse.

Em vez disso, Eli apenas concordou com a cabeça e a provocou por estar enrolando os "s".

E então ela disse: *Acho que a Skye me disse que tinha dado a trombeta para você para se livrar de mim. E então ela poderia fugir. Ela sabia que eu iria atrás de você.*

E ele pensou que aquela parte provavelmente era verdade.

Então os dois viram *Almôndegas* na tevê, um dos filmes preferidos do pai, e Deenie caiu no sono, chegando até a roncar um pouco.

Foi a melhor noite do mundo.

E eles não falaram sobre nada do que aconteceu desde então.

Entrando no ringue de treinamento, ele olhou para o campo ao fundo, a terra despida de toda folhagem e o cheiro de cinzas agora permanente.

Quando os patins tocaram o gelo, começando a deslizar, pensou em Skye lá fora, em algum lugar.

Ouviu dizer que o tio dela havia procurado a polícia para contar que Skye havia ligado para ele a cobrar, mas ele já estava em liberdade condicional e não poderia correr qualquer risco com a lei. Além disso, estava preocupado com ela, que era apenas uma menina.

Às vezes Eli achava que a via, um clarão branco no canto do olho.

Ninguém a vira desde que Deenie a deixou em seu quintal, na noite em que Gabby confessou o que fez. A polícia estava procurando por ela como parte da investigação, sem saber do papel que tivera, se é que tivera, no que Gabby havia feito. Eles estavam indo atrás de boatos, basicamente.

Skye era um boato agora, uma nuvem de fumaça flutuando.

Agora, ele pensava que compreendia um pouco o que ela queria dizer em relação a energias, a forma como elas podem passar para a gente, viver dentro de nós mesmos sem sabermos, até se revelarem para nós. Ela estava errada em relação a Lise. Lise não tinha

nenhuma energia sombria, ou qualquer energia poderosa. Todo mundo tinha, não Lise.

Quando recuperou o telefone, pensou em Skye pegando-o, tirando-o da mochila dele enquanto os dois estavam sentados na rampa de carga. Imaginou por quanto tempo ela ficara com o aparelho antes de entregá-lo a Gabby.

Será que havia olhado o celular? Será que de alguma forma havia enxergado dentro de Eli?

Era como em seu sonho, as coxas de Skye presas ao seu redor enquanto ele ficava deitado, imóvel. A boca de Skye aberta, e ele podia ver dentro, e...

Havia uma feitiçaria em relação a ela que era assustadora. E havia outra coisa. Parte dele desejava ter colocado a mão em suas costas naquele dia, naquela coluna torta, que ela havia oferecido a ele, pedido a ele.

Mas aqueles eram pensamentos de começo de manhã, de antes do amanhecer, no gelo, sonhando.

* * *

A primavera precoce fizera tudo chegar cedo: o terreno da escola repleto de brotos vermelhos, os gramados cheios de florzinhas miúdas, outras coisas que ele não sabia nomear.

Tom segurou a porta para Deenie passar, os braços carregados com aquela monstruosa bolsa de livros dela.

O prédio tinha um cheiro muito diferente agora. Havia vasculhado todas as instalações, as telhas caídas no porão, o sistema de ventilação. Escavaram cada buraco escondido, raspam toda e qualquer dobra ou saliência.

E encontraram muitas coisas.

Nos cantos mais altos e mais baixos da velha escola, encontraram canos, ventiladores, indutores, dutos cobertos de sedimentos pré-históricos, placas de gesso e telhas cobertas de mofo, tinta com

chumbo sobre tinta com chumbo mais antiga. Bifenil policlorado na calefação, os lastros de iluminação fluorescente, os transformadores que forneciam energia para a escola. Radônio, mercúrio e arsênico nos canos de água, na madeira dos obstáculos da pista de corrida, nas cadeiras, nas mesas. A única coisa que não encontraram, exceto, talvez, urânio, foi amianto. Todos tinham se livrado disso uma década atrás.

Traços de uma dezena ou mais de coisas, a maioria das quais foi removida durante o feriado da Páscoa. O resto seria resolvido durante o verão.

As autoridades observaram que nada daquilo tinha qualquer relação com o que havia acontecido.

Porque mesmo que não seja nenhuma dessas coisas, poderia ser, Lara Bishop havia dito.

Nós as colocamos em risco simplesmente ao tê-las. E os perigos não param nunca.

Mas agora tudo simplesmente cheirava a nada.

Ninguém pensaria que o nada teria um cheiro.

— Está na hora, pai — disse Deenie, apontando para o velho relógio na parede, com a moldura de latão limpa e reluzente.

— Certo — disse ele, abaixando-se para pegar a echarpe nova da filha, que havia caído no chão. — Tenha um bom dia, D.

— Está bem — disse ela, dando um sorrisinho, um meio sorriso que era novo para ele. Sábio e cauteloso, longe de ser um sorriso de menina.

E ficou observando enquanto ela seguia pelo corredor de cabeça baixa, com o capuz na metade do pescoço.

Toda vez que o tênis passava pelo piso polido, ele sentia o coração apertar.

* * *

Faltavam apenas sessenta segundos para o segundo sinal, mas tudo pareceu ficar mais lento.

Depois de fechar o próprio armário, pousou a mão no de Lise, imaginando onde ela estava.

Caminhando pelos corredores, viu todas as meninas agora de pernas nuas, embora ainda estivesse frio demais. Alguns dos meninos até estavam de bermuda.

Ela havia trabalhado apenas um turno com Sean Lurie desde que tudo acontecera.

Ele não olhou para ela uma vez sequer, apenas pegou os pedidos com as unhas engorduradas. Estava inclusive usando o chapéu, pela primeira vez, de modo que ela não conseguia ver seus olhos.

Ela não queria olhar para ele, de qualquer maneira.

Naquela noite, chegou uma mensagem de texto, o mesmo número desconhecido de antes. Mas, desta vez, ele disse quem era:

Oi, eh o Sean. Desculpa, ok? td certo?

Td certo, ela digitou em resposta.

Depois, de alguma forma, os dois nunca mais foram escalados para trabalhar no mesmo turno.

Como ele estudava em outra escola, era como se nada nunca tivesse acontecido. Ela nunca havia contado a ninguém além de Lise, e como Lise não se lembrava, talvez não tivesse mesmo acontecido.

Só que ela ainda podia sentir tudo, mas tudo bem.

Virando o corredor e andando pela ala leste, a passagem coberta estranhamente quente com o sol batendo no vidro, ela viu Brooke Campos, rindo alto de alguma coisa que um menino havia dito, sua boca parecendo a de um tubarão.

Deenie se perguntava como todas aquelas meninas estavam se sentindo agora. Ninguém dizia nada, na verdade. Ninguém falava sobre as meninas que haviam ficado tão doentes.

Exceto por uma delas, Kim Court, que havia se transferido para o Estrela do Mar depois de passar muito, muito tempo no hospital. Os vídeos dela eram os únicos ainda on-line e, de vez em quando, o endereço ainda aparecia em seu navegador. Deenie começava a

digitar alguma coisa e o vídeo aparecia, e lá estava Kim, falando sobre o homem com as pernas de tornado, sobre Gabby arrancar algas marinhas da garganta, sobre Deenie estar no hospital e sobre Deenie ser alguma coisa.

— Está pronta, Deenie? — Era Jaymie Hurwich, com os livros apertados junto ao peito. — Está na hora.

E Deenie assentiu.

A porta da sala de aula estava aberta, e lá estava Lise, sentada em sua mesa. O mesmo lugar que ocupara quase sete semanas antes, as pernas tortas. Estava com o queixo erguido, olhando pela janela.

Era Lise, mas não era.

E Lise sorriu para ela, mais ou menos. Deenie se sentou, o sinal tocou, e tudo voltou ao lugar.

Ela nunca pensou que isso aconteceria, que a febre cederia. Mas a Lise que voltou não parecia a mesma Lise. Havia várias Lises diferentes, e nenhuma delas era a de Deenie.

Olhando pela janela também, acompanhando o olhar de Lise, Deenie viu os arbustos arrancados do chão.

Podia ver a outra ala da escola, e lá estava seu pai, bonito com um blusão cinza-chumbo, conversando com a professora de francês de novo, mostrando algo no telefone a ela. Dando o menor dos sorrisos, o que a mãe dela costumava chamar de O Falso.

Todas as árvores e plantas haviam sido arrancadas durante a investigação, os reparos. Arbustos podados e a terra aparentemente atingida no âmago. Dava para ver tudo agora, caso alguém quisesse.

E embora a chamada tivesse começado, Eli estava lá fora, ao ar livre, sem casaco, patinando no ringue de treinamento.

Era quase como se fosse outono, com galhos caídos sobre o gelo. Pinhas rachadas, sementes espalhadas, pétalas brancas pisoteadas, esporos que manchavam o gelo de vermelho.

Toda vez, graciosa, ágil e hipnoticamente, ela via os patins passando por cima de cada um deles.

Agradecimentos

Não há como agradecer o bastante ao incrível Reagan Arthur, ou a Michael Pietsch e à magnífica, criativa e generosa equipe da Little, Brown, especialmente Theresa Giacopasi, Miriam Parker, Sarah J. Murphy e Peggy Freudenthal. Sinto-me honrada por ter trabalhado com todos vocês.

Também sou imensamente grata a Paul Baggeley, Kate Harvey, Sophie e Emma Bravo, da Picador UK, e a Angharad Kowal, Maja Nikolic e Bakara Wintner, na Writers House, e a Sylvie Rabineau e Vicki Pettersson, pela ajuda inestimável.

E, principalmente, a Dan Conaway, sem o qual, de todas as maneiras.

Minha dívida com as seguintes pessoas só faz crescer: Phil & Patti Abbott; Josh, Julie e Kevin Abbott; Jeff, Ruth e Steve Nase; e à única e insubstituível Alison Quinn. E, como sempre, obrigada a Darcy Lockman, Kiki Wilkinson e, é claro, aos FLs. Este ano, sou particularmente grata aos bons parceiros de Oxford, Mississipi, incluindo Jack Pendarvis, Theresa Starkey e Ace Atkins.

E, como escritora e leitora ao mesmo tempo, tenho certeza de que minha maior dívida é com os livreiros de todo e qualquer lugar.

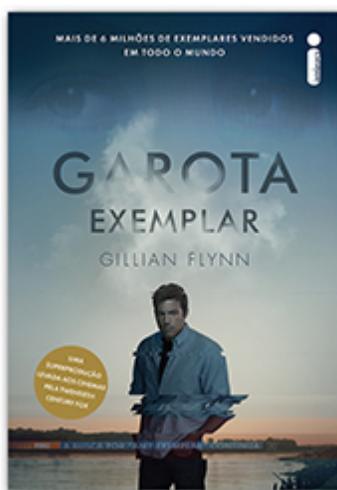
Sobre a autora

© Drew Reilly



MEGAN ABBOTT é uma das escritoras de suspense mais aclamadas da nova geração. Seus romances, a maioria com protagonistas femininas, já lhe renderam diversos prêmios, entre eles o Edgar Award. É ph.D. em literatura pela Universidade de Nova York, tendo participado, em 2013, do programa intensivo de escrita ministrado por John Grisham na Universidade do Mississippi. Megan tem artigos publicados no *The New York Times* e no *The Guardian*. Ela mora em Nova York.

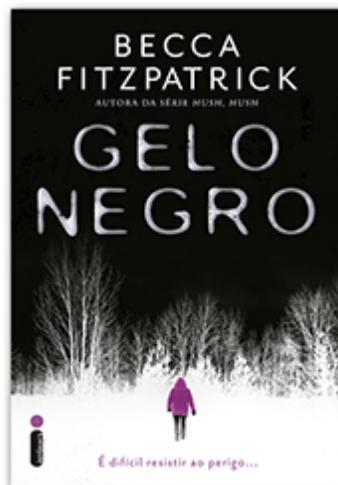
Leia também



Garota exemplar
Gillian Flynn



Caixa de pássaros
John Malerman



Gelo negro
Becca Fitzpatrick